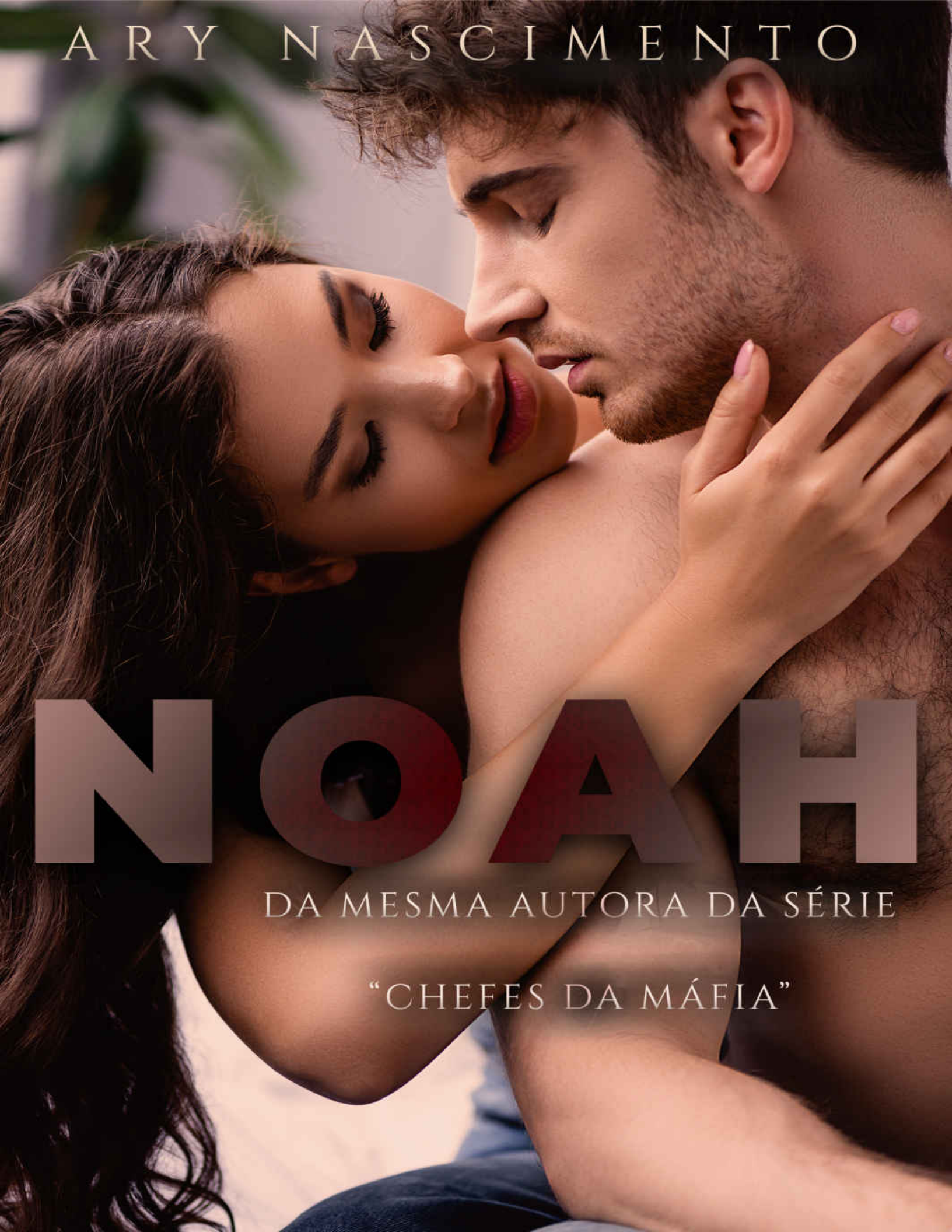
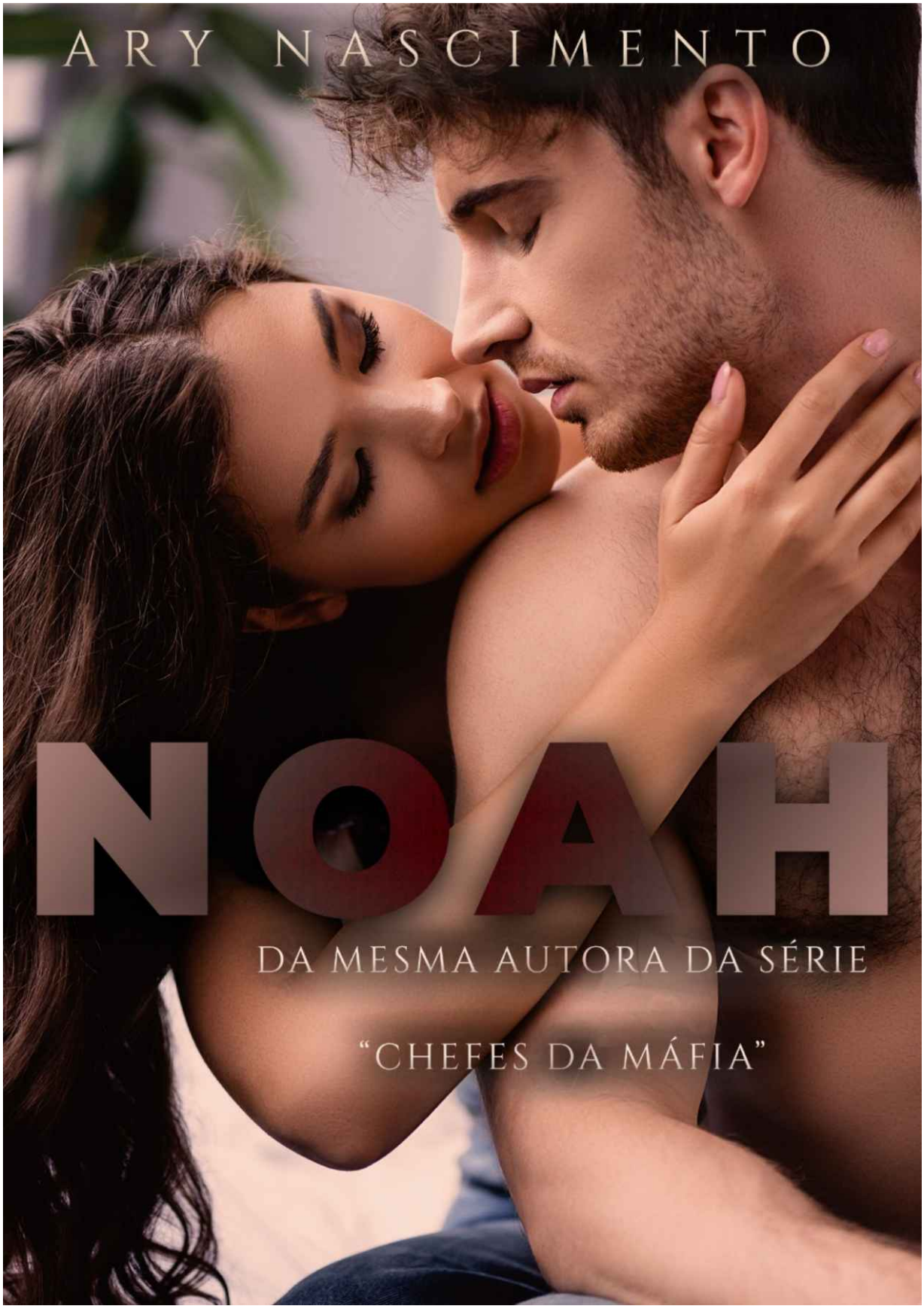
ARY NASCIMENTO



NOAH

DA MESMA AUTORA DA SÉRIE

"CHEFES DA MÁFIA"


ARY NASCIMENTO
NOAH
DA MESMA AUTORA DA SÉRIE
"CHEFES DA MÁFIA"

FICHA CATALOGRÁFICA

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização da autora e da editora.
Este livro foi composto na ordem em que seu conteúdo foi escrito, não sendo permitida a modificação de conteúdo em sua forma original, nem por seus editores, nem por quaisquer outros elementos pertinentes à obra que não seja a autora. Proibida a comercialização e reprodução parcial ou integral, em qualquer meio, sem prévia autorização por escrito.

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
Câmara Brasileira do Livro.

Revisão de Texto: Ana Terra Bourbon, Christiane Calixto
Diagramação: E. A. Capas & Diagramação
Designer de Capa: Jota Capas
Leitoras Beta: Ana Célia Vizentim e Vamecia dos Santos Silva

ÍNDICE PARA CATÁLOGO SISTEMÁTICO

Nascimento, Ary
Noah

Literatura Brasileira 2. Romance 3. Máfia
1ª Edição, Rio de Janeiro - RJ

Direitos Reservados ® Ary Nascimento • 2022, Rio de Janeiro – Brasil

Copyright © 2022 Ary Nascimento

Noah

Um romance de

Ary Nascimento

"Um amor tão puro
que ainda nem sabe a força que tem
É teu e de mais ninguém.”

Djavan

Aviso da Autora

Esta obra contém situações perturbadoras, violência, linguagem de baixo calão, conteúdo impróprio e gatilhos.

Não recomendada para menores de 18 anos.

Esta é uma obra de ficção.
Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora.
Qualquer semelhança com nomes e fatos reais é mera coincidência.
Esta obra segue as regras da nova ortografia da língua portuguesa.

Sumário

Agradecimentos

Prólogo

- Noah

Capítulo 1

- Noah - Uma semana depois

Capítulo 2

- Cecília - 3 anos depois

Capítulo 3

- Cecília
- Noah - Naquele dia, mais cedo

Capítulo 4

- Noah
- Cecília

Capítulo 5

- Cecília

Capítulo 6

- Noah
- Cecília

Capítulo 7

- Noah

Capítulo 8

- Cecília
- Noah

Capítulo 9

- Cecília

Capítulo 10

- Cecília

Capítulo 11

- Noah
- Cecília

Capítulo 12

- Cecília
- Noah

Capítulo 13
Cecília
Capítulo 14
Noah
Capítulo 15
Noah
Capítulo 16
Noah
Capítulo 17
Noah
Capítulo 18
Noah
Cecília
Bônus Thomaz
Capítulo 19
Noah
Bônus Pietro
Bônus Thomaz
Cecília
Bônus Pietro
Capítulo 20
Cecília
Capítulo 21
Cecília
Bônus Raphael
Capítulo 22
Noah
Cecília
Alguns dias depois
Noah
Cecília - No dia do jantar
Capítulo 23
Cecília
Noah

Capítulo 24
- Noah
- Cecília

Capítulo 25
- Cecília

Capítulo 26
- Cecília

Capítulo 27
- Noah
- Cecília

Capítulo 28
- Noah
- Cecília

Capítulo 29
- Noah - Uns dias depois
- Cecília

Capítulo 30
- Cecília
- Noah

Capítulo 31
- Cecília

Capítulo 32
- Cecília

Capítulo 33
- Cecília
- Noah

Capítulo 34
- Noah
- Bônus Pietro

Capítulo 35
- Noah

Capítulo 36
- Noah

Capítulo 37

- Noah
- Cecília

Capítulo 38
- Noah
- Cecília

Capítulo 39
- Noah
- Cecília

Capítulo 40
- Cecília
- Cecília
- Noah

Capítulo 41
- Cecília

Capítulo 42
- Noah
- Alguns meses depois

Capítulo 43
- Noah

Capítulo 44
- Noah
- Um mês depois
- Cecília

Epílogo
- Noah - 3 anos depois
- Cecília
- Noah

Agradecimentos

A minha grande equipe que faz a mágica acontecer: assessoria, revisoras, capista, diagramadora e betas.

Aos meus parceiros, amigos e, principalmente, leitores. Vocês sempre serão a minha maior fonte de inspiração

Prólogo

Noah

Estacionei meu carro na garagem privativa da empresa da minha família e, imediatamente, um dos meus soldados já abria a porta para mim, enquanto outros dois olhavam todo o perímetro em busca de alguma atividade suspeita.

Eu odiava ter sempre alguém agarrado ao meu pescoço, não precisava de tanta proteção. Eu achava que sabia me cuidar, no entanto o meu pai não compartilhava dessa minha opinião. Ele confiava no treinamento que havia me dado, mas dizia que, como seu sucessor, eu sempre estaria correndo um perigo maior do que qualquer outro membro da nossa família. Entretanto, eu sabia que parte dessa preocupação vinha da pressão que minha mãe fazia nele, cobrando mais rigor na minha segurança. *Eu acho um exagero!*

Além disso, estávamos passando por um período um tanto tenso. Depois que o antigo capo da Outfit - a máfia de Chicago - morreu, seu filho mais velho assumiu os negócios e estava dificultando um pouco as coisas para nós. O cara estava ameaçando a paz entre a Cosa Nostra e a Outfit e incitando uma guerra desnecessária, da qual não fugiríamos, mas achávamos melhor evitar.

Meu pai estava tentando, ao máximo, não precisar desfazer essa aliança com a Outfit, porque era um importante aliado na nossa luta eterna contra nossa maior inimiga, a Bratva. Ademais,

entrar em guerra com eles não seria bom para os negócios, pois atrairia a atenção dos federais para nós.

Não era nada inteligente o que o capo da Outfit estava fazendo, afinal a Cosa Nostra sobreviveria sem eles, mas, sem nós, a Outfit não teria nenhuma chance contra a Bratva. O cara parecia não se importar com isso e não facilitava as coisas, porém meu pai já estava se irritando e, quando Pietro Esposito perdesse a paciência, ele entraria com tudo na guerra.



Aos 19 anos, eu já era totalmente ativo na máfia. Havia me tornado um membro fundamental e estava ao lado do meu pai em todas as decisões, principalmente depois que o meu avô e Tio Enzo se desligaram dos assuntos diretos da Cosa Nostra. Por isso, naquele momento, eu estava indo à empresa para uma reunião com Severo, o capo da Outfit.

Fui direto para o escritório do meu pai, bati à porta e entrei. Atentamente, observei o Severo sentado do lado esquerdo de meu pai, e dois de seus soldados em pé, próximos a ele. Alguns de nossos homens também estavam presentes, afinal tínhamos convidados não tão confiáveis.

Havia uma cadeira vazia ao lado do meu pai, esperando por mim, seu sucessor direto. Nas outras cadeiras estavam Tio Raphael, Lorenzo, Tio Romeu, Inácio, Chase e Vincenzo, que também já estava sendo inserido nas atividades da máfia.

Assim como eu, todos mantinham seus semblantes fechados. Não podíamos baixar a guarda, pois nenhum de nós foi criado e treinado para ser confiável e gentil fora de casa, principalmente em situações como aquela. Inclusive, desde que eu soube da reunião urgente, meus instintos me avisaram que algo estava prestes a acontecer. Eu ainda não sabia o intuito daquele encontro, mas tinha certeza de que meu pai só faria o que fosse bom para a

organização, então eu estava pronto para acatar suas decisões. Enquanto caminhava até a cadeira, cumprimentei a todos:

— Bom dia. Desculpem a demora, eu tive um imprevisto — falei e sentei ao lado do meu pai, com todos os olhares em mim.

Os homens apenas assentiram e mantiveram a postura tensa. *Que estranho*, pensei. Meu pai e Tio Raphael sempre foram meus melhores amigos, então eu sabia reconhecer suas expressões. Eles não estavam satisfeitos com o motivo dessa reunião, na realidade nenhum dos meus estava.

— Agora que o Noah chegou, podemos começar — meu pai disse.

— Eu gostaria de saber qual o motivo de estarmos reunidos aqui — indaguei, sério.

— Estamos aqui apenas para tratar de negócios, meu jovem. Não se preocupe — Severo respondeu.

Eu não gostei do tom que ele usou e olhei para o meu pai, deparando-me com seu olhar silenciosamente me pedindo calma. Eu estava cada vez mais tenso e vigilante, por isso deixei meu instinto se apossar de mim, toquei a arma em meu coldre e voltei a falar, olhando diretamente para Severo.

— Então vamos começar, porque eu tenho outros assuntos importantes a resolver ainda hoje.

Severo riu novamente, encarando-me. A postura dele já estava me irritando, pois dois dos muitos traços de personalidade que herdei do meu pai e avô foram a falta de paciência e a repulsa por joguinhos. Então, desviei meu olhar para o meu pai e, com um gesto de cabeça, ele pediu novamente que eu mantivesse a calma.

— Não é do interesse de nenhum de nós desfazer a aliança entre Cosa Nostra e Outfit, pois ela nos torna mais fortes e sempre nos rendeu bons frutos. Seria lastimável se isso acontecesse. Temos a Bratva como inimigo em comum e precisamos continuar unindo forças — Severo falou.

Nesse momento, o homem olhou para o meu pai, que olhou na minha direção com um semblante tenso.

— Severo quer você como genro, Noah — meu pai disse, acabando com o suspense.

Aquela revelação me pegou de surpresa. Eu costumava estar sempre preparado para tudo, mas me casar aos 19 anos nunca esteve nos meus planos. Ademais, meu pai sempre deixou claro que meu casamento seria algo para um futuro a médio prazo e que eu poderia escolher a mulher com quem desejasse me unir, desde que fosse alguém de dentro da máfia, claro.

Eu nasci no mundo da máfia e estava destinado a ser o próximo *Don,* por isso sabia que meu casamento seria cobrado mais cedo do que o dos meus primos, mas não imaginei que seria tão cedo. Naquele momento, consegui compreender os olhares estranhos de meu pai e Tio Raphael.

Fui tirado dos meus pensamentos quando Severo empurrou seu celular para mim por cima da mesa.

— Veja, essa é minha filha. Ela não é linda? — ele perguntou.

Peguei o celular, de má vontade, e fiquei horrorizado ao ver a foto. A menina devia ter uns 14 anos, no máximo. *Ela é uma criança, porra! Que merda é essa?,* pensei. Eu me recusava a acreditar que meu pai estava apoiando uma porra daquelas.

Levantei-me, arrastando a cadeira violentamente e assustando tanto os nossos soldados quanto os dele. Eu estava muito puto.

— Você quer que eu me case com uma criança, porra? — falei, espumando de raiva e batendo na mesa.

Esse era um assunto muito complexo para mim, porque meu avô materno era um bastardo como esse que estava à minha frente. Ele nunca foi um avô amoroso para mim e Julie, mas eu passei a odiá-lo de verdade quando soube o jeito como ele tratou minha mãe e a forma como ele a negociou com meu avô Matheo — como se fosse uma mercadoria.

Homens como o “vovô” Aleksander me davam asco. Quando eu soube de toda a história, o máximo que eu pude fazer por ele foi não matá-lo, mas, a partir daquele dia, eu não o considerei mais meu avô. O único avô que tinha o meu amor e respeito era Matheo Esposito.

— Noah, sente-se! — meu pai falou, com sua calma e autoridade de chefe, e eu não tive opção senão obedecer.

Sentei-me e olhei para ele um pouco decepcionado. Ninguém ali perceberia isso, mas ele certamente sim. No entanto, eu sabia que ele teria uma explicação para aquilo.

Eu sempre respeitei e obedeci ao meu pai sem nenhum questionamento, porque sabia que ele sempre faria o que fosse melhor para minha mãe, Julie e eu.

Pietro Esposito sempre protegeu e amou nossa família acima de tudo. Na rua, ele não costumava expor nossa intimidade, mas dentro de casa ele e minha mãe eram uma referência de casal para mim. Eu, inclusive, não podia negar que criei padrões altos com relação ao tipo de casamento que queria para mim, porque eu tinha o melhor exemplo dentro de casa.

Meu pai sempre foi impecável, mas se ele me dissesse que concordava com aquele absurdo, provavelmente eu me rebelaria contra ele pela primeira vez na vida.

Eu não queria que as coisas acontecessem dessa maneira, pois ele era meu pai, alguém que eu amava e respeitava. Além disso, Pietro Esposito era meu *Don* e, sendo seu sucessor, eu não deveria desacatá-lo dessa maneira, principalmente diante de estranhos.

Em outras circunstâncias e quando estávamos a sós, já aconteceu de não concordarmos em algum ponto e sempre colocávamos o assunto em pauta, mesmo que na maioria das vezes eu percebesse que ele estava certo. No entanto, naquele momento, não existia argumento que me convencesse a casar com uma criança.

Respirei fundo, olhei para o meu pai e, de maneira calma e respeitosa, expus meu descontentamento:

— O senhor espera que eu fique noivo de uma criança? Os tempos são outros, ninguém mais casa meninas tão novas.

— Não é como você está pensando, Noah. Por hora, esse será só um acordo entre as famílias, vocês não terão nenhum contato. Vocês ficarão noivos, mas só se casarão quando ela completar 18 anos.

Eu continuava achando aquilo tudo muito absurdo. Eu queria me casar com, sei lá, uns 30 anos. Meu pai ainda era jovem e comandaria a Cosa Nostra por muito tempo, e eu não precisaria

assumir a cadeira tão cedo. Aquela menina na foto ainda era uma criança e teria a mesma vida que minha mãe teve, mantida em cárcere privado até o casamento. Aquilo era uma merda.

— Eu quero falar com meu filho a sós. Retirem-se, por favor — meu pai falou ao perceber minha resistência ao assunto. — Quando eu terminar, chamo vocês.

Ele aguardou que todos saíssem do escritório para voltar a falar, mas antes de sair, Severo deixou mais um pouco do seu veneno ao dizer:

— Antigamente, os filhos eram mais obedientes e não questionavam a ordem dos pais, principalmente quando seu pai era o *Don*.

— Não se meta na minha forma de comandar, muito menos no meu relacionamento com o meu filho. Eu nunca precisei impor minha opinião para que tivesse seu total respeito. Eu não quero o medo de um filho meu, isso eu quero dos meus inimigos. De meu filho quero apenas respeito, assim como exijo que você respeite minhas decisões. Agora, saia daqui — meu pai falou com sua voz ameaçadora.

Severo não discutiu e saiu, embora seu semblante tenha deixado claro que ele não gostou de ser repreendido. Instantes depois, quando ficamos completamente sozinhos, meu pai falou, olhando-me atentamente:

— Em primeiro lugar, guarde suas emoções enquanto estiver em público. Quando estivermos sozinhos, você sabe que pode ser totalmente franco comigo, mas quando outras pessoas estiverem presentes, guarde tudo para si e se mantenha impassível — meu pai falou calmo, mas deixando claro sua insatisfação, como sempre fazia quando me repreendia.

Ele nunca levantou sua voz comigo ou com minha irmã, pois bastava que demonstrasse sua insatisfação para que nos colocássemos no nosso lugar.

— Desculpe-me, pai. Eu não quis te desrespeitar, nem como pai e nem como *Don* — falei honestamente e percebi que ele suavizou um pouco sua expressão.

— Filho, não é tão ruim quanto parece, ao menos não para você. Eu vivi uma história semelhante com sua mãe e você sabe o

quanto eu sou louco por ela. Sua mãe foi a melhor coisa que aconteceu na minha vida. O bastardo do seu avô também quis firmar o casamento quando ela ainda era uma criança e…

— Ele não é meu avô! — eu o interrompi, e ele me olhou de cara feia.

Meu pai odiava ser interrompido, mas eu não faria isso se não estivéssemos a sós.

— Como eu estava dizendo, Aleksander agiu da mesma maneira que esse idiota aí e, no final, deu tudo certo. Meu pai não aceitou o acordo de cara, mas eu casei com sua mãe de qualquer maneira. Às vezes, é besteira adiar o inevitável, a não ser que... — meu pai interrompeu a fala por alguns segundos enquanto refletia. — Se você me disser que há alguém em seus pensamentos, nós não aceitaremos esse acordo. No entanto, se não houver ninguém, eu não vejo motivos para recusar.

Eu pensei sobre aquela consideração e, diante do meu silêncio, meu pai me olhou atentamente.

— Há alguém, Noah?

Nada saiu da minha boca. Eu não tinha certeza, minha cabeça estava confusa. De repente, lembrei-me de uma conversa de quase um ano atrás.

— *Você não pode ter uma namorada.*

— *Por que não? — eu perguntei, adorando vê-la tímida.*

— *Porque você vai se casar comigo!*

Se fosse para eu avaliar, ambas possibilidades eram absurdas, mas essa porra não era uma competição de quem chegou primeiro, e eu não estava apaixonado por ninguém. *Mas por que com Cecília, apesar de também ser novinha, não parecia tão errado?*, me questionei em pensamento. Talvez fosse o fato de ela ser conhecida da família, mas isso não deveria ser relevante.

— Não, pai, não há ninguém — falei mais calmo, ignorando meus pensamentos.

— Então, meu filho, pense por outro lado. Eu me lembro que uma das coisas que me fez querer a sua mãe foi a ideia de livrá-la de um pai abusivo. Na máfia, o que mais acontece é isso: as mulheres já nascem condenadas a serem usadas como objetos de troca e viverem infelizes. Nossa família é uma exceção. Casando-se

com essa menina, você estará ajudando-a e, no fim das contas, talvez você tenha um casamento feliz, assim como o meu — meu pai falou, dessa vez bem mais calmo.

Minha cabeça não conseguia raciocinar uma única ideia completa, então preferi continuar em silêncio.

— Eu vou te apoiar, independentemente do que você decidir, mas lembre-se de que depois de tomá-la, você deverá honrar a sua palavra de homem — meu pai disse. — Eu vou sair e deixar você pensar um pouco. Volto daqui a alguns minutos, com os outros, para ouvir sua decisão.

Meu pai apertou meu ombro em sinal de apoio e saiu, deixando-me sozinho com meus pensamentos.



Os motivos que meu pai me deu eram palpáveis, afinal eu cresci aprendendo a respeitar e proteger as mulheres. Eu faria qualquer coisa para protegê-las. Minha mãe e Julie, por exemplo, são tão delicadas e preciosas que, só de pensar na possibilidade de alguém machucá-las, eu ficava insano. *O que eu não desejo para as mulheres da minha vida, eu não desejo para nenhuma outra*.

Meu pai e eu escolheríamos a dedo um noivo para Julie e, se não existisse alguém à altura, ela não precisaria nem casar. E eu sabia que, para isso, meu pai também não estava com pressa.

Eu e os caras da minha família não éramos bonzinhos. Nós carregávamos uma série de crimes e pecados nas costas, mas dentro das leis do nosso mundo, fazíamos o que acreditávamos ser o correto e isso incluía cuidar, proteger e respeitar nossas mulheres e todas as outras que pudéssemos.

Mesmo pensando dessa maneira, havia uma coisa que estava rondando minha mente e me deixando em dúvida sobre qual decisão tomar. Eu sabia que, inicialmente, os casamentos na máfia eram apenas contratos, mas tudo se tornava mais fácil quando a mulher, de fato, queria se casar e, melhor ainda, se ela quisesse se casar especialmente com você.

Há um ano, naquela noite de Natal, Cecília deixou claro que queria se casar comigo. Inicialmente, a ideia me pareceu totalmente

absurda, levando em consideração que ela tinha praticamente a idade da minha irmã. No entanto, apesar de muito novinha, ela me pareceu muito decidida a conseguir o que queria e sua ousadia me deixou admirado.

Depois daquela noite, ela conseguiu meu número de celular, provavelmente com uma das minhas primas, e passou a me mandar mensagens com certa frequência. Algumas vezes, eu até respondia, mas na maioria, não.

Ela parecia uma menina madura para a sua idade e era muito bonita, mas eu não queria lhe dar falsas esperanças. Além do mais, eu não achava uma postura correta, para o próximo *Don*, ficar trocando mensagens com uma menina menor de idade que, ainda por cima, era praticamente da família. Pensando nisso, eu passei a ignorar suas mensagens, no entanto elas nunca pararam de chegar. A menina era realmente obstinada.

Pensando racionalmente na coisa toda, casar-me com Cecília não seria uma decisão proveitosa para a organização, afinal a Cosa Nostra e Las Vegas estariam sempre unidas. Essa aliança existia desde antes de eu nascer. Nossas famílias eram muito amigas e, embora a gente não confiasse em ninguém, neles sabíamos que podíamos confiar.

Meu pai deixou claro que a decisão era minha, mas eu sabia que, apesar de não fugir de uma briga, ele tentava manter as coisas em paz. Ele sempre dizia que também era papel de um bom líder evitar guerras e mortes desnecessárias.

Nossos inimigos tentavam nos atingir onde doía mais, ou seja, afetando nossa família, por isso sempre mantivemos a paz tanto quanto foi possível. Com muito esforço, percebi que a decisão mais sensata seria aceitar esse casamento.

Alguns minutos depois, a porta do escritório se abriu e meu pai e os outros entraram, acabando com meu momento privado. Todos se sentaram e olharam para mim com expectativa.

— Eu vou me casar, mas somente quando ela fizer 18 anos. Enquanto isso, quero que ela seja bem tratada, tenha uma boa educação escolar e possa viver como achar melhor, na medida do possível. Ela pode viajar, praticar esportes, fazer cursos ou o que for de seu desejo, desde que esteja protegida.

Meu pai me olhava sério, mas eu conseguia ver em seu semblante que ele estava orgulhoso da minha decisão.

— Não quero que ela seja privada de nada já que, depois que se casar com o futuro *Don*, não poderá levar uma vida normal e livre — falei, olhando diretamente para Severo que, automaticamente, demonstrou-se satisfeito com a minha resposta.

— Eu concordo com suas condições. Vou proporcionar tudo isso à minha filha e, quando ela fizer 18 anos, ela será sua esposa. Você tomou a decisão certa, meu jovem — ele falou, sorrindo satisfeito, mas eu não sorri de volta. — Sei que vocês não terão nenhum contato antes do casamento, mas eu acho que seria interessante fazermos ao menos um jantar para firmar o compromisso e vocês se conhecerem.

— Eu não acho necessário. A menina ainda é uma criança, ela não precisa lidar com esse tipo de situação agora — falei, irritado com aquela sugestão.

— Por hoje é o suficiente. Quando ela fizer 18 anos, marcamos um almoço para que eles se conheçam. Deixe a menina viver sua adolescência em paz, sem nenhum peso em relação ao casamento — meu pai sugeriu sabiamente, percebendo que eu já estava a um fio de explodir com aquele cara.

— Tudo bem — Severo respondeu meio contrariado, e nós encerramos a reunião.

Capítulo 1

Noah - Uma semana depois

Eu estava deitado, pronto para dormir, quando meu celular apitou, anunciando a chegada de uma mensagem, e eu já imaginava de quem era. Cecília ficou quietinha durante aquela última semana e, para dizer a verdade, eu até estranhei seu sumiço. Cheguei a pensar que ela já soubesse sobre o meu futuro casamento, mas logo descartei a ideia, pois esse assunto foi discutido a portas fechadas e ficou combinado de não deixar o assunto vazar, nem mesmo entre a máfia, até o momento certo. Essa era uma decisão importante, principalmente para a proteção de Isadora, minha futura noiva.

Abri o aplicativo e, ao ler a mensagem, fiquei admirado comigo mesmo, pois me senti bem ao ler as palavras daquela menina levada.

> **Cecília:** Boa noite, Noah Esposito. Aposto que achou que eu tinha desistido de você? Nunca! Eu estava em uma viagem com mamãe e papai, então não pude ficar mexendo no celular, porque eles ficam implicando. Como eu não quero que saibam sobre nós, mantive o celular desligado para fugir da tentação de mandar mensagens para você. Sentiu minha falta? Eu senti muito a sua.

Sorri ao terminar de ler e resolvi responder e ser honesto com ela. A última coisa que eu queria era alimentar suas esperanças, pois a garota sofreria ao descobrir, dali a uns anos, sobre o casamento arranjado que destruiu suas chances comigo.

Eu quase não respondia suas mensagens, justamente para não iludi-la, no entanto as notificações não paravam e, sempre que chegavam, eu gostava de ler. Cecília sabia que eu visualizava as mensagens e que, se não quisesse de fato recebê-las, já a teria bloqueado. Por isso ela não parava de enviá-las.

Durante o último ano, depois daquele Natal em que ela confessou seu interesse por mim, eram raros os dias que eu não recebia mensagens dela, todas sempre deixando claro seu interesse e o quanto ela estava confiante de que um dia nos casaríamos.

A menina era ousada, confiante, decidida e parecia estar disposta a conquistar o seu lugar ao meu lado a qualquer custo. Ela era bem-humorada e muito madura para a sua idade, isso fez com que eu gostasse das poucas vezes em que respondi suas mensagens e desenvolvemos a conversa. Era bom conversar com ela.

Por incrível que parecesse, eu estava realmente chateado de ter que contar a ela sobre meu futuro noivado, pois não queria que ela sofresse.

> **Noah:** Como vai, Cecília? Espero que tenha feito uma boa viagem com seus pais.

Puxei assunto, despretensiosamente, e a resposta não demorou nem um minuto para chegar.

> **Cecília:** Meu príncipe, você respondeu! Estou melhor agora, falando com você, seu lindo. E respondendo à sua pergunta: a viagem foi razoável, porque maravilhosas mesmo serão apenas as que fizermos juntos, depois de nos casarmos. A propósito, mudei o cabelo, veja se você gosta do meu novo visual.

Ri ao ler aquilo. Eu gostava de seu jeito espontâneo. A mensagem chegou acompanhada de uma foto. Eu abri, e ela estava linda. Cecília sempre foi linda, mas com quase 17 anos ela estava ficando diferente, perdendo o jeito de adolescente e ficando mulher. Ela tinha olhos e cabelos cor de chocolate, lábios muito carnudos e era pequena e delicada como todas as mulheres da família.

Inclusive, ela lembrava um pouco o jeito delicado da minha mãe. Era linda sem tirar nem pôr.

Quando o celular apitou uma nova notificação, eu fui tirado do meu estado de admiração por aquela foto.

> **Cecília:** Não vai falar nada? Estou morrendo de ansiedade aqui.
> **Noah:** Está muito bonita, Cecília. Embora não caiba a mim, eu aprovo o novo visual.
> **Cecília:** Claro que cabe a você. Eu quero estar sempre linda para você!
> **Noah:** Sinto-me lisonjeado, no entanto isso não é correto. Aliás, preciso lhe contar algo, mas é um segredo. Posso confiar em você?
> **Cecília:** Claro que pode, príncipe.
> **Noah:** Para com essa merda de me chamar de príncipe. Eu não poderia estar mais longe de ser um. Eu não sou um cara bom e você sabe disso.
> **Cecília:** Você não é um príncipe encantado, e eu não sou uma princesa que precisa ser salva. E daí? Eu sei que você não presta, afinal eu moro com um mafioso, esqueceu? Sei muito bem quem vocês são. Embora não os tenha visto em ação, sei exatamente do que são capazes, mas também sei o quanto os homens da sua família e da minha são bons com suas mulheres. Você será um bom marido, assim como meu pai e o seu. Prometo só te chamar de príncipe na nossa intimidade, ninguém nunca vai saber.
> **Noah:** Nós não teremos intimidade, Cecília, porque não nos casaremos.

Achei melhor ser sincero, pois quanto mais ela fazia planos e se iludia, mais eu me sentia incomodado. Eu não costumava me importar muito com as meninas iludidas que já passaram por minha vida. Elas se iludiam porque queriam, pois eu nunca dei esperanças a elas, no entanto com Cecília era diferente, eu tinha um carinho por ela.

> **Cecília:** Não adianta fugir, sei que o nosso destino é ficarmos juntos. Por que tanta resistência?
> **Noah:** Não é resistência. Sendo o próximo sucessor do *Don*, eu não tenho escolha. Meu pai escolherá alguém pelo bem da organização, e eu tenho que aceitar isso.

Cecília: Você sabe que o Tio Pietro nunca te obrigará.
Noah: Caras como eu, mesmo tendo a ilusão de uma escolha, na verdade não a têm! Eu preciso pensar racionalmente e sempre no bem da família.
Cecília: Noah, você está querendo me contar alguma coisa? Desembucha!
Noah: A minha esposa já foi escolhida e não é você. Eu me caso daqui a alguns anos, meu pai e eu já demos a nossa palavra.

Escrevi tudo de uma vez só e, dessa vez, a resposta não veio rápido. Isso estranhamente me incomodou, mas dei um tempo para ela absorver a informação. Alguns minutos depois, ela finalmente respondeu.

Cecília: Você não pode! Você me prometeu.
Noah: Eu nunca te prometi nada, mas realmente sinto muito.

A resposta novamente demorou para chegar… na verdade ela nem veio. Ao invés disso, meu telefone tocou. Pensei em não atender, mas ao imaginar o quanto ela deveria estar triste, não tive coragem de ignorar.

— Oi, Cecília — falei, mais delicado do que de costume, para a minha própria surpresa.

— Noah, você não pode se casar com outra mulher. Eu amo você! Nenhuma outra menina vai te amar assim. Eu te amei desde a primeira vez que o vi e não vou desistir de você.

Aquelas palavras me deixaram mudo e incomodado. *Tenho que confessar que, inexplicavelmente, mexeram comigo.* Eu estava lisonjeado em ouvir aquilo e percebi, instantaneamente, que não era meu ego masculino falando por mim.

Eu não estava apaixonado por Cecília, mas ouvi-la dizer que me amava agradou-me, principalmente em um mundo como o nosso. Casar com uma mulher que me amava seria muito mais fácil e prazeroso do que com uma que, provavelmente, seria treinada para fingir um sentimento por mim ou que apenas aceitava seu destino.

Cecília era espontânea, engraçada e, durante todo aquele ano, mostrou-se apaixonada por mim e obstinada a me conquistar e

se tornar minha esposa um dia. E isso não me desagradava, eu precisava confessar.

Não cheguei a conversar com meu pai sobre essa possibilidade, pois achei que era cedo demais. Ainda tínhamos uns 2 anos até Cecília atingir a maioridade e nós pensarmos na possibilidade de um casamento. Nos meus planos, isso só aconteceria quando eu tivesse uns 30 anos.

Eu queria que minha futura esposa estudasse, viajasse e conhecesse um pouco do mundo fora da máfia antes do casamento, porque depois que nos casássemos, eu não poderia mais proporcionar tamanha liberdade a ela, já que a esposa de um *Don* era sempre muito visada por seus inimigos.

— *Noah, você está aí? Fale alguma coisa* — Cecília pediu e, porra, ela estava chorando.

— Não chore, menina. Eu tenho certeza de que você encontrará um cara para te fazer feliz, alguém que te mereça — falei, engolindo o caroço que se formou em minha garganta.

Bem lá no fundo, nem eu gostei da ideia de vê-la com outro homem, mas eu não tinha o direito de prendê-la a um sentimento que não seria correspondido.

Ela não me respondeu, apenas desligando na minha cara.

Porra, eu tinha 19 anos e, no meu mundo, um cara da minha idade já possuía uma bagagem considerável. Eu já tinha matado muitos homens — em alguns eu tinha feito um verdadeiro estrago — e não me arrependia de nada. Então, por que essa situação estava me incomodando tanto?

Cecília era uma menina pura e inocente. Embora fosse bastante madura para a sua idade, ainda estava na adolescência e certamente esqueceria facilmente essa história de se casar comigo. Eu não gostava de pensar que não receberia mais suas mensagens cheias de segundas intenções e bom humor.

Sacudi a cabeça, como se aquele gesto pudesse afastar meus pensamentos. Eu precisava parar de pensar nisso e me concentrar no que deveria ser feito. *Cecília vai superar e eu, certamente, também vou*. Era o que eu esperava.

No dia seguinte, acordei um pouco mal-humorado. Quando desci, meus pais e Julie estavam à mesa, tomando café da manhã; era sábado e não iríamos trabalhar.

— Bom dia, meu amor. Eu queria te esperar para tomar café da manhã, mas seu pai e sua irmã estavam com fome.

— Tudo bem, mãe, não se preocupe com isso.

Fui até minha mãe, beijei sua testa e, logo em seguida, aproximei-me de Julie e também lhe dei um beijo, mas a pirralha chata limpou a testa no lugar em que eu beijei. Eu ri, acenei para o meu pai e me sentei à mesa.

— Está tudo bem, Noah? — meu pai perguntou.

Ele andava mais cauteloso comigo desde o dia em que firmou meu noivado. Na verdade, eu achava que ele ficou com receio de estar me obrigando, mas não estava. Eu aceitei aquela proposta porque quis e porque era o certo a fazer. Embora a história da Cecília estivesse realmente me incomodando, eu não me arrependia da decisão que tomei.

— Está tudo bem sim, pai — respondi, desviando o olhar.

Eu tinha certeza que ele não acreditou, mas também não me perguntou mais nada e eu fiquei aliviado.

Capítulo 2

Cecília - 3 anos depois

Acordei muito cedo, ansiosa. Olhei a hora no meu celular e bufei ao ver que ainda eram 7h da manhã. O jato partiria apenas na hora do almoço, então eu não precisava ter acordado tão cedo, mas mal consegui dormir. Quando eu pensava que iria vê-lo e que passaríamos uns dias no mesmo ambiente, sentia um frio enorme na barriga e meu coração disparava como um louco. Eu já nem sabia mais se essas sensações eram algo bom ou ruim.

Eu costumava amar essa época do ano, especialmente porque as nossas famílias se reuniam nos Natais. Amava estar com os Esposito quando éramos todos crianças, e também depois, já adolescentes. No fundo, eu ainda amava.

As coisas mudaram quando eu me apaixonei por um cara inalcançável. Eu não quis ouvir a voz da razão, apostei todas as minhas fichas nesse sentimento e alimentei esperanças de que um dia eu pudesse me tornar sua esposa, porém ele partiu meu coração.

Eu mudei meu comportamento com ele, passando a tratá-lo apenas como um amigo, mas nunca o esqueci nem perdi a esperança. Seria humilhante demais ficar insistindo em algo que ele foi claro ao dizer que não tinha futuro. Então, tudo o que eu pude fazer, para não perdermos contato, foi fingir que tinha aceitado sua decisão.

A minha mente até tinha aceitado, mas meu coração não. Eu preferia ter Noah ao menos como um amigo do que não tê-lo de forma alguma em minha vida. E eu não menti quando disse que se não fosse ele, não seria nenhum outro.

Depois de quase um mês sem nos falarmos, pois a última vez foi quando ele me contou que iria se casar com outra mulher, eu já não aguentava mais de saudades. Resolvi voltar a mandar mensagens, mas dessa vez como uma amiga, porque eu sabia que, como ele era íntegro, se percebesse que eu ainda o amava, ia me ignorar.

Apenas para tê-lo em minha vida, eu fingi ter esquecido a ideia de ser sua esposa, mas o amor que eu sentia por ele estava, mais do que nunca, vivo dentro de mim.

Continuamos conversando por mensagens durante todos esses anos. Ninguém, além de Raphaela e Sophia — que se tornaram minhas melhores amigas —, sabiam o que eu sentia por ele, mas sobre a nossa comunicação, nem mesmo elas sabiam. Por diferença nas agendas, nossas famílias não tinham mais conseguido se reunir nos Natais, então aquela seria a primeira vez, depois de 3 anos, que íamos nos encontrar. E, ao mesmo tempo que eu estava eufórica por vê-lo outra vez, eu também estava apavorada.

Eu queria muito encontrá-lo. Sabia que não deveria criar expectativas, mas as coisas seriam mais fáceis se ele não fosse o cara mais bonito que eu já vi na vida, se ele não tivesse aqueles olhos tão azuis, aquele sorriso pervertido e aquele jeito marrento e atraente que herdou do pai. Se ele não fosse tão fácil de conversar e não fizesse eu me sentir querida durante nossas conversas. Para ele, eu tinha certeza que eram conversas normais entre amigos, mas para mim eram essenciais, como o ar que eu respirava.

Depois de saber que me apaixonei pelo Noah, Sophia costumava dizer que eu tinha dedo podre para homens. Eu era obrigada a concordar com ela, porque de todos os homens do mundo por quem eu poderia me interessar, eu só queria um, e ele já estava comprometido.

A última vez que nos vimos, numa noite de Natal, ele tinha 19 anos e eu 16. Eu já o queria e deixei isso claro em nossa conversa no jardim, mas para minha frustração, ele me tratou do mesmo jeito que tratava a sua irmã caçula. Eu era mais velha que Julie, mas ele não pareceu se importar quando eu disse isso.

Seria perfeito ficarmos juntos, porque eu já tinha 19 anos, mas a idade não faria mais diferença, pois ele estava praticamente noivo de outra. Eu não a conhecia, na verdade ninguém a conhecia, mas o casamento aconteceria em mais ou menos um ano. Eu não deveria, mas ainda tinha esperança.

Suspirei, levantei-me da cama e tomei um banho. Cheia de empolgação, arrumei minha mala e, alguns minutos depois, quando estava fechando-a, bateram à porta do meu quarto e eu mandei entrar.

— Bom dia, filha. Vim ver se está tudo pronto, pois há uma previsão de chuva para mais tarde, então resolvi sair mais cedo.

— Que ótimo. Estou prontíssima!

— Ótimo, por quê? Qual o motivo de tanta euforia, Cecília? — meu pai perguntou, desconfiado.

Meu pai era um dos caras mais ciumentos que eu conhecia. Ele e minha mãe tiveram um caso rápido e eu fui gerada, no entanto ele não soube da gravidez porque, sabendo que ele era um mafioso, minha mãe fugiu para o Canadá a fim de se esconder.

A ideia da minha mãe não deu muito certo, pois quando meu pai soube da minha existência — e na época eu já tinha 6 anos —, ele foi atrás de nós e nos trouxe para morar com ele em Las Vegas. No início, os dois só me criavam juntos, mas depois acabaram se envolvendo novamente e se casaram.

— Não é nada, pai, apenas estou com saudades de todos. Vou me arrumar e já desço.

— Tá bom, filha. Partiremos depois do café — meu pai disse, caminhando em direção à porta, mas parou antes de sair. —Ah, seu avô já chegou e está doido para te ver, não demore.

— Certo, eu já desço — falei e sorri.

Demétrio não era meu avô de verdade, e sim meu tio, mas o velhinho me conquistou de tal maneira que eu passei a chamá-lo de avô, antes mesmo de chamar Thomaz de pai.

Assim que meu pai fechou a porta do quarto, vesti uma roupa confortável para encarar as horas de voo que tínhamos pela frente e desci. Quando cheguei à sala, meu avô se levantou para me receber. Apressei meus passos em direção a ele e o abracei forte.

Ele me apertou em seus braços, como sempre, e beijou minha cabeça.

— Como você cresceu, meu amor! — ele falou, carinhoso como sempre.

— Tem só dois meses que vocês não se veem, tio. Deixa de ser exagerado – meu pai falou rindo.

— Aprenda uma coisa, Thomaz, as crianças crescem rápido. Cecília está deixando de ser uma garotinha para se tornar uma linda mulher. Daqui a pouco estará se casando.

— Ei, parem de falar de mim como se eu não estivesse aqui. Só para vocês saberem, eu não pretendo me casar tão cedo.

— Essa é minha garota! — meu pai falou sorridente.

— As meninas da sua idade costumam ser românticas. Aposto que já tem algum pretendente nesse coraçãozinho aí — meu avô falou, apertando meu nariz como se eu ainda fosse uma criança. Para eles, eu ainda era.

— Não tem pretendente nenhum, vô — respondi, tirando a mão dele do meu rosto, mas sorrindo de volta.

— Bom dia, Demétrio. Bom dia, filha — minha mãe chegou, toda sorridente, e nos cumprimentou com abraços.

Ela se aproximou do meu pai, deu-lhe um abraço e o beijou.

— Vamos logo tomar café, pois teremos uma longa viagem pela frente — ela nos chamou e fomos todos para a mesa.

Depois de exaustivas horas de voo e quase um hora de iate, nós finalmente estávamos chegando à Ilha da Mel, o lugar mais lindo e paradisíaco em que já estive.

A ilha era perfeita e não tinha nada a ver com meu estado de espírito. Era impossível não sentir o coração se aquecer ao admirar aquela paisagem de tirar o fôlego. Eu ainda estava com os olhos fechados, sentindo o sol e o vento no rosto, quando o barco parou. Olhei para a areia e lá estavam o Tio Romeu, Chase, Tio Matheo, Raphaela e Sophia nos esperando. Automaticamente, animei-me mais, pois já tinha tempo que não os via e estava morrendo de

saudades. Assim que cheguei ao píer, o Tio Romeu veio me abraçar.

— Como você está linda, minha princesa! Quantos babacas seu pai e eu teremos que matar por sua causa? — ele falou brincando e me abraçou, tirando-me do chão.

Tio Romeu — que também não era tio, e sim primo — sempre foi assim, animado e brincalhão, parecido com meu avô e bem diferente da maioria dos caras do nosso mundo.

Ele beijou meu rosto e foi ajudar meu pai com as nossas malas. Em seguida, Tio Matheo e Chase também me cumprimentaram e foram ajudar meu pai e Tio Romeu. Raphaela e Sophia quase me derrubaram com um abraço duplo.

— Quanto tempo, Ceci — Rapha e Sophia gritaram em uníssono. — Nós estávamos com tanta saudade.

— Eu também, muita — falei, sorrindo para elas.

De repente senti um arrepio na pele e uma sensação estranha e forte no peito. Olhei para cima, em direção à casa e entendi. Ele estava na sacada do seu quarto, falando ao telefone e distraído, olhando para o mar.

Noah Esposito era alto e forte, tinha os cabelos castanhos e estava com uma barba aparada que o deixou com cara de *badboy*. Ele não aparentava ter apenas 22 anos, talvez pela imponência que exalava do seu olhar e da sua postura. Ele seria o futuro *Don* e demonstrava estar totalmente pronto para a função.

— Ah, não, Ceci — Sophia chamou minha atenção. — Nem olhe para ele. Fique longe do Noah.

— Eu não estou olhando da forma como você está pensando — menti.

— Que bom, porque meu primo é mulherengo e está aproveitando enquanto não chega o dia de seu noivado, cada hora desfilando com uma mulher diferente — ela falou, e meu coração idiota se apertou.

— Vamos esquecer o Noah e entrar, você vai ficar no nosso quarto — Raphaela falou me puxando pela mão, e nós caminhamos em direção à mansão.

Capítulo 3

Cecília

Eu me senti imensamente feliz ao entrar na mansão e ser recebida com tantos abraços e beijos dos meus primos do coração. Nosso único vínculo era o que havíamos construído ao longo dos anos através da amizade das nossas famílias, mas era o suficiente para que os amasse como se fossem da minha família.

Sempre fui filha única, então quando éramos pequenos e nossas famílias se juntavam, era o auge para mim. E mesmo depois de tantos anos e a maioria já adultos, eu ainda me sentia feliz e acolhida na presença deles.

Depois de abraçar a todos, inclusive os tios e tias, eu fui para o quarto com Raphaela, guardar minha mala e trocar de roupa.

— Você ainda gosta dele — Raphaela falou, de repente.

Eu estava guardando minhas roupas no armário que elas cederam para mim e me assustei com a convicção com que ela falou sobre o que eu tanto tentava disfarçar.

— Eu já superei, Rapha. Já entendi que ele não é para mim — falei sem olhar para ela, terminando de guardar minhas coisas.

— Você é uma péssima mentirosa, Ceci — ela disse. — E olha, está tudo bem, eu não vou te julgar. Noah é meu primo, então não o vejo assim, mas sei que ele chama muito a atenção das mulheres.

— Ele é realmente lindo, gostoso, forte… — falei, mas pigarreei ao me dar conta de que eu devia estar com cara de abestalhada —, mas eu sei das responsabilidades dele, sei que vai se casar com uma mulher que foi escolhida a dedo pelo Tio Pietro.

— Eu acho que, se não tivesse toda essa história, ele se casaria com você. Olha como você é linda — ela disse, segurando meus ombros e me conduzindo para a frente do espelho. — Vocês formariam um casal perfeito.

— Rapha, eu sei que você só quer ajudar e você é um doce, mas nós duas sabemos que, em nosso mundo, beleza não é o suficiente. Na máfia, casamentos são contratos que visam tudo, menos amor.

— Tudo bem, você está certa. Então, vamos esquecer este assunto e colocar um biquíni para aproveitar a praia — ela falou sorrindo, e eu assenti.



Passamos boa parte do dia na praia. Paramos apenas para almoçar e depois voltamos. Julie, Sophia, Antonella e Bela se juntaram a nós na parte da tarde. Durante esse tempo, eu não vi o Noah e, para a minha decepção, ele nem ao menos desceu para falar comigo quando cheguei.

No início da noite, quando descemos para o jantar, a família estava toda reunida à grande mesa. Levando em consideração a vida perigosa e tensa que levávamos, momentos como esses eram raros e valiosos para todos nós. Sentei-me entre Raphaela e Sophia, e nós jantamos em um clima tranquilo e familiar.

Eu estava ansiosa para encontrá-lo e levei um banho de água fria quando notei que ele era o único que não estava à mesa. Não sabia como seria sua reação quando me visse, afinal ele era um cara discreto, polido e ninguém sabia das nossas conversas virtuais, mas eu imaginei que ele se manteria mesmo afastado.

Depois do jantar, os meninos foram para a sala de jogos, nossos pais se reuniram na sala para tomar um vinho, e as meninas me chamaram para assistir os meninos jogarem.

Noah - Naquele dia, mais cedo

Eu estava deitado na cama, quando bateram à porta da minha suíte e eu mandei que entrasse.

— Filho, você está sentindo alguma coisa? Por que ainda não desceu?

— Estou bem, mãe. Já vou descer.

— Thomaz, Lavínia, Cecília e Demétrio chegaram e perguntaram por você; seu pai também.

— Tudo bem, vamos lá — falei, levantando-me da cama.

Eu sabia que, enquanto não descesse, minha mãe não sossegaria.

Quando cheguei à sala, cumprimentei a todos — ou quase todos — e sentei no sofá. Meu pai, meu avô, Demétrio e Thomaz estavam conversando sobre trabalho, como era de se esperar. Tio Raphael e os outros estavam espalhados pelo cômodo, todos conversando descontraidamente. Cecília e Raphaela não estavam em nenhum lugar, mas as outras mulheres conversavam em um canto, falando todas ao mesmo tempo como sempre acontecia quando nossa família se reunia.

Instantes depois, meu celular vibrou no meu bolso. Peguei-o para verificar quem era e, em seguida, saí para atender a ligação. Quando encerrei a chamada e olhei para dentro de casa, eu a vi. Cecília estava linda como sempre, seu rosto delicado de boneca estava um pouco pálido e ela usava uma saída de praia que a deixou maravilhosa. A menina tinha crescido, foi impossível não notar que ela não tinha mais nada daquela garotinha de 3 anos atrás.

Ela não me viu, e eu preferi assim. Eu não estava fugindo dela, na realidade, estava fugindo de mim mesmo.

Anos atrás, depois que Cecília desligou o telefone chorando ao saber do meu casamento, eu me peguei várias vezes olhando

para o celular, ansioso por qualquer uma de suas mensagens. Ela sumiu por quase 30 dias, e foi então que percebi que já estava habituado e gostava de acordar todos os dias com uma mensagem de bom dia ou dormir com um desejo seu de boa noite.

Senti-me estranhamente vazio sem suas mensagens e, no dia em que ela finalmente resolveu voltar a ter contato, peguei-me sorrindo igual a um idiota, olhando o seu nome no visor do celular.

Desde então, voltamos a conversar por mensagens, mas apenas como amigos. Ela me contava sobre seu dia, sobre os cursos que estava fazendo e, quando viajava, mandava fotos suas nos passeios. Enfim, estávamos sempre conectados. Embora eu não tivesse muita paciência para assuntos assim, eu gostava de ouvir quando era sobre ela.

Nenhum de nós dois tocou mais no assunto do casamento e, pela primeira vez na vida, quando eu conversava com ela, sentia-me um cara comum. Com Cecília eu me permitia ser assim. Nem mesmo meus pais me viam tão descontraído como eu ficava quando conversava com ela.

Cecília era quem falava o tempo todo, eu apenas respondia. Eu não falava sobre meu dia a dia com ela, conversávamos mais sobre coisas banais, como nossos gostos musicais e comidas favoritas, ou países que gostaríamos de conhecer. Eu mal me reconhecia.

Com ela eu não sentia o peso do legado da minha família nas costas, eu era apenas o Noah Esposito, um cara qualquer de vinte e poucos anos, porque era assim que ela me tratava.

Muitas vezes, meu lado racional me dizia que era muito errado alimentar algo entre nós que eu sabia que não teria continuidade futuramente, mas eu simplesmente não conseguia parar. Dia e noite eu me via ansiando pela chegada de suas mensagens.

Eu não tinha compromisso de fidelidade com Isadora. Na reunião em que firmamos o acordo ficou decidido que, antes que ficássemos noivos, eu poderia sair com quantas mulheres quisesse. Por mim, não teria problema se ela experimentasse ficar com outros caras também, mas isso nunca seria permitido na máfia, então mesmo expondo essa minha opinião, fui um voto vencido.

Em nosso mundo, os homens eram machistas e a desigualdade de gênero era enorme. Enquanto eu poderia ter quantas mulheres quisesse antes de me casar, Isadora deveria se manter virgem até o dia do nosso casamento; nem um beijo em outro cara era permitido.

Eu não fui criado por um pai machista, muito pelo contrário, minha mãe sempre dizia que ele era um príncipe. Entretanto, todos os homens da minha família eram totalmente possessivos com suas mulheres, mesmo antes de terem se casado. Eu não conseguiria eleger o pior.

Aparentemente, eu não herdei essa característica deles, já que pensar em Isadora ficando com outro cara não me incomodava em nada, eu não poderia me importar menos. Só depois que nos casássemos e ela se tornasse minha mulher, as coisas seriam diferentes.

Lembrei-me que, em uma das conversas que tive com meu pai, ele estranhou minha falta de interesse na minha futura noiva. Severo sempre nos atualizava sobre o paradeiro de sua filha, então há uns meses, quando entrei na sala do meu pai, ele veio me atualizar.

— Seu futuro sogro acabou de me ligar para dizer que Isadora está viajando de férias com a mãe. Ele nos garantiu que ela está em segurança e que nenhum homem chegará perto dela.

— É bom saber que ela está em segurança. Quanto ao fato de ter uma aventura, eu não me importaria — falei distraidamente, porque eu realmente não estava interessado naquela conversa.

— Você não se importaria se outro homem a tocasse? — meu pai perguntou, parecendo surpreso.

— Por que eu me importaria? Eu saio com outras mulheres, pai!

— Eu sei, filho, mas é estranho que você não se incomode...

— Não me sentirei totalmente confortável se, quando nos casarmos, eu descobrisse que ela não é mais virgem. Seria uma situação ruim por causa do mundo em que vivemos, mas eu não me importaria se ela tivesse algumas aventuras por aí — respondi. — Os tempos são outros, pai. Enquanto não assinamos os papéis, ela é solteira.

— Você está dizendo isso porque não a ama, Noah. No dia em que amá-la, vai ficar feliz em saber que ela nunca foi tocada por outro, além de você.

— Talvez você esteja certo — falei e encerrei o assunto.

Mesmo depois que mudamos de assunto, percebi que meu pai me olhava interrogativo. Ele realmente estranhou minhas respostas naquela conversa. Engraçado que, eu não me importava com Isadora, mas estava sempre atento às conversas do meu pai com Thomaz. E sempre temia que em uma de suas ligações, ele contasse que estava procurando um casamento para Cecília. Felizmente, isso não tinha acontecido… Ainda!



Ao invés de voltar para a sala, resolvi pegar o jet ski e dar uma volta. Minutos depois estava atracando no meu lugar favorito, uma ilhota deserta, anexa à ilha da minha avó.

Aparentemente, ninguém conhecia o lugar, pois estava sempre deserto. Então, quando mostrei, pela primeira vez, essa ilha ao meu pai, ele disse que seria um bom ponto de apoio, se um dia tivéssemos uma emergência e precisássemos de um refúgio provisório. Poucos dias depois, ele mandou construir uma cabana ali e, desde então, lá sempre tinha um estoque de alimentos de emergência, água, armas e roupas.

Esse refúgio nunca tinha sido usado para emergências e só quem sabia de sua existência era meu pai, meu avô e eu. Então, era para lá que eu ia quando precisava de privacidade — algo bem raro de conseguir, com a família grande que eu tinha —, para pôr meus pensamentos em ordem.

Quando voltei para casa já era tarde da noite e a maioria já tinha se recolhido em seus quartos. Subi as escadas e fui em direção ao meu, mas não demorou muito para minha mãe aparecer, claro.

— Noah, você sumiu o dia todo. Seu pai disse para eu não me preocupar que você sabia se cuidar. Mas como eu não me preocuparia, se você provavelmente passou o dia todo sem comer.

— Não, mãe, eu comi alguma coisa, não se preocupe.

— Claro que eu me preocupo, certamente não comeu algo decente. Vá tomar um banho, que eu vou trazer uma comida para você.

— Não precisa, mãe.

— Claro que precisa. Vá logo!

Como eu sabia que não adiantava discutir com a dona Amanda, fui tomar banho. Quando saí do banheiro, ela estava me esperando no quarto com uma bandeja enorme de comida. Nesse momento, percebi que ela realmente tinha razão.

Saciei minha fome, despreocupei minha mãe e, só então, ela se despediu de mim. Depois de comer, escovei os dentes, deitei-me e, de repente, meu celular apitou com a notificação de uma mensagem e eu sorri.

Capítulo 4

Noah

Cecília: Príncipe, ainda está acordado?

Eu ri ao ler a mensagem. Esse era um hábito que Cecília não tinha perdido, mesmo sabendo que eu não tinha nada de príncipe. Eu já não me incomodava, pois sabia que ela se comportava em público e, como ela dizia, era uma coisa só nossa.

Noah: Estou acordado, cheguei há pouco tempo. Você não deveria estar dormindo?
Cecília: Não consegui, porque eu queria muito te ver. Ah, espera, vou até aí.
Noah: Está louca, menina? Fique exatamente onde está.

Digitei o mais rápido que pude, sabendo que ela ir até meu quarto era uma péssima ideia, mas, pela ausência de resposta, eu sabia que ela apareceria de qualquer jeito. Cecília não tinha medo de nada.

Meio segundo depois, a garota entrou correndo no meu quarto, trancou a porta com uma mão tapando a boca e me olhou .Eu estava pronto para dar uma bronca nela e mandá-la de volta para o quarto das gêmeas, mas perdi a sanidade quando ela sorriu para mim. Seu sorriso era enorme e brilhante.

O impacto de vê-la ali, tão perto, deixou-me sem palavras e acendeu em mim uma vontade absurda de tocá-la. Eu temia ter uma reação assim quando a encontrasse pessoalmente e estava certo, mas antes de parar para pensar, eu já estava sorrindo para ela também.

— Que saudade! — ela falou.

Cecília correu em minha direção e pulou em cima de mim, abraçando-me com braços e pernas. Eu não pude deixar de retribuir, então segurei-a em meus braços, ela enroscou as pernas na minha cintura e enterrou a cabeça no meu pescoço.

Eu nunca tinha tocado em Cecília assim, de uma forma tão íntima, e meu corpo reagiu violentamente. Eu sentia seu corpo quente e macio, e o quanto seu cabelo era cheiroso. Fui incapaz de soltá-la, até que ela se desenroscou de mim e nós ficamos frente a frente. Eu ainda estava sem palavras.

— Por que você fugiu de mim o dia todo? — Cecília perguntou inocentemente, totalmente inconsciente da reação que tinha provocado no meu corpo.

Ela estava usando um *baby-doll* estilo menininha, mas isso não a deixou menos *sexy*, muito pelo contrário, com aquele corpo cheio de curvas e aquela bunda maravilhosa, Cecília se tornou mais tentadora. Aquela roupa lhe deu uma aura de ninfeta.

— Eu não fugi de você, apenas tive coisas do trabalho a fazer — menti, descaradamente.

— Achei que quando vocês estavam aqui, tiravam férias ou, pelo menos, esqueciam um pouco do trabalho.

— Tecnicamente, sim, mas algumas coisas são urgentes. Mafioso não tem férias, Cecília. A gente está sempre atento e vigilante — respondi. — Além do mais, com a vida que levo, sendo filho e neto de quem sou, eu estou sempre na mira.

— Pelo amor de Deus, você não pode morrer — ela falou, abraçando-me pela cintura e deitando a cabeça no meu peito.

Cecília era tão pequena que me dava a impressão de que foi feita para ser protegida.

— Acho melhor você voltar para o seu quarto — falei. Eu não confiava em mim mesmo com ela ali.

— Por que? Você só gosta da minha companhia virtual? — ela perguntou sorrindo.

Eu não conseguia parar de olhar para a sua boca e isso não era um bom sinal.

— Não é apropriado você estar aqui no meu quarto, Cecília.

— Nossa, você parece um velho falando, Noah. Ninguém vai saber, esse será mais um segredinho nosso, príncipe.

— Além de respeitar você, eu não costumo guardar segredos da família, principalmente do meu pai. Você está me fazendo quebrar as regras, Cecília. E, como você já sabe, eu estou praticamente noivo — falei e senti que isso a atingiu.

Eu não queria magoá-la, por isso precisava que ela saísse rápido dali. Entretanto, ela levou menos de um segundo para se recuperar e me dar uma resposta provocante.

— Deixe de hipocrisia, Noah Esposito. Eu sei, por fontes seguras, que você e sua quase noiva ainda não têm acordo de fidelidade.

— Suas fontes são duas gêmeas fofoqueiras que eu conheço bem.

— Que seja — ela falou e deu de ombros. — Além do mais, quem disse que eu estou aqui com algum interesse? Esqueceu que agora somos amigos? Eu desisti de você faz tempo, Noah. Já entendi que não era para ser e estou vivendo minha vida. Quero apenas sua amizade.

Cecília tentou demonstrar total desinteresse, mas eu sabia que não era verdade. Independentemente disso, eu não gostei de ouvir aquilo e, naquele momento, meu ego masculino e meu desejo falaram por mim.

Puxei-a para mim e ela me olhou espantada por uma fração de segundos. Em seguida, aproximei nossos rostos e ela fechou os olhos, totalmente entregue. Controlei a vontade de beijar sua boca e, em vez disso, fui até seu ouvido e sussurrei:

— Então quer dizer que agora somos só amigos? — perguntei, provocando-a.

Tornei a olhá-la intensamente, lutando para resistir ao convite que sua boca me fazia de beijá-la. Foi difícil pra caralho.

Meu lado racional dizia que o que estávamos prestes a fazer era muito errado. Cecília era uma menina para noivar e casar, filha de um grande amigo do meu pai e praticamente da família. Eu não podia simplesmente beijá-la e, no dia seguinte, agir como se nada tivesse acontecido. Na verdade, eu nunca conseguiria ignorá-la daquela forma… mas ela era tão cheirosa, quente e macia.

Soltei o corpo dela como se tivesse pegado em brasa, mas instantes depois segurei o seu rosto com minhas duas mãos; ela não se afastou de mim. Esfreguei meu nariz no dela e, quando ia beijá-la, alguém tentou abrir a porta do quarto.

— Noah, a Cecília está aí com você? — Raphaela perguntou.

— Merda! É a Rapha — ela falou, ainda desorientada.

— Eu sei, vou abrir — falei, respirei fundo e caminhei em direção à porta.

Cecília se sentou na cama e, quando abri a porta do quarto, Raphaela entrou igual a um furacão, olhando para nós dois.

— Cecília, sua safada! Eu sabia que você estava aqui — minha prima disse. — Vocês não têm juízo? Se alguém encontrasse vocês dois juntos aqui, teria morte na certa.

— Ela tem razão, Cecília. É melhor você ir — falei com calma, afinal eu era o cara que deveria evitar situações como aquela. Ela não tinha culpa de nada.

Olhei para ela e percebi que continuava meio aérea, então levantei-a da cama, segurando delicadamente sua mão, beijei sua cabeça e recebi um abraço como resposta.

— Volte para o seu quarto com a Raphaela e amanhã a gente conversa.

Cecília apenas assentiu, em seguida a Raphaela levou-a para longe de mim.

Tranquei a porta do meu quarto, deitei-me na cama e passei as duas mãos pelo cabelo, preocupado. *Que merda eu ia fazer? Essa porra não pode mais acontecer*.

Puto comigo mesmo, decidi que no dia seguinte resolveria aquilo e forcei-me a dormir.

Cecília

— O que você tem na cabeça, sua safada? Ir ao quarto do Noah a essa hora e com essa roupa? — Raphaela me repreendeu.

— Eu só fui dar oi.

— Sei. E saiu com essa cara apaixonada do caramba. Meu primo já tem compromisso firmado, Cecília. Você precisa superá-lo e seguir em frente.

Eu sabia que Raphaela estava chamando minha atenção para tentar me trazer de volta à razão, mas o que eu sentia pelo Noah estava muito além do meu controle.

— Eu não posso, Raphaela! Eu nasci para ser do Noah, eu sei disso. Não existe outro homem no mundo para mim, eu sou dele — eu disse desanimada, constando o quanto estava ferrada e desistindo de fingir amizade.

Pela primeira vez, tivemos um contato físico mais íntimo e, nesses poucos segundos que eu senti sua pele na minha, eu tive a certeza de que ele era o único homem que eu queria.

— Você é dele, mas ele será de outra — Raphaela falou categórica, quebrando meu coração em mil pedaços.

Uma das coisas que eu amava na Rapha era que ela não dizia o que achava que eu queria ouvir, mas sim o que eu precisava ouvir. Ela estava certa, no entanto, meu coração não estava nem aí para os bons conselhos que estava recebendo.

— Você vai fazer tudo ao contrário, né?! Eu sei que vai. Droga, Cecília! Você vai sofrer… e eu vou sofrer junto com você, amiga. Vem cá — ela falou e me puxou para um abraço. — Mesmo que o Noah também goste de você, ele não pode voltar atrás na palavra dele. Mafiosos têm essa coisa de palavra de honra, meu pai vive dizendo isso — Rapha disse. — Ele prometeu ao Tio Pietro e ao pai da garota que eles se casariam quando a garota completasse

a maioridade. Está feito, não tem jeito. Principalmente porque o Noah é o próximo *Don*.

— Quantos anos essa garota tem? — perguntei.

— Eu não sei ao certo, mas ouvi meu pai falando com a minha mãe que ela é uns 5 anos mais nova que o Noah.

— Então ela deve estar com 17 anos. Isso quer dizer que eu ainda tenho um ano para mudar essa história e é mais do que eu preciso, Rapha. — falei.

Senti meu ânimo revigorar, mesmo me deparando com a Rapha revirando os olhos.

— Eu não sei, Ceci. Acho muito arriscado você contar com isso. Você vai acabar sofrendo — ela disse. — Eu não sei se o Noah seria capaz de decepcionar meu Tio voltando atrás com sua palavra.

— Tio Pietro também é um homem apaixonado, eu vejo como ele baba na tia Amanda. Ele vai entender que o Noah me ama.

— O Noah te ama, Cecília?

— Ainda não, mas ele vai amar. Conforme-se de que vou entrar para a sua família, Raphaela.

— Eu não tenho tanta certeza assim, mas vou te ajudar no que for possível. Agora vamos dormir, iludida — Rapha falou em tom de brincadeira, e eu ri animada.

— Eu só preciso da oportunidade certa — falei, já pensando em alguns planos.

— Vou pensar em algo, mas agora vamos dormir — Raphaela falou e se levantou indo para sua cama.

Eu também deitei e fui dormir sorrindo, porque eu tinha certeza de que Noah Esposito seria meu.

Capítulo 5

Cecília

No dia seguinte, eu mal tive contato com o Noah, pois ele ficou a maior parte do tempo com o pai e os tios. Apesar de ter a idade parecida com a dos primos, Noah costumava ficar na companhia dos mais velhos, talvez pela responsabilidade que carregava e que gerava mais afinidade entre os assuntos.

Os outros rapazes eram mais descontraídos, na maior parte do tempo. Noah, pelo contrário, estava sempre observando tudo com um semblante sério. Ele era mais discreto e calado.

Eu achava sua personalidade bastante parecida com a de seu pai e do Tio Matheo. Inclusive, meu avô Demétrio sempre dizia que o Tio Matheo era como um lobo: sempre atento ao planejamento, pontualidade e controle; detalhista, conservador, metódico e leal. Noah parecia ser exatamente assim.

Naquela noite, quando o jantar terminou, os rapazes foram para a sala de jogos e as meninas resolveram ir para lá também, então eu fui com elas.

Assim que entramos na sala, a primeira pessoa que eu vi foi Noah concentrado em sua jogada na mesa de sinuca. Ele estava lindo, usando uma calça de moletom cinza e camisa preta. Pela manga da camisa dava para ver uma parte de sua tatuagem, que eu era louca para ver completa.

— O que as senhoritas estão fazendo aqui? — Vincenzo perguntou quando nos viu entrar.

— Viemos jogar com vocês. Espero que estejam prontos para perderem para as garotas! — Sophia falou.

— Irmã, você ainda não aprendeu que não deve me desafiar? Você sabe que eu não sei perder! — Ethan falou, adorando o desafio.

— Então faça o seu melhor, irmão — Sophia respondeu.

— Vamos lá, um desafio dos homens contra as mulheres — Théo disse, animado.

— Acho que devemos colocar um prêmio, para ficar mais interessante — Vito falou, e os outros concordaram.

— Tudo bem. O que vocês propõem? — Antonella perguntou.

— Se vocês não fossem mulheres do clã, poderíamos tornar tudo mais interessante, mas… — Chase falou com aquele jeito cafajeste, idêntico ao do Tio Romeu.

— Cecília não é exatamente do clã, ela só tem o sangue do Chase — Raphaela, alcoviteira, falou.

Eu fiquei morta de vergonha porque todos me olharam, mas o único olhar que me prendeu foi o de Noah.

— Esqueçam isso! Minha prima está fora dos limites — Chase logo se manifestou. — Depois pensamos em um prêmio que todos possam pagar, seus famintos.

— Eu sou um cara de família, Chase — Vincenzo falou, piscando para mim. — Alguma oposição?

Eu desviei o olhar, sem saber onde enfiar a cara. Enquanto isso, Noah fuzilou-o com o olhar e Vincenzo nem percebeu, porque estava ocupado me olhando.

Vincenzo era um moreno muito lindo e tinha os olhos azuis, muito parecido com Tio Inácio. Na verdade, todos eles eram gatos, mas Noah tinha algo, além da beleza, que me atraía. Talvez o jeito mais sério.

— Podemos começar o jogo ou vocês vão ficar nessa disputa adolescente? — Noah se manifestou, pela primeira vez.

Eu me arrepiei toda quando o som da sua voz grossa ecoou pelo salão de jogos, era deliciosa de ouvir.

— Vamos jogar! — Théo exclamou, pegando um taco e entregando outro a Sophia.

A partida de sinuca começou e, em pouco tempo, as meninas estavam perdendo feio. A verdade era que nenhuma de nós sabia, de fato, jogar. Sophia e Antonella eram as melhores, mas ainda

assim não se comparavam aos caras. Nós acabamos perdendo e teríamos que encarar o castigo.

— Vocês ganharam, podem pedir o prêmio — Antonella falou, mantendo a dignidade.

— Não vamos pedir prêmio nenhum — Noah falou, e Julia foi abraçar o irmão. — Deixem de ser covardes. As meninas não têm nenhuma experiência no jogo, obviamente que elas iam perder. Deixem-nas em paz.

— Meu herói — Julie falou, apertando ainda mais o Noah, e ganhou um beijo na cabeça.

— Para mim, a humilhação já é o suficiente. Só de acabar com a marra da Sophia, já estou satisfeito — Ethan falou rindo.

— Idiota — Sophia o xingou e mostrou o dedo do meio para ele.

— Vamos ser benevolentes dessa vez, meninas. Considerem isso um bônus, talvez seja o clima natalino — Vito falou rindo.

— *Okay*, acabaram os jogos. Vamos beber na praia — Edward falou, enquanto arrumava algumas bebidas.

— Quer dar uma volta por aí, Cecília? — Vincenzo perguntou.

O convite me pegou de surpresa. Fiquei sem palavras, enquanto ele me encarava, esperando uma resposta. Ninguém parecia ter escutado, exceto Noah, que olhava diretamente para mim, com um olhar afiado. Ele, com certeza, estava esperando para saber o que eu falaria.

Eu estava dividida entre aceitar o convite só para provocá-lo ou ser uma garota madura e recusar, porque de fato eu não queria ir.

— Podemos ir — respondi.

Imediatamente, vi o rosto de Noah se transformar. Ele ficou puto, e eu me senti maravilhosa.

— Eu vou buscar um casaco e já volto, me espere lá fora — falei, tentando ignorar que o Noah me encarava.

Vincenzo assentiu e saiu. Quando me virei, meus olhos pararam nos de Noah. Seu olhar fez meu coração disparar e, ao mesmo tempo, minha calcinha molhar. Eu amava aquele seu olhar mortal, pois era perigoso e excitante.

Saí correndo da sala de jogos, antes que eu me jogasse em cima dele, e fui pegar um casaco no meu quarto. Assim que entrei, ouvi um barulho. Quando olhei para trás, Noah estava encostando a porta e olhando para mim.

— O que você pensa que está fazendo? — ele me perguntou.

Pelo tom de sua voz, percebi o quanto ele estava com raiva. Eu queria rir e fazer a dancinha da vitória por ter conseguido provocá-lo, mas me contive.

— Estou pegando um casaco, está frio na praia — respondi,sonsa.

— Você sabe do que estou falando. Que porra é essa de aceitar o convite do Vicenzo? Ele está cheio de segundas intenções.

— Ué, mas qual é o problema? Nós dois somos solteiros.

— Vincenzo não quer nada sério com ninguém, Cecília! — ele esbravejou.

— Bingo! Eu também não quero, Noah — falei com a maior cara lavada. — Pelo amor de Deus, estamos todos na fase de nos divertir, fazer coisas sem pensar e aproveitar a vida. Ninguém aqui está pensando em casamento, a não ser você.

— Você está muito errada. Não é assim que as coisas funcionam na máfia e você sabe muito bem disso.

— Talvez você esteja certo. Mas Vincenzo é um bom partido, você não acha? — falei, simulando uma cara angelical.

Em um piscar de olhos, Noah estava muito perto de mim, olhando nos meus olhos.

— Não brinca comigo, garota! Até outro dia,você vivia se declarando para mim, agora está interessada no Vincenzo? — ele falou com um tom mais gélido.

— Não brinca comigo, você! — falei, descendo meu olhar de seus olhos para a sua boca. — Você já é noivo, e nós agora somos só amigos, então por que não?

Noah me observou por alguns segundos, em seguida foi até o *closet* do quarto, pegou um casaco que nem era meu e me entregou.

— Toma! Coloca o casaco e vamos.

Ele mal esperou eu vestir o casaco e me conduziu para fora do quarto. Saímos pelos fundos da casa, pelo lado oposto de onde

Vincenzo e os outros provavelmente estavam.

— Onde está seu celular? — ele me perguntou, e eu mostrei o aparelho na minha mão.

— Manda uma mensagem para o Vincenzo dizendo que está cansada e que resolveu ir dormir — ele falou, enquanto me guiava pela areia da praia nos afastando cada vez mais da casa. — E manda outra para a Raphaela dizendo que está comigo e que não é para ela voltar para casa sem você.

Eu mandei as mensagens, depois coloquei meu celular em seu bolso, ansiosa para saber o que ele ia fazer.

Ao chegarmos a um lugar mais afastado da casa, ele se sentou na areia e ficou em silêncio, olhando para o mar. Sentei-me ao lado dele e fiquei em silêncio por um tempo, até que não consegui mais.

— Você me trouxe aqui para olhar o mar? Não sabia que Noah Esposito era um cara romântico — falei debochada.

— Você está interessada nele? — Noah perguntou, ainda sem me encarar e sem alterar a voz. Já tinha novamente a mesma expressão fria de sempre.

— Por que, exatamente, você quer saber?

— Está ou não está, Cecília? — Ele se alterou.

— Não, eu não estou interessada nele… ainda. Vincenzo é um cara muito bonito e parece legal também, não seria uma má ideia…

— Ele não é o cara certo para você — Noah falou categórico.

Aquele papinho me irritou e eu resolvi ser sincera, sem joguinhos. Eu não ia fugir de nada, pois não era de fazer tipo.

— O cara que eu achava que era o certo para mim firmou um compromisso com outra, sem nem hesitar. O cara que eu queria simplesmente me contou que estava noivo, como se não fosse nada. Eu nem tive a chance de provar que eu era a mulher certa para ele — falei com mais raiva do que queria e, pela primeira vez, ele me olhou.

— Você está errada. Eu hesitei, sim. Se fosse hoje, eu nunca aceitaria — ele disse, olhando fundo nos meus olhos. — Naquela época, nós dois éramos bem mais novos, então eu achava que aquilo não era nada, não levei a sério. Mas no dia em que eu te

contei sobre o noivado e você chorou, eu me senti um merda. Quando você passou um mês sem falar comigo, eu senti sua falta todos os dias. E quando você voltou a falar comigo, para o meu próprio espanto, eu me senti aliviado.

Eu fiquei chocada com o que ouvia, jamais pude imaginar que o Noah tinha se sentido dessa maneira.

— Nós passamos a conversar todos os dias e eu comecei a gostar disso mais do que deveria. Eu ansiava por suas mensagens e gostava das nossas conversas — ele continuou desabafando. — O tempo todo, no trabalho, eu tinha que lidar com traição, morte, tortura, extorsão… mas quando eu chegava em casa e recebia suas mensagens, eu me sentia tranquilo. Foi tão fácil me acostumar com isso.

— Por que você nunca me disse que se sentia assim? — perguntei.

— Porque só de pensar em você, eu me questionava o quanto aquilo era errado. Eu já tinha dado a minha palavra ao meu pai, não podia mais voltar atrás, aliás não posso.

— Por que não? Eu tenho certeza de que seu pai vai entender.

— Não é só sobre o meu pai, Cecília. É claro que ele ficaria puto no início, mas acabaria nos apoiando, entretanto a questão maior é o acordo entre a Cosa Nostra e a Outfit. O acerto desse casamento foi o que nos garantiu a paz. Se eu quebrar esse acordo agora, vai ser bem pior do que se eu nunca o tivesse aceitado.

Capítulo 6

Noah

Quando eu terminei de falar, Cecília me fitou com seus olhos brilhantes. Eu sabia que ela estava prestes a chorar e, quando aquilo acontecia, ela acabava comigo.

— Então vai ser assim? Você vai se casar com essa garota, eu vou me casar com um cara qualquer e acabou? — ela perguntou.

A tristeza que eu vi no seu olhar me fez sentir vontade de abraçá-la, mas não o fiz.

— Eu não tenho escolha — respondi, desviando meu olhar do dela. — Não posso acabar com a paz na família, Cecília.

— Todo mundo tem escolha, Noah.

— Eu não tenho — enfatizei, porque era verdade.

Durante alguns minutos, nenhum de nós dois falou nada. Ficamos olhando o mar, em silêncio, até que o telefone dela começou a vibrar no meu bolso. Eu o peguei e vi que tinham chegado algumas mensagens, provavelmente de Vincenzo.

Meu primo era um cara legal e nós nos dávamos bem, mas eu não estava disposto a dividir a atenção da Cecília com ele. Eu sabia que não tinha nenhum direito, pois já tinha firmado compromisso com Isadora, mas era incontrolável.

O celular dela vibrou mais uma vez, deixando-me incomodado. Tentei entrar no aplicativo de mensagens, mas tinha senha.

— Desbloqueia — pedi, mostrando o celular a ela.

Cecília estava distraída com seus pensamentos e se assustou.

— O quê? — ela disse, ao perceber do que eu estava falando. — Eu não vou desbloquear nada, é a minha privacidade.

— Cecília…

— Peça por favor.

— Desbloqueia, por favor, a porra do celular.

— *Okay*, mas só porque você pediu por favor — ela disse, mas depois balbuciou outra coisa. — É príncipe.

— O quê? — Acho que eu não entendi.

— A senha é príncipe — ela falou bicuda.

Eu já ia começar a rir, mas parei quando fui ameaçado.

— Não ria de mim ou não deixo você ver minhas mensagens.

— Tudo bem, não vou rir.

Digitei a palavra, abrindo a tela de mensagens e, como eu desconfiava, eram de Vincenzo.

Vincenzo: *Você está bem? Posso ir até o seu quarto falar com você?*

Filho da puta! Bloqueei novamente a tela do celular e o coloquei de volta no bolso.

— Satisfeito? — Cecília perguntou, de repente, enquanto eu ainda tentava controlar a raiva de Vincenzo por se oferecer para ir ao quarto dela.

— Não caia na lábia do meu primo, ele não é o cara certo para você.

— Pelo menos ele é solteiro. — Ela jogou aquilo na minha cara mais uma vez e eu não gostei, mas tinha que admitir que ela estava certa. — Noah, se você tivesse escolha…

— Seria você! — respondi, honesto, antes mesmo de ela terminar de falar e sem nem precisar pensar.

Quase que instantaneamente, Cecília me surpreendeu ao se jogar em cima de mim. Ela me beijou e, mesmo não devendo, deixei-me levar. *Ah, foda-se! Eu não quero resistir. Além do mais, vou para o inferno de qualquer maneira.*

Cecília

Eu sabia que não deveria agir por impulso, mas precisava beijar Noah e o fiz. Eu sempre imaginei como seria beijá-lo. Sempre criei muitas expectativas em relação a isso, mas ele superou todas elas.

O tempo parecia congelado naquele momento. Meus olhos, fechados, estavam tão relaxados e eu estava totalmente entregue àquele prazer. Era como se eu tivesse acabado de experimentar meu sabor favorito no mundo, e de fato era.

Foi um beijo firme e possessivo. Embora eu tenha tomado a iniciativa, em poucos segundos ele segurou meu rosto e conduziu totalmente o nosso beijo, de uma maneira que fez eu me sentir completamente dele, de uma forma tão certa e natural.

Encaixei-me melhor em seu colo e recebi sua boca com todo o desejo reprimido que eu guardava dentro de mim. Fiz impulso com o corpo para deitar nossos corpos na areia e fiquei por cima, mas ele logo inverteu nossas posições, ficando por cima de mim e me deixando quente e molhada.

Continuamos nos beijando, completamente entregues e esfomeados. Eu abri as pernas e logo senti sua ereção quando ele se encaixou perfeitamente em mim. Levantei o corpo e me esfreguei nele, porque eu necessitava desse contato. Quando senti seu pau roçando em mim, eu gemi e ele parou nosso beijo, bastante ofegante.

— Não faz assim, por favor. Você vai me fazer perder a cabeça se continuar gemendo desse jeito — ele sussurrou no meu ouvido e parecia estar sofrendo.

— Eu não consigo controlar. Você me faz sentir muitas coisas, então meu corpo só está reagindo aos meus desejos — falei, também ofegante.

— Cecília, a gente não pode fazer isso, não é certo.

— Não é certo por quê, Noah?

— Porque eu respeito você.

— Nesse momento, eu não quero que você me respeite — falei manhosa.

— Não fala assim — ele disse, dando beijos leves na minha boca. — Você é preciosa demais, eu não posso perder o controle com você.

Noah me beijava entre uma palavra e outra, fazendo eu me sentir totalmente envolvida por ele. Eu sequer conseguia falar qualquer coisa.

— Eu não queria, mas preciso te levar de volta para casa, antes que alguém sinta sua falta.

— Eu não quero ir para casa e fingir que nada aconteceu — falei decidida. — Não quero esquecer esta noite e nem quero que você esqueça.

— Eu não vou esquecer, pode ter certeza! Mas eu não posso te dar o que você merece, Cecília. Eu não posso me casar com você.

— Noah, eu sempre quis você e agora eu sei que você também me quer e não vou fingir que nada aconteceu. Eu entendo seus compromissos com a máfia, mas não posso ignorar o que estou sentindo. Eu tenho uma proposta para você.

Eu tentei transmitir segurança, mas por dentro estava morrendo de medo das consequências do que eu ia propor, pois as chances de eu quebrar meu coração eram enormes. *Ah, que se dane! Se existir ao menos uma chance de mostrar para ele o quanto somos bons juntos, não vou desperdiçá-la*.

— Que proposta? — ele perguntou.

— Vamos ficar juntos pelo tempo que estivermos aqui. Vamos matar nossa vontade um do outro e, quando o nosso tempo terminar, cada um segue sua vida, sem olhar para trás.

— Sua proposta é tentadora, mas eu não posso fazer isso com você.

— Você sabe que eu posso convencê-lo — falei, tentando parecer sedutora.

Passei a mão em seu peito, em seus ombros, e beijei sua boca e seu pescoço. Ele não me rejeitou, pelo contrário, puxou-me

mais para perto e aprofundou nosso beijo, deixando-me quase sem ar. Sem ter experiência no que estava fazendo, mas agindo por instinto, rebolei intensamente em seu colo e, dessa vez, quem gemeu foi ele.

— Nós precisamos parar agora — Noah disse, interrompendo nosso beijo.

— Por que? Não está gostoso?

— Porra… está gostoso até demais e é exatamente por isso que precisamos parar. Vamos voltar para casa agora, Cecília. Vou pensar na sua proposta e amanhã nós conversaremos.

— Não pense demais, Noah Esposito, porque quando se der conta, eu já fui embora. Não vou esperar por você a vida inteira — falei, saí do seu colo e fiquei em pé. — Eu sei que a sua hesitação é para tentar me proteger e me poupar da dor, mas o fato é que não cabe a você decidir isso. Diga que não me quer, e eu o deixo em paz, é simples. Eu estou exausta desse joguinho, de fingir que não me importo mais, que te vejo só como um amigo...

Noah me encarava com os olhos arregalados e balançava a cabeça em negativa, mas eu já tinha começado a falar, não ia mais parar.

— Eu não posso mais fugir do que eu sinto por você. Se não posso ter tudo, eu preciso, pelo menos, ter algo para me lembrar de nós. Mas se você não me quer, apenas diga e eu vou te deixar em paz.

— Eu não posso dizer isso, porque não há nada no mundo que eu queira mais do que você, Cecília!

— Então, pare de fugir! Vamos apenas aproveitar os dias que ainda temos. — falei decidida.

Ele se levantou da areia e me beijou novamente. Em um impulso, eu pulei em seu colo, segurando-me firme em seus braços e, depois de um longo beijo, nós ficamos apenas abraçados por um bom tempo. Com todo o seu tamanho, Noah me segurava bem apertado em seus braços e cheirava meu cabelo como se eu fosse uma criança assustada que precisasse se sentir segura. Naquele momento, era exatamente assim que eu me sentia.

Aquele nosso momento foi perfeito. Ventava muito, mas o calor de Noah me aquecia. A noite estava linda e silenciosa, o céu

estrelado, a enorme lua iluminada no céu, com um rastro perfeito e prateado dela no mar, e o barulho das ondas era gostoso de ouvir. Eu não queria que aquele momento acabasse.

— Nós precisamos ir — ele falou baixinho próximo ao meu ouvido, como se não quisesse realmente dizer aquilo.

Eu assenti e desci do seu colo, desvencilhando-me do seu abraço.

— Mande uma mensagem para Raphaela e peça para ela nos encontrar ao lado do píer, assim ela entra em casa com você — ele disse.

Eu o olhei nos olhos por alguns segundos, assenti e fiz o que ele pediu. Instantes depois, a Rapha visualizou a mensagem e respondeu com um *okay*.

Quando chegamos ao píer, Sophia estava com Raphaela à nossa espera. Ao nos aproximarmos, as duas vieram ao nosso encontro, eufóricas.

— Vocês demoraram pra caramba. Pelo menos aproveitaram? — Sophia perguntou com um olhar especulativo. Ela era super a favor de quebrar as regras.

— Nós estávamos conversando — Noah respondeu por mim.

— Sei. Precisava conversar tão próximos? Porque sua boca está toda suja do batom da Ceci — ela falou rindo.

Caindo na armadilha dela, Noah levou os dedos aos lábios, limpando uma sujeira inexistente.

— Eu sabia! — Sophia falou, satisfeita. — Finalmente vocês resolveram aproveitar enquanto podem. Relaxa, Noah, eu não vou contar nada a ninguém.

Raphaela concordou com a irmã, mas Noah não estava à vontade com aquele assunto.

— Não estou preocupado comigo, e sim com a Cecília. Vocês sabem como as coisas funcionam…

— Nós não vamos contar a ninguém! — Raphaela respondeu, categoricamente, pelas duas.

Segui com as gêmeas para casa, e Noah disse que ia ficar mais um pouco na praia. Assim que chegamos ao quarto, fui bombardeada com perguntas, pois as meninas queriam saber tudo o que tinha acontecido. Contei a elas por alto, depois tomei um banho e nos deitamos, mas a última coisa que eu queria, naquele momento, era dormir. Tudo o que tinha acontecido ainda era surreal demais para mim.

Eu sempre soube que um dia seria do Noah, mas quando ele me contou que tinha assumido um compromisso, eu fiquei insegura. *Ainda não sei o que o futuro nos reserva, mas sinto, com todo o meu coração, que pertencemos um ao outro*.

Capítulo 7

Noah

Eu não estava com um pingo de sono, muito pelo contrário, minha cabeça continuava bastante agitada. Então, ao invés de entrar, resolvi encontrar com os rapazes na praia.

— Onde você estava, cara? — Chase perguntou, assim que me viu chegar.

— Por aí — respondi.

Sentei na areia perto deles e logo um copo de bebida veio parar na minha mão; e foi muito bem-vindo. Passei um tempo lá, bebendo e conversando, afinal momentos como esses eram raros depois que fomos iniciados na máfia.

Já era madrugada quando dei a noite por encerrada e subi para o meu quarto; a casa já estava completamente silenciosa. Eu tinha bebido bastante e estava com a mente um pouco confusa, mas não estava totalmente bêbado.

Entrei no meu quarto mais relaxado do que horas atrás, joguei a camisa em cima da minha cama e fui direto para o banheiro. Tomei banho, vesti uma boxer e fui deitar. O quarto estava completamente escuro, mas assim que me sentei na cama, percebi que não estava sozinho; e eu já sabia exatamente quem era.

Liguei a luz do abajur e o rosto angelical de Cecília se destacou na escuridão.

— Por que será que eu não estou surpreso de te encontrar aqui? — perguntei, querendo rir.

— Porque você sabe que, aqui, a artilharia é pesada, meu amor — ela falou, apontando para si mesma. — E também porque, no fundo, você queria que eu viesse. Confessa, príncipe.

— Eu não vou negar — falei sincero.

Levantei para verificar se a porta estava trancada e, quando olhei novamente na direção da cama, vi que Cecília estava usando a blusa que eu havia tirado antes de tomar banho. *Porra, ela está sexy pra caralho com minha camisa e deitada na minha cama.*

— Coloquei porque tem o seu cheiro — ela falou quando percebeu que eu a estava observando.

— Ficou perfeita em você.

Ela se levantou da cama, caminhou lentamente até onde eu estava, jogou-se nos meus braços e me beijou. Tomado pelo desejo, nos guiei até a cama e a deitei cuidadosamente, deitando-me sobre ela. Cecília abriu as pernas e eu me encaixei no meio delas.

A garota era espontânea, não tinha nada de tímida e estava ávida para experimentar tudo o que ainda não conhecia; e eu queria poder ensinar tudo a ela.

Eu não conseguia parar de beijá-la, e ela retribuía o beijo com a mesma vontade, segurando na minha nuca, puxando-me mais para ela e me enlouquecendo ao levantar o corpo para se esfregar em mim.

Ela estava só de calcinha por baixo da minha blusa, então eu senti sua boceta quente e molhada roçando no meu pau. Era a tortura mais deliciosa que já experimentei na vida.

Minha blusa já estava embolada para cima, na altura da sua cintura, e sua pele gostosa e quente estava exposta. Parei de beijá-la um minuto para apreciar sua beleza, e ela não se moveu, permitindo que eu a admirasse.

Ainda olhando em seus olhos, toquei sua coxa com a ponta dos dedos e sua pele toda se arrepiou. Subi meus dedos por seu abdômen e, quando estava prestes a tocar seus seios, ela levantou os braços, muito receptiva, mostrando-me o que queria.

Eu tirei a minha blusa de seu corpo, deixando-a só de calcinha, e era a porra da visão mais perfeita que já tive na vida. Imediatamente, minhas duas mãos seguraram seus seios, e eles se encaixaram perfeitamente nelas. Sem poder resistir, levei minha boca a um deles e circulei minha língua em seu mamilo, arrancando de Cecília um gemido delicioso e fazendo-a arquear o corpo, pedindo-me mais.

Coloquei um dos seus seios todo na boca, enquanto cuidava do outro com a mão. Ela se contorcia sob o meu toque e gemia baixinho. Seus gemidos eram o que eu já ouvi de mais excitante na vida. Eu estava completamente dominado e entorpecido por ela, completamente incapaz de ter qualquer pensamento sensato. Ela era como uma droga na qual eu estava completamente viciado.

Cecília gemia, se contorcia e segurava o meu cabelo, incentivando-me a continuar. Percebi que ela estava agoniada e precisava de alívio, então desci uma das mãos para a calcinha dela, encontrando sua boceta completamente encharcada. Naquele momento, minha boca salivou de desejo.

Continuei mamando em seus seios e estimulando seu clitóris com meu dedo, até que ela começou a perder o controle, prestes a gozar. Intensifiquei os movimentos e, quando percebi que ela ia gritar, beijei sua boca para abafar o som e senti seu corpo todo tremendo quando chegou ao ápice do prazer.

Quando seu corpo se acalmou um pouco, deixei sua boca e olhei-a fundo nos olhos. Ea me olhava assustada, com a boca entreaberta e totalmente ofegante.

— Você está bem? — perguntei.

— Meu Deus, eu nunca imaginei que era uma sensação tão… intensa. Eu já tinha ouvido falar no quanto era bom, mas nada consegue descrever o que senti agora.

— Você nunca teve um orgasmo antes? Nunca se tocou? — perguntei admirado, pois uma menina de 19 anos já conhecia seu corpo e todas as sensações.

— Não, porque eu queria guardar todas as sensações para você, príncipe — ela respondeu.

Eu não consegui formular nenhuma resposta depois daquela confissão, pois me senti o cara mais sortudo do mundo. Na falta do que dizer, apenas beijei novamente sua boca e, em seguida, desci os beijos por seu pescoço, ombro, seios e barriga, até chegar aonde eu queria. Segurei suas coxas e abri mais suas pernas para me receber.

Quando olhei para sua boceta, ainda melada e brilhante, tudo o que eu queria era entrar nela, mas eu sabia que não podia, não era certo. Então, desci minha boca e a lambi, sentindo seu gosto

delicioso e arrancando mais alguns gemidos dela. Lambi sua boceta perfeita, até que novamente ela não resistiu e se desmanchou na minha boca, deixando-me sentir o seu sabor delicioso e viciante.

Depois que ela se acalmou, levantei-me da cama, peguei-a no colo e levei-a para o meu banheiro. Tomamos banho juntos, depois nos vestimos, deitamo-nos na cama e ela se agarrou em mim, jogando a perna por cima do meu corpo. Cecília enfurnou a cabeça no meu pescoço e, em menos de um minuto, já estava dormindo, totalmente relaxada. Deixei que ela dormisse, mas não consegui pregar os olhos.

Pouco antes de amanhecer, peguei-a no colo com cuidado e levei-a para o quarto das gêmeas. Coloquei-a na cama e, quando me aproximei para beijar sua testa de leve, ela balbuciou, quase inaudivelmente, algo que fez meu coração disparar:

— *Príncipe, por favor, não me deixe. Eu amo você* — Cecília sussurrou, perdida em seus sonhos.

— Eu não vou te deixar, minha princesa. Ainda não sei o que fazer, mas você é minha — sussurrei, com um nó garganta, beijei sua testa e, em silêncio, saí do quarto.



Acordei, horas depois, ainda me sentindo exausto. Antes mesmo de abrir os olhos, eu já sabia que tinha alguém no meu quarto, mas dessa vez não era ela.

— Pai?! Aconteceu alguma coisa? — perguntei, assim que abri os olhos e o vi parado, me olhando.

— Bom dia, meu filho — meu pai respondeu. — Não aconteceu nada, mas temos nos visto pouco desde que chegamos aqui, então sou eu que te pergunto se está tudo bem.

— Está — respondi rapidamente.

Eu poderia jurar que não o convenci. Meu pai era um cara que falava pouco, mas sempre foi muito observador e sábio.

— Seu futuro sogro me ligou.

— O que ele queria? — perguntei na defensiva e me sentei na cama.

— Ele se sentiu ofendido, porque Las Vegas está aqui para passar o Natal conosco e ele, que é seu futuro sogro, não foi convidado.

— Las Vegas é nossa família, não apenas aliança — falei, mais afoito do que gostaria. — O que o senhor respondeu?

— Nada, não devo satisfações a ele. Aliás, quero mais é que o Severo se foda — meu pai falou, no seu habitual tom sério. — Ele já teve o acordo que queria, então que vá para o inferno com essa carência dele. Mesmo depois que você se casar com a Isadora, ele não será bem-vindo aqui, porque esse lugar é só nosso e é sagrado. Seu avô demorou anos para confiar em Demétrio e permitir que ele e a família conhecessem este lugar.

— Eu sei e acho que o senhor está certo — falei, levantando-me da cama para ir ao banheiro.

Antes de chegar lá, meu pai falou algo que me fez parar.

— Severo quer que você e Isadora se conheçam pessoalmente quando voltarmos para a Itália. Ele acha que já está na hora, e eu acho que ele está certo, Noah.

— Qual a necessidade disso, pai?

— Será bom para você, filho. Eu sinto que você aceitou esse compromisso, mas não está satisfeito com ele — meu pai falou e caminhou em minha direção. — Eu não quero que você seja infeliz, Noah, então talvez seja mais fácil se você conhecer a garota.

— Eu não faço questão de conhecê-la. Ainda falta quase um ano para o casamento.

— Eu sei, mas acho importante. Além do mais, não custa nada você conhecer a menina — meu pai disse. — Nós aceitamos esse compromisso e vamos honrá-lo, Noah. Severo tem mantido a parte dele no acordo, deixando Cosa Nostra e Outfit em paz, então nós também vamos cumprir nossa parte. Quando voltarmos para a Itália, marcaremos um jantar.

— Tudo bem, pai. Como o senhor quiser — respondi, percebendo que não havia espaço para discussão.

— Eu vou descer, sua mãe está nos esperando para o café.

— Tudo bem, eu já vou — falei desanimado.

Fui andando em direção ao banheiro, mas ele me chamou antes de eu fechar a porta.

— Noah, você está bem com isso?

— Estou, pai. Não se preocupe.

Ele assentiu e saiu do quarto. Eu fui tomar um banho frio para tentar refrescar a cabeça. Eu estava me sentindo o pior dos traidores, porque éramos condicionados a não manter nenhum segredo com quem estava acima de nós na hierarquia da máfia e, além de ser meu *Don*, ele era meu pai.



Quando cheguei à sala, todos já estavam acordados. Cumprimentei primeiro os meus avós, depois todos os outros, mas não vi Cecília em lugar nenhum. Quando percebi que Vincenzo também não estava ali, senti-me incomodado e pensei em sair de casa para olhar se eles estavam na praia, mas antes que eu saísse, minha mãe me parou.

— Filho, você está cheio de olheiras. Nós estamos aqui justamente para descansar. Você não dormiu bem?

— Bom dia, *mama*. Eu dormi tarde, mas estou bem, não se preocupe — falei, olhando para a porta.

— Vamos tomar café, a mamãe fez tudo o que você gosta — ela falou com seu sorriso doce.

Eu poderia compará-la a uma santa, por toda a sua bondade e doçura. Dona Amanda era um anjo, não era à toa que meu pai era louco por ela. Era impossível resistir aos seus encantos e não atender aos seus pedidos, mas antes eu precisava verificar onde estava a Cecília.

— Um minuto, mãe. Eu já volto…

Parei de falar e senti meu sangue esquentar quando vi Vincenzo e Cecília entrarem pela porta, conversando animados. Ela estava toda entusiasmada, rindo de algo que ele dizia.

Como se sentisse o meu olhar, ela se virou na minha direção e, quando nossos olhos se encontraram, o sorriso sumiu do seu rosto e suas bochechas ficaram vermelhas. Vincenzo continuou falando com ela, alheio a nós dois, mas percebi que ela já não prestava mais atenção nele.

Mais uma vez, minha mãe falou comigo e me puxou pela mão, levando-me à mesa. Dessa vez, não resisti e a segui. Minutos depois, a mesa estava completa e todos juntos tomamos café da manhã.

Capítulo 8

Cecília

Embora eu tenha dormido muito pouco, acordei sorrindo assim que o dia amanheceu. Olhei em volta e me dei conta de que estava no quarto das gêmeas. Não me lembrava de detalhes, mas tinha uma vaga lembrança de Noah me carregando em seus braços.

Fechei os olhos e, com uma sensação gostosa embaixo do meu umbigo, lembrei-me de tudo o que tinha acontecido na noite anterior. Eu experimentei meu primeiro orgasmo e o melhor de tudo foi ter sido o Noah, meu príncipe, quem me proporcionou isso. *Agora que eu já conheço a sensação, ele terá que me dar um todos os dias*, pensei e sorri.

Noah não era tão mais velho do que eu, mas sua habilidade e experiência com os dedos e com a língua eram notáveis.

Levantei e fui tomar banho. Meu cabelo estava uma bagunça, mas fiquei com preguiça de lavar e fiz apenas uma trança de lado nele. Vesti uma roupa leve, fiz uma maquiagem bem básica e desci, deixando as gêmeas ainda dormindo. Assim que saí do quarto, dei de cara com meu pai.

— Bom dia, filha. Você está ainda mais linda esta manhã. O que aconteceu?

Meu pai sempre dizia coisas assim, mas dessa vez meu coração disparou e meu rosto ficou quente, pois parecia que eu tinha sido pega em flagrante.

— Bom dia, pai. Eu não fiz nada, já nasci linda! — falei, usando meu humor para disfarçar.

Ele sorriu, beijou minha cabeça e nós descemos abraçados. Quando chegamos ao andar de baixo, a maioria do pessoal já

estava lá, todos divididos em grupos, entretidos em suas conversas. Noah não estava.

Fui até a minha mãe, dei um beijo nela e me ofereci para ajudar as outras mulheres na arrumação da mesa do café da manhã, mas elas me dispensaram, dizendo que não precisava. Resolvi, então, ir até a varanda, respirar um pouco o cheiro do mar.

Estava com os olhos fechados, sentindo o sol fraco e a brisa do mar batendo em meu rosto, quando uma voz familiar me assustou.

— Bom dia, linda!

— Bom dia, Vincenzo — respondi, sem graça por tê-lo deixado esperando no dia anterior.

— Está tudo bem? Você realmente estava cansada ontem ou preferiu outra companhia? — ele perguntou, sem fazer rodeios.

Ao contrário do que eu imaginei, ele não estava zangado, tinha até ares de riso.

— Vincenzo, eu não vou mentir para você, até porque a Raphaela fala que eu sou uma péssima mentirosa — falei. — Eu não deveria ter aceitado seu convite ontem. Agi por impulso, me desculpe.

— Você me usou para fazer ciúmes no Noah, senhorita Cecília? Estou me sentindo tão usado! — ele falou, fazendo cara de coitado e colocando a mão no peito, teatralmente.

Mesmo preocupada por ele ter sacado tudo, nós dois rimos.

— Pelo menos deu certo? — ele perguntou.

— O quê?

— O Noah mordeu a isca?

— Não teve nada a ver com o Noah. — Tentei disfarçar, mas ele realmente já tinha me desvendado completamente.

— A Rapha tem razão, você realmente é uma péssima mentirosa. Eu já sei que está rolando alguma coisa entre você e o Noah, só não sei em que nível a situação está — ele disse. — Você é muito transparente e muda totalmente quando ele está por perto. Ontem, eu percebi que ele também não está alheio a você. Na verdade, eu ousaria dizer que ele está apaixonado.

Eu nem me esforcei para negar ou inventar novas justificativas, porque era óbvio que seria uma perda de tempo.

— Uma das primeiras coisas que a gente aprende quando é iniciado na máfia é a não demonstrar emoções e, mesmo assim, quando a gente deixa transparecer, é porque já está muito fodido de paixão — Vincenzo falou, divertindo-se com a situação. — Estou achando muito divertido fazer ciúmes nele, então conte comigo.

— Por favor, não conte a ninguém sobre isso! Será que mais alguém percebeu? — perguntei preocupada.

— Acredito que não, fique tranquila. Como estamos de férias, ninguém está muito atento, estamos todos relaxados e com a guarda baixa. Eu só observei porque era do meu interesse.

— Entendi… E você acha que eu sou uma idiota e que vou quebrar a cara, não é?!

— Eu não acho nada, isso é entre você e o meu primo. No geral, eu acho uma cilada se apaixonar, menos por mim, é claro… aí é sucesso — ele falou e nós rimos. — Estou brincando. Eu não os julgarei. Casamentos se desmancham até na porta da igreja. Embora na máfia não seja bem assim, sei que o Noah nunca vai te fazer sofrer propositalmente e, como eu já disse, ele também está caidinho por você. Aproveitem!

— Obrigada, Vincenzo, por compreender e também pela discrição.

— Não precisa agradecer, gatinha. Noah é meu primo e sempre vou estar do lado dele. Vai ser muito divertido vê-lo puto e com ciúmes de você!

— Malvado — falei rindo e dando um soco de leve no ombro dele. — Vamos entrar, estou morrendo de fome.

Ao chegarmos perto da entrada da casa, Vicenzo comentou:

— Seu amor desceu, e aposto que está procurando por você

Quando olhei para dentro de casa, observei que Noah estava conversando com a mãe. Caminhei com Vincenzo e ao entrarmos na sala, ele brincou:

— Agora seria a hora perfeita para eu colocar a mão na sua cintura e matar o Noah do coração?

— Deixe de ser implicante — falei e nós rimos.

Olhei novamente na direção do Noah e, dessa vez, ele me olhava muito sério. Logo depois, sua mãe o puxou e ele saiu sem olhar para trás.

Vincenzo tinha razão, Noah estava com ciúmes de mim. *Como ele pode ser tão cego? Será que não percebe que no meu mundo só existe ele? Se ele soubesse o quanto eu sou apaixonada por ele, seria o cara mais seguro desse mundo*, pensei.

Quando as gêmeas desceram para comer, sentei-me à mesa ao lado delas — quase de frente para o Noah — e tomamos café da manhã. Todo mundo conversava bastante, mas Noah ficou quieto o tempo todo.

Noah

Nós íamos embora em dois dias, então quando os caras e as meninas decidiram ir à praia, me animei para acompanhá-los. Fui até o quarto para vestir um short e, quando cheguei à praia, todos já estavam lá — uns na água, outros sentados na areia. Cecília estava na água junto com as outras meninas, então eu sentei na areia e me distraí olhando para ela.

A garota estava usando um biquíni branco que era um verdadeiro atentado ao pudor. A parte de cima tampava muito pouco daqueles seios deliciosos, e a parte de baixo era minúscula e estava toda enfiada na bunda. Aquela era uma visão e tanto, o problema era que eu não era o único a ver.

Ainda estava babando nela, quando escutei uma tosse que claramente objetivava chamar minha atenção.

— Em busca da marquinha, primo? Acho que você vai ficar lindo bronzeado. — Vincenzo falou rindo, e eu ri também. — Cara, falando em bronzeado, a Cecília é um pecado, não é?! Acho que estou apaixonado. Penso seriamente em conversar com o Thomaz…

— O que você disse? — perguntei puto, interrompendo-o.

A porra do meu coração bateu furiosamente no meu peito e eu enterrei meus dedos na areia para não enfiá-los na cara do meu primo.

— Falei da Cecília, cara. Do jeito que ela está gostosa, vale a pena até pensar em casamento. Vou falar com o Thomaz.

— Não vai falar porra nenhuma!. A Cecília não é mulher para você. Nem chegue perto dela, porra!

De repente, ele deu uma gargalhada e eu percebi que tinha caído na porra de uma armadilha. Eu estava sendo testado e caí igual a um idiota.

— Tá maluco? Não brinca comigo, Vincenzo! — falei irritado.

— Cara, você é ciumento pra caralho! Porra, você está muito fudido.

— E você é um babaca. Respeita ela, cacete.

— Calma, cara. Ela é toda sua. Eu até queria, mas quando percebi que você estava interessado e, principalmente, que ela também quer você, eu saí de cena — ele falou, e eu suspirei resignado.

Vicenzo já tinha percebido tudo e, foda-se, seria bom conversar com alguém.

— Eu gostaria que o único obstáculo entre nós dois fosse você — eu disse.

— E o que você está pensando em fazer?

— Eu não sei, cara. Na verdade, nem sei o que estou fazendo. O que eu sei é que eu não consigo rejeitá-la. Eu não quero, não posso e não estou conseguindo nem ficar longe dela. Seria mais fácil se ela não me quisesse, mas ela também me quer. Nós já conversávamos por mensagens há bastante tempo e eu percebi que estava gostando de falar com ela, mais do que deveria, mas só me dei conta de que algo tinha mudado em mim quando a encontrei aqui. Não consegui resistir. Ela é muito decidida e sempre foi honesta comigo em relação aos seus sentimentos. Não existe nada mais atraente do que a sinceridade de uma mulher que sabe o que quer.

— E o que você pensa em fazer com relação à Isadora? Porque, infelizmente, nós sabemos o que vai acontecer se você desistir do casamento.

— Cosa Nostra e Outfit entrarão em guerra — afirmei, e Vincenzo concordou. — Se fosse uma guerra que eu pudesse lutar sozinho, não pensaria duas vezes, mas pensar que vou colocar a vida de todo mundo em risco porque quero uma mulher que não é a minha prometida, me deixa totalmente perturbado. Se alguma coisa acontecer com qualquer um de vocês, eu não vou conseguir conviver comigo mesmo.

— Se for preciso, ninguém vai fugir da luta, cara. Somos uma família, matamos e morremos uns pelos outros. É isso que a gente aprende desde cedo e é assim que a gente vive.

— Eu sei, cara, e sou muito grato por isso, mas essa guerra é para ser só minha. Além disso, não somos só nós, as mulheres é que são as mais vulneráveis. Eu nunca iria me perdoar. Então, vou dar um jeito.

— É foda! Eu não queria estar na sua situação, mas talvez pela Cecília… — ele falou, querendo rir.

— Ela vale muito a pena, mas vai se foder, Vincenzo. Tira os olhos da minha garota. Eu te mato, seu filho da puta — falei brincando, ou não.

— Agora pare de se lamentar igual a uma mulherzinha e aproveite o tempo que tem aqui. Sua sereia está vindo — Vincenzo falou.

Quando olhei para a frente, as meninas vinham em nossa direção. As gêmeas sentaram ao lado de Vincenzo, e Cecília ao meu lado. Assim que sentou, ela olhou para mim e sorriu.

— A água está uma delícia — ela disse.

— Você é que está uma delícia com esse biquíni, embora ele seja um crime — falei baixo para que só ela ouvisse.

— Imagina a marquinha mais tarde — ela sussurrou provocante e piscou para mim.

— Porra, quer me deixar de pau duro na frente das gêmeas?

— Isso só mais tarde.

— Então, teremos um mais tarde?

— É claro, nós só temos mais duas noites aqui. Você acha que eu vou desperdiçar qualquer tempo que seja longe de você? Inclusive, você está me devendo alguns orgasmos.

— Não vejo a hora de pagar todas as minhas dívidas.

— Dá para vocês pararem com a pornografia, por favor? Meus ouvidos são sensíveis — Vincenzo, brincando, chamou nossa atenção.

— Então, pare de prestar atenção no assunto dos outros — Cecília respondeu.

— Por mim, podem falar à vontade. Adoro ouvir a sacanagem alheia — Sophia falou rindo.

— Tio Raphael sabe disso? — Vincenzo brincou.

— Não, por quê? Você vai me dedurar? Até parece que só vocês, homens, gostam de ouvir uma sacanagem — ela rebateu.

— Eu não gosto de ouvir, docinho. Eu gosto de fazer!

— Eu também gostaria, Vincenzo, mas a vida é injusta com nós, mulheres, principalmente na máfia.

— Sinto muito, *baby*. Não sou eu quem dita as regras — Vincenzo respondeu.

Nós logo nos distraímos com Bela e Julie gritando, pois Louis estava correndo atrás delas, segurando um bicho que parecia um caranguejo. O moleque era muito danado.

— Louis, deixe as meninas em paz — Lorenzo falou uma vez só.

O menino fez cara de desgosto, mas soltou o bicho, que rapidamente se escondeu na areia.

Capítulo 9

Cecília

Eu esperava, ansiosamente, as horas passarem para fugir para o quarto do Noah. Eu estava deitada na minha cama, conversando com Rapha e Sophia, mas meu pensamento estava nele.

Meu pai e os outros mais velhos resolveram ficar acordados até mais tarde, tomando vinho na sala, e isso atrapalhou meus planos.

— Ano que vem quero passar o Natal em um lugar diferente. Qual é a graça de vir para uma ilha deserta só com os caras da família? Um desperdício! — Sophia se queixou e me tirou dos meus pensamentos.

— Pois eu estou bem satisfeita aqui — falei rindo.

— Claro, né, safada! Você tem o gostoso do meu primo para se divertir — Sophia rebateu.

— Do que adianta irmos para um lugar cheio de caras bonitos e aleatórios, se a gente só pode olhar? — Raphaela falou.

— Duvido que eu ficaria só olhando. Eu posso até me manter virgem até o casamento, mas uns beijos por aí com certeza eu vou dar! A propósito, Cecília, você transou com o Noah? — Sophia me perguntou, sem rodeios.

— Não, mas eu queria! Aliás, eu quero, mas sei que ele não vai querer. Noah, apesar de novo, é muito polido.

— Cecília, você não serve para sexo casual, nem pode! Você sabe que, apesar de estar apaixonada pelo Noah, ele tem compromisso com outra garota — Raphaela falou, sensata como sempre.

Nesse momento, fui sugada para uma realidade que eu, definitivamente, deveria aceitar. Eu nunca fui uma garota emocionada, nunca tive garotos e, muito menos, o casamento como prioridade. Até me apaixonar pelo Noah. Eu não sabia de onde vinha a certeza de que estávamos destinados um ao outro, mas ela era tão latente no meu coração que, mesmo contra todos os fatos, eu não conseguia desistir. Eu sentia como se, desistindo dele, estivesse desistindo de mim mesma.

A verdade era que eu me sentia sempre como a metade de algo. Eu buscava o tempo todo me sentir completa, mas só me sentia assim quando estava nos braços dele. Não que eu não me amasse, ou algo do tipo, mas essa parte de mim necessitava dele.

— Rapha, na teoria você está certa, mas existe uma força maior, dentro de mim, que eu nunca vou conseguir externar. Não sei explicar, mas quando estou com ele, sinto que nós compartilhamos uma conexão em um nível muito profundo, e acho que isso é algo que jamais sentiremos com outras pessoas. Hoje em dia, sei que quase ninguém acredita em alma gêmea e conto de fadas, parece até fantasioso. Talvez realmente não exista, mas eu sempre vou acreditar que existe alguém perfeito, esperando por cada um de nós, em algum lugar. E o meu *alguém* é o Noah.

A essa altura, eu já estava olhando para o nada, enquanto falava, fazendo mil planos para o meu futuro.

— Eu sinto como se nos conhecêssemos da vida inteira. Eu me apaixonei desde a primeira vez que o vi e, se depender de mim, o casamento com essa outra garota não vai acontecer!

Quando terminei de falar, uma lágrima escorreu pelo meu rosto e eu ganhei um abraço duplo das gêmeas.

— Tudo bem, vamos ajudar no que pudermos, mas tome cuidado — dessa vez foi Sophia quem aconselhou.

— Eu prometo — falei e me levantei da cama. — Acho que agora já posso ir. Está silêncio, meu pai e os outros já devem ter ido dormir — falei, animando-me.

— Vai logo, sua safada — Sophia falou rindo. Rapha e eu rimos também.

Mandei uma mensagem para o príncipe, avisando que já estava indo, e ele respondeu que a porta estava destrancada.

Então, apressei-me e corri para o quarto dele.

Quando entrei, tive a imagem do paraíso. As cortinas de seu quarto estavam abertas e a luz da lua o iluminava, deitado na cama sem camisa — só de cueca boxer —, com um braço embaixo da cabeça e o outro em cima da barriga. Seus braços eram fortes e sua barriga trincada. *Que Deus me ajude, porque o pau dele já está duro e eu só consigo pensar que preciso de um orgasmo*. Para quem até outro dia era inexperiente, eu estava me saindo uma viciada.

— Vai ficar parada aí, só olhando? — ele perguntou, tirando-me do transe.

— Comida boa a gente aprecia, antes de comer — falei.

Noah deu uma gargalhada, o que era raro de acontecer, e isso me fez sorrir ainda mais. Fui até ele, louca de desejo, subi na cama e me sentei bem em cima do seu pau.

— Cecília, eu preciso te contar uma coisa.

— Agora não, Noah. Tenho outros planos para as próximas horas.

Levei minhas mãos ao seu peito e alisei até a barriga. Fiquei satisfeita quando vi que ele se arrepiou com meu toque. Ele não se mexeu, deixando-me à vontade, então eu me senti segura para fazer exatamente o que quisesse.

Eu já tinha assistido a vários vídeos e achava que sabia exatamente como fazer, só não tinha ainda a experiência. *Espero me sair bem,* pensei.

Totalmente excitada e agindo por instinto, cheguei meu corpo para trás, ficando em cima de suas coxas, e coloquei a mão no cós de sua cueca. Vi seu pomo de Adão se mexer, evidenciando sua expectativa.

Devagar, abaixei sua roupa até que seu pau pulasse para fora: lindo, grande, grosso, cheio de veias que me fizeram salivar. A primeira coisa que fiz foi lambê-lo inteiro e, em seguida, lambi sua glande apenas com a ponta da língua. Fiquei ainda mais excitada quando vi os músculos de sua barriga se contraírem e sua respiração acelerar, então coloquei tudo o que pude na boca e comecei a chupá-lo, ajudando a masturbá-lo com a mão.

Eu chupava o máximo que conseguia e depois brincava com a minha língua em sua glande e prepúcio. Repeti esse movimento

várias vezes até que escutei o seu gemido e me senti poderosa e fatal. A sensação de proporcionar prazer ao homem que eu amava era indescritível.

Noah segurou meu cabelo e passou a ditar o ritmo dos meus movimentos. Continuei chupando-o, lambendo-o e masturbando-o, até que o ouvi falar:

— Eu preciso gozar!

Eu não respondi, mas olhando em seus olhos, chupei seu pau com mais vontade, até que ele gozou e eu engoli tudo. Achei que ficaria com nojo, inclusive tive receio até de vomitar, mas não aconteceu nada disso. Eu estava tão fascinada por suas expressões de prazer e seus gemidos que, enquanto ele gozava, eu nem percebi que estava engolindo seu gozo.

— Vem cá — ele falou, puxando-me para deitar em seu peito e abraçando-me bem forte.

Assim que sua respiração se estabilizou, depois do orgasmo que eu, Cecília poderosa e fodona, tinha proporcionado a ele, Noah rolou nossos corpos na cama, deitando em cima de mim e olhando em meus olhos.

— Eu não posso deixar você ir.

— Eu também quero ficar — falei com o coração doendo.

Eu sabia que o nosso tempo ali estava acabando e já podia sentir meu coração se estilhaçar em mil pedaços.

— Eu vou dar um jeito! — ele falou decidido.

Ao sentir tamanha segurança em sua voz, puxei-o para mais perto de mim e beijei-o novamente. Quando nossas bocas se separaram para que pudéssemos respirar, eu olhei em seus olhos e pedi:

— Faz amor comigo, príncipe.

— Eu não posso fazer isso agora — ele disse, de olhos fechados e com a testa colada na minha. — Por favor, entenda que eu não posso fazer isso. Você merece muito mais do que um cara enrolado, preso a um compromisso infeliz. Você merece um homem que não só faça amor com você, mas que te dê um sobrenome, uma família e um lar. Cecília, você merece alguém que te dê o mundo! E eu quero muito ser esse homem, mas primeiro eu preciso

resolver minha vida. Espera por mim, por favor — ele pediu, olhando em meus olhos, e eu assenti.

Então, Noah me beijou e me amou. Não houve penetração, mas nós fizemos amor de qualquer maneira.

Depois de me proporcionar três deliciosos orgasmos, com aqueles dedos e língua habilidosos, nós continuamos completamente nus e relaxados, deitados em sua cama. Noah estava de frente para mim, com a cabeça apoiada na mão e o cotovelo na cama, enquanto eu fiquei deitada de bruços, olhando-o. Ele fazia um carinho gostoso nas minhas costas, passava os dedos desde o meu pescoço até a minha bunda, provocando-me um arrepio gostoso.

Eu estava sonolenta depois dos orgasmos, mas não queria dormir, porque não queria que aquela noite acabasse.

— Eu tenho um presente para você, afinal já é véspera de Natal — ele falou, arrancando-me um sorriso.

— Sério? Onde está? — perguntei empolgada, e ele sorriu.

Noah me deu um beijo na ponta do nariz, levantou-se da cama, todo gostoso, e foi até o seu *closet*. Ansiosa, sentei na cama para esperar por ele, que voltou com uma bolsa pequena na mão e me entregou.

Abri, sorrindo e empolgada, pois era o primeiro presente que ele me dava e tinha comprado antes de ir para a ilha, quando nós ainda nem tínhamos estado intimamente juntos.

Dentro da bolsa tinham duas caixas pretas e aveludadas, escrito *Cartier* em letras prateadas. Comecei a abrir pela maior. Dentro dela, tinha um colar lindo e delicado de ouro rosé, com um pingente em forma de coroa, cravejada de diamantes. Aquela era a jóia mais linda e significativa que eu já tinha ganhado. Não resisti e, sorrindo feito uma boba, pulei em seu pescoço e o enchi de beijos.

— Príncipe, você me deu a sua coroa? — falei sorrindo e com vontade de chorar.

— E também o meu coração — ele falou.

Noah pegou a outra caixa de dentro da bolsa e me entregou para que a abrisse. Dentro dela tinha um bracelete, também de ouro rosé, com um pingente em forma de coração, esculpido como a

coroa do colar. Eram as jóias mais lindas que eu já tinha visto na vida.

Eu o beijei, apaixonadamente, e nós ficamos abraçados nus, pelo resto da noite, entre beijos e carícias até o dia começar a amanhecer.

Capítulo 10

Cecília

Fazia uma semana que tínhamos voltado para casa, e eu era só saudades. Tudo o que vivi naqueles dias com Noah ainda era surreal para mim, porque eu sonhei com esses momentos durante muito tempo. Então, quando de repente tudo começou a acontecer, eu custei a acreditar.

Algumas pessoas sonham com um amor mais passional e físico, outras com um amor mais calmo e companheiro. Nos braços do Noah eu encontrei os dois.

Falamo-nos, todos os dias, por mensagens e ligações, desde que cheguei de lá, mas por diversas vezes senti em sua voz um tom estranho, como se algo o estivesse incomodando. Nossa empatia era tão verdadeira, que as dores poderiam ser sentidas, sem que fossem vistas.

Como pode a gente amar tanto, ter tanta química e conexão com alguém e, ainda assim, esse alguém não ser seu? *Isso é muito injusto*.

Eu sabia que não estava tudo bem com Noah, mas como ele não quis dizer o que era e apenas falou que em algum momento iríamos conversar pessoalmente, não forcei a barra.

Eu estava deitada em minha cama, lendo um livro que já tinha me feito quase desidratar de tanto chorar, quando recebi uma mensagem. Meu coração logo disparou, achando que era do Noah. Era a Raphaela.

Raphaela: Ei, amiga, como está a vida longe de mim?

Eu sorri e entrei na brincadeira.

Cecília: Tão difícil, Rapha! Não paro de pensar em você. Não consigo esquecer tudo o que vivemos na ilha e a minha vontade

é pegar um avião e correr para os seus braços.

Raphaela: Você está falando é do Noah, sua nojenta. Sábado é aniversário da Antonella, bem que você poderia vir de novo e, quem sabe, passar uns dias aqui com a gente.

Cecília: Mentira!!! Vou falar com o meu pai. Seria meu sonho!

Raphaela: Nossa, não sabia que você era tão apegada assim à Antonella. Interesseira!

Cecília: Boba! Vou falar com o meu pai e te dou a resposta mais tarde. Beijo!

Raphaela: Combinado.

Joguei meu telefone na cama e corri para procurar meus pais. Eles viviam tentando me recompensar, movidos pela culpa de eu ter vivido sem um pai até os 6 anos, então dificilmente me negavam alguma coisa. Não seria difícil meu pai deixar eu ir para a Itália.

Quando cheguei à sala, eles estavam conversando com meu avô Demétrio.

— Vô, eu não sabia que você estava aqui — falei e sentei ao seu lado, abraçando-o e dando um beijo em sua bochecha.

— Acabei de chegar, mas vim só me despedir. Estou indo para a Itália. Terão alguns jantares na casa do Matheo nos próximos dias, e eu fui convidado.

Eu mal acreditei no que ouvi. *Deus é muito bom comigo*, pensei.

— Que maravilha! Eu vim justamente pedir ao meu pai para ir para a Itália. Acabei de ser convidada para o aniversário da Antonella e eu gostaria de passar o resto das minhas férias na casa do Tio Raphael — falei com meu avô e, em seguida, dirigi o olhar ao meu pai. — Posso, pai?

— Cecília, você acabou de voltar da ilha e, nesse tempo lá, eu mal te vi. Já quer ficar longe de mim novamente? — meu pai falou, olhando-me com cara de indignado, em seguida olhou para a minha mãe, buscando apoio.

Para a minha felicidade, minha mãe apenas riu e deu de ombros, mas meu avô logo intercedeu por mim.

— Pare de ser dramático, Thomaz, e deixa a menina respirar. Aqui não tem ninguém na idade dela e ano que vem ela vai para a faculdade e ficará ocupada com os estudos, então deixe-a aproveitar enquanto pode.

Fiquei muito esperançosa ao ver que meu avô estava me apoiando, então olhei para o meu pai em busca de uma resposta.

— Tudo bem, Cecília. Eu vou ligar para o Raphael, e se ele não se opuser e me prometer que vai cuidar de você, eu deixo você ir.

— Obrigada, pai! — falei eufórica, pulando no colo dele e enchendo-o de beijos.



No dia seguinte, embarquei para a Itália com o vô Demétrio e alguns soldados. Noah não sabia que eu estava indo. Pedi ao meu avô que não comentasse com ninguém, alegando que queria fazer uma surpresa para a Antonella. Além disso, pedi às gêmeas que também pedissem ao Tio Raphael para não falar nada, usando a mesma desculpa.

Quando cheguei ao complexo, fui direto para a casa das gêmeas, e meu avô foi para a casa do Tio Matheo. A tia Maria Eduarda foi quem me recebeu, toda linda como sempre. Tio Raphael e Ethan não estavam em casa naquele horário.

— Ceci, meu amor, seja bem-vinda! Entre — ela falou, abraçando-me e puxando-me para dentro de casa. — Meninas, a Cecília chegou — tia Maria Eduarda gritou ainda da porta.

Não demorou muito para as gêmeas aparecerem, mas assim que as vi, soube que alguma coisa errada estava acontecendo, Meu sorriso murchou. Rapha e Sophia estavam tentando disfarçar, mas eu já as conhecia muito bem. Elas me abraçaram e, logo, levaram-me para o quarto.

— O que aconteceu? Noah está bem? — perguntei ansiosa.

— O Noah está bem, se acalme — Rapha falou.

— Cecília, nós não sabíamos… ficamos sabendo quando o jato já estava vindo para cá, então achamos melhor esperar você

chegar para contar — Sophia explicou, deixando-me ainda mais apreensiva.

— Dá para falar logo, caramba!?

— Nós convidamos você para o aniversário da Antonella, que vai acontecer amanhã à noite. O que nós não sabíamos era que hoje teria um jantar na casa do vô Matheo, para o Noah conhecer a noiva dele.

— O quê? — perguntei espantada, mesmo tendo entendido perfeitamente o que ela falou.

Minhas pernas ficaram bambas, meu peito começou a queimar e, por um momento, eu não consegui prestar atenção em mais nada ao meu redor. A sensação era de que eu tinha perdido o chão. Saí do transe quando a Sophia voltou a falar:

— Isadora e a família vêm jantar aqui hoje. Ela e o Noah vão se conhecer. — ela deixou claro o que eu já sabia.

Sentei-me na cama, calada, tentando assimilar o golpe que meu coração sofreu. *Ele a encontrará hoje, pela primeira vez. Tanta coisa pode acontecer.*

E se ele se apaixonar quando a vir? E se ela o beijar? Nós nos falamos ontem à noite, por que ele não me contou algo tão sério? Mentalmente, bombardeei meu pensamento com um milhão de perguntas.

Fechei os olhos, tentando organizar as ideias e evitar as lágrimas que já queriam vir com tudo, mas foi em vão, elas rolaram livremente e, se eu as prendesse, meu coração ia explodir.

Tudo o que eu sentia naquele momento se resumia a dor, medo, raiva, decepção e tristeza. Eu chorei, chorei e chorei. Raphaela chorou junto comigo, e Sophia nos consolou com um abraço.

Eu estava me sentindo extremamente magoada com Noah, com a vida e com toda essa situação de merda. Entretanto, não podia culpá-lo, afinal ele nunca me disse que desistiria do casamento arranjado. Noah apenas permitiu que eu entrasse em sua vida. Fui eu que forcei essa situação, mas, mesmo assim, não conseguia deixar de me sentir magoada e decepcionada com ele. Depois de tudo o que vivemos na ilha, eu não esperava que ele

voltasse a viver sua vida normalmente, cumprindo seu compromisso como se eu sequer existisse.

— Cecília, você não tem que ir a esse jantar, e nem nós. Ficaremos aqui com você — Raphaela falou, tentando me acalmar.

— Eu vou! — falei decidida. — Vou jantar, sorrir e interagir com todos, normalmente. Noah está seguindo com a vida dele, nada mais justo do que eu seguir com a minha também, afinal, foi exatamente esse o nosso combinado.

— Eu sei que foi, mas também sei que você esperava que ele agisse diferente… — Sophia começou a falar, mas eu a cortei.

— Não importa o que eu esperava, isso não muda a realidade. Eu não vou ficar trancada, chorando, enquanto ele comemora seu noivado. Eu vou até lá e vou olhar nos olhos dele, como se nada tivesse acontecido. Eu quero ver tudo, porque decepções são ótimas despedidas.

— Você tem certeza disso? — Rapha perguntou.

— Tenho.

— Então, nós estaremos ao seu lado.



A noite chegou e, mesmo desanimada e com o coração partido, tomei um longo banho, hidratei meus cabelos e separei o melhor vestido, entre os que eu tinha levado, para usar naquela noite. Ele era preto, batia na altura das minhas coxas e bem justo, tinha um decote sexy sem ser vulgar e deixava meu corpo bonito. Era um vestido que chamava muita atenção, tanto que meu pai nem gostava que eu o usasse. Resumindo, era perfeito para a ocasião.

Quando eu estava colocando a meia-calça, as gêmeas entraram no quarto, já arrumadas.

— Eu posso arrumar seu cabelo — Raphaela falou, fitando-me com os olhos cheios de compaixão.

— E eu posso fazer a sua maquiagem. Prometo não exagerar e te deixar linda na medida certa — Sophia se ofereceu, e eu senti vontade de chorar. Eu era muito grata pela amizade das duas.

Assenti, e elas imediatamente se aproximaram para fazer suas mágicas em mim. Quarenta minutos depois, estávamos em

frente ao espelho, admirando o trabalho perfeito delas.

— Uau, você está de matar! Só quero ver a cara do Noah quando te vir, vai infartar — Sophia falou animada.

— Obrigada, meninas, vocês são as melhores amigas que alguém poderia ter — agradeci e ganhei um abraço duplo.

— Pronta para causar? — Sophia perguntou, segurando-me pela mão e fazendo-me dar uma volta. — Esse vestido te deixou gostosa pra caramba.

— Se não for para causar, eu nem saio de casa — falei, fingindo animação.

Nós três rimos, em seguida demos as mãos e saímos do quarto.

Capítulo 11

Noah

Eu estava ali, na sala da casa do meu avô, mas meu pensamento estava nela. Era impossível parar de pensar em Cecília, pois eu me sentia como se a estivesse traindo.

Nós nos falamos todos os dias durante a semana, e sua habitual animação e espontaneidade foi o que amenizou o meu mau humor. Eu até tentei contar tudo a ela, mas não houve um momento apropriado para isso. Era tudo tão gostoso nos nossos momentos, que era difícil trazer qualquer assunto desagradável à tona.

— Eles chegaram. — Saí dos meus pensamentos quando ouvi meu pai falar. Minutos depois, a campainha tocou e nós nos levantamos para receber os nossos convidados.

A primeira pessoa a entrar foi Severo, em seguida sua jovem esposa e, logo atrás estava ela, Isadora. Eu já a tinha visto em fotos que meu pai insistia em me mostrar, mas tinha que confessar que pessoalmente ela era mais bonita. Ela era o oposto de Cecília, loira com cabelos encaracolados e, aparentemente, muito tímida.

Talvez se Cecília não tivesse acontecido na minha vida, eu até poderia me esforçar para ter alguma afinidade com essa menina e um dia pudesse ser capaz de amá-la, mas depois que Cecília ocupou todo o espaço dentro de mim, foi impossível ter olhos para qualquer outra mulher.

Todos se cumprimentaram e, em pouco tempo, Severo e a família chegaram a mim.

— Noah, meu rapaz, como você está? — o falso me cumprimentou.

— Bem, e você?

— Estou muito bem, principalmente agora, porque percebi que você e seu pai são homens de palavra — ele falou para nos alfinetar.

Se o bastardo soubesse que a minha vontade era dar um tiro em sua cara, ele não forçaria tanto a barra para o nosso lado.

— Essa é minha esposa Helena — ele falou, apontando para a mulher ao seu lado. — E essa é a minha filha Isadora, sua noiva.

— Como vai, senhora? — cumprimentei Helena com um aperto de mãos e, em seguida, me dirigi à Isadora. — Tudo bem, Isadora? É um prazer conhecê-la.

— O prazer é todo meu, Noah. Eu estava muito ansiosa para te conhecer — a menina respondeu, totalmente tímida, mas também parecendo encantada.

A sala inteira estava em silêncio, olhando para nós dois. Todo mundo ali sabia que eu não estava confortável com esse jantar, então havia um grande receio de que eu fizesse alguma merda. Vontade não faltou, mas eu tinha responsabilidade e nunca faria algo assim com meu pai, pois sei que isso o faria parecer um fraco.

Eles achavam que o meu descontentamento era porque a menina estava sendo apresentada ao futuro noivo quando ainda tinha 17 anos, ao invés de 18, como foi o trato. Isso também era escroto, na minha opinião, mas afinal de contas era só um jantar, não era o noivado oficial, então eu podia conviver.

Os únicos que sabiam da real situação eram Vincenzo e as gêmeas, mas elas ainda não tinham chegado.

— Vamos nos sentar — meu avô convidou, depois que todos já tinham se cumprimentado.

— Isadora, minha filha, sente-se ao lado do seu noivo. É bom vocês irem se familiarizando — Severo falou, quando a filha estava prestes a sentar ao lado da mãe.

Isadora ficou vermelha, mas fez o que o pai mandou, como uma boa menina criada para ser uma boa esposa. *Velho asqueroso do caralho!* pensei, fuzilando-o com o olhar. Fiquei puto e logo senti o olhar do meu pai sobre mim, pedindo-me calma.

Todos começaram a conversar e, aos poucos, o clima foi melhorando. Entretanto, a verdade é que não existia confiança entre Cosa Nostra e Outfit. Meu pai tinha mandado reforçar a segurança

do complexo, assim como Severo estava acompanhado de seu pequeno exército — o que não adiantaria muita coisa, já que nós estávamos em número muito maior e em nosso território.

— Você mora nesta casa? — Ouvi a voz baixa e tímida de Isadora tentando puxar assunto comigo.

— Não. Essa casa é do meu avô. Eu moro com meus pais e minha irmã em outra casa, aqui mesmo no complexo. Eu já tenho minha casa, que também é aqui, só não me mudei ainda.

— Então é nesse complexo que nós vamos morar depois do casamento?

Fui pego desprevenido com aquela pergunta tão direta e, embora não houvesse nada de errado com o questionamento, aquilo soou um absurdo para mim. Na verdade, estava tudo errado, tudo fora do lugar. O problema não era com a pergunta de Isadora, e sim comigo, Meu problema tinha nome…

— Cecília, eu não sabia que você estava aqui, meu anjo — minha avó falou.

Meu coração bateu louco no peito quando ouvi o nome dela e, quando olhei para a porta, o mundo congelou. Lá estava ela, parada, olhando-me nos olhos. Seu sorriso até tentou disfarçar, mas refletido nos seus, eu pude ver toda a sua dor.

Cecília

— Preparada? — Raphaela me perguntou, assim que chegamos à porta da casa de seus avós.

— Nasci preparada, amiga — respondi, aquela que era a maior mentira da minha vida. Eu estava muito nervosa, parecia que ia desmaiar a qualquer momento.

O complexo estava cheio de homens armados, como eu nunca tinha visto. Júlio e Carlos, os soldados responsáveis pelas gêmeas, acompanharam-nos lado a lado, desde que saímos da casa delas.

O clima estava muito estranho e tenso. Normalmente, o complexo era um ambiente calmo e familiar, onde tudo o que existia era amor, inclusive eu ficava admirada com a maneira como eles sempre conseguiam manter o clima assim, no entanto, estava tudo diferente naquele dia

Raphaela e Sophia entraram, e eu entrei logo atrás. A primeira pessoa que vi foi Noah. Ele estava sentado na sala, relaxado, com o tornozelo direito em cima do joelho esquerdo — uma posição que ele sempre ficava. Meu príncipe usava seu habitual terno preto, mas estava sem gravata, o que o deixava ainda mais lindo. Ao lado dele, uma menina que, com certeza, era Isadora. Senti meu estômago revirar ao vê-los conversando.

— Cecília, eu não sabia que você estava aqui, meu anjo — tia Melissa falou, chamando a atenção de todos na sala.

Então, ele me olhou e eu pude perceber seu total espanto ao me ver.

Por alguns segundos, que pareceram uma eternidade, nenhum de nós dois desviou o olhar, mas a tia Mel veio me abraçar e acabei dando atenção a ela. Aproveitei aquele momento para me recompor, vesti novamente a minha máscara de superioridade e sorri para ela.

— Vim de última hora com o meu avô. Na verdade, eu vim para o aniversário da Antonella, mas fiquei muito feliz com a coincidência de poder prestigiar um dia tão feliz para o Noah e sua noiva.

— Ah, sim. Seja bem-vinda! Hoje ainda não é o noivado oficial, mas venha, vamos entrar — ela falou sorrindo e me puxando pela mão em direção à sala, onde fui apresentada ao pai, à mãe e, por último, à noiva de Noah.

— Essa é Isadora — Melissa falou inocente, totalmente alheia à situação. — Isadora, meu bem, essa é Cecília. Ela é da família Velásquez, de Las Vegas.

— É um enorme prazer te conhecer, Isadora — falei, mantendo a pose. — Noah, como vai? — cumprimentei-o sorrindo, mas ele não retribuiu o sorriso.

— Estou bem. — Ele foi sucinto e sequer perguntou como eu estava.

— Cecília, que bom que você veio! — Antonella se aproximou e me deu um abraço apertado, em seguida Julie também me cumprimentou, e elas me levaram para onde estavam as meninas.

A noite foi passando, e eu me mantive em modo automático, interagindo, sorrindo, conversando com todos como se nada estivesse acontecendo, mas em meu coração a dor era quase física. *Você quebrou meu coração, Noah Esposito.*

As poucas vezes em que não resisti e olhei para Noah, ou ele já estava me olhando ou me olhava de imediato. A menina estava sempre por perto, mas parecia não perceber nossa troca de olhares.

Enquanto eu sorria, mesmo que falsamente, durante todo o tempo em que estive na casa do Tio Matheo, o Noah se manteve sério.

Alguns minutos depois, o jantar foi anunciado e fomos todos para a mesa. Isadora foi incentivada pelo pai a sentar ao lado de Noah e, obviamente, ele não se opôs. Eu sentei ao lado de Raphaela, e Vincenzo sentou ao meu lado na mesa gigantesca.

— Por que vocês, mulheres, gostam de sofrer? — Vincenzo sussurrou, discretamente, para que só eu ouvisse.

Quando eu ia respondê-lo, fomos interrompidos pelo pai da garota que, aparentemente, pretendia fazer um discurso.

— Eu quero propor um brinde. Isadora e Noah, levantem-se, por favor — o homem falou.

Achei que, pela cara que fez, Noah ia voar no pescoço dele, mas ele engoliu em seco e se levantou, assim como a menina.

— Um brinde a esse jovem casal, que em pouco tempo unirá definitivamente Cosa Nostra e Outfit.

Todos esticaram suas taças e brindaram ao dois, exceto eu. Nessa hora, eu estava tremendo tanto que não me mexi com medo de que alguém percebesse. Felizmente ninguém pareceu notar; todos começaram a beber suas bebidas.

— E que venham logo os herdeiros — o homem completou.

Raphaela cuspiu o suco de laranja que tinha acabado de colocar na boca e, felizmente, eu não estava bebendo nada, pois provavelmente teria a mesma reação.

— Desculpe, gente, eu engasguei — ela falou com o rosto vermelho e tossindo.

O jantar foi servido e, embora o cheiro estivesse maravilhoso, eu mal consegui comer, assim como Noah.

Na primeira oportunidade que tive, sem que ninguém pudesse desconfiar, pedi licença e saí da mesa. As gêmeas também fizeram menção de se levantar, mas eu fiz sinal para que elas ficassem. Eu precisava ficar sozinha e respirar um pouco.

Fui para a área externa da casa, desejando mesmo ficar sozinha, mas minutos depois, Vincenzo chegou lá também, parou ao meu lado e ficou em silêncio.

— Respondendo à sua pergunta, não, eu não gosto de sofrer. Eu vim sem saber desse jantar. Vim para o aniversário da Antonella, apenas.

— Não pense que está sendo fácil para o Noah também, Cecília. Ele não queria nada disso.

— Está tudo bem, Vincenzo. Nós dois sabíamos que, mais cedo ou mais tarde, isso ia acontecer.

— Pare de dar uma de durona, garota. Eu sei que você está na merda — Vincenzo falou, sério. — O que eu quero dizer é que Noah também não está feliz, independente de tudo isso já estar programado na vida dele.

— Eu não estou dando uma de durona, só estou aceitando a confusão em que eu mesma me enfiei.

— Eu tenho certeza de que se o Noah tivesse opção, era você que estaria sentada ao lado dele hoje.

— Quando o Noah aceitou esse compromisso, ele já sabia que eu era apaixonada por ele. Isso me faz pensar que, talvez, o destino dele seja realmente estar com ela. Ele a escolheu.

— Nós não temos muita escolha quando a paz entre as famílias depende de um casamento, Cecília.

— Eu sei — respondi, cabisbaixa.

Antes de dizer qualquer outra coisa, senti uma presença e, quando olhei para trás, Noah estava lá nos observando.

Capítulo 12

Cecília

— Vincenzo, você pode nos deixar a sós, por favor? — Noah pediu.

Vincenzo ameaçou sair, mas eu segurei seu braço, impedindo-o.

— Não. Eu já estou saindo. Inclusive, é melhor você voltar para a sua noiva, porque se alguém desconfiar de alguma coisa, será um problema dos grandes — falei. — Tudo está acontecendo conforme o previsto, e eu estou bem. Nós dois sabíamos que isso ia acontecer e aproveitamos enquanto podíamos, lembra? Agora é cada um para o seu lado, foi o combinado.

Saí rápido de perto dele, sem olhar para trás, antes que eu não resistisse ao impulso forte de me jogar em seus braços e sentir seu cheiro que me trazia tanta paz.

— Cecília! — ele me chamou, mas eu o ignorei e continuei andando, mantendo meu orgulho intacto, mesmo com o coração em pedaços.

Quando cheguei à sala, avisei a Raphaela e Sophia que estava voltando para a casa delas. Elas se ofereceram para ir comigo, mas eu pedi que ficassem, pois além de os convidados ainda não terem ido embora, eu precisava ficar sozinha.

— Vou pedir ao Júlio para te acompanhar até lá, pois tem muitos homens estranhos da Outfit aqui hoje — Sophia falou, e eu concordei.

Elas me acompanharam até a porta, falaram com o segurança, e eu saí dali o mais rápido que pude.

Noah

Eu passei toda a noite agoniado. Pior do que aturar aquela merda de jantar, foi ver Cecília, ali, sofrendo com toda a situação.

Precisei ser muito forte ou, talvez, muito covarde para não deixar a saudade falar mais alto do que a sensatez quando a vi chegar. Minha vontade era mandar tudo pra casa do caralho, pegar a Cecília e sumir dali, só nós dois. Naquele momento, eu queria que ela entendesse que era ela — apenas ela — que eu queria. Deixando de lado as expectativas, o que eu precisei, de fato, foi mais uma vez pensar com a razão e me manter afastado.

Quando ela saiu da mesa, percebi que Vincenzo levantou logo atrás e já fiquei alerta. O jantar tinha sido encerrado, e todos estavam saindo da mesa, então aquela era a minha oportunidade de falar com ela.

Pedi licença à Isadora, que estava ao meu lado, e me retirei. Quando cheguei à área externa, Cecília estava conversando com Vincenzo. Porra, ela nunca esteve tão linda como naquela noite.

Como se sentisse minha presença, ela olhou para trás e foi a deixa para que eu me aproximasse deles. Pedi a Vincenzo para nos dar licença e fiquei surpreso quando ela disse que não precisava, pois já estava de saída. Ela me disse que estava tudo bem, e eu sabia que era mentira, mas mesmo assim fiquei puto por ela me rejeitar daquela maneira.

— Cecília! — chamei-a e fui totalmente ignorado.

Eu estava pronto para ir atrás dela quando Vincenzo chamou a minha atenção, segurando de leve o meu braço.

— Dá um tempo para ela, cara.

— Ela está sofrendo, Vicenzo. Não posso deixá-la assim — respondi nervoso.

— Sim, ela está. Mas você não vai conseguir ajudá-la agora. Cecília está magoada, então só dá um tempo para ela. Além do mais, você não pode ir atrás de outra mulher com sua noiva

esperando lá na sala. O complexo está cheio de soldados da Outfit, esse não é o momento para você se rebelar e tacar o foda-se para tudo.

— Você está certo. — Eu admiti.

— Vamos voltar para dentro. Amanhã vocês conversam.

A última pessoa que imaginava que eu fosse dar ouvidos, naquele momento, era ao Vincenzo, mas ele tinha razão. Assenti e, mesmo contra minha vontade, voltei para a sala.



Quando, finalmente, Severo e a família foram embora, eu só tinha um pensamento consumindo minha mente: falar com a Cecília.

Todos já tinham ido embora, inclusive meus pais, mas eu fiquei um pouco mais, conversando com meu avô. Pouco mais de uma hora depois, saí da casa do vô Matheo, mas em vez de ir para casa, fui até a casa do meu Tio Raphael.

Ainda do lado de fora, tentei ligar para Cecília, mas ela não me atendeu. Liguei para a Sophia que também não atendeu e, por último, arrisquei o número da Raphaela. Eu estava decidido de que, se ela não me atendesse, eu entraria pela porra daquela porta e falaria com a Cecília de qualquer maneira. mas no terceiro toque, finalmente fui atendido.

— Onde ela está, Raphaela? Eu quero falar com a Cecília.

— *Oi, Noah. Eu vou bem, e você?*

— Rapha, eu estou com a cabeça quente, não tenho clima pra brincadeira. Deixe-me falar com ela, por favor.

— *Ela não quer falar com você, Noah. Ela não te atendeu porque não quis e também pediu para a gente não te atender, mas eu não tive coragem de te ignorar.*

Eu só não ri porque o clima, realmente, estava pesado dentro da minha cabeça. Raphaela sempre foi um doce, incapaz de ignorar alguém.

— Rapha, se a Cecília não vier aqui, na área externa da sua casa, para falar comigo, eu vou entrar pela porta da frente e foda-se o que meu tio vai pensar — falei muito sério. Não era uma ameaça vazia.

Alguns segundos depois, eu ouvi a voz brava dela do outro lado da linha.

— *O que você quer, Noah? Vá embora!*

— Eu não vou. Desce, Cecília. Nós precisamos conversar.

— *Eu não tenho nada para falar com você.*

— Cecília, você desce ou eu subo?

Por alguns segundos ficou um silêncio na linha, achei até que ela tinha desligado, mas então escutei uma forte respiração e, em seguida, sua voz ecoou novamente pelo telefone.

— *Eu vou descer* — ela falou e terminou a ligação de maneira abrupta.

Minutos depois, Cecília apareceu na porta da casa e se aproximou de onde eu estava.

— Que porra de *baby-doll* é esse? Meu tio está em casa.

— E daí? Seu tio tem duas filhas praticamente da minha idade. Ele trata nós três como crianças, tenho certeza de que jamais me olharia de forma maliciosa.

— Mesmo assim, Cecília. Além disso, não é só ele, está cheio de soldados por aí. Eu não quero ninguém olhando para você, principalmente vestida dessa forma.

— É sério isso, Noah? Foi pra falar disso que você me chamou aqui? — Cecília indagou. — E você não tem que querer nada. Vai tomar conta da roupa da Isadora.

— Para com essa porra! Eu não tenho nada com a Isadora.

— Mas vai ter. Uma hora vocês irão se casar e, quando isso acontecer, você se preocupa com a roupa dela, tá? Eu vou entrar, vê se me deixa em paz — ela falou brava e já ia me dando as costas, mas eu a segurei.

— Cecília, não faz assim — eu disse, tranquilizando um pouco meu comportamento. — Eu não queria que nada disso estivesse acontecendo. Foi meu pai quem insistiu para a realização daquele jantar, a pedido do Severo. Eu estou com tanta saudade de você...

— E por que você não me contou, Noah? — ela questionou.

— Eu tentei, mas inicialmente você não quis ouvir e, depois, eu não quis estragar os nossos momentos juntos com uma notícia dessas — respondi com sinceridade. — Eu tive uma semana

horrível, pensando em você o tempo todo, sentindo saudades e, também, pensando nessa merda de jantar.

Aproximei-me dela, puxei seu corpo para perto do meu. Cecília ainda estava com uma cara de brava, mas não se esquivou dos meus braços. *Eu quero muito beijá-la, porque seu gosto é como um vício em drogas*.

Abracei-a e, em seguida, beijei-a. Porra, como eu sobrevivi a semana sem sentir aquele gosto? De repente e para a minha desgraça, a porta da casa se abriu e uma luz foi acesa. Cecília se assustou e interrompeu o nosso beijo.

— Ah, porra! Vocês estão de brincadeira comigo? — Tio Raphael falou sério. — Por que todo mundo escolhe a minha casa para ter um romance proibido? Porra, isso só pode ser *karma*.

— Tio, não é como você está pensando — defendi-me.

— Eu não estou pensando nada, Noah. Estou vendo — ele disse. — O seu pai vai te matar e o pai dela também. O que está acontecendo com você? Se fosse o Ethan fazendo uma merda dessa, eu não diria nada, porque está no sangue dele o talento para fazer besteiras, mas você? Você sempre foi responsável e centrado como seu pai.

Eu sabia que a preocupação de meu tio era porque Cecília estava sob sua responsabilidade, mas eu estava pouco me importando com isso. Naquele momento, a única coisa que me importava era que a chegada dele tinha afastado Cecília de mim.

— Você não pode vir aqui, uma hora dessas, e beijar a menina debaixo do meu nariz — meu tio falou.

— Tio, eu posso…

— Dá um tempo, Noah. Eu preciso de um tempo, preciso pensar com calma. Por favor, respeite isso. — Cecília me interrompeu, sem se importar que o meu tio estivesse escutando.

Ela me deu as costas, entrando em casa e me deixando ali, sozinho com o meu tio.

— O que você está fazendo, Noah? Você conheceu sua noiva há pouco e, minutos depois, eu chego aqui e te vejo beijando a Cecília.

Eu não tinha uma resposta para ele, então apenas o olhei, cansado daquela merda toda.

— Porra, você está apaixonado, não é?! — meu tio perguntou, mas já sabia a resposta. — Isso vai dar uma merda do caralho. Não adianta negar, eu te conheço desde o saco do seu pai, garoto.

— Eu deveria ter colocado um ponto final nisso, antes que ela dominasse tudo dentro de mim, mas não consegui. Agora, eu não sei o que fazer com tudo o que sinto por ela indo contra tudo o que eu sei que é o certo a se fazer.

— E eu sou a pior pessoa para te dar conselhos. Eu nunca segui as tradições, então…

— Está tudo bem, tio. Essa é uma situação que eu tenho que resolver sozinho.

— Vá para casa, cara. Amanhã vocês conversam — Tio Raphael me aconselhou.

Sem ter mais o que fazer ali, segui seu conselho e fui para casa tentar dormir.



Na manhã seguinte, eu estava à porta do meu tio, tocando sua campainha; ele mesmo me atendeu.

— Bom dia, tio. Eu preciso falar com a Cecília.

— Bom dia, Noah. Entra — ele respondeu, meio contrariado.

Quando entrei, todos estavam à mesa, tomando café da manhã.

— Bom dia, Noah. Sente aqui com a gente para tomar café — tia Maria Eduarda me ofereceu simpática, mas eu recusei.

Eu tinha ido até ali com um único objetivo e, pelo olhar de todos à mesa, eles já sabiam. Todos me olhavam, menos ela.

— Cecília, posso falar com você?

Capítulo 13

Cecília

Quando a campainha tocou, meu coração já disparou feito um louco. Eu torci para que fosse só um infarto, mas no fundo sabia que estava enganada. Era ele que estava atrás da porta, fazendo meu coração disparar. Era Noah, o causador da minha insônia.

— Cecília, posso falar com você? — ele perguntou, instantes depois de recusar o convite da tia Duda para tomar café com a gente.

Eu pensei em negar, porque ainda não me sentia pronta, mas seria imaturidade da minha parte. Noah odiava exposição, no entanto estava ali, sem se importar com a pequena plateia à nossa volta, pedindo uma chance para falar comigo.

— Tudo bem — respondi e me levantei, seguindo para o mesmo lugar onde nos encontramos naquela madrugada.

— Eu sei que eu deveria ter te contado sobre o jantar de ontem, mas o único motivo que me impediu foi não querer que você sofresse. — Noah foi o primeiro a falar. — Eu não queria que você ficasse lá, em Las Vegas, imaginando como seria essa noite, dando uma importância maior do que ela realmente tinha. Aquilo tudo não significou nada para mim. Esse jantar só aconteceu por insistência do pai dela.

— Pois para mim significou muito! Foi bom que isso tenha acontecido — falei. — Em um primeiro momento, eu fiquei muito brava com você por não ter me contado. Senti-me traída, humilhada, fiquei insegura, com medo, com raiva e muito magoada, mas depois, parando para pensar, me dei conta de que o fato de você não ter dito já nem importava mais, diante de tudo o que aquilo significava.

Deixei claro para o Noah que ele não teve culpa de nada, afinal tudo aquilo já estava previsto.

— Eu não posso te cobrar nada, pois fui eu quem quis me jogar nos braços de um cara comprometido. Eu vim para o aniversário da Antonella com a intenção de te fazer uma surpresa, no entanto a surpresa foi minha. Enfim, nessa vida a gente nunca perde… ou a gente ganha ou aprende — eu disse, consciente de cada palavra. — Eu estava precisando de um choque de realidade como este para entender que não adianta viver o presente e te amar cada vez mais, se no futuro vou sofrer ao ter que me forçar a te esquecer. Eu preciso me conformar que você já tem uma noiva, e não sou eu.

— Não fala assim, ainda não é nada oficial.

— Ainda não é, Noah, mas será. Eu sei que, em nosso mundo, a palavra de um homem, principalmente ele sendo o próximo Don, vale mais que qualquer contrato por escrito. Você deu sua palavra ao seu pai e ao dela, agora não terá como fugir disso. É só uma questão de tempo, então para quê adiar o inevitável? Mais cedo ou mais tarde, aquela garota se tornará, oficialmente, sua noiva, e eu vou ser apenas uma lembrança.

— Você sabe que nunca será só uma lembrança — ele disse.

— Bom, só quero que você fique tranquilo, porque eu não vou te pedir para escolher entre mim e a paz da sua família — falei, desviando o olhar do seu, logo em seguida. — Nós tivemos momentos maravilhosos e inesquecíveis, mas acabou. Como eu disse lá na ilha, nós iríamos aproveitar o momento e, depois, cada um seguiria sua vida. O plano está se cumprindo.

Eu estava morrendo de dor e com o coração dilacerado, mas precisei manter a pose. Toda a minha convicção de que éramos um do outro e de que nosso destino era ficar juntos tinha ido por água abaixo, então eu só queria que aquela dor fosse embora e, aceitar o fim, era o primeiro passo.

— O que nós tivemos lá na Ilha não foram só momentos e você sabe disso — ele falou, buscando meu olhar novamente.

— Eu só estou protegendo o meu coração de encarar futuras decepções como a de ontem, Noah — falei, tomando coragem para encará-lo de volta. — Não quero mais sentir o que eu senti ontem

quando o vi com ela. Você sabia que eu era apaixonada por você e, mesmo assim, a escolheu.

— Eu não escolhi a Isadora, escolhi a paz com a Outfit e, mesmo assim, eu me arrependo disso todo maldito dia.

— Agora já está feito. Eu vou voltar para Las Vegas, e você vai continuar com a sua vida e seus compromissos com a máfia.

— Cecília, eu só preciso de um tempo e que você tenha um pouquinho de paciência. Vou conversar com o meu pai.

— Resolva seus problemas primeiro e me procure depois, eu não vou ser seu estepe. Eu sei exatamente o que mereço e não vou aceitar menos que isso. Eu prefiro me conformar de que acabou do que ficar esperando, todos os dias, que você resolva sua situação. Agora, por favor, vá embora — falei sem conseguir olhá-lo.

Dei as costas para entrar, mas Noah segurou meu braço, puxou-me para ele e olhou nos meus olhos. Eu percebi que ele ia me beijar e, sem forças para resistir, deixei.

A minha boca já tinha se acostumado à dele, nosso beijo possuía uma sincronia perfeita e eu não era capaz de pensar em mais nada enquanto ele me beijava.

Quando o beijo se encerrou, ele encostou sua testa na minha, e eu não consegui impedir que uma lágrima escorresse pelo meu rosto. Ele a secou com o dedo e, olhando em meus olhos, fez uma promessa.

— Eu vou resolver toda essa situação, e você será a minha rainha absoluta. Eu vou te levar pro altar, te dar meu sobrenome e não existirá mais ninguém entre nós.

Eu queria acreditar naquelas palavras com toda a força do meu coração, mas àquela altura eu já não tinha tanta certeza.

Eu quase desisti do aniversário da Antonella e voltei para Las Vegas, mas convencida por minhas amigas, resolvi ficar. Noah não me procurou mais durante aquele dia, e eu sabia que seria assim, pois ele não era homem de implorar.

Quando chegou a hora, eu me arrumei ainda mais que na noite anterior e fui para a festa de Antonella. Seria ali mesmo no

complexo e só estaria a família. Dessa vez, as gêmeas foram na frente, e eu fui a última a chegar. Assim que entrei na área reservada para a festa, fui cumprimentar a aniversariante. Ela parecia uma princesa de tão linda e estava ao lado dos pais. Tia Camila e Tio Lorenzo eram incrivelmente jovens, de tal forma que juntos pareciam três irmãos.

Depois de dar os parabéns a Antonella, cumprimentei seus pais e olhei em volta para decidir onde iria me sentar. Meu avô estava lá, com Tio Matheo e os outros mais velhos.

Olhei para as mesas e vi que Vincenzo estava sentado com Noah, Chase, Ethan e os quatro irmãos da Antonella; na mesa ao lado, estavam as meninas. Fui até elas e me sentei na cadeira ao lado de Julie.

— Boa noite, meninas — cumprimentei todas, e elas me responderam animadas.

— Finalmente! Achei que você ia chegar na hora de cantar parabéns — Raphaela reclamou.

— Mas a espera valeu a pena. Você está linda, Ceci — Julie me elogiou carinhosa, como sempre era.

Quando eu a encarei para agradecer, não pude deixar de sentir um frio na barriga. Noah e Julie tinham os mesmos olhos, então era como se eu estivesse conectada ao olhar dele. Meu coração disparou, automaticamente.

— Obrigada, Julie. Você também está muito linda. Aliás, você é linda.

Logo em seguida, as meninas começaram a conversar sobre assuntos banais, e eu fiz de tudo para me distrair e entrar na conversa.

— Já chega de ficarmos sentadas iguais a estátuas. Vamos dançar! — Sophia falou animada, e nós nos levantamos.

Eu amava dançar, então seria uma boa distração. Quando chegamos à pista de dança, eu me animei, pois estavam tocando os tipos de músicas que eu gostava. Sem pensar em mais nada, dancei e me entreguei ao momento.

Estava tudo indo bem. Eu estava me distraindo muito, até que começou a tocar The Scientist do Coldplay e eu me perdi.

Procurei por Noah, e ele me olhava com intensidade, sem piscar. De repente, senti-me sufocada, tonta e comecei a suar frio.

"Ninguém disse que seria fácil
É uma pena nos separarmos
Ninguém disse que seria fácil
Mas também ninguém nunca disse que seria tão difícil..."

Eu precisava sair dali antes que começasse a chorar em público. Olhei para os lados e as pessoas estavam distraídas, dançando e conversando. Ninguém parecia me ver, exceto ele. Então, para não chamar atenção, saí devagar da pista de dança. Naquele momento, eu só queria me teletransportar para qualquer lugar longe dali.

Fui em direção à área externa da casa do Tio Raphael e, quando me sentei para respirar, em um banco de madeira que ficava no jardim, a primeira lágrima escorreu dos meus olhos e eu não pude mais controlar o choro. Meu coração parecia esmagado, e eu sentia uma pressão tão grande no peito que tinha a sensação de que eu ia morrer.

Não tentei controlar as lágrimas e, quando percebi, estava soluçando, totalmente destruída, emocionalmente devastada. Eu não tinha coragem de admitir nem para mim mesma que estava me sentindo assim, mas o pior de tudo, o que mais me matava por dentro não era o fato de o casamento estar a cada dia mais perto, de ele não ter me contado sobre o jantar ou de ele não estar lutando por nós dois. O que mais doía no meu coração e na minha alma era não ter o Noah comigo, não poder abraçá-lo e sentir que o mundo tinha voltado ao normal.

Quanto mais eu pensava nessa triste realidade, mais meus soluços aumentavam.

Eu estava com a cabeça baixa, chorando alto, quando senti alguém me abraçar forte. Eu sabia que era ele. Seu cheiro entrou em meu nariz e, automaticamente, eu me acalmei, mas não o suficiente para aquela dor ir embora. Deixei todo o meu orgulho de lado, segurei-me nele como se minha vida dependesse daquilo e me

permiti chorar em seu peito, como uma menina machucada nos braços de quem lhe trazia segurança.

Eu chorei, chorei e chorei… e ele me segurou firme até que eu não tivesse mais nenhuma lágrima para derramar.

Capítulo 14

Noah

Deparar-me com Cecília arrasada daquela maneira e saber que a culpa de seu estado era minha, deixou-me destruído.

Quando ela me fez a proposta de apenas aproveitarmos aqueles dias na ilha, eu sabia que não seria tão simples, porém eu cedi porque a queria tanto que não pude resistir. A última coisa que eu queria causar nela era dor.

Deixei que Cecília chorasse até se acalmar e, então, levantei seu rosto para que olhasse para mim.

— Eu preciso que você me perdoe — pedi honestamente.

— Você não tem culpa por eu te amar, Noah. Não tenho porquê te perdoar. — ela falou fungando.

— Mas tenho culpa por ter sido negligente com os seus sentimentos, por não tê-la levado a sério, anos atrás, quando você disse que me amava e também por ter deixado as coisas chegarem a esse ponto. Eu não quero que você chore mais, porque nada no mundo merece as suas lágrimas. Eu prometo que vou consertar tudo.

— Não faça promessas que não pode cumprir, Noah. Eu não quero acreditar. Olha pra mim — ela falou com a voz alterada, apontando para o rosto inchado de tanto chorar. — Eu não quero mais sofrer.

— Você acha que eu não estou ferido por te ferir? Acha que não me importo de te ver assim e saber que sou o causador disso tudo. E mais do que tudo, você acha mesmo que está sendo fácil para mim ficar sem você? — falei encarando-a. — Eu confesso que não sei como resolver essa situação, mas sei que não quero me

casar com outra pessoa, porque a ideia de viver a vida longe de você me parece insuportável. Cecília, você pode até duvidar de que resolverei tudo isso, mas, por favor, não duvide que estou apaixonado. Eu te amo tanto que estou ficando assustado.

Ela estava de cabeça baixa, fungando, mas quando ouviu minha confissão, levantou a cabeça na mesma hora e olhou para mim.

— O que você disse? — Cecília perguntou.

— Eu disse que amo você — repeti, e ela me abraçou forte e chorou novamente.

— Não chore, por favor. Assim você acaba comigo — pedi. — Venha, vamos sair daqui.

Peguei-a pela mão e comecei a levá-la comigo. Entramos pela área de serviço da casa do meu tio e fomos em direção ao quarto de hóspedes. Como o complexo ficava cheio de soldados, ele não costumava trancar essa entrada.

— Você não pode ficar aqui comigo. Alguém pode te ver — ela me alertou, assustada quando me viu tirando os sapatos e sentando na cama.

— Eu não estou me importando com mais nada. Ninguém vai me impedir de ficar aqui com você — falei, deitei-me na cama e a chamei.

Cecília hesitou por um momento, mas a forma como me olhou deixou bem claro que ela também não estava disposta a deixar que outras pessoas nos afastassem.

— Eu vou tomar um banho, tirar essa maquiagem que, provavelmente, já está toda borrada e colocar uma roupa mais confortável. Você vai me esperar aqui? — ela perguntou insegura.

— Vou estar exatamente aqui quando você voltar — respondi.

Ela assentiu e foi para o banheiro do quarto. Nesse tempo, aproveitei para mandar uma mensagem para Raphaela, explicando por alto o que tinha acontecido e pedindo para ela inventar uma desculpa para o Demétrio, caso ele procurasse por Cecília.

Cecília voltou um tempo depois, já com um rosto limpo e vestindo um *baby-doll* que atentou o meu juízo.

— Você não está preocupado que o Tio Raphael te veja aqui?

— Não, eu vou ficar até você dormir. Agora vem, deita aqui — falei, dando espaço na cama para ela

Cecília se deitou ao meu lado, depois colocou a cabeça no meu peito e o braço em cima da minha barriga. Percebi que ela ainda estava um pouco tímida, que ainda erguia uma barreira entre nós.

— Amanhã, eu vou conversar com o meu pai. Vou contar a ele que não posso me casar com a Isadora, porque estou apaixonado por outra mulher.

— Você vai fazer isso? — ela me perguntou com os olhos brilhantes.

— Vou, Cecília. Eu não posso mais fazer isso com nós dois. Eu não quero que você sofra mais e também não quero sofrer mais, longe de você.

Eu quase não consegui terminar o que estava dizendo, porque ela se jogou em cima de mim e me beijou. Eu deveria pará-la e esperar que as coisas se organizassem primeiro, mas eu estava com tanta saudade que não resisti e retribuí o beijo.

Ficamos completamente perdidos um no outro, entre beijos e carícias, até que eu ouvi um barulho na casa.

— Acho que meu tio chegou — falei, atento à movimentação.

— Eu também acho. É melhor você ir, pois ele não vai gostar de pegar você aqui comigo. Agora eu não estou mais sozinha, pode ir. Eu vou ficar bem. Amanhã você me conta como foi a conversa com seu pai — ela disse.

— Tudo bem. Não se preocupe com nada, amanhã nos falaremos com mais calma.

Dei mais um beijo em Cecília e me levantei, sem vontade nenhuma de deixá-la. Quando saí do quarto e desci as escadas, dei de cara com meu tio, que me olhou chocado. Antes que ele dissesse qualquer coisa, eu me adiantei a formular uma defesa.

— Não me olhe assim. Eu vou conversar com meu pai para resolver essa situação.

— Noah, você transou com a menina na minha casa?

— Claro que não, tio, relaxa.

— Melhor assim. Thomaz confiou em mim, sinto-me responsável pela Cecília.

— Eu vou casar com ela, tio. Isso é o mínimo que ela merece de mim.

— Como diria o Tio Enzo: perdemos mais um soldado — ele falou sério, e eu ri.

Desci as escadas e fui para a minha casa, tentar dormir e organizar as ideias para o momento de falar com meu pai. Minha vida estava de pernas para o ar, mas ter a Cecília nela tornava tudo mais fácil e, com certeza, faria a guerra valer a pena.



Apesar de ter ido dormir tarde, acordei cedo, pois estava ansioso para resolver essa situação com o meu pai. Quando cheguei à sala, encontrei minha mãe sozinha, arrumando a mesa do café da manhã; Julie provavelmente ainda estava dormindo, e meu pai também não estava ali.

— Bom dia, meu amor — minha mãe me cumprimentou com seu típico sorriso doce.

— Bom dia, mãe. Onde está o meu pai? — perguntei, enquanto beijava sua cabeça.

— Tem coisas que não mudam mesmo. Desde pequeno você só vive atrás do seu pai, sempre foi mais agarrado a ele do que a mim — ela falou magoada, e eu ri, abraçando-a.

Minha mãe sempre fazia esse drama. Ela cismou que eu gostava mais do meu pai do que dela, porque foi ele quem cuidou de mim nos meus primeiros dias de vida por causa do acidente que sofremos quando eu ainda estava na sua barriga. Para mim, a questão é que meu pai e eu temos mais assuntos em comum e mais afinidade, mas eu os amo igualmente.

— Pare de ser boba, dona Amanda. Não é nada disso. É que eu tenho um assunto para tratar com ele, só isso — falei, abraçando-a ainda mais forte.

— Ele está no escritório — ela falou dengosa, enquanto me abraçava de volta.

Minha mãe era tão pequena que me fez lembrar da Cecília. Ambas sumiam dentro dos meus braços.

— Eu vou lá falar com ele — eu disse.

Quando cheguei ao escritório do meu pai, dei uma leve batida na porta e coloquei a cabeça para dentro, chamando-o. Ele me olhou, fazendo sinal com a mão para que eu entrasse.

— É claro que é necessário, Severo. Já está resolvido. Ele vai — meu pai falou ao telefone, e depois de alguns segundos desligou o celular. Pela expressão em seu rosto, eu já sabia que algo de ruim tinha acontecido.

— O que houve? — perguntei

— Sua noiva sofreu um acidente de carro e tudo indica que foi um atentado. Ontem, vazou na imprensa de Chicago uma nota sobre o jantar para oficializar o noivado de vocês. Horas depois, houve esse acidente. É difícil acreditar que seja tudo uma coincidência, Noah.

— Quem vazou a porra da notícia? E como Isadora está? — perguntei nervoso e irritado ao mesmo tempo. Eu ficaria muito chateado de saber que machucaram a menina por minha culpa.

— Parece que o estado dela é delicado, mas não corre risco de morte. Ela se machucou bastante, porém o primo que a estava acompanhando está pior. Ainda não sabemos quem vazou a notícia, mas é sua obrigação ir para Chicago e descobrir tudo o que aconteceu com a sua noiva.

— O quê? Agora?

— Sim. Provavelmente alguém tentou matar sua noiva, então o mais correto agora é você se unir ao Severo para descobrir o responsável por isso. É nossa obrigação moral, Noah. Muito provavelmente esse atentado está ligado ao compromisso que firmamos entre as famílias.

— Pai, a Isadora ainda não é minha noiva, e eu não posso viajar agora. Nós podemos mandar alguém para lá…

— Por que não pode viajar? — meu pai interrompeu-me, desconfiado.

— Eu vim aqui justamente para conversar com você — falei, maquinando em fração de segundos como eu poderia conversar sobre a minha situação. — Pai, eu sinto muito pelo que aconteceu com a Isadora e espero que ela melhore o quanto antes. Ela é uma

boa garota e eu também quero saber o que aconteceu, de fato, com ela. Se não foi um acidente e, principalmente, se quem a machucou fez isso por minha causa, vou descobrir e me vingar, mas eu não vou me casar com ela.

— O quê? — meu pai perguntou chocado.

Capítulo 15

Noah

— Que porra é essa? Você só pode estar brincando comigo! — meu pai falou sério.

— Eu nunca falei tão sério, pai — respondi decidido.

— Noah, eu não te obriguei a casar, pelo contrário, te dei a opção de não aceitar aquele compromisso. Eu te apresentei os fatos, expliquei as vantagens do casamento e te dei liberdade para decidir, mas avisei que nós não voltaríamos atrás com a nossa palavra — meu pai falou completamente alterado. Ele nunca tinha falado comigo dessa maneira.

— Eu sei, pai. O senhor está coberto de razão, mas naquela época eu achei que não tinha motivos para rejeitar o casamento. Hoje, eu tenho.

— E que motivo é esse?

— Eu estou apaixonado por outra mulher — falei sem rodeios.

Um silêncio absoluto tomou conta do escritório. Meu pai não desviou o olhar do meu, mas naquele momento era o *Don* que me encarava, e ele não deixava transparecer nada. Eu não sabia o que ele estava pensando.

— Por quem? — ele perguntou, ainda controlando suas emoções.

Eu sabia que era necessário, mas odiava quando meu pai agia como *Don* quando estávamos apenas ele e eu, pois eu não sabia o que esperar.

— Pela Cecília — respondi sinceramente, mais uma vez.

— Cecília, a filha do Thomaz?

— Sim, ela mesmo — respondi atento à sua reação.

— Eu não estou acreditando nessa porra, Noah. A Cecília é praticamente da família. Onde você estava com a cabeça?

— Não sei como aconteceu, pai. Foi de repente e, ao mesmo tempo, gradativamente. Eu não me dei conta até que já estava totalmente envolvido.

— Eu não vou te apoiar nisso. Nós demos a nossa palavra ao Severo, e a palavra de um *Don* é única — meu pai foi enfático em sua decisão. — Você tem ideia do quanto eu estou decepcionado com você?

— Sinto muito por te decepcionar, pai — falei, mantendo minha cabeça erguida. — Não me leve a mal, mas entre magoá-lo ou magoar a Cecília, eu prefiro poupá-la. O senhor é experiente, vivido e sabe se cuidar, vai superar. O senhor, mais do que eu, deve saber que a gente não escolhe quem vai amar. Eu não tive escolha, as coisas simplesmente aconteceram, sem que eu pudesse controlar.

— Nada justifica tudo o que você está colocando em risco, Noah.

— A Cecília justifica o risco, pai. Eu não posso quebrar um coração que me ama, principalmente porque esse coração é da mulher que eu também amo.

— Mulher? Por acaso, você transou com ela?

— Não, porque ela merece muito mais do que isso. Foi só uma maneira de falar — esclareci. — Mas ela realmente é uma mulher e a mais decidida e forte que eu conheço.

Meu pai ficou calado por alguns minutos, claramente pensando no que deveria me dizer a seguir. Apesar de seu semblante não demonstrar seus sentimentos, porque naquele momento ele precisava agir como meu *Don*, eu sabia que o tinha machucado.

— Você vai a Chicago para descobrir quem atentou contra a vida da Isadora e, na volta, nós conversaremos novamente. Eu não quero ter essa conversa com você agora, de cabeça quente.

— Pai, você pode mandar outra pessoa para…

— Não, Noah. Você vai! E isso é uma ordem — ele me interrompeu. Meu pai estava no limite, eu o conhecia bem. — É sua obrigação moral resolver isso. Independente de você não querer mais casar com a menina, você vai a Chicago, vai descobrir a porra

dos responsáveis pelo acidente dela e, por enquanto, não tocará nesse assunto com Severo. Ele não queria que você fosse, mas eu insisti, porque acredito que é o correto a se fazer.

— Não queria? — perguntei achando aquilo muito estranho, mas meu pai me ignorou.

— Não diga nada a ele sobre a sua decisão repentina, porque a partir do momento que você disser, estaremos em guerra.

— Tudo bem, eu vou, mas não mudarei de ideia em relação ao casamento. Eu amo a Cecília e é com ela que eu vou me casar — falei determinado. — Mande preparar o jato para mim o quanto antes, por favor.

Saí do escritório, antes mesmo de ouvir uma resposta. Eu não queria sair da Itália naquele momento, não queria deixar a Cecília sozinha, depois de tudo o que conversamos, mas essa não era uma questão pessoal, e sim da máfia então eu tinha que resolver.

Eu sempre admirei o meu pai. Inclusive, lembrava-me de quando eu era criança e até o imitava. Pensando nisso, acabei lembrando do meu avô Matheo, porque ele sempre dizia que o exemplo era a melhor forma de ensinar. Meu pai sempre foi o melhor exemplo para mim, tanto dentro da nossa casa como dentro da máfia. Eu sempre o obedeci, sem questionar, mas naquele dia, pela primeira vez, eu quis dizer não a ele.

Eu teria dito, se meus instintos não estivessem me alertando de que algo estava muito errado nessa história do atentado à Isadora. A partir do momento em que ouvi meu pai dizer que Severo não queria que eu fosse investigar o caso, fiquei desconfiado.

O homem praticamente empurrou a filha dele no meu colo quando estava aqui em casa, então por que agora não queria que eu fosse para Chicago? Aquilo soava, no mínimo, estranho. Se não tivesse algo errado nessa história, ele ficaria mais do que satisfeito que eu fosse.

Como uma das coisas que aprendi, durante o meu treinamento, foi nunca ignorar os meus instintos, eu aceitei ir para Chicago para descobrir, na verdade, o que o Severo não queria que eu soubesse.

Quando saí do escritório do meu pai, minha mãe e Julie já estavam à mesa.

— Bom dia, Julie.

— Bom dia, irmão.

Passei pela mesa, dei um beijo na cabeça da minha irmã e, quando estava saindo para ir à área externa, minha mãe me chamou.

— Noah, onde você vai? Você nem tomou café da manhã.

— Agora não posso, mãe. Preciso fazer uma ligação.

— Filho, não é bom começar a resolver os problemas do dia com o estômago vazio.

— Eu preciso fazer essa ligação agora, mas eu já volto.

— Deixe-o, Amanda — meu pai falou sério, olhando para minha mãe.

Ela o olhou de volta, pronta para rebater, mas antes de aquela conversa render, eu me retirei. Assim que cheguei à área externa, peguei meu celular e liguei para Cecília.

— *Bom dia, príncipe* — ela atendeu com a voz rouca, provavelmente por causa do sono.

Quando eu a ouvi, chamando-me novamente de forma tão carinhosa, foi como levar um soco no estômago. Eu tinha reconquistado seu carinho e confiança, mas era possível que fosse perdê-la outra vez.

— Bom dia, princesa.

— *Aconteceu alguma coisa?* — ela perguntou alarmada, percebendo meu tom de voz.

Era incrível como Cecília me conhecia tão bem. Mesmo eu tentando não transmitir nenhuma emoção, ela soube que tinha algo errado apenas com meu bom-dia.

— A Isadora sofreu um acidente em Chicago, depois que a imprensa vazou a notícia de que o jantar aqui na Itália foi para o nosso noivado, e estamos quase certos de que, na verdade, foi um atentado, então eu preciso ir até lá para investigar — falei tudo de

uma vez, e a linha ficou em um silêncio absoluto. — Cecília, você está aí?

— *Por que tem que ser você?* — ela perguntou, com a voz totalmente diferente da anterior.

— Meu pai quer que eu vá, amor.

— *Você não conversou com ele?*

— Conversei, mas independente disso, ele acha que eu devo ir.

— *Tudo bem, Noah. Faça o que tem que ser feito. Eu vou voltar para Las Vegas.*

— Cecília, não fica assim. Nada mudou, confie em mim. Tudo o que eu te disse ontem está valendo. Eu vou para Chicago bem rápido e, quando eu voltar, vou atrás de você em qualquer lugar.

— *Tá bem, então na volta conversamos. Se cuide* — ela se despediu, totalmente desanimada.

— Cecília — chamei rápido, antes que ela desligasse.

— *Oi, Noah.*

— Eu amo você.

— *Também amo você, mas não achei que seria tão difícil… Eu vou desligar agora.*

Percebi, pela voz embargada, que Cecília ia chorar e me senti mal por estar magoando, mais uma vez, a mulher que eu amo, mas não tive tempo de dizer mais nada, porque ela desligou o telefone.

Respirei fundo, pois não queria deixar transparecer meus sentimentos, em seguida entrei em casa, encontrando meus pais e Julie ainda sentados à mesa.

— O senhor já pediu para preparem o jato? — perguntei ao meu pai.

Antes que ele pudesse responder, minha mãe se manifestou.

— O quê? Para onde você está mandando meu filho, Pietro Esposito? Vocês estão muito estranhos, e eu não estou gostando disso — minha mãe falou diretamente com o meu pai.

— Acalme-se, Amanda. A noiva do Noah sofreu um acidente, e ele vai para Chicago saber como está a situação — meu pai respondeu a minha mãe e, em seguida, dirigiu-se a mim. — Eu já mandei preparar o jato, Noah. Tome café e arrume suas coisas.

— Eu estou sem fome, vou adiantar os preparativos — falei.

Virei as costas para sair da sala de jantar, mas não antes de ouvir minha mãe questionar o meu pai.

— O que está acontecendo, Pietro? Noah está estranho, ele não pode sair sem comer. O que você fez com meu filho? Eu te falei que ele não estava feliz com esse casamento. Eu te avisei. Uma mãe sempre sabe. Agora o menino não quer nem comer…

Eu teria rido, se não estivesse muito puto. Minha mãe não sabia o tanto de maldade que o *menino* dela já tinha feito na vida, mas se soubesse, nunca mais dormiria. Para ela, eu nunca cresceria. Dona Amanda era a única pessoa no mundo que falava assim com meu pai — dentro de casa, é claro. E ela também era a única a quem ele tinha paciência para se explicar. Ela ia perturbá-lo até eu voltar.

Não fiquei para ouvir o restante da conversa, achei melhor ir para o meu quarto e arrumar minhas coisas.

Capítulo 16

Noah

Cheguei em Chicago onze horas depois, acompanhado de quatro soldados. Fui direto à procura de Severo, em sua casa, onde sabia que ele estaria.

Havia soldados em toda parte, cercando a casa de Isadora. Não era uma visão diferente da minha própria casa na Itália, mas apesar da semelhança, ali eu não me senti nem um pouco seguro, muito pelo contrário, meus instintos a todo momento me avisavam de que estava acontecendo algo muito errado.

Entrei na propriedade com meus soldados, e um dos homens de Severo nos acompanhou. A casa estava, aparentemente, completamente vazia.

Passamos pela sala e, logo, entramos em um corredor e paramos diante de uma porta. O homem abriu o cômodo e acenou para que eu entrasse. Eu estava cauteloso, pois não confiava em Severo.

Ele estava sentado em uma cadeira grande e fez sinal para que eu me sentasse à sua frente, diante de uma mesa forrada com alguns papéis. Sentei-me e, sem rodeios, iniciei o assunto; eu não queria perder tempo.

— Boa tarde, Severo.

— Boa tarde, meu jovem. Fico feliz ao ver a sua preocupação com Isadora, mas como disse ao seu pai, você não precisava ter vindo. Isadora ainda é assunto meu, enquanto vocês não estão casados — ele falou, encarando-me e transbordando insatisfação com a minha presença ali.

Ele não usou sua falsidade habitual, nem forçou a intimidade que nunca tivemos. Parecia estar agindo com cautela, assim como eu.

— Embora Isadora ainda não seja minha responsabilidade, eu acho que o que aconteceu a ela pode estar diretamente ligado ao que foi noticiado sobre o nosso noivado.

— Muito provavelmente esteja, mas eu estou cuidando de tudo, não havia necessidade da sua presença — ele falou desviando o olhar do meu.

O homem se levantou, pegou uma caixa que estava em uma estante, tirou um charuto de dentro e acendeu.

— Aceita um, meu genro? — Severo perguntou sorrindo.

Não demorou muito para o semblante dele mudar e ele vestir novamente a máscara da falsa simpatia.

— Eu não fumo — respondi.

— Ótimo, um marido sem vícios. Minha filha estará muito bem casada em breve.

— Severo, vamos direto ao ponto. Onde aconteceu o acidente? Quem estava com Isadora e para aonde ela estava indo?

— Já está com ciúmes, Noah? — ele falou, em tom debochado.

— Eu quero saber por que você está me analisando e sendo tão sarcástico quando sua filha sofreu um atentado e está hospitalizada? — falei, aumentando o tom de voz.

Levantei-me da cadeira, alterado, e olhei para ele, esperando uma resposta. Seu soldado, que até então não estava no escritório, entrou assim que ouviu meu rompante; automaticamente, meus soldados colocaram as mãos em suas armas.

— Acalme-se, meu jovem. Eu estou calmo, porque está tudo sob controle. Meus homens já estão trabalhando nisso, e Isadora não corre mais risco de morrer. Ela já está no quarto e em observação — ele respondeu, cínico como sempre.

— Você não respondeu às minhas perguntas.

— O acidente não foi muito longe daqui. Isadora estava indo ao estilista com o primo, para escolher seu vestido de noiva.

— Estava só ela e o primo? Não tinha nenhum soldado fazendo a segurança deles? — perguntei.

Aquilo me gerou um estranhamento, porque todas as vezes que as mulheres da minha família saíam, um pequeno exército fazia a segurança delas.

— Diógenes é da minha inteira confiança, totalmente capaz de proteger a si e a minha filha. Ele foi treinado por mim — Severo respondeu.

Ele tentou parecer confiante, mas eu consegui notar uma faísca de insegurança no seu tom de voz. O cara foi treinado por ele e falhou, não conseguiu evitar porra nenhuma. *Eu sabia, esse bastardo é completamente negligente com a segurança da filha*.

— Minha mulher não pôde ir. Minha cunhada adoeceu, e ela está ajudando a irmã — ele justificou algo que eu já ia perguntar, afinal a mãe sempre acompanha a filha nessas coisas.

— E como está o seu sobrinho?

— Diógenes não teve tanta sorte, está na UTI em estado grave.

Severo não demonstrou nenhum pesar pelo estado de saúde do sobrinho, mas isso não era tão estranho na máfia.

— Certo. Eu quero ver a Isadora.

— Noah, eu não sei se ela pode receber visitas.

— Severo, sua filha está em um hospital da Outfit. É um hospital da máfia, não existe isso de não poder vê-la. Você é o capo, ninguém vai impedir seu futuro genro de fazer uma visita, não é mesmo? — falei, usando o mesmo sarcasmo que ele tanto gostava. — Eu vou até lá. Mais tarde nos falamos.

Eu não era seu futuro genro porra nenhuma, mas ele não precisava saber disso naquele momento. Levantei-me para sair e percebi que, mais uma vez, ele não ficou satisfeito com a minha decisão. Tudo continuava muito estranho. Já que o cara sempre jogou a filha para cima de mim, ele deveria estar contente com toda a atenção que eu estava dedicando a ela.



Minutos depois, cheguei ao hospital com meus soldados e Severo foi atrás de mim com os dele. Fomos direto ao quarto de Isadora. Quando entrei, o corpo pequeno da menina estava

encolhido na maca, virado para a parede. Assim que escutou o barulho da porta, ela se virou e, quando nos viu, arregalou os olhos.

— Papai, Noah… — ela falou como se não esperasse nossa presença, e uma lágrima escorreu pelo seu rosto delicado, no momento tão castigado pelo acidente.

Aproximei-me da cama, e o pai dela acompanhou meus movimentos.

— Como você se sente, Isadora? — perguntei.

— Estou bem melhor do que pareço, não se preocupe. O susto foi grande, mas logo logo estarei de pé, fora deste hospital — ela respondeu e me ofereceu um sorriso fraco que não me convenceu.

Isadora estava com muitos hematomas no rosto e nos braços, além de marcas por todos os lugares onde poderiam ser vistos. O que eu achei estranho foi que algumas daquelas marcas não pareciam tão recentes quanto o acidente, e outras não pareciam marcas de acidente, mas sim de agressão. Eu conhecia aquelas marcas e sabia que elas não tinham sido causadas pelo acidente. Decidi não abordar a minha suspeita, por enquanto.

Além da aparência bastante judiada, percebi uma tristeza no olhar da Isadora. *Não é o acidente que a está deixando abatida, há mais alguma coisa acontecendo aqui*. Saí de meus pensamentos quando ouvi a voz fraca da menina me chamar.

— Noah, estou feliz que tenha se preocupado comigo e esteja aqui, mas você não precisava ter largado sua vida na Itália para vim me ver. Eu estou bem — ela falou, forçando um sorriso e pegando na minha mão.

Eu não queria iludir aquela menina. É claro que eu queria vê-la bem e em segurança, mas o que tinha, de fato, levado-me até ali não era seu estado de saúde, mas sim meus instintos avisando-me que algo nessa história toda estava muito errado.

Eu também não sabia se Severo tinha dito a ela que, provavelmente, não foi um acidente, então achei melhor deixar que pensasse que eu estava ali, exclusivamente, por ela.

— Eu quis ver, pessoalmente, como você estava. Fico feliz que esteja bem — falei. — Como foi o acidente, Isadora?

— Não sei, não me lembro muito. Eu só lembro que estava feliz por estar indo escolher meu vestido de noiva e, de repente, o carro perdeu a direção e eu não vi mais nada. Quando acordei, já estava aqui no hospital — ela respondeu, ainda mais triste ao relembrar aquele momento, então deixei o assunto de lado, por hora.

— Certo. Não pense em mais nada, apenas descanse.

— Você vai ficar alguns dias? — ela perguntou.

Eu nem tive tempo de responder, porque Severo tomou a frente.

— É claro que não, Isadora. Noah mostrou que é um noivo zeloso ao vir te ver, mas ele tem muitos compromissos na Itália ao lado do pai.

— Eu vou ficar uns dias, sim, Isadora. Seu pai está certo, eu tenho muitos compromissos na Itália, mas meu pai vai sobreviver muito bem sem mim por alguns dias.

— Fico feliz — ela respondeu e fez uma careta.

— Você está sentindo dor?

— Um pouco. Meu corpo está meio moído.

— Eu vou chamar uma enfermeira para ver você.

— Não precisa, Noah. Os analgésicos já estão sendo ministrados, não há muito o que fazer. Vai passar com o tempo. Apenas fique aqui, e eu ficarei bem.

— Tudo bem, vou ficar um pouco.

Peguei uma cadeira e sentei ao lado dela. Eu queria que Severo saísse para que eu pudesse ter uma conversa particular com Isadora, mas ele se manteve atento a cada gesto ou palavra minha. Minutos depois, usei a tática de conversar sobre coisas banais, para que ele relaxasse e achasse que eu tinha deixado de lado minhas desconfianças, talvez assim nos deixasse um pouco a sós.

No início, não adiantou muito, mas felizmente seu telefone tocou e ele saiu do quarto para atender. Aquela era a minha chance. Embora eu não soubesse se podia confiar nela, eu ia arriscar.

— Presta atenção, Isadora. Aqui tem o número do meu celular — falei rápido, entregando meu cartão a ela — Eu quero

muito falar com você em particular. Eu posso ajudar você, então me ligue quando estiver sozinha.

Fiquei observando sua reação. Ela tinha olhos assustados e, ao mesmo tempo, esperançosos. Fiquei aliviado quando ela pegou o cartão da minha mão e escondeu embaixo do travesseiro.

Capítulo 17

Noah

— Seu pai não saberá de nada do que conversarmos, fique tranquila. — Resolvi usar o tempo que ainda tínhamos a sós para adiantar o assunto. — Eu sei que você não me conhece direito. Somos, praticamente, estranhos um para o outro, se não levarmos em conta esse compromisso firmado anos atrás. Mas na minha família, Isadora, independente de vínculos ou parentesco, nós odiamos a covardia contra as mulheres.

A garota me ouvia atentamente, mas vez ou outra desviava seus olhos dos meus para olhar assustada em direção à porta.

— Nós não admitimos e nem compactuamos com nenhum tipo de abuso. Inclusive, essa é uma causa muito pessoal para nós, porque minha tia Lili, esposa do tio Enzo, tinha um pai abusivo. Ela apanhou calada durante anos e quase morreu. Sabe por que, Isadora? Porque ela não pediu ajuda. Ela achava que podia enfrentar isso sozinha ou talvez tivesse medo ou vergonha, eu não sei. O que eu sei é que se meu tio não descobrisse as agressões e a salvasse, hoje ela poderia ser mais uma nas estatísticas.

Enquanto me escutava, Isadora deixava escapar algumas lágrimas solitárias. Eu não esperava que ela me contasse nada naquele momento, mas sabia que era importante ir até o fim na tentativa de ajudá-la e abrir um pouco da nossa intimidade para ela talvez fosse um bom caminho.

— Minha mãe também sofreu abuso em casa. Ela não apanhava, mas meu avô era muito tóxico. Ela era tratada como um fantoche, criada exclusivamente para ser esposa do meu pai. Minha mãe não tinha vontade própria, era oprimida e viveu praticamente em cativeiro até se casar — falei e em seguida baixei o tom de voz,

como se fosse lhe contar um segredo. — Sabe, eu odeio o meu avô um pouco mais a cada vez que me lembro disso.

— Eu sinto muito pela sua mãe e pela sua tia.

— Isadora, eu sei que seu pai está abusando de você. Seus hematomas não são do acidente, ou pelo menos não todos. Eu posso te ajudar — falei, olhando em seus olhos.

Ela não desviou o olhar do meu, e seus olhos brilhantes me disseram o que eu já sabia. *Esse filho da puta espanca a filha.*

— Você realmente sofreu um acidente ou ele espancou você? — perguntei

— As duas coisas — ela respondeu em um fio de voz e, imediatamente, uma lágrima escorreu pelo seu rosto. — Noah, por favor, se meu pai desconfiar que você sabe, ele vai me matar. Você não conhece o meu pai, ele é muito perigoso. Por favor, não diga nada.

— Eu não vou falar nada a ele, fique tranquila. Eu só quero te ajudar.

— Só tem um jeito de me ajudar agora — ela falou, segurando minha mão. — Antecipe o nosso casamento e me tire de perto dele. Agora eu não tenho mais ninguém.

Porra! Eu não queria desapontar a garota, mas também não podia enganá-la. Dei a minha palavra à Cecília de que ia resolver tudo para ficarmos juntos e eu a amava, não podia voltar atrás.

— Você ainda nem fez 18 anos, Isadora. Fique tranquila, eu vou te ajudar, não tem necessidade de antecipar o casamento. Vou conversar com o meu pai e nós resolveremos tudo — falei. — Quando uma família se associa à Cosa Nostra, ela tem que obedecer nossas regras, e seu pai não está fazendo isso, então tomaremos as devidas providências.

— Noah, você não entende, ele vai me matar… — ela parou de falar, automaticamente, quando a maçaneta da porta girou.

Isadora secou o rosto, rapidamente, ajeitou a postura na cama, e eu me afastei um pouco.

— Você vai se recuperar rápido e sair logo daqui, tenho certeza. Amanhã, eu volto para te ver. Descanse — falei ao ver Severo entrar no quarto.

Precisei fazer um esforço enorme para fingir que estava tudo bem. Dei um beijo na cabeça dela e olhei para o covarde do seu pai.

— Estou cansado da viagem, vou descansar um pouco no hotel e volto amanhã.

Severo apenas assentiu, e eu saí daquele quarto a passos largos, antes que desse um tiro na cara daquele animal.



Era início de noite quando saí do hospital em direção ao hotel. Eu deixaria para falar com o meu pai quando o dia amanhecesse lá na Itália, mas com Cecília eu precisava falar o quanto antes, pois ela já devia estar de volta a Las Vegas.

Peguei meu celular e liguei para ela. No terceiro toque, a voz doce de Cecília ecoou pelo telefone.

— *Oi, príncipe* — ela me cumprimentou com sua voz habitual e isso me tranquilizou e me fez sorrir.

— Oi, minha princesa. Já está em Las Vegas?

— *Estou. E você, já está indo embora?*

— Infelizmente, não. Tem coisas bem complicadas acontecendo aqui, e eu preciso resolver. Não posso falar nada agora, mas prometo que, quando nos virmos pessoalmente eu te explico tudo. Precisarei ficar mais um tempo.

— *Quanto tempo?*

— Uma semana, talvez — falei e escutei Cecília suspirar do outro lado da linha.

— *Tudo bem, Noah. Onde você está agora?*

— Estou indo para o hotel. Preciso comer alguma coisa e descansar.

— *Tudo bem* — ela disse*. — Meu pai está me chamando, depois nos falamos.*

— Cecília — chamei, antes que ela desligasse —, nada mudou, confie em mim. Eu amo você. Espere por mim.

— *Eu também amo você, Noah* — ela respondeu antes de desligar.

Cecília não estava com raiva, mas ficou cautelosa comigo, como se esperasse sofrer uma decepção a qualquer momento. Eu

não podia culpá-la, mas odiava que a mulher que eu amava se sentisse assim.

Quando cheguei ao hotel, descobri que meu pai tinha reservado um quarto duplo, para os soldados e eu ficarmos; a suíte deles era anexa à minha. Achei totalmente desnecessário, mas a reserva já estava feita, não tinha jeito.

Tomei banho, pedi o jantar no quarto mesmo e, em seguida, deitei para descansar e pensar no que fazer.



No dia seguinte, eu liguei para o meu pai e contei o pouco que descobri até então.

— *Você tem certeza, Noah?* — ele questionou.

— Absoluta, pai. Hoje vou visitar a Isadora novamente e me certificar de ir na hora que o Severo não estiver lá. Ainda tem muita história encoberta, tenho certeza que não é só isso.

— *Para que eu tome qualquer atitude, preciso de provas, não posso agir por impulso.*

— Eu concordo, pai, e é por isso que ainda estou aqui. Só voltarei para a Itália quando desvendar a porra toda que está acontecendo — falei. — Outra coisa que estou estranhando é que não vi a mãe da Isadora em nenhum lugar. Achei que o mais natural seria ela estar com a filha no hospital, mas não estava. Severo falou que, na hora do acidente, ela estava com a irmã adoentada e, por isso, não foi com a filha para a costureira, mas agora a Isadora está hospitalizada, e é ainda mais estranho que ela não esteja com ela.

— *É realmente estranho* — meu pai concordou*. — Descubra onde essa mulher está. Você precisa que eu mande reforços?*

— Por enquanto, não. Está tudo bem.

— *Tome cuidado, Noah. Não confie no Severo, pois ele é traiçoeiro. Se precisar de alguma coisa, ligue-me. Ah, e ligue para a sua mãe, porque não basta ela ouvir de mim que você está bem, ela quer ouvir de você também.*

— Tudo bem, pai, eu vou ligar. E em relação ao casamento, eu não mudei de ideia.

— Um problema de cada vez, Noah. Tudo isso que você me contou é prioridade. Quando você voltar para a Itália e estiver bem longe do Severo e sob minha proteção, a gente decide essa parte.

— Tudo bem, pai. Nós nos falamos depois.

Após encerrar a ligação com o meu pai, chamei um dos meus soldados e mandei que ele fosse vigiar o Severo no hospital e me avisasse quando ele fosse embora. Enquanto esperava, eu tomei banho e liguei para a minha mãe e para Cecília.

Fiquei trabalhando no meu notebook para passar o tempo, até que meu soldado ligou avisando que Severo tinha acabado de sair do hospital. Aguardei mais um tempo para ele chegar em casa e fui visitar a Isadora.

Ao chegar ao hospital, fui direto para o quarto dela. Eu não podia perder tempo, pois Severo com certeza tinha homens vigiando minha chegada. Ele voltaria para o hospital a qualquer momento, assim que soubesse da minha presença. Por isso foi crucial ele chegar em casa para eu ganhar tempo.

Não havia nenhum soldado à vista quando cheguei à porta do quarto, então entrei devagar e me deparei com Isadora passando, impacientemente, os canais na televisão.

— Você veio — ela foi a primeira a falar, com o semblante se iluminando ao me ver.

— Sim, eu vim. Eu sempre cumpro minha palavra — falei. — Isadora, nós não temos muito tempo a sós, então preciso que você confie em mim e me conte tudo o que se sentir confortável para falar, porque só assim eu vou poder te ajudar.

— Noah, você pensou no que eu falei sobre adiantar o nosso casamento? Essa é a minha única chance

— Esse não é o melhor caminho, Isadora. Eu prometo que vou te ajudar, mas não será assim — respondi, e ela fez uma expressão triste. — Onde está a sua mãe? — tentei mudar de assunto e felizmente deu certo.

— Ela está trancada em casa, se recuperando. Eu tenho falado com ela por telefone sempre que posso. Minha mãe não pode ser vista, porque está muito machucada, Noah.

— Seu pai a machucou também — afirmei, mas mesmo assim ela confirmou com a cabeça.

— Noah, mesmo antes de saber falar, eu já tinha medo de apanhar. Meu pai me bate desde que eu era muito pequena — Isadora desabafou. — Eu comecei a falar com quase cinco anos, e eles achavam que eu era muda, mas na verdade eu já estava traumatizada. Eu tinha medo de falar qualquer coisa, e ele não gostar e me bater. Meu pai nos batia por tudo e por nada. Ainda bate, na verdade. Ele já me bateu até eu desmaiar, já quebrou o meu braço e deslocou o meu maxilar.

Ela começou a chorar, enquanto me contava o que acontecia dentro da sua casa, e eu segurei sua mão como uma forma de demonstrar que ela estaria em segurança conversando comigo.

— Um dia antes do acidente, ele me espancou e minha mãe, ao tentar me defender, também foi espancada até ficar desacordada. Eu achei que ela tinha morrido. — Quando Isadora terminou de falar, seu rosto estava banhado em lágrimas.

Eu estava totalmente habituado à violência e à maldade humana, por isso não me chocava facilmente, mas ouvir uma história como a dela era uma das poucas coisas que ainda me abalavam. Talvez por eu ter sido criado em um ambiente onde as mulheres são tratadas como rainhas, eu ainda me surpreendia com casos assim.

Na minha cabeça e por tudo o que aprendi com meu pai, avô, tios e primos, nós protegemos as mulheres e não as agredimos. Dentro do complexo, na nossa bolha mais íntima, são elas que mandam em nós, porque somos incapazes de ignorar as vontades delas.

Capítulo 18

Noah

Aproximei-me da Isadora e a abracei. Ela se agarrou a mim como se eu fosse sua salvação, e estava certa, porque eu jamais viraria as costas para ela, nem que para protegê-la, eu precisasse matar o Severo.

Eu queria muito contar a ela sobre Cecília, pois não queria deixá-la pensando que ainda nos casaríamos, mas aquele não era o momento; ela estava muito frágil.

— O seu primo também está internado aqui? — perguntei.

— Eu não sei, não tenho notícias dele desde o dia do acidente. Gostaria muito de saber se ele está bem — ela respondeu. — Meu pai não está se importando muito com o Diógenes.

— Eu gostaria de conversar com ele para tentar entender melhor o acidente.

— Noah… — Isadora ia falar algo, mas se calou porque a porta se abriu.

Severo entrou no quarto com uma cara nada amigável, e eu o fitei profundamente por uma fração de segundo.

— Noah, meu jovem, que prazer te encontrar aqui. Nunca imaginei que você fosse um noivo tão zeloso — ele falou, usando seu habitual sarcasmo nojento.

— Eu disse que viria — falei. — Onde está a sua esposa, não veio com você?

— Não. Ela ficou aqui no hospital com Isadora só no primeiro dia, mas como já disse, minha cunhada está com a saúde muito debilitada, então depois de ver que Isadora não corria riscos, ela voltou a ficar com a irmã — ele respondeu cínico.

— Bom, eu já vi que Isadora está bem, então eu vou voltar para o hotel para resolver algumas coisas.

Dei um beijo na cabeça da Isadora, acenei para Severo e saí rapidamente, antes que eu perdesse o controle e matasse o filho da puta.



Meu celular notificou a chegada de uma mensagem e eu estiquei o braço em direção ao aparelho que estava ao meu lado na cama.

Cecília: Oi, príncipe. Como estão as coisas por aí?
Noah: Resolvendo tudo o mais rápido que posso, para voltar para casa e para você.
Cecília: Estou com saudades, mas confiante de que, seja lá o que você estiver fazendo aí, será para o nosso bem.

Fiquei surpreso ao ler aquela mensagem. Cecília sempre me surpreendia, porque, apesar de novinha, ela era muito madura.

Noah: Eu só te peço que confie em mim. Não posso te dizer muitas coisas, mas saiba que tudo o que te prometi continua valendo. Eu só não posso sair desse noivado agora e deixar a Isadora desprotegida, pois ela precisa muito de ajuda, Cecília. A situação é muito grave. Não pense que estou me empenhando em ajudá-la porque sinto qualquer coisa por ela, pois não é verdade. Mas não posso fingir que nada está acontecendo, virar as costas para essa menina e voltar para a Itália em paz. É uma causa muito pessoal para mim. Você confia em mim?
Cecília: Confio, príncipe. Estou te esperando, apenas não demore. Amo você.
Noah: Também amo você.

Larguei o celular e fui ao banheiro. Quando voltei, meu celular estava tocando. Achei que fosse a Cecília, mas no visor apareceu um número desconhecido. Achei estranho, porque já era muito tarde.

— Noah falando.

— *Sou eu, Isadora* — ela falou com a voz embargada e nervosa*. — Eu preciso da sua ajuda ou, dessa vez, eu tenho certeza de que meu pai vai me matar.*

Cecília

Meu coração ficou bem mais aliviado quando terminei de falar com Noah, mesmo que por mensagem. Aproveitei a sensação de bem-estar e desci para jantar com meus pais. Desde que o Noah viajou, eu andava sem apetite, sempre com o estômago embrulhado de ansiedade, então acabava comendo qualquer coisa já tarde da noite, apenas para forrar o estômago. Meu príncipe vinha fazendo de tudo para me acalmar, e saber que ele se preocupava comigo aquecia o meu coração.

Quando estava chegando à sala, ouvi vozes alteradas. Meus pais estavam, aparentemente, discutindo. Automaticamente, fiquei em alerta, porque aquela era uma situação incomum. Parei na escada e comecei a ouvi-los.

— *Eu não aceito, Lavínia. Como isso tudo estava acontecendo embaixo do meu nariz, e eu não percebi? Eu preciso ligar para o Pietro.* — Meu pai estava totalmente alterado, e minha mãe só pedia que ele se acalmasse.

Eu não sabia do que se tratava, mas quando ouvi o nome do pai do Noah, soube que, de alguma maneira, era algo relacionado a mim.

— O que está acontecendo? — perguntei, entrando na sala, e os dois me olharam.

— Cecília, você traiu minha confiança. Eu deixei você ir para a casa dele. Você mentiu para mim, filha! — Meu pai falou comigo de um jeito como nunca tinha falado antes.

— Do que, exatamente, o senhor está falando?

— Eu precisei saber da boca de um estranho, que a minha filha está apaixonada e tendo um romance proibido com Noah Esposito — ele falou com desgosto.

— Quem te falou isso, pai? — perguntei.

— Não importa! Pela sua cara, estou vendo que é verdade.

Eu não ia me acovardar. Estava disposta a enfrentar o meu pai e quem mais fosse preciso para viver esse amor. Eu tinha lutado para conquistar o coração do Noah, então iria até o fim.

— É verdade, eu estou apaixonada pelo Noah, e ele também está apaixonado por mim — falei com a cabeça erguida, e meu pai me olhou incrédulo.

— Ele está noivo, Cecília! O que você tem na cabeça? — ele me questionou, praticamente aos berros.

— Ele não é noivo! — respondi, também alterando minha voz. — Ele firmou um compromisso, mas não vai cumprir. Noah vai acabar com isso, e nós ficaremos juntos!

— Meu Deus, você está muito iludida mesmo! Você sabia que, nesse momento, o Noah está lá em Chicago cuidando da noiva dele, porque ela sofreu um acidente? — ele jogou na minha cara.

— Ele está lá para saber o que aconteceu, porque provavelmente não foi um acidente, e sim um atentado — falei, demonstrando toda a confiança que eu tinha no homem que eu amava.

— Se você quer acreditar… Você vai desistir disso agora. Acabou essa história, Cecília. Noah vai se casar com a Isadora, e eu vou arrumar um noivo para você o quanto antes.

— O quê? O senhor não pode me obrigar.

— Eu sou seu pai e sei o que é melhor para você.

— Não, o senhor não sabe! Eu não vou desistir do Noah só porque o senhor quer! Eu o amo, e nós vamos nos casar.

A essa altura já estávamos os dois gritando e minha mãe tentando evitar que aquela situação saísse do controle.

— Por favor, acalmem-se os dois! Vamos conversar com calma, tenho certeza de que tudo vai se resolver.

— Eu não vou me acalmar! — meu pai gritou. — Está decidido, eu vou arrumar um bom marido para a Cecília, e não será o Noah.

— Eu não aceito! Nunca vou me casar com um homem que não seja o Noah.

— Cecília, vá para o seu quarto, agora.

— Pare com isso, Thomaz. Vamos jantar e ouvir a nossa filha.

— Eu perdi o apetite, mãe. Vou para o meu quarto — falei e subi as escadas correndo.

Ao chegar ao meu quarto, tranquei a porta, peguei meu celular e tentei ligar para o Noah, mas estava dando ocupado. Tentei mais duas vezes e nada.

Eu não podia acreditar que aquilo estava acontecendo. Nunca, nem nos meus piores pesadelos, imaginei uma reação assim do meu pai quando soubesse dos meus sentimentos pelo Noah.

Bônus Thomaz

Depois que Cecília subiu para o quarto, eu fui ao meu escritório e liguei para o Pietro, sem me importar com a diferença no fuso horário.

— *Thomaz, aconteceu alguma coisa?* — ele perguntou.

— Aconteceu, sim, Pietro. Você sabia que minha filha está apaixonada pelo seu filho e, mais do que isso, que eles estão tendo um romance às escondidas? — perguntei ao Pietro e, em um primeiro momento, ele fez silêncio. — Puta que pariu, você sabia!

— *Eu soube pelo próprio Noah, recentemente. Ele não falou detalhes, mas confessou que está apaixonado por sua filha* — Pietro respondeu, aparentando também estar insatisfeito com a situação.

— E o que nós vamos fazer em relação a isso?

— *Ainda não resolvi, Thomaz. Eu ficaria muito satisfeito com esse casamento, se não fosse o compromisso de Noah com a Isadora.*

— Pietro, você sabe que desfazer esse compromisso significará entrarmos em uma guerra — falei irritado. — Se a Cosa Nostra entrar em guerra com a Outfit, automaticamente os seus aliados também estarão, e isso comprometerá a segurança de todos nós e das nossas famílias.

— *Você não precisa me ensinar como as coisas funcionam, porque eu sei exatamente o que vai acontecer, Thomaz. Agora, acalme-se* — Pietro falou com sua habitual frieza.

O atual *Don* da Cosa Nostra dificilmente se alterava, mas eu já o conhecia o suficiente para saber que ele não estava satisfeito com meu tom de voz durante aquela conversa. Pensando nisso, respirei fundo para me acalmar.

— Você pretende iniciar uma guerra por causa de uma paixonite juvenil do Noah? — perguntei, o mais calmo que consegui.

— Thomaz, eu vou te dar uma explicação apenas em nome da consideração que tenho por Las Vegas e pelos anos de amizade entre Demétrio e o meu pai — Pietro disse. *— Quando Noah chegar de Chicago, nós conversaremos, e eu analisarei a situação com calma. Não rotule o que está acontecendo entre eles, já que você não sabe. Meu filho não é um homem volátil e ele foi enfático ao me dizer que está disposto a se casar com a Cecília. Nenhum de nós quer uma guerra com a Outfit, mas também não quero ver o meu filho infeliz a vida inteira. Somos mafiosos e, às vezes, a guerra é necessária.*

— Pietro, mesmo a Outfit não tendo chances contra a Cosa Nostra, haverá mortes. É desnecessário nos arriscarmos desse jeito. Eu não concordo com esse casamento. Não aprovo essa união.

— Não se meta nas minhas decisões com a organização, pois eu sei o que eu faço — ele falou*. — Você tem algum problema pessoal contra o meu filho? Porque, para mim, é o que está parecendo.*

— Meu problema é que o seu filho é o próximo *Don*, Pietro — respondi firme. — Você ia querer que a Julie se casasse com um *Don* e entrasse na boca do lobo? Se sua filha não fizesse parte da família que carrega o legado, você ia querer isso para ela?

— Eu certamente preferiria que não, mas se ela se apaixonasse por ele, eu não poderia evitar e também não lutaria contra.

— Você diz isso porque a situação é inversa.

— Você está começando a me irritar, Thomaz.

Eu era inteligente o suficiente para saber a hora de parar. Não que eu tivesse medo do Pietro, mas eu tinha muito respeito por ele e pela sua posição na máfia, então achei melhor encerrar a conversa.

— Outra hora conversamos com mais calma, eu estou de cabeça quente agora. Apenas tente se colocar no meu lugar, você também é pai. Eu só conheci minha filha com 6 anos, não posso perdê-la.

— Você não vai perdê-la, Thomaz. Acalme-se e outra hora conversamos — Pietro falou e desligou.

Capítulo 19

Noah

Depois de tudo o que Isadora me contou no dia anterior, eu cheguei à conclusão de que não havia outra saída a não ser matar o Severo. Essa era sempre uma decisão muito séria — matar um aliado —, mas diante de todas as infrações que ele já havia cometido, e outras mais que ainda iria cometer, se não o matássemos, poderíamos ter problemas maiores no futuro.

Dirigi com os meus soldados até o hospital, mas não para visitar a Isadora.

— Bom dia! — cumprimentei a enfermeira que estava na recepção. — Eu gostaria de visitar o Diógenes Pavitt.

— Um momento, senhor. Vou localizar o paciente.

— *Okay*.

Aguardei alguns segundos, enquanto a enfermeira digitava rapidamente no computador.

— Desculpe, mas o senhor Pavitt está na UTI e lá não é permitido receber visitas.

— Certo. Quero falar com o médico que está cuidando do caso dele, então.

A enfermeira assentiu e, um tempo depois, encaminhou-me para a sala do médico responsável pelo primo de Isadora.

Ali era um hospital da máfia, então eles sabiam que parentes e amigos dos pacientes eram mafiosos. Isso me garantiu o acesso ao prontuário do Diógenes, sem questionamentos. O médico estava o tempo todo cauteloso comigo, mas respondeu a todas as minhas perguntas.

Assim que tive acesso ao prontuário, tirei algumas fotos e enviei para o meu email. Antes de sair do hospital, visitei rapidamente a Isadora, só para lhe garantir que se acalmasse, pois a Cosa Nostra ajudaria ela e a mãe a se livrar das mãos daquele filho da puta que era o seu pai.

Ainda montando todo aquele quebra-cabeças, saí do hospital. Eu estava em um carro separado dos meus soldados, mas sendo escoltado por eles em outro veículo logo atrás do meu. Eu sempre gostei de andar sozinho, principalmente quando precisava pensar.

No percurso para o hotel, comecei a pensar quais seriam meus próximos passos. Assim que eu chegasse ao hotel, faria uma videochamada, não apenas com o meu pai, mas também com os meus tios, para juntos resolvermos toda essa merda.

Quando já estava próximo, o meu telefone tocou, era a Cecília. Quando peguei o telefone para atender, ouvi o primeiro tiro e, dali em diante, tudo se tornou uma confusão ao meu redor.

Tudo aconteceu muito rápido. De repente, eu estava cercado por quatro carros, e tiros surgiam de todos os lados. Meu carro era blindado, assim como o dos meus soldados. Eu tentei acelerar o quanto o carro aguentava, para tentar sair do meio daquela confusão, mas eles acertaram um dos meus pneus. Sem conseguir controlar a direção, devido à velocidade em que estava, meu carro rodou na pista e, em seguida, eu percebi que ia capotar. Em poucos segundos, tudo ficou escuro.

Bônus Pietro

O telefonema de Thomaz, no dia anterior, estava entalado na minha garganta. Eu não podia negar que, como pai, eu entendia seu desespero, mas não gostei do tom que ele usou para abordar o assunto.

Minha família era muito visada, merdas aconteciam o tempo todo e, se eu pudesse poupar a Julie disso tudo, não hesitaria, mas a maneira como o Thomaz se opôs ao Noah incomodou-me. Esse era o meu lado pai falando, mas eu não podia deixar isso interferir na organização.

Meu telefone tocou e era um dos soldados que estava acompanhando o Noah em Chicago. Atendi rápido, pois ligações assim não eram um bom sinal.

— Pietro.

— *Senhor, sofremos uma emboscada…*

— Onde está o Noah? Onde está o meu filho?

O homem fez silêncio por um segundo e foi o segundo mais longo e apavorante da minha vida.

— *Ele está no hospital, senhor. O carro dele capotou.*

— Qual o estado de saúde dele?

— *Eu ainda não sei, os médicos estão fazendo o pré-atendimento.*

— Estou indo para aí agora. Ligue-me assim que souber notícias dele e não deixe que a notícia do acidente se espalhe. Vocês estão fora do nosso território e vulneráveis.

Desliguei o telefone sentindo um medo familiar, o mesmo medo de 22 anos atrás, quando meu filho ainda estava no ventre de sua mãe. Era impossível esquecer o pavor que senti naquela ocasião, e era o mesmo que eu estava sentindo agora. Peguei minhas coisas e saí rápido da minha sala.

— Raphael — gritei e meu irmão apareceu com um olhar atento.

Poucas vezes alguma coisa me tirava do controle, então pela minha voz, ele já sabia que tinha algo errado.

— O que aconteceu, cara?

— Mande preparar o jato e reúna os outros, o mais rápido que puder. Nós estamos indo para Chicago — falei. — Noah sofreu uma emboscada e está no hospital.

Na mesma hora, Raphael foi fazer o que mandei, e eu tentei me acalmar, pois precisava ligar para a Amanda para avisar que precisaria viajar, mas não queria que ela soubesse de nada ainda. Respirei fundo e fiz a ligação.

— *Oi, amor* — ela atendeu, inocente.

— Amanda, eu vou para Chicago agora. Noah descobriu coisas importantes, eu preciso ir ver pessoalmente. O assunto é sério.

— *Certo. Está tudo bem com o nosso filho, não é?*

— Está, mas eu preciso ir até lá.

— *Certo. Vou preparar sua mala.*

— Não precisa, eu tenho algumas roupas aqui, é o suficiente.

— *Pietro…*

— Amanda, está tudo bem. Eu volto logo — falei. — Não saia do complexo com a nossa filha.

— *Tudo bem. Eu te amo. Volte logo e traga o nosso filho com você, pois estou morrendo de saudades* — ela se despediu.

— Pode deixar. Eu também amo você — falei e desliguei o telefone com uma sensação ruim no peito.

Era muito difícil ser pai, principalmente na família em que nasci. Eu protegia meus filhos o quanto podia, mas depois eles cresciam e se transformavam em uma parte minha solta pelo mundo, correndo todos os riscos que a porra da máfia oferecia e aí eu já não era mais capaz de protegês-lo. E, quando algo ruim acontecia a ele, eu me sentia como se tivessem arrancado um pedaço meu.

Uma hora depois, Raphael, Inácio, vinte soldados e eu estávamos entrando no jato. Dividimo-nos, pois alguém tinha que

ficar para cuidar das coisas e manter a segurança do complexo reforçada.

Quando meu pai soube do atentado, ele quis ir comigo, mas eu pedi que ele ficasse e cuidasse da Amanda e da Julie para mim. Então, mesmo contra sua vontade, ele concordou.

Muitas horas depois da decolagem, finalmente, meu telefone tocou.

— Alô!

— *Senhor, o médico acabou de falar comigo* — meu soldado disse*. — Noah foi operado. Ele estava com hemorragia interna, quebrou uma costela e teve traumatismo craniano leve. Os médicos o colocaram em coma induzido para melhorar mais rápido os ferimentos.*

— Ele corre risco de morte? — perguntei aflito.

— *O médico disse que o quadro é estável, mas que as próximas 24h serão decisivas.*

— E os outros soldados que estavam com vocês, onde estão?

— *Morreram, senhor.*

— Como foi que isso aconteceu?

— *Noah quis voltar para o hotel dirigindo, então nós ficamos atrás, fazendo a segurança dele. De repente, quatro carros nos cercaram e começaram a atirar. Nós atiramos de volta, mas eles acertaram os pneus do Noah, com o carro em alta velocidade, e ele capotou.*

— Não saia da porta do quarto dele, eu já estou a caminho. Ninguém tem permissão para visitar o meu filho, muito menos Severo — ordenei.

— *Sim, senhor.*

Desliguei o telefone fervendo de ódio, mas aliviado por saber que o meu filho estava estável. Severo pagaria muito caro por tudo isso e aprenderia, da pior maneira possível, a não brincar com gente grande.

Bônus Thomaz

Cecília não estava falando comigo, e Lavínia também ficou contra mim, apoiando a nossa filha.

Eu fiquei chocado quando recebi uma ligação do Severo. Aquele homem era asqueroso e eu não simpatizava com ele, mas tive que ficar calado quando ele me alertou sobre um provável romance entre Cecília e Noah. Ele percebeu alguns olhares suspeitos entre os dois no jantar em que a filha dele foi conhecer o Noah.

Claro que nós discutimos quando ele insinuou que minha filha era amante de um homem comprometido, mas que, mesmo assim, nada impediria o casamento de Isadora e Noah. Eu não ia admitir que ele falasse assim da minha filha, mas garanti que tomaria providências.

Eu não queria que Cecília sofresse, mas eu precisava protegê-la. Para mim, era muito claro onde tudo isso ia dar. Isadora nem chegou a ficar noiva do Noah e já sofreu um atentado. Então eu não podia permitir que minha filha se tornasse o foco das emboscadas dos nossos inimigos, caso se casasse com Noah.

Ela ia sofrer com a minha decisão, mas superaria depois. Sua segurança era mais importante do que qualquer coisa.

Eu estava em meu escritório, sem conseguir parar de pensar em tudo isso, quando meu telefone tocou.

— Oi, tio — atendi.

— *Thomaz, estamos em alerta* — Tio Demétrio falou. — *Noah sofreu um atentado em Chicago*.

— O quê?

— *Isso mesmo que você ouviu. Pietro já está a caminho de lá, com Raphael, Inácio e alguns soldados. Fique em alerta, pois não sabemos o que está acontecendo*.

— Tudo bem — respondi meio atordoado. — Estarei pronto para o que vier.

— Não fale nada na sua casa, pois as mulheres da família não sabem.

— *Okay*, Tio — respondi e olhei para a porta, onde vi a sombra de Cecília.

Ela estava ouvindo a minha conversa, então naquele momento uma ideia repentina me veio à cabeça. Seria muita covardia, talvez a maior que já fiz na vida, mas eu era capaz de qualquer coisa para proteger a minha filha.

— Certo — falei ao telefone, mas sozinho, pois meu Tio já havia desligado a ligação. — Eu sabia que Noah não iria decepcionar o Pietro, só não imaginei que ele adiantaria o casamento com Isadora e, muito menos, que se casariam em segredo. Fique tranquilo, não vou falar com ninguém.

Fingi encerrar a ligação e, na mesma hora, a sombra sumiu. Um dia a Cecília iria me entender.

Cecília

Eu tentei diversas vezes falar com o Noah e não consegui, isso me deixou aflita. Ainda com uma sensação ruim sobre o que poderia estar acontecendo, saí do meu quarto decidida a perguntar ao meu pai o porquê de tanta restrição ao homem que eu escolhi para mim.

Quando cheguei à porta do escritório do meu pai, percebi que ele estava em uma ligação, então resolvi esperar antes de entrar. Mas, de repente, o que eu ouvi me fez congelar.

— *Certo*. *Eu sabia que Noah não iria decepcionar o Pietro, só não imaginei que ele adiantaria o casamento com Isadora e, muito menos, que se casariam em segredo. Fique tranquilo, não vou falar com ninguém.*

Aquilo não podia ser verdade. *Noah não faria isso comigo, não é possível.*

Uma tontura forte tomou conta de mim, de forma que eu precisei me sentar para não cair. Voltei para o meu quarto, praticamente me segurando nas paredes, sentei-me na cama e peguei meu celular. Tentei, novamente, ligar para ele. *Puta merda, desligado de novo!*

Eu não queria acreditar no que tinha ouvido. Noah me prometeu. Ele pediu para que eu confiasse nele. *Não posso acreditar que isso esteja realmente acontecendo*.

Saí novamente do meu quarto e fui atrás do meu pai.

Bônus Pietro

Quando cheguei ao hospital, procurei imediatamente o médico que estava cuidando do Noah. Para o meu alívio, ele me informou que, apesar de o estado de saúde do meu filho ser delicado, o pior já tinha passado. Ele havia sido colocado em coma induzido por precaução, para otimizar o tratamento. Eu sugeri uma transferência para o nosso hospital na Itália, mas o médico me alertou de que, apesar de não correr risco de morte, naquele momento não seria seguro.

Depois de saber todas as informações sobre o meu filho, eu exigi vê-lo, mesmo ele estando na UTI. Quando entrei no quarto gelado, a lembrança da Amanda inerte e pálida em uma cama de hospital veio à tona. Nosso filho estava igual e vê-lo naquela situação foi pior que a morte.

Na época em que tudo aconteceu com a Amanda, foi o Noah, mesmo recém-nascido, quem me salvou e me fez aguentar a aflição e o medo de perder a minha mulher. Agora, além de Amanda e Julie, o que me manteria firme seria a sede de vingança que eu estava sentindo. Quem fez isso com o meu filho ia pagar muito caro, e eu já tinha quase certeza de quem tinha sido.

Afastei aquelas lembranças cruéis e me aproximei do meu filho. Apesar do rosto muito machucado e inchado, ele parecia estar dormindo. Segurei uma de suas mãos e senti que ela estava gelada, então eu o cobri melhor e fiquei olhando-o por um longo tempo.

— Ei, cara, é o seu pai. Estou aqui, como sempre estive quando você precisou, e não vou te deixar. Só saio de Chicago com você, filho — falei, próximo ao seu ouvido, torcendo para que ele pudesse me ouvir. — Agora eu preciso ir, pois tenho que descobrir quem fez isso com você e fazer essa pessoa pagar caro, mas antes queria que você soubesse que pode contar com o meu apoio para qualquer decisão.

Com o coração pesado, deixei meu filho ali, desacordado, e saí do quarto. Assim que apareci no corredor, vi que Lutero estava à porta da UTI, exatamente como eu havia mandado anteriormente.

— Vou deixar outros dois soldados aqui fazendo a segurança, e você virá comigo. Preciso saber, exatamente, como tudo isso aconteceu.

— Já organizei a segurança do hospital, irmão — Raphael disse.

— Então, vamos. Não podemos perder tempo.

Fomos para uma área mais reservada do hospital, ocupamos uma das salas e Lutero nos contou tudo o que sabia.

— Onde está o Severo? Ainda não o vi hoje.

De repente, uma comoção tomou conta do hospital, e nós fomos ver o que estava acontecendo. Bastou falarmos no demônio, e ele apareceu. Severo estava berrando ordens, totalmente alterado. Quando eu me aproximei, ele se assustou.

— *Don* Pietro, você veio.

— Claro que eu vim. Noah tem pai. Você achou que eu não viria descobrir e fazer o responsável por esse atentado pagar? — falei friamente. — O que aconteceu, qual o motivo dessa gritaria?

— Levaram a minha filha, *Don* Pietro. Isadora ainda estava hospitalizada, ainda não tinha se recuperado e a levaram.

— Como assim? — perguntei em alerta. — Como ela saiu daqui sem ser vista? Chequem as câmeras imediatamente.

— Eu já mandei fazer isso, mas alguém apagou as imagens — ele falou contrariado.

Eu desconfiaria do próprio Severo, em primeiro lugar. Depois de saber como ele tratava a mulher e a filha, seria muito propício ele fazer isso para sair do foco de mandante do atentado do Noah e, também, para calar a Isadora. Entretanto, minha intuição me dizia que, apesar de ardiloso, ele não estava mentindo, ao menos não naquele momento. Alguém realmente tinha levado a Isadora.

— Vamos vasculhar todas as câmeras do perímetro ao redor do hospital — falei, e Severo deu a ordem aos seus homens.

Quando eu ia me aproximar de Raphael e Inácio para pensarmos juntos nos próximos passos, meu telefone tocou. Ao ver o número do meu pai no visor do celular, afastei-me para atender.

— Oi, pai.

— *Como está o meu neto, Pietro?*

— Noah está se recuperando. Ele está em coma induzido, para melhorar mais rápido, mas está fora de perigo.

— *Porra, que alívio!* — meu pai falou respirando fundo.

— Eu vou precisar ficar mais um tempo aqui, pai. Apesar de estável, Noah não pode ser transferido e eu não saio daqui sem o meu filho — falei. — Vou mandar o jato de volta para buscar mais soldados.

— *Okay. Vou providenciar homens de confiança para ajudá-lo.*

— Pai, ninguém deve saber do atentado ao Noah. Estamos fora do nosso território, em desvantagem e vulneráveis, isso seria um prato cheio para os nossos inimigos.

— *Eu sei, filho.*

— Como estão as coisas aí?

— *Complicadas, Pietro. Amanda está intuindo que aconteceu alguma coisa com o filho. Ela não para de chorar, não quer comer e não está dormindo direito. Ela e Julie estão aqui em casa, então Melissa está com elas o tempo todo.*

— Agora que eu já sei o real estado do Noah, vou ligar para acalmá-la.

— *Faça isso, filho. Ela é mãe e precisa saber.*

— Selecione os melhores soldados e mande para cá o quanto antes, pai.

— *Vou fazer isso. Mantenha-me informado.*

— Okay.

Desliguei e, logo em seguida, dirigi-me à sala de controle do hospital, a fim de saber sobre o andamento da investigação nas câmeras instaladas nos arredores do prédio. Raphael e Inácio estavam lá, junto com Severo e seus homens.

Pelas imagens da câmera, conseguimos ver um homem encapuzado carregando a Isadora no colo até um carro, onde outros homens esperavam. Ela se debatia e tentava se desvencilhar dos braços do bastardo. Nossa última imagem foi quando o homem a empurrou para dentro do veículo e eles partiram.

— Foquem na placa. Provavelmente é fria, mas vamos verificar.

— Você reconhece esse homem? — perguntei a Severo, que analisava minuciosamente as imagens.

— Não, definitivamente nunca o vi. Mesmo encapuzado dá para notar alguns traços, mas eu não o conheço.



Eu não tinha certeza se o Severo estava envolvido no atentado ao Noah, mas confirmei que ele não era o responsável pelo sequestro da Isadora.

Decidi concentrar minhas energias em descobrir quem atentou contra a vida do meu filho, mas eu também queria saber quem levou a Isadora, afinal de contas os dois eventos poderiam estar, de alguma maneira, associados.

Estava saindo do hospital quando o meu celular vibrou no meu bolso. Já era a terceira vez que a Amanda me ligava, e eu queria conversar com ela com calma, mas sabia e entendia o quanto minha mulher estava apreensiva.

— Oi, bela.

— *Pietro, o que está acontecendo? Estou ligando para o celular do Noah e ele não atende* — ela falou, sem nem me cumprimentar. — *Aconteceu alguma coisa com o meu filho? Fale a verdade.*

— Nosso filho sofreu um acidente, Amanda, mas fique calma, porque ele está bem e fora de perigo.

— *O quê? Pietro Esposito, eu quero ver o meu filho com meus próprios olhos. Eu sou a mãe dele, e ele precisa de mim. Não me prive disso* — ela pediu chorando.

Eu não tive coragem de negar. Embora minha mulher estivesse mais protegida na Itália, eu não poderia negar isso a ela, pois em seu lugar eu também faria o mesmo.

— Tudo bem, Amanda. O jato virá para cá com mais soldados, então vou avisar ao meu pai que você virá junto. Eu busco você no aeroporto e te trago para ver o Noah.

— *A Julie vai comigo* — ela disse decidida*. — Agora, vou desligar para arrumar nossas coisas. Te amo. Eu chego logo.*

— Eu também te amo, amore. Estou te esperando.

Capítulo 20

Cecília

Sem poder mais aguentar calada, fui atrás do meu pai para saber daquela história direito. Ele ainda estava no escritório, e a porta estava fechada, então bati antes de entrar. Ele estava mexendo no computador e me olhou assustado.

— Com quem o senhor estava falando? — perguntei sem fazer rodeios.

— Você estava ouvindo a minha conversa atrás da porta, Cecília? — ele perguntou insatisfeito.

— Estava.

— E ainda admite descaradamente?

— Preferia que eu mentisse? — rebati.

— Eu sou seu pai, garota. Fale direito comigo.

— Justamente porque o senhor é meu pai, eu estou sendo bem educada. Eu não consigo ter tanta consideração por alguém que não pensa na minha felicidade e que quer a todo custo me proibir de ser feliz — falei. — Agora, por favor, o senhor pode me dizer com quem estava falando ao telefone agora há pouco?

— Eram assuntos da máfia, Cecília.

— Não, não eram. O senhor estava falando que o Noah ia adiantar o casamento com a Isadora. Quem falou isso? — eu o questionei.

— Não importa quem disse, mas você ouviu certo. Está satisfeita agora? — ele respondeu, provocando ainda mais a minha raiva. — Eles vão se casar. Noah está em Chicago para isso. Severo vai assinar alguns documentos para adiantar o casamento, e eles voltarão para a Itália já casados. Parece que ele não está tão apaixonado por você.

— Isso é mentira! — gritei, sentindo-me descontrolada e sufocada por uma enorme dor no coração. — Por que o senhor está mentindo para mim? O Noah me ama e ele me prometeu. Ele não faria isso comigo!

— Ligue para ele então e deixe que ele mesmo te fale — meu pai sugeriu.

Eu fiquei quieta, porque já tinha tentado várias vezes falar com o Noah, e seu celular só dava desligado. Percebendo isso, meu pai aproveitou para cutucar a minha ferida.

— Não consegue falar com ele, não é? O celular deve estar desligado, afinal ele está muito ocupado com os preparativos do casamento.

— Nesse momento, eu odeio você! — eu disse, olhando em seus olhos.

Por um momento, percebi que meu pai ficou chocado, mas logo se recompôs.

— Como você pode tripudiar em cima da minha dor? Que tipo de pai é o senhor? — questionei-o.

— Um pai que só quer o seu bem e, acima de tudo, sua proteção. Casar com o futuro *Don* é quase como assinar uma sentença de morte, Cecília, então eu sou um pai que vai te proteger até de você mesma, se for necessário. Você não sabe o quanto a porra do nosso mundo é hostil.

— Engraçado, o senhor não pensou nisso quando minha mãe decidiu não entrar na sua vida. Ela queria ficar longe da máfia, mas o senhor foi atrás dela e nos trouxe para cá, mesmo sabendo que nos colocaria na mira também — falei irritada. — Todos nós já temos uma sentença de morte assinada. Eu já a tenho desde que nasci sua filha, então não seja hipócrita. A família do Noah é mais visada, sim, mas também é muito mais protetora, e eu tenho certeza de que ele morreria para me proteger.

Meu pai teve a decência de parecer envergonhado, mas durou apenas um breve momento, pois logo ele voltou à postura anterior.

— Ninguém vai morrer, Cecília, até porque você não vai casar com o futuro *Don.* Ele já fez uma escolha, você precisa seguir em frente.

— Eu não acredito em uma palavra que o senhor falou. Só vou acreditar nessa história quando o próprio Noah me falar, olhando nos meus olhos. Até isso acontecer, eu sigo esperando ele voltar e acreditando no nosso amor — falei e virei as costas para sair do escritório, dando de cara com a minha mãe.

— O que está acontecendo aqui? — ela perguntou, alternando o olhar entre meu pai e eu.

— Pergunte ao seu marido — respondi friamente e virei as costas.

Saí do escritório, ainda escutando minha mãe me chamar, mas eu não queria falar com ninguém naquele momento.

— Deixe ela, Lavínia. — Ouvi meu pai falar.

Ignorei os dois, corri para o meu quarto e liguei novamente para o Noah. O celular ainda estava desligado, mas dessa vez, esperei cair na caixa postal e deixei uma mensagem.

— Príncipe, sou eu. Eu soube que você está em Chicago para adiantar o casamento com a Isadora, mas não posso acreditar nisso. Eu não posso acreditar que você mentiu para mim, Noah. Por favor, me diz que tudo isso não passa de um pesadelo.

Desliguei o telefone e, completamente sem forças, deitei na minha cama, chorando, sentindo-me completamente perdida e sem ar.

Naquele momento, precisei me concentrar para voltar a respirar com regularidade. Todo o meu mundo, de repente, ficou incerto. Meu presente, meu futuro. Nosso futuro.

— *Eu me recuso a acreditar no que meu pai disse* — sussurrei para mim mesma, na tentativa de acalmar o meu coração.

Eu amava o Noah há tanto tempo e demorei a conquistá-lo. Era muito a se perder em um instante.

Depois de chorar até aliviar um pouco a angústia que eu estava sentindo, peguei meu celular e liguei para a Raphaela que, graças a Deus, atendeu-me rapidamente.

— Oi, Ceci. Tudo bem? — ela perguntou animada, e eu me esforcei para parecer menos derrotada do que estava.

— Estou bem. E aí, como estão as coisas?

— Estamos todos bem por aqui. Quando você vem para cá novamente?

— Eu não sei, não quero atrapalhar o seu pai.

— *Não seja boba, ele nem está aqui. Meu pai, Tio Pietro e Tio Inácio foram para Chicago encontrar o Noah e parece que a Tia Amanda e Julie vão para lá também*.

Meu coração deu um salto ao ouvir aquilo. *Qual é a explicação para isso? Não é possível que seja verdade*, pensei.

— *Ceci, você ainda está aí? — Raphaela chamou minha atenção.*

— Estou aqui. Por que foram todos para lá?

— *Eu não sei. Por acaso, você acha que eles me falam alguma coisa? Ligue para o Noah.*

— Certo. Eu vou desligar, Rapha, depois nos falaremos.

— *Tá bom. Beijos.*

Desliguei o celular e deitei-me na cama, sentindo-me perdida. Entrei embaixo das cobertas e fechei os olhos como se, daquela forma, pudesse apagar aquele pesadelo dos meus pensamentos.

O pior sentimento era não saber se deveria esperar ou desistir, afinal eu poderia perder o amor do Noah, mas não poderia jogar a minha dignidade no lixo tentando segurá-lo, caso ele não quisesse ficar.

Eu não sabia o que fazer. Minha cabeça não parava de ouvir as palavras do meu pai, mas meu coração insistia em dizer que aquela não era a verdade.

De repente, senti-me cansada demais e me esforcei a dormir, porque essa era a única maneira de não pensar e não sentir dor.

Capítulo 21

Cecília

— Cecília, acorda. Levanta, nós precisamos ir, amor!

Ainda dormindo, ouvi a voz de Noah me chamando. Abri os olhos devagar, sem acreditar que ele estivesse mesmo ali, mas quando me deparei com seus olhos azuis intensos, meu coração pulou feito um louco, e eu sentei depressa na minha cama.

— Noah, você veio me buscar? — perguntei, esforçando-me para não chorar de alegria.

— Claro que eu vim. Eu te disse para me esperar. Eu disse que nada tinha mudado e que eu amo você.

— Eu sei, mas é que o meu pai falou tantas coisas. Eu não queria acreditar, mas você sumiu e...

— Eu estou aqui. Agora, vamos, eu vim te buscar — ele falou, esticando a mão para mim, e eu a peguei sem hesitar.

Saímos do meu quarto e nos deparamos com todas as luzes apagadas. Noah me guiou até o lado de fora da casa, e eu estranhei não ver nenhum soldado do meu pai por perto.

— Onde estão os soldados?

— Eu dei um jeito neles — ele falou e me puxou para passarmos pelos portões.

Ao chegarmos à rua, um carro nos esperava. Fomos em direção a ele, mas antes de conseguirmos entrar no veículo, um homem saiu da escuridão com uma arma apontada para nós. Ele estava encapuzado, então eu não conseguia ver quem era.

Noah me escondeu atrás dele, e meu corpo inteiro tremia de medo por nós dois.

— A sua hora chegou, garoto — o homem falou.

Então eu ouvi o disparo e senti o corpo de Noah despencando no chão. Quando olhei para ele, uma poça de sangue já tinha se formado em volta de seu corpo desacordado.

Eu nunca senti uma dor tão grande na minha vida, e o grito que eu dei refletiu todo o meu desespero ao ver o homem que eu amava ali, no chão, morrendo. Naquele momento, eu também queria morrer…

Eu gritei, chorei e pedi socorro, até perder totalmente as minhas forças.

— Cecília, acorda! Acorda, minha filha, você está tendo um pesadelo.

Ouvi a voz da minha mãe e, em seguida, senti meu corpo sendo sacudido e foi isso que me despertou para a realidade. Tinha sido só um pesadelo, o pior e mais doloroso que eu já tive em toda a minha vida.

Minha garganta estava seca, meu cabelo grudado em mim e minha roupa colada no meu corpo de tanto suor. Meu rosto ficou banhado em lágrimas, meu corpo inteiro tremia e eu senti muita dificuldade para respirar.

— Eu preciso de água — falei com a voz rouca, provavelmente por ter gritado muito antes de acordar.

Meus pais me olhavam assustados, mas minha mãe logo pegou um copo de água que já estava ali no meu quarto e me entregou. Bebi tudo rapidamente e levantei da cama.

— Onde você vai, Cecília? Foi só um pesadelo, filha — minha mãe perguntou, e meu pai só me observou, calado.

— Eu preciso lavar o rosto — respondi e entrei no banheiro, trancando a porta atrás de mim.

Enquanto eu jogava água no meu rosto, fechei os olhos e as imagens tão reais do pesadelo voltaram à minha cabeça. Também me lembrei das sensações tão vívidas, não apenas das ruins, mas, principalmente, das boas.

A alegria e o alívio que senti quando vi o Noah, quando ele disse que tinha ido me buscar e quando afirmou que me amava… A sensação foi tão real que perceber que tudo não passou da merda de um pesadelo fez meu peito doer. Era doloroso demais pensar

que a realidade continuava a mesma e que ele não estava ali para me buscar.

Meu peito doeu tanto que não consegui mais conter o choro e solucei, enquanto as lágrimas caíam, descontroladamente, pelo meu rosto. Eu perdi todas as minhas forças, então apenas sentei no chão do banheiro e me deixei levar por aquela dor.

— Cecília, abre aqui, meu amor. Deixe a mamãe entrar e te abraçar — minha mãe pediu chorando.

Eu abri a porta, ela me abraçou, e nós choramos juntas até que eu consegui me acalmar e me deixei ser conduzida de volta para a cama, onde meu pai estava sentado.

— Filha, você precisa seguir em frente. Você ainda é muito nova…

— Sai daqui! — gritei com as últimas forças que eu tinha.

— Cecília, eu só quero o seu bem, minha filha.

— Sai! — gritei novamente.

— Thomaz, você está deixando a menina mais nervosa. Deixe-me sozinha com a minha filha — minha mãe falou, e meu pai não se moveu. — Por favor, Thomaz, espere no nosso quarto.

Não olhei para ele, mas soube que tinha saído quando escutei a porta do quarto batendo.

— Fique calma, filha. Isso tudo vai passar. Eu vou rezar para você esquecer logo.

— Não, mãe. Reze para ele voltar, porque esquecê-lo é impossível — falei honestamente.

— Tudo bem, filha. Descanse e tente dormir novamente — ela falou, deitando comigo na cama e iniciando um carinho na minha cabeça.

Alguns minutos se passaram e, depois de chorar muito nos braços da minha mãe, eu adormeci.

Bônus Raphael

Uma semana depois

Eu estava morrendo de saudade da Eduarda e dos meus filhos, mas o pior era nem saber quando voltaria para a Itália. Não podia ir embora e deixar o meu irmão e sua mente fodida. Tudo bem que um pequeno exército com nossos soldados vieram da Itália, mas no final, nós sempre confiávamos mais em nós mesmos. Diante das circunstâncias, Inácio e eu decidimos ficar em Chicago para segurar a barra, caso Pietro se perdesse.

Eu também era pai e sabia que nada no mundo nos abalava mais e, consequentemente, deixava-nos mais distraídos e vulneráveis do que um filho em um hospital.

Apesar de estável e, segundo os médicos, sem risco de morte, Noah continuava em coma induzido, mas os sedativos já começavam a ser retirados gradualmente pelos médicos. Ele ainda não tinha dado nenhum sinal de acordar e, embora os especialistas dissessem que era normal e que ele iria acordar no tempo dele, ficamos todos muito preocupados.

Desde que Amanda chegou da Itália, todas as vezes em que eu a vi, ela estava chorando, e Pietro fazendo o que podia para consolá-la. Julie também estava muito triste com a situação do irmão e sempre que ia vê-lo, voltava chorando.

Eu estava tomando um café quando meu telefone tocou. Eu atendi, imediatamente, pois poderia ser algo importante.

— Alô.

— *Raphael, como o Noah está?* — Thomaz perguntou.

— Ele está se recuperando, mas ainda em coma.

— *Eu realmente sinto muito* — ele falou. — *E a Isadora, já foi encontrada?*

— Ainda não, mas Severo e seus homens estão trabalhando nisso. Nós trouxemos o nosso detetive para ajudar nesse caso, porém nosso maior foco, no momento, é a saúde do Noah e a segurança da Amanda e da Julie.

— *Entendo. Bom, eu liguei para saber do Noah, mas também para pedir um favor a vocês. Eu sei que o atentado ao Noah está sendo mantido em sigilo, mas alguns membros sabem, como o meu tio, por exemplo. Acontece que eu não contei à Cecília sobre o ocorrido* — Thomaz falou e eu logo vi aonde ele queria chegar com aquela conversa. — *Você já deve saber que ela e Noah tiveram um pequeno romance, e Cecília está com a ideia fixa de que está apaixonada pelo seu sobrinho. Enfim, eu não aprovo esse relacionamento.*

— Ah, vá se foder, Thomaz! Qual é o seu problema com o Noah? — perguntei com raiva.

— *Não é nada pessoal, Raphael, mas você também é pai e não ia querer que suas filhas se casassem com um futuro Don, tornando-as um alvo.*

— Noah é perfeitamente capaz de protegê-la! Meu sobrinho é muito bem treinado e não deixaria nada acontecer com a Cecília. Todos nós somos casados e...

— *E a maioria de vocês já teve problemas com suas mulheres.*

— Foda-se! Roubaram minha mulher de mim, eu fui lá e a peguei de volta. Nós protegemos as nossas mulheres com a nossa vida, se for preciso.

— *Eu não duvido, mas prefiro uma vida mais tranquila para a minha filha*.

— Acontece que, se eles estão apaixonados, não é você quem escolhe — falei puto com a sua ousadia e escutei ele suspirar.

— *Eu só quero proteger a minha filha. Ela tem tido pesadelos há alguns dias e não está comendo direito, está abatida. Esse amor que ela diz sentir por ele só está fazendo mal a ela. Noah já tem compromisso e as chances de ela sofrer são enormes, então eu quero cortar o mal pela raiz. Prefiro que ela não saiba nada sobre o*

acidente para não enlouquecer. E tem mais: ela já tem um pretendente que virá à minha casa para conhecê-la dentro de alguns dias, e eu gostaria que ninguém se metesse na minha decisão — ele falou enfático.

Aquele nem parecia o Thomaz que eu conhecia, mas não ia adiantar porra nenhuma argumentar com ele, então deixei-o pensar que eu concordava.

— *Okay*, Thomaz, ninguém falará nada para a Cecília. De qualquer maneira, as gêmeas não sabem de nada, então não tem o risco de elas contarem, e Julie sabe que precisa manter segredo.

— *Obrigado*.

— Obrigado é o caralho. Não concordo com a sua atitude, então não me agradeça — falei e, puto, desliguei o telefone na cara dele.

Eu precisava fazer alguma coisa e pensei sobre isso nas horas seguintes.



No dia seguinte, quando cheguei ao hospital para ver o Noah, ele ainda estava desacordado, apesar de terem retirado toda a sedação e os aparelhos; felizmente ele já respirava por conta própria.

Era horrível ver o meu sobrinho naquela situação, pois eu o amava como se fosse meu filho. *Ele precisa acordar.*

— Acorda, cara. Estão querendo roubar sua mulher — falei baixinho, ao lado do Noah na cama. — Você é um Esposito, ninguém mexe com as nossas mulheres. O filho da puta do Thomaz está arrumando um noivo para a Cecília. Você vai deixar isso barato? Levante da porra dessa cama, que você já dormiu demais, e vá pegar a sua mulher.

Olhei para o monitor e notei que o coração dele bateu um pouco mais rápido. *Ah, cacete, será que fiz merda?* pensei.

— Calma, Noah. Acorde devagar e não se preocupe que eu vou te ajudar a pegá-la para você. Reage, ca…

Não consegui terminar minha frase, porque, de repente, os olhos da miniatura do Pietro se abriram e me encararam

assustados. *Eu sabia, ninguém mexe com as nossas mulheres!*

— Porra, graças a Deus você acordou, cara! O que uma mulher não fizer, ninguém mais faz.

— Ce-ci…

Capítulo 22

Noah

— Acorda, cara. Estão querendo roubar sua mulher. Você é um Esposito, ninguém mexe com as nossas mulheres. O filho da puta do Thomaz está arrumando um noivo para a Cecília. Você vai deixar isso barato? Levante da porra dessa cama, que você já dormiu demais, e vá pegar a sua mulher.

Tio Raphael? pensei.

Eu ouvi a voz do meu tio, mas estava difícil conseguir abrir os olhos. Ele estava falando da Cecília. Senti o meu coração disparar e minha cabeça doer. Eu queria acordar e respondê-lo, mas meus olhos não me obedeciam e minha garganta estava seca.

— Calma, Noah. Acorde devagar e não se preocupe que eu vou te ajudar a pegá-la para você. Reage, ca…

Ele está certo, eu preciso acordar. Preciso saber o que está acontecendo com a Cecília, pensei e fiz um esforço sobre-humano para conseguir abrir os olhos. Com muito sacrifício, consegui.

— Porra, graças a Deus você acordou, cara! O que uma mulher não fizer, ninguém mais faz.

— Ce-ci... — consegui emitir, com muito esforço, algum som.

— Eu espero que você não esteja me confundindo com a Cecília, mas sim se referindo a ela — Tio Raphael falou com aquele seu característico senso de humor. — Se você tiver me confundindo, ou está muito apaixonado ao ponto de ter alucinações ou bateu a cabeça mais forte do que imaginamos.

Eu queria, mas não me atrevi a rir, pois minha cabeça estava explodindo.

— Onde… Onde ela está? — perguntei.

— Ela está em casa. Está tudo bem, não se preocupe. Eu só falei aquelas coisas para te incentivar a acordar — meu tio disse.

— Você está… mentindo — falei, porque eu o conhecia e sabia que ele realmente estava.

— Eu vou chamar o médico e, depois que tivermos certeza de que está tudo bem, conversaremos novamente.

— Não, tio.

— Noah, sobre isso não tem discussão — ele falou sério, dessa vez, e eu assenti.

Tio Raphael tocou a campainha ao lado da cama e, logo depois, um médico e uma enfermeira entraram no quarto, acompanhados pelos meus pais.



Depois de conversar com o médico e entender tudo o que aconteceu comigo, eu refiz vários exames que constataram que o acidente não deixou nenhuma sequela. Meus exames de sangue estavam bons, a costela fraturada estava cicatrizando, o traumatismo era leve e a hemorragia estava totalmente controlada.

Por insistência minha, o médico disse que assinaria minha alta no dia seguinte. Então, meu pai falou para eu não me preocupar, pois ele alugou uma casa em Chicago, onde ficaríamos mais uns dias, antes de encarar horas de voo para a Itália. Ao lado do meu pai, minha mãe não sabia se ria ou se chorava ao me ver acordado.

Na primeira oportunidade que tive, contei ao meu pai tudo o que me lembrei sobre o meu atentado e toda a história que Isadora me contou. Eu precisava que ele a ajudasse, porque eu tinha outros planos. Eu precisava sair do hospital e ir atrás de Cecília.

Meu tio ainda não tinha me contado a história toda, mas algo muito sério estava acontecendo e eu precisava interferir antes que fosse tarde.

Meu celular estava perdido, então pensei em pegar o celular de alguém e ligar para ela, mas mais do que isso, eu precisava vê-la. Não queria contar a Cecília por telefone sobre tudo o que

aconteceu, além disso ela merecia muito mais do que uma ligação depois de todo esse tempo que fiquei incomunicável.

Cecília

Passei a semana no meu quarto, pois não queria ver o meu pai. Na verdade, eu não queria ver ninguém. Os pesadelos continuaram constantes e, todos terminavam com o Noah machucado, e eu desesperada.

Eu não conseguia comer quase nada, não tinha apetite; pelas minhas roupas era perceptível que eu havia emagrecido. Minha mãe fez de tudo para tentar me animar e eu até tentei parecer melhor para não preocupá-la ainda mais, porém o desânimo tomava conta de mim de tal maneira que era impossível disfarçar.

Talvez fosse mais fácil se eu tivesse a certeza de que o Noah realmente tinha casado com a Isadora e me deixado para trás. Afinal, o que realmente estava me matando, além da falta que sentia dele, era a incerteza. A incerteza alimentava a minha esperança e, naquele momento, meu coração estava se agarrando a ela com todas as forças.

Por mais que a minha cabeça achasse estranho o sumiço do Noah por quase dez dias, meu coração insistia em acreditar que ele voltaria para mim.

Alguns dias depois

Eu estava deitada em meu quarto quando ouvi uma agitação na casa. Imediatamente, ao reconhecer a voz do Vô Demétrio, levantei-me da cama correndo e desci, em silêncio, na tentativa de ouvir o que falavam.

— Você só pode estar ficando louco, Thomaz! Você não pode obrigar sua filha a se casar com outro cara, só porque ela está apaixonada pelo Noah — meu avô falou.

O quê? Eu não podia acreditar que meu pai fez isso, ele foi longe demais. *Ele está louco se pensa que vai me obrigar a casar.* Eu já estava pronta para fazer um escândalo quando eles recomeçaram a conversa, então eu resolvi esperar.

— Eu não vou obrigá-la a casar, tio, só vou apresentar uma opção. Cecília está deslumbrada com o Noah, mas tenho certeza de que é fogo de palha. Quando ela conhecer outra pessoa, vai esquecê-lo — meu pai respondeu. *— A menina está emagrecendo, não come e não dorme direito. Isso já foi longe demais, não vou deixar minha filha se afundar desse jeito. Sábado o rapaz e a família dele virão jantar aqui em casa. É só um jantar, nada oficial.*

— E você acha que a solução para ela é isso? Ela está doente de amor, seu imbecil. Você só vai piorar a situação agindo assim.

— Tio, eu respeito muito o senhor, mas eu não vou permitir que se meta na criação da minha filha. Eu não quero a Cecília casada com um Don. Não vou permitir que ela viva sempre com uma mira na testa.

— Noah foi treinado praticamente desde o berço, Thomaz. Não seja estúpido! A família Esposito é visada, mas a segurança dela também é redobrada. A única coisa que você vai conseguir ao interferir na vida da sua filha é perder o amor dela — Vô Demétrio argumentou.

— Mais cedo ou mais tarde, Cecília vai entender que eu só quero o bem dela e que eu a amo.

— O amor, às vezes, cega as pessoas. Continue com essa merda e você verá o que vai acontecer.

— Eu sei o que estou fazendo — meu pai falou resoluto*.*

— Espero que realmente saiba, porque eu não vou te ajudar a consertar sua merda depois.

Eu já tinha ouvido tudo o que precisava e resolvi agir de forma diferente. Eu deixaria esse jantar acontecer. Meu pai iria se arrepender, pois eu o faria passar a pior vergonha da sua vida.

Noah

Eu já estava na casa que meu pai alugou em Chicago. Tio Raphael tinha voltado para a Itália com Tio Inácio, e meus pais, Julie e uma quantidade um pouco exagerada de soldados ficaram comigo.

Por recomendações médicas e devido à costela que não estava totalmente cicatrizada, eu deveria ficar em repouso, mas isso não ia acontecer. Eu já sabia exatamente o que fazer, principalmente depois de descobrir tudo o que estava acontecendo na casa da Cecília.

Eu preferia não entrar em atrito com Thomaz, pelo menos não por enquanto. Decidi fazer as coisas de um jeito mais calmo.

Ele ficaria louco quando soubesse, mas eu não me importava. *Quero mais é que ele se foda*. Ele estava muito louco se achava que podia me impedir de casar com a filha dele e, mais louco ainda, de tentar apresentá-la a outro cara. *Eu mato qualquer um que ousar chegar perto dela. Thomaz não me conhece*.

Cecília era minha, ela foi feita para mim, para eu cuidar e amar.

Mesmo com o meu pai, constantemente, ao meu redor e desconfiado de que eu faria alguma coisa impensada, eu já tinha tomado algumas providências e, logo, colocaria o meu plano em prática.

Cecília - No dia do jantar

Abri meu guarda-roupas e olhei minhas opções. Minhas roupas eram normais — nem muito angelicais e nem muito ousadas —, mas naquele dia eu precisava de algo diferente.

Meu pai só me informou no dia anterior que teríamos um jantar aqui em casa, porém disse apenas que um amigo dele viria com a família e que ele gostaria que a sua família também estivesse presente. Meu pai também me contou que o homem tinha um filho, um pouco mais velho do que eu, e que eu poderia conhecê-lo e me distrair um pouco.

Eu sabia sua real intenção e, como era sua cria e sabia ser sonsa igual a ele, eu disse que estava tudo bem, que participaria do jantar e que seria até bom me distrair.

No dia do jantar, eu estava empenhada em fazer uma surpresa ao meu pai. Revirei tudo e, quando já estava desanimando, achei algo que poderia ser muito interessante. No ano anterior, a Sophia me deu um vestido tão ousado que eu achei que nunca teria coragem de usar: preto, muito curto, bem acima das coxas, com um decote exagerado e as costas nuas. Ele era todo coberto por lantejoulas, lindo, porém chamativo ao extremo.

Corri para frente do espelho e o experimentei. Foi difícil entrar, pois eu tinha ganhado mais corpo desde que a Sophia me deu — mesmo perdendo peso nos últimos dias. Ao fechar o zíper, encarei-me no espelho. O vestido parecia ter sido colocado a vácuo no meu corpo. *Perfeito!* Bem piranhona, exatamente como eu queria. Meu pai queria me vender como uma mercadoria em que ele escolhia o melhor comprador, então eu tinha que valorizar o produto! Eu só queria ver a cara dele quando me visse vestida desse jeito.

Tomei um banho demorado, vesti o roupão e fui fazer a maquiagem. Eu costumava fazer maquiagens básicas: rímel, blush leve só para dar uma aparência saudável e, quando usava delineador, o batom era cor de boca. Entretanto, naquele dia, não!

Caprichei no contorno dos olhos, passei uma camada generosa de rímel e finalizei com um batom bem vermelho.

— Adorei! — falei, observando meu reflexo no espelho.

Escolhi uma calcinha que não marcasse, coloquei o vestido, calcei um *scarpin* preto mais alto que eu tinha e estava pronta.

Quando cheguei ao topo da escada, vi meu pai, meu avô, um outro senhor e um rapaz conversando. Como se sentisse a minha presença, meu pai olhou para cima e a cara que fez foi impagável. Eu queria muito ri, mas apenas o encarei.

Ele começou a ficar vermelho e a minha vontade de rir só aumentou. Continuamos nos encarando por um tempo até que meu avô também me viu e se manifestou.

— Cecília, minha princesa, desça. Venha cumprimentar os convidados — meu avô falou carinhosamente como sempre.

Eu vi o exato momento em que ele prestou atenção na minha roupa. Certamente também tinha achado extravagante, pois não estava acostumado a me ver vestida daquela forma, mas eu sabia que ele não daria tanta importância a isso como o meu pai.

— Você está linda e… diferente — meu avô falou e pigarreou quando me aproximei deles.

Capítulo 23

Cecília

Enquanto o jantar estava acontecendo, vez ou outra, meu pai me olhava de cara feia, e eu sorria meiga para ele. Na verdade, eu estava sentada no sofá, sorrindo falsamente para todos.

Minha mãe conversava com Laura, mãe do Adam — meu suposto pretendente — que, infelizmente, não correu quando viu que eu não era uma menina muito comportada. Pelo contrário, seus olhos pareciam ter gostado muito do que viram.

Meu pai estava conversando com o meu avô e o pai do Adam, enquanto ele estava sentado ao meu lado, tentando puxar assunto.

— Você é incrivelmente bonita, Cecília.

— Obrigada — respondi com desdém.

Uma das copeiras veio nos servir champanhe. Peguei uma taça e senti quando ela colocou um papel discretamente em minha mão. Olhei-a, e ela esboçou um sorriso fraco para mim. Meu coração disparou.

Coloquei a taça em cima da mesinha e pedi licença para ir ao toalete. Quando cheguei lá e abri o papel, senti minhas pernas fraquejarem. Era ele, eu sabia.

"*Encontre-me no portão dos fundos, vim te buscar. Eu disse que viria. Não demore. Te amo"*

Involuntariamente, todo o meu corpo começou a tremer. Eu queria rir, chorar, tudo ao mesmo tempo. Ainda não o tinha visto, mas sabia que era ele. Meu coração me dizia que era ele, e eu não me enganei. *Ele veio me buscar. Eu sempre soube que ele cumpriria sua promessa, meu coração sempre acreditou.*

Esperei alguns segundos até conseguir controlar minhas emoções. Quando saí do banheiro e caminhei em direção à cozinha para ir ao encontro do Noah, meu pai me interceptou.

— Aonde você vai? — ele perguntou sério.

— Na cozinha, beber um copo de água. Não estou me sentindo muito bem.

— O que você tem? Está um pouco pálida. — Ele suavizou sua expressão por um momento.

— Acho que não me alimentei bem hoje — falei sonsa. — Também não estou me sentindo bem com essa roupa, acho que vou ao meu quarto me trocar.

— Filha, sei que você se vestiu assim para me provocar. Eu entendo que agora você esteja chateada comigo, mas um dia você entenderá que tudo o que estou fazendo é para o seu bem.

— Tudo bem, pai, eu já desisti. Noah não vai voltar, é perda de tempo ficar esperando. Vou seguir com a minha vida, assim como ele está seguindo com a dele — falei exatamente o que ele queria ouvir.

Eu precisava que meu pai acreditasse em mim, relaxasse um pouco e baixasse a guarda. Deu certo, pois ele sorriu e me abraçou.

— Eu vou lá em cima trocar de roupa, tirar um pouco da maquiagem pesada e desço novamente. Avise aos convidados, por favor. Eu já volto.

— Isso, meu amor. Essa nem parece você. Estou feliz que finalmente você tenha se dado conta. Pode ir com calma, eu aviso a todos.

Eu assenti sorrindo, dei um beijo na bochecha do meu pai e caminhei em direção ao meu quarto.

Subi as escadas devagar e vi meu pai indo para a sala. Esperei-o apenas sumir do meu campo de visão, desci as escadas novamente e fui para a cozinha. Lá, avistei a copeira que me entregou o bilhete e fui até ela.

— Foi o Noah que te deu isso? — perguntei surtando e mostrando o bilhete.

— Eu não sei, senhorita. Não o conheço, mas ele disse que se chamava Noah. Eu só fiz o que ele me pediu.

— Certo, estou indo. Você não sabe e nem viu nada.

Ela assentiu e eu saí pela porta da cozinha, direto para os fundos da casa, onde ele disse que estaria me esperando.

Quando cheguei ao portão dos fundos da minha casa, estranhei que não tinha nenhum soldado por perto, mas continuei. Eu sabia que aquilo poderia ser uma cilada, poderia ser qualquer pessoa me atraindo para lá, mas para reencontrar o Noah valeria o risco.

Eu não conhecia a caligrafia do Noah, mas, dentro do meu coração, eu sabia que era ele. O que eu sentia pelo meu príncipe era tão forte que, mesmo sem vê-lo, eu podia sentir sua presença.

Apertei o botão do portão, e ele começou a abrir, apenas o suficiente para eu passar. Quando saí, avistei um carro com o vidro todo escuro, então parei. Meu coração batia muito rápido, minha respiração estava ofegante, a pele suando, e eu tremia. Fui em direção ao carro e, antes que eu chegasse perto, a porta abriu. Eu parei e esperei.

Quando eu o vi descer do carro e me olhar, quase não pude acreditar. Ele estava ali, não era um sonho.

Por um momento, eu fiquei congelada, olhando para ele numa mistura intensa de amor, alívio, saudade e alegria. Até as famosas borboletas no estômago estavam presentes!

Noah se recostou no carro e sorriu para mim, com sua cara de *bad boy* cafajeste. Ele vestia calça e jaqueta de couro preta, estava mais lindo do que nunca. Eu sorri de volta, corri direto para os seus braços e pulei nele, desesperada para sentir seu calor. Abracei-o forte e, por um momento, nós apenas ficamos nos sentindo nos braços um do outro.

De repente e inevitavelmente, eu comecei a chorar: de amor, alívio e satisfação por estar novamente nos braços do homem que eu amava. Eu era completamente do Noah e ninguém nesse mundo seria capaz de mudar isso.

— Não chore, amor. Eu estou aqui, vim te buscar — ele falou, olhando-me e passando o polegar no meu rosto para secar as minhas lágrimas. — Eu já soube que seu pai é contra o nosso relacionamento e está te apresentando a um filho da puta qualquer hoje. Então, nós temos duas opções: entramos e eu enfrento o seu pai, deixando claro que você é minha e nós vamos nos casar, ele

querendo ou não; ou nós vamos embora agora mesmo, para bem longe. Fugimos, até que algumas coisas se resolvam, e depois voltamos — ele disse.

Eu não precisei pensar nem por um minuto.

— Vamos embora daqui agora — falei decidida.

Noah sorriu, deu-me um selinho, abriu a porta do passageiro para mim, e eu entrei. Ele deu a volta no carro, entrou e nós partimos.

— Coloque o cinto, princesa — ele falou.

Noah piscou para mim, e eu me derreti toda para ele, mais uma vez.

Noah

Eu sabia que era uma loucura levar Cecília assim, mas eu planejei tudo na minha cabeça e estava executando, sem pensar nas consequências. Na mala do carro tinha uma bolsa com roupas, alguns alimentos, muitas armas e munições.

Eu sabia que fugir com ela me traria muitas consequências, mas quando eu soube que Thomaz era contra o nosso relacionamento e estava tentando empurrar outro cara para a minha mulher, eu decidi tomar uma atitude e rápido.

Para não confrontar o Thomaz e matar esse filho da puta que pensou que ia se dar bem com a minha garota, eu decidi, por ora, roubá-la para mim. Eu precisava de um tempo só com ela, depois de tudo o que aconteceu.

Em tão pouco tempo, tanta coisa mudou. Meu pai já estava inteirado de toda a situação com a Isadora e resolveria tudo por mim. O atentado me fez perceber que não tínhamos tempo a perder. Cecília me amava, e eu também a amava, então nos dias seguintes eu me permitiria esquecer o mundo e todos os meus compromissos com a máfia para me dedicar à mulher que eu amava e que já tinha ficado muito tempo longe de mim e à minha espera.

Naquele momento, Cecília teria toda a minha atenção e me teria só para ela, antes de voltarmos à realidade, entrarmos no olho do furacão e eu ter que dividir a minha atenção entre ela e o trabalho.



Dirigi até o aeroporto e o mesmo jato particular que me levou até Las Vegas esperava-nos.

O caminho foi silencioso. Cecília deitou a cabeça no meu ombro e me abraçou do jeito que podia. Eu dirigi com uma mão, e com a outra eu segurei a dela durante todo o trajeto, beijando-a de

vez em quando. Tínhamos muito a conversar, mas naquele momento, depois de tanta ausência, só queríamos curtir a companhia um do outro.

Minutos depois, ao chegarmos ao nosso destino, desci do carro, abri a porta para ela e segurei sua mão para que descesse. Fui até o porta-malas, peguei a bolsa com as armas e munições, e o copiloto pegou a outra mala. Entramos no jato e nos acomodamos. Sem demora, o jato decolou, pois não podíamos perder tempo.

— Para onde estamos indo? — ela perguntou, deitando a cabeça novamente no meu ombro e segurando a minha mão.

— Para a Ilha — respondi e beijei sua cabeça.

— A Ilha da Mel? Meu pai sabe onde fica, Noah — ela falou alarmada.

— Nós vamos para a cabana. Lá tem tudo o que a gente precisa e só quem sabe onde fica, além de mim, é meu pai e meu avô. Estaremos seguros lá. Ela é escondida e foi construída exatamente para uma emergência, para o caso de precisarmos de um refúgio seguro. Não se preocupe, eu vou cuidar de nós dois.

— Não estou preocupada, só não quero que ninguém nos encontre.

— Não vão. Fique tranquila.

— Tem um quarto nesse jato? — ela perguntou, levantando a cabeça do meu ombro e me olhando.

— Tem. Você quer se deitar um pouco? Está cansada?

— Não, estou ótima, mas quero poder te abraçar melhor e não te largar tão cedo.

— Então, vamos — falei, tirando o cinto e me levantando.

Eu entendia bem como ela estava se sentindo, porque eu me sentia da mesma forma. Esperei que ela passasse na minha frente e segurei em sua cintura, guiando-a para o quarto.

Capítulo 24

Noah

Quando chegamos ao quarto do jato, eu observei, pela primeira vez, como a Cecília estava vestida. Ela era linda, naturalmente, mas naquele momento parecia vestida para matar alguém do coração. Ela poderia ser a própria Afrodite, deusa da beleza, do amor e da fertilidade.

— Não que você não esteja maravilhosa, mas essas roupas são diferentes do que você costumava usar. Por acaso, você estava tentando impressionar o babaca que seu pai levou para te conhecer? — perguntei, sentindo-me incomodado pra caralho.

— Claro que não, príncipe — ela respondeu e riu. — Eu só queria irritar o meu pai, fazê-lo passar vergonha.

— Você está linda pra caralho, mas prefiro que só use roupas tão curtas e justas assim quando estivermos a sós.

— Sinto muito, mas terei que te decepcionar — ela falou, olhando-me séria.

— Não vou me decepcionar com você por causa das suas roupas, mas, possivelmente, terei que machucar alguns caras que te olharem, então se você não se importa…

Fui interrompido por uma gargalhada, mas no segundo seguinte, ela parou de rir e caminhou na minha direção, dessa vez, séria. Cecília colocou os dois braços em volta do meu pescoço e falou no meu ouvido:

— Com você, não vou usar essas ou nenhuma outra roupa, porque eu quero ficar nua — ela sussurrou, e o meu pau, automaticamente, animou-se.

Abracei-a pela cintura, colando seu corpo no meu, e a beijei. Ela retribuiu o beijo com a mesma vontade e intensidade.

— Nunca mais quero ficar longe de você, da sua boca, do seu corpo gostoso, do seu cabelo macio e cheiroso, e dessa pele quente — falei entre os nossos beijos.

Cecília era gostosa demais, em todos os sentidos. Aprofundei o beijo e, de repente, ela o interrompeu e me empurrou.

— Depois, Noah — ela disse. — Antes de eu me acabar no seu corpo gostoso, eu quero saber exatamente o porquê do seu sumiço, de não atender minhas ligações e ter me deixado sem notícias. Aliás, eu quero saber primeiro que porra de história é essa de que você ia adiantar o seu casamento com a Isadora?

— O quê? — Espantei-me com aquela pergunta.

— É isso mesmo, Noah Esposito. Você só vai encostar em mim depois que tiver uma ótima explicação, porque eu amo você, mas eu me amo muito mais!



Cecília e eu tivemos uma longa conversa. Eu contei tudo o que aconteceu, desde que saí da Itália, e ela também me contou tudo o que passou e pensou durante a minha ausência.

Eu odiei o Thomaz com todas as minhas forças por ter causado todo esse sofrimento à Cecília. A decisão mais certa que tomamos foi ter saído de lá, porque se eu batesse de frente com o Thomaz, depois de saber toda essa história, eu o mataria e isso seria um grande problema, afinal ele não era qualquer um. Thomaz era o pai da mulher que eu amava e um cara muito próximo da minha família, mas eu ia acertar minhas contas com ele, mais cedo ou mais tarde.

— Eu sofri muito com a possibilidade de ser verdade o que meu pai falou sobre você, mas o meu coração me dizia, o tempo todo, que você ia voltar — ela falou, de repente.

Estávamos deitados na cama da suíte do jato, ela com a cabeça no meu peito e eu, alisando seu cabelo cheiroso.

— Eu disse que ia voltar e cumpri minha palavra. Eu te amo, Cecília, e nunca te enganaria dessa forma.

— Eu sei, príncipe, por isso continuei te esperando — ela respondeu com a voz firme. — Eu estou pouco me lixando para o que o meu pai está pensando agora, mas eu me preocupo com a minha mãe, ela deve estar achando que alguém me sequestrou.

— Eles sabem que você está comigo.

— Sabem? — ela perguntou, levantando a cabeça e me olhando.

— Claro que sabem — falei. — Eu não tenho medo do seu pai, Cecília. Enfrentarei quem for preciso para ficar com você. Eu enfrentaria até o meu próprio pai, se fosse necessário, pois diferente do seu, ele respeita as minhas escolhas, ainda que nem sempre concorde. Ele não tenta impor sua autoridade de pai ou de *Don* comigo, pois sabe que eu sou um homem adulto e tenho autonomia para decidir o que é melhor para a minha vida.

Tudo o que falei a Cecília sobre o meu pai era a mais pura verdade. Todas as vezes em que discordou das minhas decisões, ele me mostrou que estava certo e me fez mudar de ideia, mas nunca me obrigou a nada.

— Tio Pietro é um pai fodão — ela falou, e eu ri.

— Você tem razão — confirmei. — Você não acha estranho chamar o seu sogro de tio?

— Ele já era meu tio antes de ser meu sogro, então não, não acho.

— Tudo bem. Que seja.

Ficamos mais um tempo abraçados em silêncio, até que Cecília voltou a falar.

— Noah, agora que me dei conta de uma coisa. Você falou, com tanta convicção, que meus pais sabem que estamos juntos. Por que você disse isso?

— Eu não me escondi das câmeras de segurança, então a essa altura, eles certamente já viram nas imagens que foi comigo que você saiu. Inclusive, eu garanti que essas imagens fossem enviadas para o meu pai também, ninguém vai poder me acusar de ter sequestrado você.

Eu não pretendia me esconder de ninguém, pois não era um covarde e deixei isso bem claro para a Cecília.

— Eu não vou me acovardar diante deles. Só preciso de um tempo sozinho com você e a única forma de conseguir isso, por enquanto, é na marra — falei. — Seu pai não ia facilitar a minha vida, assim como eu não queria um confronto com ele. Roubei você para mim por um tempo e fodam-se as consequências, porque eu te amo pra caralho e, no momento, é só isso que me importa. Quando eu tiver que voltar e encarar todo mundo, eu vou fazer isso de peito aberto, porque não tenho medo de ninguém e também porque o amor que sinto por você faz eu me sentir invencível. Meu único medo é perder você, Cecília.

Assim que terminei de falar, ela me beijou. Em seguida, para me torturar, Cecília interrompeu nosso beijo, quando ele estava ficando quente, e me olhou.

— Acho que nós devíamos casar em Las Vegas como a tia Camila e o tio Lorenzo!

— Até você sabe dessa história?!

— É claro que eu sei, dessa e de muitas outras histórias que envolvem os Esposito. Os romances da sua família deveriam virar um livro, é uma história melhor que a outra.

— Prefiro a nossa — falei, puxei-a para mim e a beijei novamente.

Depois de muitos beijos e carícias, Cecília dormiu nos meus braços, e eu aproveitei para descansar também, pois nós só chegaríamos na Ilha pela manhã.

Cecília

Nem vi a viagem passar. Eu estava realmente cansada, pois não dormia bem há muito tempo e descansar nos braços do Noah foi o melhor sono da minha vida.

Naquele dia, eu tinha a convicção que nunca fui tão feliz. Noah era o meu sonho sendo realizado. Minha felicidade só não estava completa, porque a decepção com o meu pai era muito grande. *Como ele pôde inventar algo tão sério?* pensei.

Eu quase morri de susto quando o Noah me contou sobre o acidente e o tempo que passou internado. Fiquei desesperada só em pensar que ele podia ter morrido, mas ele me segurou em seus braços e me acalmou.

Quando acordei, Noah não estava mais na cama do jato, então me levantei, fui ao banheiro para fazer minha higiene matinal e procurar meu vestido. Eu o tirei quando fomos para o quarto e acabei dormindo só de calcinha, já que não tinha nenhuma outra roupa e estávamos só nós dois na suíte. Noah me ofereceu uma camisa dele, mas eu sem-vergonha não quis.

Quando saí do banheiro, vestida, Noah entrou no quarto.

— Nós já vamos pousar — ele disse e me olhou, novamente usando o vestido da noite anterior. — Assim que chegarmos ao aeroporto, compraremos roupas para você. Vista essa roupa.

Noah me entregou uma calça de moletom e uma camisa dele, que me engoliram quando vesti.

Desembarcamos no aeroporto e, logo, fomos a algumas lojas para comprar minhas roupas. Nem comemos, achamos melhor ir direto para a cabana. Compramos carne e peixe e, depois de poucos minutos, estávamos numa lancha a caminho da Ilha.

Eu pensei em perguntar onde ficava a cabana que ele mencionou, mas achei melhor esperar, eu confiava nele. Ao chegarmos na Ilha da Mel, Noah entrou apenas para pegar mais mantimentos e coletes salva-vidas. Instantes depois, estávamos

atracando a lancha em outra ilha, um pouco distante da Ilha da Mel. Ele parou a lancha, ajudou-me a descer e tirou as nossas coisas.

— Espere um minuto aqui, vou esconder a lancha.

Assenti e ele entrou na lancha novamente. Noah voltou, segundos depois, andando por dentro da floresta. Ele segurou minha mão, pegou as bolsas e me conduziu para a cabana.

Fiquei de queixo caído quando avistei a tal cabana, pois era maravilhosa e enorme.

— Meu Deus, que lugar lindo e escondido. Ninguém imagina que tem uma cabana aqui — falei boquiaberta.

— Não é? Eu amo esse lugar, principalmente porque ninguém o conhece. Nem meus tios sabem da existência da cabana. Quando eu a descobri, anos atrás, mostrei para o meu pai e, como aqui ainda é território da nossa família, ele mandou construir esse lugar. É como um refúgio para emergências. As paredes são blindadas, tem quarto de pânico, alimentos, armas e munições. Dá para viver, confortavelmente, por um mês — Noah disse. — Vem, vamos entrar.

— Meu Deus, quanto dinheiro vocês têm para comprar uma ilha e tudo nas redondezas? — falei brincando, mas meu espanto era sério.

Noah não respondeu, apenas me puxou para entrarmos na casa que, por dentro, era ainda mais linda. A decoração era rústica, tinha lareira e toda a mobília necessária, enfim era tudo perfeito. Eu estava vivendo um sonho com o meu príncipe.

— Noah, é perfeito. Não quero ir embora nunca mais.

— Infelizmente, nunca mais não é possível, mas nós temos tempo e todas as horas do meu dia, enquanto estivermos aqui, serão suas — ele falou e me abraçou por trás, enquanto eu olhava para tudo maravilhada.

Fizemos um *tour* pela casa, que era grande e confortável. O primeiro andar se dividia entre a sala de estar, a cozinha e o banheiro; em cima era o quarto do pânico, a cama ficava onde era um mezanino e tinha um banheiro anexo.

Capítulo 25

Cecília

Levamos nossas coisas para o mezanino e nos sentamos na cama.

— Como se sente? Está preocupada ou com medo?

— Estou me sentindo maravilhosa — respondi sinceramente.

— Isso porque você realmente é — Noah falou e deu um beijinho no meu nariz.

Eu fechei os olhos para sentir o seu toque e ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha, em seguida beijou o meu pescoço, arrepiando minha pele. Depois do pescoço, Noah beijou meu queixo e me deu um selinho. Eu estava ficando mole, entregue às sensações que ele me causava. Porém, de repente, ele se afastou. Quando abri os olhos, ele me observava de perto, sorrindo.

— Vou tomar banho e depois vou fazer algo para comermos. Você deve estar com fome.

— Estou com todos os tipos de fome que você possa imaginar — falei brincando, e ele riu. — Mas desde quando você sabe cozinhar? — perguntei achando estranho.

— Na verdade, eu não sei. Eu aprendi um único prato, porque amava quando minha avó o fazia para mim. Um dia, ela cismou de me ensinar a fazê-lo. Eu não queria aprender. Fiquei com preguiça e disse que não levava jeito, mas ela insistiu. Ela disse que eu precisava aprender a fazer o meu prato favorito.

— Ela estava mais do que certa.

— Pois é. Ela dizia que, enquanto estivesse viva, sempre o faria para mim, mas que no dia que não pudesse mais fazer, e eu o

fizesse, lembraria dela. E foi assim que ela me convenceu — ele falou, deu-me mais um beijo e se levantou.

Noah tirou as botas e as meias, em seguida saiu andando em direção ao banheiro do mezanino. No caminho, ele tirou a camisa, a calça e entrou no banheiro só de cueca boxer, deixando-me sozinha, salivando.

Enquanto esperava por ele, andei mais um pouco pela casa, conhecendo cada pedacinho. Eu estava encantada com aquele lugar. Quando Noah terminou, foi a minha vez. Tomei um banho quentinho e demorado, vesti um shortinho leve e uma camiseta, penteei o cabelo e desci para encontrá-lo na cozinha.

Noah estava usando calça de moletom preta e uma camisa cinza, e dava para ver a arma em sua cintura, no cós da calça. Eu senti inveja da arma naquele momento.

Ele estava concentrado no fogão, todo gostoso, então me sentei em um dos bancos do balcão que dividia a cozinha da sala e fiquei observando-o. Quando ele terminou o que estava fazendo, colocou a comida em uma travessa e, só então, vi que era macarrão à bolonhesa, prato típico italiano.

— Tinha que ser macarrão, não é, meu príncipe italiano?

— Você não gosta? — ele perguntou.

— Eu amo tudo o que vem da Itália.

— Tudo não, Cecília, só a mim.

— Você está certo — respondi e pisquei para ele. — Agora, traga essa macarronada que estou morrendo de fome e o cheiro está maravilhoso.



— Lembre-me de agradecer à sua avó. Essa massa está uma delícia — falei quando terminei de comer e, em seguida, assustei-me com o barulho muito alto de um trovão.

— Está com frio? — Noah perguntou.

— O quê? — perguntei, tentando entender, mas quando eu o encarei, vi seu olhar em meus seios arrepiados, compreendi e comecei a rir. — Embora o clima esteja mudando, aqui dentro está

quentinho, mas eles sempre ficam assim quando estou perto de você — falei provocando-o, mas era verdade.

— Eu gosto muito deles assim — Noah falou com aquela cara de safado gostoso, e eu quis pular em cima dele.

Instantes depois, outro raio cortou o céu, trazendo um clarão seguido por um estrondo. Então, a chuva começou a cair forte.

— Meu Deus, vai cair uma tempestade — falei, distraindo-me por um momento.

— Você tem medo?

— Não tenho medo, mas estamos em uma ilha. Será que não tem perigo?

— O único perigo para você aqui hoje, Cecília, sou eu e todos os meus pensamentos pervertidos.

— Seus pensamentos não me assustam, eles me excitam.

Levantei-me do banco, fui até ele, entrei no meio de suas pernas, passei as mãos em volta do seu pescoço e o beijei. Quando o beijo começou a esquentar, eu o afastei, de propósito, pois queria deixá-lo no limite.

— Vou escovar os dentes, príncipe — falei e saí de perto dele.

Subi as escadas até o mezanino e fui ao banheiro. Estava terminando de escovar os dentes quando ele entrou para escovar os dele. Percebi que a chuva tinha aumentado e estava esfriando bastante, então peguei um casaco, mas antes de eu vesti-lo, Noah o puxou da minha mão, jogou-o no chão e me puxou para ele.

— Tenho uma ideia melhor para te aquecer — ele falou e me beijou.

Foi um beijo feroz, cheio de desejo e saudade.

Dessa vez ele não ia parar, e eu não queria que ele parasse. De todas as vezes que imaginei como seria nossa primeira vez, nunca imaginei que seria assim, em uma cabana numa ilha paradisíaca, ignorando o resto do mundo e todos os nossos problemas.

Noah nos levou para a cama, sentou-se na beirada e me sentou em seu colo, de pernas abertas e de frente para ele. Suas mãos grandes passeavam pelas minhas coxas, bunda e costas, acariciando-me e esquentando minha pele, enquanto ele me

beijava. Com o polegar, ele alisava o bico dos meus seios debaixo da blusa, fazendo-me gemer em sua boca gostosa.

Rendida e deliciada por suas carícias e sentindo-me ofegante, tirei minha boca da dele e joguei a cabeça para trás, totalmente entregue a todas aquelas sensações deliciosas que ele me causava. Ele beijou meu queixo e meu pescoço, fazendo o meu corpo inteiro se arrepiar com o contato da sua língua quente.

Noah fez menção de tirar minha camiseta e, como uma criança obediente, eu levantei os braços, deixando que ele a tirasse. Imediatamente, meus seios arrepiados ficaram bem perto de seu rosto e, segurando em meus ombros, ele colocou a boca em um deles; eu gemi com a sensação gostosa.

Segurei seu cabelo, incentivando os seus movimentos, enquanto ele sugava os meus mamilos, um depois o outro. Desesperada por mais contato, esfreguei-me em seu pau duro.

Noah incentivou os meus movimentos, enquanto continuava mamando em mim. A sensação era tão gostosa que acabei gozando enquanto me esfregava nele. Ele deixou que os últimos espasmos cessassem e me tirou de seu colo, deitando-me na cama. Eu não conseguia tirar meus olhos dos seus, mesmo quando ele ficou em pé.

Noah tirou a camisa e a calça, ficando só de cueca boxer, e eu avistei a cicatriz, ainda recente, de sua cirurgia na barriga. Senti um arrepio de medo. *Eu podia ter perdido o amor da minha vida, mas graças a Deus, ele ainda está aqui,* pensei.

Afastei aqueles pensamentos e foi fácil me distrair quando ele engatinhou pela cama em minha direção, todo gostoso, e deitou o corpo em cima do meu, apoiado nos cotovelos. Eu o beijei desesperada, ainda excitada pela sensação do orgasmo recente, abri as pernas e ele se encaixou em mim.

Meu príncipe abandonou minha boca e desceu os beijos pelo meu queixo, pescoço e ombro. Sua língua passeou novamente pelos meus seios e seguiu pela minha barriga e coxa. Ansiosa, eu abri mais as pernas e segurei seu cabelo, incentivando-o a fazer o que nós dois queríamos.

Noah não perdeu tempo e, logo, senti sua língua quente no meio das minhas pernas. Com um toque delicado, porém firme, ele

me chupou, deixando-me louca com a desenvoltura da sua língua habilidosa. Eu gemia alto e me contorcia de prazer, sem conseguir aguentar as sensações que ele me proporcionava.

Noah era o amor da minha vida, o meu paraíso, o homem que me enlouquecia de amor e prazer.

Ele me chupou e lambeu até me fazer gozar novamente em sua boca gostosa. Quando gozei, ele esperou que eu terminasse e se levantou da cama, sem interromper o nosso contato visual. Noah tirou a cueca, fazendo seu pau gostoso pular para fora, esticou a mão para mim e, quando eu a segurei, ele me levantou e me sentou na cama, de frente para ele.

Minha boca encheu de água e eu passei a língua pelos lábios, provocando-o, Na mesma hora, ele segurou seu pau e o guiou até mim para que eu o chupasse. Totalmente submissa naquele momento, fiz o que o meu homem queria e comecei a chupá-lo desavergonhadamente, arrancando-lhe alguns gemidos e suspiros que me incentivavam a continuar.

Segurei firme em suas coxas e o chupei com vontade, engolindo o seu pau o quanto consegui. A respiração de Noah foi ficando mais ofegante, enquanto ele segurava na minha cabeça e, delicadamente, incentivava-me a acelerar os movimentos. Quando eu achei que ele ia gozar na minha boca, ele entrelaçou seus dedos no meu cabelo, interrompeu-me, deitou-me novamente na cama e foi deitando em cima de mim, abrindo as minhas pernas com os joelhos.

Olhando nos meus olhos, Noah desceu as mãos pelo meu corpo, até que chegou na minha vagina e percebeu que estava encharcada. Ele estimulou o meu clitóris com o polegar e, em seguida, devagar, enfiou um dedo em mim, fazendo-me fechar os olhos com a sensação.

— Olha para mim — ele sussurrou, enquanto ainda me castigava com seus dedos. — Você está pronta. Eu vou fazer amor com você agora, porque eu te amo e vou me casar com você. Porque você é a mulher da minha vida e nunca mais eu vou sair de perto de você. Cecília, você é minha, e eu sou só seu — ele falou olhando em meus olhos, e eu assenti, totalmente cativada por ele.

Então, com a minha permissão, ele tirou o dedo que estava dentro de mim, colocou-o na boca e sentiu o meu gosto.

Porra, o Noah realmente sabe como enlouquecer uma mulher..

Capítulo 26

Cecília

— Faz amor comigo agora, Noah — pedi.

Ele não respondeu, mas afastou um pouco o seu corpo do meu, colocou seu pau bem na minha entrada, esfregando-o em mim e espalhando minha própria lubrificação, depois ele forçou um pouquinho a entrada, fazendo-me sentir uma leve ardência. Eu fechei os olhos, preparando-me para a sensação, mas abri quando ouvi meu nome.

— Cecília, olha para mim, princesa.

Eu o olhei, totalmente encantada e seduzida por todo o seu carinho e cuidado comigo.

— Vai doer, amor, mas eu prometo ir devagar e, se você quiser que eu pare, é só falar.

— Pode continuar, príncipe. — Isso foi tudo o que eu consegui dizer, e foi só o que ele precisava ouvir.

Devagar, como havia prometido, Noah começou a entrar em mim, preenchendo-me completamente. Estava doendo, mas era suportável.

Nossas respirações aceleraram juntas e, apesar do clima frio e da chuva torrencial lá fora, nós dois estávamos suando. Ele forçou mais um pouco o seu pau na minha entrada e, em seguida, parou.

— Agora vai doer um pouco mais, está pronta?

— Estou — falei, achando que não doeria muito mais do que já estava doendo.

— Relaxe — ele falou e me beijou delicadamente. — Se você se contrair, vai doer mais, então tente relaxar.

Eu assenti e retribuí o beijo, olhando-o apaixonadamente, totalmente entregue ao nosso amor.

Noah forçou mais um pouco e a dor aumentou, mas não era nada absurdo. Ele procurou a minha boca e iniciou um beijo, dessa vez sem pressa, um beijo terno, lento e cheio de amor. Automaticamente, meu corpo relaxou e eu me entreguei ao beijo, perdendo a capacidade de pensar em qualquer outra coisa que não fosse as sensações deliciosas que o meu príncipe estava me proporcionando, com as nossas línguas se acariciando e se movendo em uma dança sensual.

De repente, ele deu um impulso e entrou todo em mim. Eu perdi o ar com a invasão e larguei sua boca, mas quando ele ameaçou parar o movimento, eu o prendi pela bunda, puxando-o mais para mim e fazendo-o continuar. A dor era grande — eu não imaginava que fosse tanta —, mas não me acovardei, eu queria ir até o fim.

Percebendo que eu não queria que ele parasse, Noah continuou entrando, e eu precisei morder seu braço para não gritar e assustá-lo, mas ele nem se importou com os meus dentes cravados em sua pele. Devagar, ele entrou todo em mim e a dor se estabilizou. Parei de mordê-lo, depois de um tempo, acostumando-me com a sensação.

— Desculpe, princesa. Vai ficar melhor depois — ele sussurrou, dando pequenos beijos nos meus olhos, nariz e bochecha, secando uma lágrima que havia escorrido.

— Continue — eu falei, olhando em seus olhos e me preparando para sentir a dor mais uma vez.

Ele puxou o pau um pouco para fora e tornou a entrar, dessa vez mais devagar. Não foi tão doloroso como imaginei que seria, ao contrário, começou a ficar gostoso, de tal forma que quem fechou os olhos foi ele.

Puxei sua cabeça e voltei a beijá-lo, enquanto Noah fazia movimentos curtos, entrando e saindo de dentro de mim, devagar. A sensação foi melhorando. Continuou doendo, mas já não era apenas dor. Eu comecei a sentir prazer.

Noah era muito carinhoso. Ele beijava e acariciava todas as partes do meu corpo, fazendo-me relaxar, enquanto se movia dentro de mim.

Depois de um tempo assim, ele cessou nosso beijo e, ainda dentro de mim, levantou o corpo, tirando minhas pernas que estavam cruzadas em sua bunda. Noah firmou meus pés na cama e, olhando para mim, acariciou o meu clitóris com o polegar, enquanto entrava e saia de dentro de mim com movimentos rasos.

Uma sensação gostosa foi se construindo dentro de mim, enquanto o dedo dele ia fazendo sua mágica, então sem esperar, fui atingida por um orgasmo intenso que me fez esquecer toda a dor que estava sentindo antes. Gozei, gemendo enlouquecida, e ele continuou me acariciando e se movimentando em um vai e vem gostoso.

— Porra, você aperta meu pau enquanto goza. Puta que o pariu! Gostosa pra caralho — ele sussurrou de olhos fechados, todo entregue e delicioso.

Noah desceu novamente o corpo e voltou a me beijar, intensificando os movimentos. Ainda doía, porque ele era grande, mas como eu estava muito lubrificada, deu para aguentar.

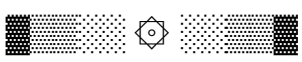
Voltei a cruzar as pernas em volta dele e puxei-o com o meu calcanhar, incentivando seus movimentos. Noah continuou entrando e saindo de mim, gemendo.

— Gostosa, deliciosa, quente, macia e apertada. Porra, Cecília, você me deixa maluco. Eu preciso gozar agora.

— Goze, meu amor. Goze dentro da sua mulher.

Minhas palavras foram o incentivo que faltava. Noah gozou dentro de mim, rosnando deliciosamente no meu ouvido e fazendo eu me sentir a mulher mais foda desse mundo por ser capaz de dar tanto prazer a ele. Em seguida, ele deixou o corpo cair, parcialmente, sobre mim e deitou a cabeça junto com a minha no travesseiro, enfurnando o rosto no meu pescoço e me abraçando.

Nos minutos seguintes, eu fiz carinho em seu cabelo, enquanto nós dois descansávamos.



Minutos depois, Noah continuava relaxado na cama, mas eu me sentia elétrica.

Uma vez li em uma revista que, depois do orgasmo, era comum isso acontecer. Enquanto os homens ficavam relaxados e, relativamente, sem energia, as mulheres ficavam mais agitadas e com os hormônios totalmente ativados. Tentei ficar quieta, deixando-o recuperar sua energia, mas se normalmente eu já era falante, naquele momento estava impossível me calar, pois eu me sentia radiante e ansiosa com tudo o que estava experimentando com o homem que eu amava.

— Príncipe, com quantos anos você transou pela primeira vez? — perguntei, animada para conversar.

— Com 16 anos — Noah respondeu sem nem ao menos se mexer.

— Com quem foi?

— Uma garota aleatória da escola, não era minha namorada.

— Ela também era virgem?

— Não. Você é minha primeira virgem.

— Pelo menos isso — desdenhei. — E com quantas mulheres você transou desde então?

— Porra, Cecília. Pergunta difícil a essa hora? Eu realmente não sei te responder isso.

— Foram tantas assim? Safado. Eu deveria ter transado também — falei apenas para mexer com ele, pois eu jamais seria de outro.

— O quê, Cecília? Não fala essa porra nem brincando. Graças a Deus que você não transou e nem nunca vai transar com outro cara. Você é só minha!

— E se eu não fosse mais virgem. Você ia me rejeitar?

— Claro que não, mas estou feliz em ser seu primeiro. Você está agitada, não é? Toda elétrica — ele falou querendo rir e ajeitando o corpo.

Quando Noah saiu completamente de dentro de mim, eu fiquei assustada ao sentir um líquido escorrendo pelas minhas pernas e perceber que era uma mistura grande de sangue com sêmen.

— Meu Deus, que bagunça — falei assustada, olhando a poça que se formou no lençol.

— Fique aqui, eu vou buscar uma toalha — ele falou e se levantou para ir ao banheiro. Quando voltou, limpamos tudo como foi possível e trocamos os lençóis.

— Você é o quê? Um cavalo? Parece que gozou um litro dentro de mim — falei rindo, e ele riu também.

— Era muito tesão acumulado por você — ele respondeu, beijou-me e foi me conduzindo pela mão até o banheiro.

Tomamos banho juntos e, em seguida, descemos para comer o restante da macarronada que ele havia feito.

Capítulo 27

Noah

No dia seguinte, quando acordei, não tive vontade de sair da cama. Fiquei olhando a Cecília dormir, linda e relaxada, e se tornou impossível sair de perto dela. Eu estava aproveitando todos os minutos ali, porque sabia que quando voltássemos à realidade, teríamos uma batalha a enfrentar.

Embora eu soubesse que teria o apoio do meu pai, depois de tudo, ainda assim ele certamente deveria estar furioso. Eu não queria decepcioná-lo. Pietro Esposito era um cara centrado e metódico. Ele quase nunca perdia o controle ou agia muito por impulso, assim como eu. Mas algumas situações exigiam ação imediata, como aconteceu quando eu soube que Thomaz estava planejando empurrar a Cecília para outro cara. Eu enlouqueci e decidi que precisava agir rápido.

A guerra com a Outfit seria evitada por causa de todas as informações que eu já tinha; Severo não me preocupava mais. Ainda assim, eu gostaria de saber sobre o paradeiro de Isadora. Eu tinha quase certeza de que o sequestro dela estava relacionado a todas as coisas que ela me contou, portanto, ninguém iria machucá-la, muito pelo contrário, ela estava sendo protegida do Severo.

Para falar a verdade, eu me entenderia fácil com o meu pai. A minha preocupação mesmo era o Thomaz. Ele sim era um problema.

Eu não me importo comigo. Minha única preocupação era até onde ele seria capaz de ir, mesmo magoando a Cecília, apenas por sua resistência a nós dois.

A mentira que ele inventou sobre o meu casamento com a Isadora mostrou o quanto ele estava disposto a nos separar e,

também, que ele estava jogando sujo. Eu aprendi a respeitar o Thomaz devido à amizade de Demétrio com o meu avô. Demétrio era uma das poucas pessoas no mundo em quem meu avô Matheo confiava e considerava um amigo. Nem mesmo os problemas do passado entre o Lucca — primo do meu avô — e a família de Demétrio foram capazes de destruir a confiança e amizade entre os dois.

Thomaz era como um filho para Demétrio, tanto que ele ocupava o lugar do Tio Romeu — filho mais novo de Demétrio — em Las Vegas, sendo o segundo no comando. Quando tio Romeu anunciou que faria parte da Cosa Nostra, casando-se com a Tia Mia, o Demétrio nomeou Thomaz seu consigliere e, anos depois, quando ele deu sua cadeira ao filho mais velho, os dois assumiram o comando de Las Vegas.

Las Vegas e Cosa Nostra eram associadas há muitas décadas e, muito maior e mais valioso do que o acordo de parceria nos negócios, era a confiança que tínhamos uns nos outros, coisa rara em nosso mundo.

Eu não gostaria de estragar essa parceria sólida, que levou anos para ser construída, no entanto eu jamais abriria mão de Cecília. Eu até entendia o receio de Thomaz, mas era um tanto hipócrita e exagerado da parte dele, visto que ele também fazia parte do comando de Las Vegas.

Meu maior pesadelo também era que alguém a machucasse para me atingir, mas para que isso não acontecesse, eu estava disposto a qualquer coisa. Entretanto, eu não pretendia mais me separar dela. Quando voltássemos, meus planos eram me casar com Cecília, imediatamente, com ou sem o consentimento das outras pessoas.

Eu sabia que não seria fácil, mas pretendia fazer as coisas na paz, levando em consideração quem o pai dela era. Sabendo o que teríamos que enfrentar, eu precisei contar com um grande aliado.



Estava começando a me dar fome, então fiz menção de me levantar, mas Cecília se agarrou a mim, segurando-me com braços

e pernas e resmungando.

— Não vá, príncipe.

— Vamos passar o dia todo na cama? — falei rindo.

— Não podemos? Seria uma ótima ideia, inclusive.

— Até podemos, mas seria complicado para mim, porque agora que eu tive você, será difícil sentir esse seu cheiro gostoso e não me enterrar em você — respondi apertando-a nos meus braços.

— Adoro ouvir safadezas logo de manhã — ela falou brincando. Espera, vou só ali, escovar os dentes e fazer xixi — Cecília disse, considerando ficarmos na cama, transando o dia inteiro.

— Você não aguentaria, amor. Está muito recente, você deve estar ardida. Com muito sacrifício, acho melhor nos comportarmos hoje.

— Você está me subestimando, Noah Esposito? Saiba que eu estou ótima, prontíssima para outra — ela falou, apertando os olhos e se fingindo de ofendida.

— Tudo bem. Eu e o meu pau estamos mais do que dispostos a dar tudo o que você e essa sua boceta deliciosa quiserem de nós.

— Então, com licença, eu vou ao banheiro — ela falou.

Cecília se levantou, completamente nua, e foi ao banheiro, deixando a porta encostada. Era óbvio que eu iria atrás dela, mas primeiro lhe dei um momento de privacidade.

Sentei na cama, esfreguei o rosto para espantar o sono e comecei a ouvir os resmungos.

— Ai, ai, ai… Puta merda! — Cecília gemeu.

— Está tudo bem aí? — perguntei, rindo com respeito, e me levantei da cama para ir vê-la.

— Tirando o fato de que parece que estou urinando larva vulcânica, nunca me senti tão bem na vida.

Ao entrar no banheiro, Cecília já estava indo tomar banho. Juntei-me a ela e, quando entrei no box, ela logo veio me abraçar.

— Embora o fato de você estar sentindo dor não me agrade, eu não vou pedir desculpas, porque não me arrependo de nada que fizemos naquela cama — falei, abaixando-me para beijar sua cabeça, enquanto ela descansava no meu peito.

— Não se desculpe mesmo, porque eu também não me arrependo de nada.

Tomamos banho entre beijos e carícias e, em poucos minutos, nós dois já estávamos excitados outra vez. A tentação de me enterrar nela era grande, mas eu não podia fazer isso. Cecília estava machucada, e eu não queria piorar a situação, mas sabendo que ela também já estava tão necessitada quanto eu, decidi resolver as coisas provisoriamente.

Sem aviso prévio, virei-a de costas para mim, apoiando suas mãos no vidro do box, empinei-a bastante e abri suas pernas. Percebendo que Cecília gostou de ser surpreendida, ajoelhei-me e, por trás, lambi sua boceta, inchada e vermelhinha da foda da noite anterior.

Cecília era muito receptiva e, em segundos, já estava encharcada, toda molinha e gemendo gostoso, enquanto eu trabalhava com a minha língua nela. Chupei-a sem pressa, delicadamente, fazendo um carinho na sua boceta sensível.

Ela gemeu e se contorceu, até que suas pernas ficaram fracas. Então, segurei-a com mais firmeza, lambi e chupei sua boceta com mais intensidade, até que ela gozou, gritando e convulsionando na minha boca, deliciosamente.

Eu me levantei e a beijei com todo o meu amor. Quando Cecília se recuperou do orgasmo, ela pulou no meu pescoço, beijando-me e sorrindo, toda afoita, igual a uma criança quando ganha o seu tão sonhado presente de Natal.

Depois de um tempo, ela se afastou sem falar nada e, sem deixar de me olhar, ajoelhou-se à minha frente, segurando o meu pau e levando-o à boca. *Porra!* A combinação dela ali, toda sexy, ajoelhada com meu pau na boca e me olhando, fez-me praticamente passar vergonha. Eu nunca gozei tão rápido na minha vida, nem mesmo quando era um adolescente experimentando minha primeira foda.

Cecília bebeu cada gota da minha porra, depois levantou e me beijou. Terminamos o melhor banho da minha vida e fomos tomar o nosso primeiro café da manhã juntos, de muitos.

Cecília

Nos três primeiros dias que passamos na Ilha, nós não saímos de dentro da cabana. A chuva não deu trégua, e nós estávamos bem com isso, pois experimentamos uma espécie de lua de mel antecipada.

Noah e eu transávamos em qualquer lugar: na sala, na cozinha, no sofá, na cama ou durante o banho. Onde desse vontade, e a gente tinha vontade toda hora, a gente transava.

O sexo estava ficando cada vez mais incrível. Meu corpo já havia se acostumado com a invasão, e eu estava cada dia mais viciada nele e em fazer amor com ele; ou foder, como ele costumava dizer. Eu já tinha aprendido muitas posições e estava me sentindo fodona na cama. Noah era um parceiro incrível, um professor delicioso e paciente.

No quarto dia, o sol voltou a brilhar na Ilha, e nós resolvemos ir até a cidade para fazer uma refeição decente, já que nenhum de nós dois sabia cozinhar direito.

— Coloque esse boné e seus óculos escuros. É difícil, mas na cidade alguém pode nos conhecer — ele falou me entregando um boné vermelho e colocando um preto em sua cabeça.

Entramos no barco e partimos. Passamos em frente à mansão, na Ilha da Mel, e fomos mais longe, no Centro, onde ficava o aeroporto onde o jato tinha nos deixado. Era um pouco distante, então chegamos praticamente na hora do almoço. Noah escolheu um restaurante discreto e fomos almoçar.

— Se você notar qualquer coisa estranha, avise-me. Cecília, se surgir qualquer imprevisto, deixe que eu cuido de nós dois, apenas se proteja.

— Você acha que estamos correndo algum risco aqui? — perguntei assustada, olhando para os lados, e com vontade de voltar para a cabana.

— Não, mas eu prefiro sempre contar com todas as possibilidades — ele falou, e eu assenti, acalmando-me um pouco.

Fizemos nosso pedido e almoçamos em paz. Antes que fôssemos embora, compramos mais algumas coisas para levar para a cabana e Noah pediu que eu esperasse um minuto, enquanto ele fazia uma ligação. Eu estranhei, pois nenhum de nós dois estava com celular, mas ele me explicou que sempre tinha alguns aparelhos descartáveis para uso de emergência. Naquele momento, a emergência era ligar para alguém de sua confiança para saber como estavam as coisas.

Eu sentei em uma mureta que rodeava o mar, me afastando um pouco, pois não queria escutar nada. Eu não queria poluir a nossa bolha com notícias externas, se tivesse algo realmente importante, Noah me falaria.

Capítulo 28

Noah

Antes de ir almoçar com a Cecília, eu peguei um dos celulares descartáveis que havia levado e coloquei no bolso. Era imprescindível saber como estavam as coisas na Itália e em Chicago, pois por mais que eu quisesse ignorar o mundo à nossa volta naquele momento, uma hora nós teríamos que encarar a realidade.

Disquei o número, esperei tocar três vezes e desliguei. Tornei a ligar, após o terceiro toque desliguei novamente e aguardei o retorno, como combinado.

— Como estão as coisas por aí? — perguntei, sem rodeios, pois não podia perder tempo, era muito arriscado.

— Seu pai já voltou para a Itália. Ele descobriu o paradeiro da Isadora, agora está verificando como estão as coisas em Chicago, levando em consideração tudo o que você contou e suas suspeitas. Todos já sabem que você e Cecília estão juntos.

— Eu não me importo que saibam, só não quero que nos interrompam.

— E quanto tempo mais vocês ficarão aí? As coisas estão difíceis, Noah — ele falou, e eu suspirei.

— Apenas mais uns dias. Ainda não estou pronto para voltar e dividir o tempo dela com mais ninguém — respondi.

Inevitavelmente, ao falar dela, olhei em sua direção. Cecília estava sentada em uma mureta da praia, um pouquinho afastada de mim. Seus cabelos estavam voando, e ela olhava para o mar como se tivesse vendo a coisa mais bonita do mundo. Ela, eu não sei, mas eu certamente estava.

— Noah, seu pai está furioso com você, e Thomaz com certeza gostaria de poder te matar. Eu entendo o lado dos dois, apesar de estar ajudando você. Na minha opinião, você deveria ter casado com ela antes de tudo. Ela é maior de idade, e você o futuro Don. Thomaz não poderia impedi-los.

— Vou me casar com ela assim que voltarmos. Eu dei a Cecília a opção de ficarmos e enfrentarmos todo mundo, mas assim como eu, ela preferiu que tivéssemos esse tempo antes — falei. — Eu não queria confrontar o Thomaz logo de cara, porque isso terminaria muito mal. Ele mentiu para ela, disse que eu ia antecipar o casamento com a Isadora. Como se não bastasse, ela nem soube do meu acidente, achou que eu tinha sumido para ficar com a Isadora. Thomaz foi a porra de um canalha, covarde e traiçoeiro…

— Noah, acalme-se. Deixe essa raiva se dissipar, pelo menos um pouco, antes de voltar, para que isso não acabe em uma tragédia — ele falou me cortando, percebendo o quanto eu estava ficando alterado.

— Você mandou os homens para cá? — perguntei.

— Mandei. Eles estão espalhados pela cidade, disfarçados. Se Thomaz ou qualquer um chegar por aí, eu ficarei sabendo e te aviso. Mantenha o rádio da cabana ligado.

— Tudo bem — respondi. — Agora, eu vou voltar para lá com ela. Até mais.

Sem esperar ele se despedir, eu desliguei o telefone, a tempo de ver que um babaca se aproximou de Cecília assim que desviei minha atenção dela por um segundo. Percebi que ela estava desconfortável e andei rápido até me aproximar, quando escutei o cara falando:

— Eu nunca te vi por aqui, tenho certeza. Se tivesse visto, lembraria. Uma menina linda como você…

Ele nem teve tempo de terminar a frase, porque eu o empurrei, fazendo-o cair no mar.

— Noah, o que você fez? — Cecília me perguntou chocada, olhando para a água, enquanto o idiota submergia.

— Ele não vai morrer, pode ficar tranquila. Esse imbecil teve sorte por não ter tocado em você. Isso foi só um susto, para ele ficar esperto, deixar de ser faminto e aprender a respeitar as mulheres.

Não é porque uma garota está, aparentemente, sozinha, que ele tem que incomodá-la com um papinho escroto — falei. — Vamos embora antes que eu faça coisa pior e chame a atenção de todo mundo aqui.

Estendi a mão para ela e nós fomos em direção a lancha para retornarmos para a cabana.

— Por que você está tão irritado? O cara nem falou nada demais.

— O cara chegou em você, Cecília. Eu tive que controlar meu ciúme para não fazer coisa pior — assumi, puto.

— Então temos um ciumento aqui?! — ela perguntou sorrindo.

— Eu nunca me importei com ninguém e nunca me considerei um cara ciumento, mas com você simplesmente não consigo me controlar.

— É bom saber que não sou a única ciumenta aqui, porque se alguma mulher chegar perto de você, eu acabo com ela — Cecília falou muito brava.

Olhei para aquela grande mulher, com seus 1,55m de altura e acabei rindo.

Cecília

O dia estava lindo, então resolvemos ir um pouco à praia. Deixamos na cabana algumas coisas que havíamos comprado, Noah colocou um short, eu coloquei um biquíni e fomos. A água estava calma e o mar era cristalino, de uma cor que lembrava os olhos do Noah.

Logo que chegamos, ele foi dar um mergulho, e eu fiquei sentada na areia, sentindo o sol da tarde esquentar minha pele. Estava deitada de olhos fechados quando senti uma sombra me cobrir. Era ele, todo lindo, com o cabelo molhado. Naquele momento, eu senti vontade de levantar e lamber todas as gotinhas que escorriam por seu corpo, mas o que fiz foi chegar um pouco para o lado para que ele se juntasse a mim na canga.

— Não vai nadar um pouco? A água está uma delícia — ele perguntou.

— Eu vou depois, primeiro quero pegar uma cor — respondi. — Estava pensando aqui, bem que nós podíamos ficar aqui para sempre, vivendo de amor, muito sexo e macarrão.

— Amor e sexo estou dentro, macarrão eu não aguento mais — Noah falou e deu um beijinho no meu ombro, sua boca gelada me arrepiou. — Ainda bem que estamos isolados do mundo, porque esse seu biquíni minúsculo é indecente pra caralho.

— Nada é tão ruim que não possa piorar, Noah Esposito — falei para provocá-lo. — Se você não está satisfeito com o tamanho dele, eu tiro. Que tal um topless?

Tirei a parte de cima do biquíni, deixando meus seios à mostra. Noah arregalou os olhos e olhou para todos os lados.

— Estamos esperando alguém? — perguntei.

— Não, olhei por instinto. Fico nervoso ao ver você tão exposta ao ar livre.

— Se eu fosse você, aproveitaria — falei, olhando para ele com cara de safada, e ele entendeu o recado.

Noah me empurrou para deitar na canga, deitou por cima de mim, apoiado nos cotovelos, e foi com a boca direto aos meus seios expostos, sugando meus mamilos. O contato da sua língua deliciosa e gelada com a minha pele quente provocou-me uma explosão de sensações, e eu senti a calcinha do meu biquíni molhar.

Durante algum tempo, Noah deu atenção apenas aos meus seios, mas depois desceu a boca pela minha barriga e desamarrou o lacinho do meu biquíni. Eu abri minhas pernas incentivando-o, e ele me lambeu, arrancando-me um gemido involuntário.

Noah era muito bom com a boca, mas minutos depois de curti-lo me chupando, eu precisava senti-lo dentro de mim. Eu o puxei para mim e o beijei desesperada. Ele abriu o short, segurou firme seu pau e o guiou até a minha entrada. Quando ele entrou de uma vez só em mim, nós dois gememos.

De repente, surgiu uma necessidade descontrolada e nós nos agarramos mais, beijando-nos com desespero. Ele empurrava seu pau em mim, e eu fazia impulso indo ao encontro dele. Circulei minhas pernas em volta da cintura dele e, com o calcanhar, puxei-o pela bunda, impulsionando cada vez mais os nossos movimentos e fazendo-o entrar em mim ainda mais forte. Nós estávamos famintos e selvagens um pelo outro.

Noah metia forte e fundo em mim, falando putarias no meu ouvido; e eu pedia mais, totalmente enlouquecida de desejo e amor por aquele homem que tinha se tornado o ar que eu respirava.

Ele beijava minha boca, meu pescoço e meus seios, enquanto metia sem dó. Meu corpo já havia se acostumado ao sexo, não havia mais dor, e eu estava descobrindo que amava um sexo bruto.

Agarrei-me mais a ele, esfregando-me em seu pau, enquanto ele metia bruto em mim. Em alguns minutos, a sensação deliciosa do orgasmo se apossou de mim e, quando gozei, foi tão intenso que eu gritei, desavergonhadamente. Sem poder me controlar, também arranhei as costas do Noah e, alucinada de prazer, mordi seu braço.

Mal terminei os últimos espasmos, Noah me virou com a barriga para baixo e entrou novamente em mim por trás, arrancando-me mais um grito. Enquanto ele metia forte, eu empinava mais a bunda para tê-lo.

Noah gemeu também e me puxou, deixando-me de quatro. Ficamos nesse ritmo alucinado: ele metia, e eu fazia impulso, indo ao seu encontro. Então, pouco depois, ele gozou também, falando putarias no meu ouvido.

— Porra, você ainda vai me matar com essa sua boceta apertada — ele disse ofegante, deitando na canga ao meu lado.

Vi quando Noah deitou ao meu lado, depois fechei os olhos, tentando recuperar minhas forças. Em pouco tempo, senti o líquido melado escorrer pelo meio das minhas pernas e algo me veio à mente.

— Noah, você já parou para pensar que não usamos camisinha nenhuma vez? Eu não tomo pílula — falei alarmada, e ele me olhou calmamente.

— Desculpe, eu deveria ter te perguntado antes.

— Você não se importa? — perguntei.

— Cecília, eu amo você. Nós vamos nos casar, então sim, eu quero um filho com você. Ah, de preferência que seja uma menina e que se pareça com você — Noah falou, olhando-me nos olhos. — Imagina só, uma princesinha com os olhos e o sorriso iguais aos seus, e que puxe à sua delicadeza e personalidade. Eu só desejo ser bom o suficiente como pai, para que ela também me olhe assim como você, cheia de amor. Quando isso acontecer, eu terei, todos os dias, a visão mais perfeita do mundo em dobro. Duas de você para amar e cuidar.

Foi impossível não me emocionar ao ver a forma delicada com que o Noah desejou aquilo. *Só quem passou por tudo o que eu passei, e ainda vou passar, para conquistar o amor da sua vida, sabe o quanto é emocionante ouvir um relato como esse. Faz tudo valer a pena.*

— Eu sempre amei você, Noah, e sempre vou amar. Tenho certeza de que os filhos que tivermos vão te amar tanto quanto eu, porque é impossível não amar você — falei ainda emocionada.

Capítulo 29

Noah - Uns dias depois

Acordei cedo, como de costume, e Cecília continuou dormindo. Aproveitei esse momento para fazer uma ligação. Peguei um dos celulares descartáveis, executei nosso código de ligar duas vezes esperando os três toques e aguardei o retorno.

— Oi, sou eu. Como estão as coisas aí?

— *A situação da Isadora foi resolvida, está tudo sob controle. Iremos agir no momento certo* — meu aliado falou. — *Severo está tentando manipular os capos, alegando que a filha está desaparecida, e que você está fugindo do compromisso firmado. O bastardo quer uma reparação e está exigindo que, quando a filha for encontrada, vocês se casem imediatamente.*

— Deixe ele pensar que é esperto. O que é dele está guardado.

— *Vocês precisam voltar, Noah. Você já teve o seu tempo. Agora, precisa estar ao lado do seu pai para colocar um ponto final nessa história* — ele falou. — *Seu pai está sendo visto como fraco. Já passou da hora de resolver essa situação.*

— Eu vou mandar o jato vir nos buscar amanhã. Vou direto a Las Vegas me resolver com o Thomaz e, em seguida, vou para a Itália.

— *Faça isso. Quando sair da Ilha me avise. Mandarei soldados para receberem vocês em Las Vegas.*

— Obrigado.

Cecília

Depois de quase duas semanas na ilha, nossa pequena lua de mel chegou ao fim. Nossos dias na cabana foram memoráveis e inesquecíveis.

Quando Noah me avisou que, no dia seguinte, iríamos embora, senti uma vontade enorme de chorar, mas preferi ser grata pelos dias vividos ali com o meu príncipe do que chorar por antecipação, como uma covarde.

Naquele momento, eu me dei conta de que não importava o que nos esperava em Las Vegas, Chicago ou Itália, pois enfrentaríamos tudo juntos.

Na nossa última noite na Ilha, quase não dormimos. Passamos praticamente a noite toda fazendo amor e conversando sobre o nosso futuro. Quando embarcamos, eu estava exausta, então durante boa parte do voo, nós dormimos na suíte do jato.

Em Las Vegas, quando descemos do jato, uma quantidade enorme de soldados da Cosa Nostra esperava por nós no aeroporto. Isso me assustou, porque me fez imaginar que, pelo número tão grande deles, muita gente devia estar com raiva do Noah.

— Se o seu pai ainda não sabe que estamos voltando, quem mandou todos esses soldados? — perguntei sem entender.

— Eu tenho um forte aliado que, mesmo de longe, ajudou a cuidar da nossa segurança durante todo esse tempo — ele falou sorrindo, mas não deixou claro quem era, já que um dos soldados se aproximou de nós assim que desembarcamos.

— Senhor. Senhorita Velasquez — o homem nos cumprimentou, e nós assentimos.

— Qual carro é o nosso? — Noah perguntou, e o soldado nos indicou um SUV estacionado mais à frente.

Entramos no banco de trás do carro, e o Noah deu o endereço da minha casa para o motorista. Eu me surpreendi.

— Nós vamos para lá agora? — perguntei, ficando ansiosa.

— Sim, Cecília. Quero resolver essa situação toda hoje, não vou mais adiar. Pretendo voltar para a Itália amanhã.

— E eu?

— Você vai comigo, é claro — Noah disse decidido. — A menos que você não queira.

— É claro que quero! Eu estarei onde você estiver — respondi, e ele sorriu para mim e beijou a minha mão.

Quando o carro parou em frente à portaria da minha casa, um dos soldados do meu pai veio falar conosco já com a arma em punho; os outros ficaram próximos, segurando a arma também.

— Abaixe essa arma. Diga ao seu chefe que Noah Esposito está aqui.

— O homem fez sinal para o outro ir e, um pouco hesitante, abaixou a arma. Todos ali sabiam quem era o Noah. Eles estavam fazendo seu trabalho, mas o respeitavam.

Instantes depois, nossa entrada foi autorizada. Noah mandou que os seus soldados esperassem no carro, e nós descemos. Junto com o carro em que estávamos, entraram mais dois carros na minha casa, e outros quatro ficaram do lado de fora.

Entrei na sala da minha casa de mãos dadas com Noah. Confesso que eu estava muito nervosa, mas a mão firme dele segurando a minha trazia-me conforto.

Meu pai estava de costas para a porta de entrada, mas assim que entramos, ele se virou em nossa direção. Seu olhar era assassino e me assustou. Eu nunca o tinha visto com esse olhar, e era para o Noah que ele estava olhando.

Percebi que meu pai estava muito perto de fazer uma besteira, então, instintivamente, quando nós paramos à sua frente, ameacei entrar na frente de Noah. Não me espantei que meu príncipe teve a mesma reação e me puxou, escondendo-me às suas costas. Meu pai percebeu o que ele fez e riu sarcasticamente.

— Você acha que eu vou machucar a minha filha? — ele perguntou para o Noah, sem disfarçar sua raiva.

— Eu não sei. Não conheço você, Thomaz. Jamais imaginei que você seria capaz de mentir para ela, mesmo sabendo que isso ia machucá-la, e você o fez. Você foi a porra de um covarde, mentindo pra ela enquanto eu estava na cama de um hospital. Então, Thomaz, de você eu espero tudo.

— Olha como você fala comigo, seu moleque!

— Estou falando de homem para homem, e exatamente como você merece. Afinal, o único moleque dessa história tem sido você, que não quer aceitar que eu amo sua filha.

— Ama porra nenhuma! — meu pai gritou. — Você estava noivo de outra.

— Você sabe que isso não é verdade. A minha história com a Isadora já está resolvida, e eu vou me casar com a Cecília, queira você ou não.

— Eu não vou permitir. Eu sou o pai da Cecília e sei o que é melhor para ela. Não quero minha filha nesse meio…

— Que meio? A máfia? Você é o quê, a porra de um jardineiro? Não seja hipócrita, Thomaz! Você é o segundo no comando de Las Vegas, quase tão visado quanto eu — Noah o provocou. — Nós não precisamos do seu consentimento para estarmos juntos, porque Cecília é maior de idade e você não tem um argumento plausível para impedir esse casamento. Nós vamos nos casar, e eu não estou pedindo, estou comunicando.

A firmeza na voz do Noah fez com que aquela conversa se transformasse em um inferno, pois meu pai avançou nele. Noah desviou do soco, tentando se proteger e me proteger, mas no meio da confusão, eu perdi o equilíbrio e caí em cima do aparador, quebrando o vidro. Eu senti uma ardência na pele, mas não tive tempo de pensar no que fazer em seguida.

Noah, que até então estava apenas se defendendo do meu pai, olhou-me horrorizado, caída no chão e, nesse momento, eu percebi que ele ia perder a cabeça.

— Seu miserável, você a machucou. Eu vou te matar, filho da puta — Noah falou entredentes.

Dessa vez, foi ele que se lançou para cima do meu pai, e os dois caíram por cima da mesa, que também quebrou, espalhando mais vidro pelo chão. Nesse momento, minha mãe apareceu na sala

e, quando viu a cena, gritou para os dois pararem. Ela correu até onde eu estava para me ajudar a levantar e, em seguida, gritou por socorro.

Ao olhar para os dois, eu fiquei apavorada. Noah estava em cima do meu pai, cego de ódio, desferindo vários socos em seu rosto e prestes a matá-lo, mas meu pai estava quase alcançando a arma que estava no chão e, certamente, iria atirar sem dó. Eu gritei e corri para perto dos dois, junto com a minha mãe, pedindo para eles pararem.

Não demorou muito para alguns soldados do meu pai entrarem na sala e segurarem o Noah. Em seguida, eles ajudaram o meu pai a se levantar.

— Larguem o meu braço agora, caralho — Noah falou e, relutantes, os soldados obedeceram.

Meu pai estava com a boca e o nariz sangrando. Noah, por sua vez, aparentemente só estava com alguns arranhões.

— Nós precisamos ir ao hospital ver esse corte, parece profundo — Noah me falou, segurando o meu braço e olhando o corte que não parava de sangrar.

Apenas nesse momento, eu percebi que realmente o corte parecia bem feio.

— Filha, você se machucou. Perdoe-me — meu pai falou, ameaçando vir em minha direção.

— Não chegue perto de mim! Fique aí — falei decidida, olhando para ele enfurecida.

— Nós precisamos ir ao hospital, está sangrando muito — ele falou, parecendo preocupado.

A última coisa que eu queria, naquele momento, era a presença dele.

— Noah vai me levar. Agora, deixe-me em paz. Deixe-nos em paz — falei firme, e Noah me abraçou, já me guiando para a saída.

— Vamos — ele falou.

Noah tirou o blazer, pressionou em cima do meu corte e nós saímos de lá direto para o hospital.

Capítulo 30

Cecília

Chegamos ao hospital poucos minutos depois, Noah entrou junto comigo, e não demorou muito para eu ser atendida. Eu levei cinco pontos no braço e, depois que o médico me prescreveu um antibiótico, fui liberada.

— Para onde nós vamos agora? — perguntei ao Noah, enquanto andávamos pelos corredores do hospital.

— Para o hotel que a minha família tem aqui. Você precisa descansar um pouco e cuidar desse braço. Amanhã cedo voaremos para a Itália.

Concordei satisfeita, mas quando chegamos à sala de espera do hospital, onde alguns soldados nos aguardavam, meus pais e Vô Demétrio estavam lá.

— Filha, você está bem? — Minha mãe foi a primeira a vir até mim e me abraçar.

— Estou bem, mãe, só precisei de alguns pontos.

— Eu cuidarei bem dela, Lavínia, não se preocupe — Noah falou.

— Quem vai cuidar dela somos nós, os pais dela — meu pai se meteu, aproximando-se também de nós.

— Thomaz, por favor… — minha mãe começou a falar.

— Cecília vai comigo para a Itália amanhã, Thomaz, e nós nos casaremos em breve — Noah disse, e meu pai ficou vermelho de ódio por estar sendo contrariado.

— Será que nós podemos conversar civilizadamente? Vamos deixar as mulheres fora disso e conversar em algum lugar com mais privacidade para resolver essa situação — Meu avô pediu, como

sempre mais diplomático do que o meu pai. — Vamos para a minha casa.

— Não, Demétrio. Cecília e eu estamos indo para o hotel do meu avô, se vocês quiserem conversar, será em um lugar neutro.

— Vocês estarão seguros na minha casa, Noah — meu avô argumentou.

— Eu prefiro o hotel — Noah insistiu.

Vô Demétrio assentiu, e meu pai, apesar da cara feia, também concordou.

Noah

Eu estava na porra do meu limite. Não aguentava nem olhar para a cara do Thomaz, depois que ele fez a Cecília se machucar.

Lavínia e a filha estavam em um quarto anexo ao nosso, com soldados à porta protegendo-as, enquanto Demétrio, Thomaz e eu nos reunimos na suíte onde ela e eu passaríamos a noite.

— Em primeiro lugar, eu gostaria de te dizer, Noah, que não foi certo você ter levado a Cecília assim. Eu sei que ela te ama e que foi por livre e espontânea vontade, mas a menina tem família. Eu esperava que você tivesse feito tudo como manda o figurino, e não ter fugido.

— Para começar, Demétrio, não é só a Cecília que me ama. Nós nos amamos. Que fique bem claro que eu também a amo — respondi. — Minha intenção nunca foi desrespeitá-la ou dar a ela menos do que ela merece, muito pelo contrário. Eu teria feito tudo de forma tradicional, se não soubesse que Thomaz estava contra o nosso relacionamento e empurrando Cecília para um filho da puta qualquer.

Demétrio tentou argumentar comigo, mas no fundo ele sabia que o Thomaz não teria deixado eu chegar perto da filha dele, nem se eu tentasse pacificamente.

— Eu não queria enfrentá-lo de cabeça quente, em nome da amizade que nossas famílias sustentam há tantos anos. Ao mesmo tempo, eu não queria perder mais nem um minuto longe da mulher que eu amo. Depois de quase morrer, eu precisava vê-la, falar com ela… Enfim, eu não queria nenhum empecilho entre nós dois, então decidi que, se ela quisesse ir comigo, o melhor seria levá-la para conversarmos e termos um momento para nós.

Eu não precisava, mas me justifiquei em respeito ao Demétrio.

— Foi isso que eu fiz e não me arrependo — eu disse. — Agora, nós estamos de volta e vamos nos casar…

Fui interrompido por uma risada cínica, era Thomaz se manifestando.

— Eu não vou permitir esse casamento — Thomaz falou, irritando-me novamente.

— Thomaz, vamos ouvir o Noah — Demétrio pediu, mas o babaca não estava disposto.

— Ouvir o Noah? Ele roubou a minha filha, tio. Tirou a garota de dentro de casa e a levou sabe Deus para onde. Ele me deixou sem notícias, não me respeitou como pai e, muito menos, como parceiro da organização.

— E você me respeitou quando mentiu para ela? — falei explosivo. — Você sabia da minha real situação. Sabia que eu estava hospitalizado e, inclusive, já sabia que eu tinha falado com o meu pai sobre ela. Isso já demonstrava que eu estava disposto a assumi-la.

Thomaz sabia que eu estava falando a verdade, mas ainda assim, ficou me direcionando aquele olhar mortal, cheio de um ódio que não tinha fundamento.

— Ao invés de me esperar sair do hospital para conversarmos de homem para homem, você preferiu mentir para a Cecília covardemente, fazendo-a sofrer. Pior do que isso, quando você percebeu que ela estava abatida, sem comer e sem dormir, ainda assim continuou com a mentira e arrumou um idiota para vir conhecê-la. Você empurrou sua própria filha para outro cara, mesmo sabendo que ela não queria — falei. — Qual o seu problema comigo, porra? Eu sou muito mais homem para proteger a Cecília do que você, que claramente não sabe o que é melhor para ela!

A essa altura, eu já tinha perdido a porra do controle e, ouvindo tudo o que eu disse, ele perdeu também.

— Você não sabe de porra nenhuma, porque nem é pai — Thomaz falou e avançou novamente para cima de mim, mas Demétrio o segurou.

— Acalme-se, Thomaz. Vamos resolver as coisas sem violência, porra.

— Você sempre abaixando a guarda para essa família, não é tio? Lucca fez o que fez com a Marília, e nenhum de nós promoveu a vingança que ela merecia. Ele morreu, mas não pela nossa mão — Thomaz jogou na cara de Demétrio uma história antiga da família.

— Lucca não morreu por nossas mãos, porque fugiu, e não por ser um Esposito. Nem a própria família o apoiou. Matheo e sua família nunca o protegeram nem passaram a mão na cabeça dele. Além do mais, o Noah nem era nascido quando tudo aconteceu, ele não tem culpa de nada. Você está sendo irracional.

Demétrio tinha consciência de que toda família tinha o seu próprio problema e não deixou de externar isso para o sobrinho.

— Ninguém tem culpa de ter uma fruta podre em sua árvore. Matheo e eu somos justos, sempre nos respeitamos e comandamos a organização com justiça. Então, não seja um idiota que deixa o ciúme pela filha subir à cabeça e te levar direto para o inferno, porra — Demétrio falou. — Todos nós casamos nossas filhas. Não é fácil para ninguém, mas é a ordem da vida. Noah também vai ser pai um dia e vai passar pela mesma coisa.

— Eu não estou nem aí para a forma como você e Matheo conduzem suas vidas. Eu sei da minha vida e da maneira como escolhi educar a minha filha e não a eduquei para se casar com um *Don* e virar alvo fácil dos nossos inimigos — Thomaz falou.

— Se eles se amam e querem se casar, como pai você deveria apoiar, Thomaz. Você pode aceitar e participar da vida da sua filha ou ficar contra e vê-la te excluir da vida dela — Demétrio respondeu. — Os tempos são outros, Thomaz. Os pais não escolhem mais casamentos para suas filhas e as obrigam a casar, não quando elas se apaixonam e escolhem um pretendente à altura. Se Cecília não estivesse apaixonada por um homem disposto a casar com ela, você até poderia escolher, mas ela já escolheu com quem quer ficar, então o melhor é aceitar. Pare de agir como um Neandertal e seja o pai que sua filha merece.

— Esse casamento seria uma afronta a mim, tio. Eu não posso permitir que isso aconteça. Noah não respeitou a minha vontade, levou Cecília para longe e eu nem quero pensar no que eles fizeram sozinhos nesse tempo todo.

— Ah, então agora é uma questão de orgulho? Uma queda de braço para saber quem tem mais poder sobre ela? — perguntei sarcástico, mas foi uma pergunta retórica. — Eu já falei que a amo, porra! Não tem nada a ver com poder. Não posso mais ficar sem ela. Não quero ficar longe dela.

Thomaz ameaçou retrucar, mas eu me antecipei e voltei a falar.

— Eu quero a Cecília ao meu lado, como minha esposa, e se você puder levá-la ao altar para mim, tenho certeza de que, apesar de tudo, ela ficaria muito feliz. Se seu orgulho não deixar, eu sei que Demétrio a levará. — Naquele momento, se o Thomaz pudesse, ele me mataria. — Entenda, Thomaz, nem você e nem ninguém será capaz de me fazer ficar longe dela. Aceite de uma vez.

— Não é só isso, ainda tem a sua situação com a Isadora — Thomaz me acusou.

— Meu compromisso com a Isadora será cancelado. Tem muita coisa que você não sabe. Amanhã estou indo para a Itália e nós vamos nos reunir para resolver essa situação. Meu pai já sabe que estou aqui — falei. — Descobrimos onde a Isadora está, e Severo também já foi convocado para uma reunião assim que eu chegar à Itália.

— Vamos chamar a Cecília e ouvir o que ela tem a dizer — Demétrio sugeriu repentinamente.

Eu assenti, mas Thomaz não se manifestou.

Quando a Cecília entrou na suíte, acompanhada de sua mãe, eu me senti desconfortável de perceber o quanto ela parecia exausta de toda aquela situação. Minha garota merecia uma vida de princesa, sem riscos, sem estresse, sem preocupações, e eu queria muito poder proporcionar tudo isso a ela.

Eu estava em pé, próximo à janela, e assim que ela me viu, veio em minha direção. Eu a abracei e beijei sua cabeça cheirosa.

— Como está o braço, meu anjo? — Demétrio perguntou, e Thomaz teve a decência de parecer envergonhado.

— Estou bem, vovô, foram só alguns pontos — Cecília respondeu, ainda agarrada à minha cintura.

— Meu amor, o Noah deixou claro para nós que quer se casar com você, e eu sei que você também está apaixonada por ele.

É desnecessário, mas preciso perguntar se é isso mesmo que você quer — Demétrio falou.

— É o que eu mais quero na vida, vô. Eu sou apaixonada pelo Noah desde que era adolescente. Ele só soube bem depois, então meus sentimentos só foram correspondidos recentemente. Eu sempre soube que me casaria com ele um dia. Eu nem preciso pensar, porque essa situação já está certa no meu coração faz tempo.

Capítulo 31

Cecília

Mesmo depois de declarar meus sentimentos para que todos ouvissem, eu não consegui decifrar o olhar do meu pai, então continuei tentando fazê-lo compreender.

— Pai, por favor, deixe-me ser feliz. Eu quero ficar com o Noah, e você precisa aceitar isso. Eu não sou mais uma criança que pode ser manipulada — pedi, tentando manter as coisas em paz.

— Eu estou muito decepcionado com você... — ele começou a falar, mas eu o cortei.

— E eu com o senhor, então estamos quites.

— Isso não é brincadeira, Cecília. Você fugiu de casa, no meio de um jantar, mesmo sabendo que eu não apoiava o seu relacionamento com ele. Você não respeitou minha opinião e ainda me deixou em uma situação vergonhosa. Passou mais de uma semana fora, sem dar notícias. Eu te procurei feito um louco! — ele gritou comigo, perdendo o controle.

— Não grite com ela, porra! Resolva o seu problema comigo. — Noah me defendeu.

— Thomaz, acalme-se, por favor — minha mãe pediu.

— Eu acho melhor nós irmos embora, não vamos chegar a lugar nenhum com discussões acaloradas. Vamos todos refrescar a cabeça e, depois, voltaremos a conversar — meu avô sugeriu.

Eu respirei aliviada com a interferência do meu avô, pois não aguentava mais tudo aquilo.

— Está certo, vamos embora. Vem, Cecília — meu pai chamou.

— Eu não vou. Ficarei com o Noah — falei, prevendo a confusão outra vez.

— O quê? Claro que não vai ficar com ele. Nós vamos para a nossa casa. Você acabou de voltar, e eu não vou deixar você escapar novamente.

— O senhor não pode me obrigar a ir, porque eu sou maior de idade e quero ficar com o Noah — insisti.

— Cecília, meu anjo, é melhor ir com seus pais. Vocês precisam conversar. Além disso, não é certo porque você e Noah ainda não estão casados — meu avô falou, tentando me convencer.

— Eu não quero ir, vô. Não confio mais no meu pai. Ele mentiu para mim, mesmo me vendo morrendo de dor. Ele não se importou comigo — falei firme. — Ele quer me separar do Noah, mas não vai conseguir. Vou ficar aqui, porque o meu lugar é onde o Noah estiver.

Noah me apertou em seus braços e beijou minha cabeça. Meu avô ficou calado, enquanto meu pai me olhou indignado.

— Filha, nós precisamos conversar. Vem para casa com a gente, por favor — minha mãe pediu.

— Amanhã, antes de ir para a Itália, eu vou até lá e nós conversaremos. Agora, por favor, eu estou um pouco sonolenta por causa dos analgésicos, preciso descansar.

— Vamos embora, Thomaz. Noah, amanhã leve a Cecília em casa. Não vá para a Itália antes disso — meu avô falou.

— Você tem a minha palavra, Demétrio — Noah respondeu.

Finalmente, todos eles começaram a sair, mas quando chegaram à porta, meu pai parou e me olhou. Percebi que havia tristeza e decepção em seu olhar e isso mexeu um pouco comigo. Eu sabia exatamente o que ele estava sentindo, porque eu me sentia da mesma forma.

— Você está bem? — Noah perguntou assim que eles fecharam a porta.

— Sim, só preciso de um banho, comer alguma coisa e fazer amor com você. Depois disso tudo, estarei pronta para qualquer coisa — falei, deitando a cabeça em seu peito.

— Então, vamos começar pelo banho — ele falou e me puxou para o banheiro.

Dirigimo-nos ao banheiro e lá tinha uma banheira deliciosa de hidromassagem cheia, esperando por nós.

— Mandei que enchessem, sabia que você precisaria relaxar — ele falou, tirando a minha roupa com calma.

Eu fechei os olhos e me permiti sentir o seu cuidado comigo. Quando Noah terminou de tirar a minha roupa e a dele, ele entrou na banheira e me deu a mão para me ajudar a entrar. Em seguida, ele sentou e eu me sentei em seu colo, de frente para ele.

— Eu acho que já podemos pular para a parte de fazer amor, a comida fica para depois — falei e beijei-o, esfregando-me em seu pau já muito duro.

— Gostosa — ele sussurrou no meu ouvido e mordeu de leve minha orelha.

Em seguida, meu príncipe beijou meu pescoço e meu queixo, deixando-me molinha. Eu me esfreguei mais nele, desesperada por algum contato.

— Eu quero agora — falei, tentando me ajeitar para ele me penetrar.

— Eu quero muito você sentada no meu pau, mas não sei se vai ser confortável para você. A água costuma tirar um pouco a lubrificação natural, então pode te machucar — ele sussurrou no meu ouvido.

Noah passava suas mãos, cheias de espuma, desde os meus ombros até a minha bunda, enquanto beijava meu pescoço e meus seios, provocando-me um arrepio delicioso.

— Ah, mas eu vou sentar em você, Noah Esposito. Nada vai me impedir, nem que entre rasgando — falei, totalmente incapaz de ficar mais um minuto sem ele dentro de mim.

— Você gosta de sentir dor, sua safada? Então, venha sentar no meu pau — ele falou e segurou o pau enquanto guiava o meu corpo para sentar nele.

Sentei de uma vez e dei um grito de dor e prazer. Definitivamente, eu gostava de sentir aquele tipo de dor.

Noah segurou firme na minha cintura, prendendo-me, enquanto fazia os movimentos embaixo de mim, entrando e saindo, freneticamente. Era delicioso senti-lo assim, indo tão fundo.

Nós dois gememos, e seus gemidos serviram para me deixar ainda mais excitada. Eu estava prestes a gozar quando ele parou os movimentos, levantou o meu corpo, colocou-me sentada na borda da banheira com as pernas bem abertas e me chupou intensamente. Segurei seu cabelo, rebolei em seu rosto e, em pouco tempo, eu estava gozando e gemendo, totalmente alucinada de amor e prazer.

Antes que eu me recuperasse do orgasmo, Noah me virou e me colocou de costas, penetrando-me por trás, metendo rápido e forte. Enquanto metia em mim, ele segurava um dos meus seios com uma mão, e estimulava meu clitóris com a outra, fazendo-nos gozar juntos, completamente apaixonados e perdidos um no outro. Naquele momento, nada mais importava além de nós e do nosso amor.

Quando saímos do banho, pedimos a comida no quarto mesmo. Minutos depois, nós comemos, fizemos amor outra vez e dormimos completamente felizes e saciados, sem nos importarmos com tudo o que ainda teríamos que enfrentar. A verdade era que, quando estávamos nos braços um do outro, nada mais importava.



Acordei no dia seguinte com Noah examinando os pontos no meu braço. Ele estava lindo naquela manhã, sem camisa, com o cabelo molhado e um cheiro delicioso de banho recém-tomado. Sorri para ele e me espreguicei.

— Bom dia, príncipe.

— Bom dia, amor — ele respondeu ainda olhando, minuciosamente, o meu corte. — Parece estar sequinho. Vamos cuidar disso antes de qualquer coisa — ele falou e levantou da cama.

Instantes depois, Noah retornou com um kit de primeiros socorros e cuidou do meu machucado. Eu achava incrível os seus lados tão opostos. Noah era esquentado, pavio curto, agressivo e, assim como qualquer um deles, violento. No entanto, em nossos momentos íntimos, ele era capaz de ser extremamente doce, como

nesse momento em que, ao passar algo no meu braço, ele assoprou para que não ardesse.

Eu sempre gostei de observar seu jeito, e notei que ele sempre foi mais reservado do que os primos. Eu o conhecia tão bem, mais do que a mim mesma. Muito tempo antes de ele notar que eu existia, eu já era apaixonada por ele e estava sempre atenta a todos os seus passos.

Ele era perfeito demais e eu o amava a ponto de sentir o meu coração doer.

— Pronto, já cuidei do seu machucado, agora podemos tomar café da manhã. Depois eu vou te levar à casa do seu pai e, assim que vocês conversarem, iremos para a Itália.

— Estou pronta — falei, sentando-me na cama e passando os braços em volta do seu pescoço. — Com você ao meu lado, estou pronta para qualquer coisa.

Eu dei um beijo na bochecha do meu príncipe e me levantei da cama para ir ao banheiro. Ainda estava nua, então quando passei por ele, ganhei um tapa na bunda. Sorri e fui me preparar para o nosso dia, que seria longo.



Tomei um banho demorado para repor as minhas energias da noite de sexo maravilhosa, tanto quanto da bagunça que tinha sido a nossa chegada no dia anterior. Minutos depois, quando saí do banheiro, Noah não estava mais no quarto. Chamei, e ele não apareceu.

Vesti uma roupa, sequei e penteei meus cabelos, fiz uma maquiagem leve e, quando ia sair do quarto para procurá-lo, ele entrou, vestindo uma camisa social preta e calça escura.

— Onde você estava? Eu já ia te procurar.

— Fui resolver algumas coisas com os soldados antes de sairmos, mas foi aqui mesmo no hotel — ele respondeu. — Está pronta?

— Eu nasci pronta, só vou calçar as sandálias — respondi sorrindo, e ele sorriu de volta.

Sentei na cama para calçar minha sandália, e Noah esperou, pacientemente, eu terminar. Quando me levantei, ele me deu a mão e nós saímos do quarto.

Capítulo 32

Cecília

Quando chegamos à casa do meu pai, entramos sem ser anunciados. Como Noah havia avisado que já estávamos a caminho, meu pai, meu avô e minha mãe estavam na sala à nossa espera.

Cumprimentamos a todos, beijei e abracei minha mãe e meu avô, mas não me aproximei do meu pai. Ele ficou calado por alguns segundos, apenas nos observando. Minha mãe se manteve calada e com um semblante calmo, assim como o meu avô.

— Eu gostaria de ter um momento a sós com a minha filha — ele quebrou o silêncio, com o semblante ainda sério.

Eu consegui notar que não havia mais raiva em sua fisionomia, como no dia anterior, mas sim tristeza.

Senti o corpo de Noah tensionar ao meu lado e achei incrível esse cuidado e superproteção que ele tinha comigo, pois era algo muito necessário no mundo da máfia, além disso me fazia sentir amada e importante. Mas, naquele momento, eu sabia que precisava cuidar de mim mesma.

— Está tudo bem, eu vou com ele — falei ao Noah e, mesmo relutante, ele soltou a minha mão.

Meu pai e eu fomos até o seu escritório e ele fechou a porta para conversarmos com privacidade.

— Sente, filha — ele falou de forma carinhosa, como há um tempo não falava.

Percebendo que eu continuei em pé, ele segurou minha mão e me levou até o sofá.

— Não precisa ficar tão resistente comigo, Cecília. Eu sou seu pai e amo você mais do que qualquer pessoa. Admito que não sou perfeito, mas nunca duvide do meu amor.

Eu continuei calada, porque realmente não sentia vontade de me pronunciar naquele momento. Eu preferia ouvir o que ele tinha a dizer.

— Em primeiro lugar, eu queria te pedir desculpas por ter causado esse machucado no seu braço. Eu jamais quis machucar você…

— Mas machucou, pai. Machucou muito e não foi só o meu braço. Isso daqui vai passar e eu nem vou lembrar mais — falei, levantando o meu braço e mostrando o curativo. — Mas o que está doendo, de verdade, é a minha alma. A decepção que o senhor me causou foi imensurável!

Dessa vez, não me importei de chorar, mesmo que isso me tornasse frágil aos olhos dele, porque realmente estava doendo e eu estava farta de tudo aquilo.

— O senhor não se importou com os meus sentimentos. Eu te disse que amava o Noah e, mesmo assim, você inventou aquela história sobre ele antecipar o casamento com a Isadora. — Joguei na cara, respirei fundo e continuei. — O senhor viu o tamanho da minha dor e do meu desespero, viu minha apatia e meus pesadelos… E o que o senhor fez? Continuou mentindo e, ainda por cima, tentou me jogar para cima de outra cara! Isso é amor? Isso é ser um bom pai?

Eu estava me sentindo extremamente magoada e, àquela altura, chorava mais do que gostaria.

— Cecília, tente me entender. A carga de ser casada com o *Don* é muito pesada. Você já corre perigo só por ser minha filha, mas sendo esposa dele, correrá muito mais. A família do Noah está sempre com a corda no pescoço, porque em nosso mundo o poder é mais valioso do que qualquer outra coisa, e o poder está na família deles.

Eu já entendia tudo isso que meu pai queria me explicar, mas para mim não fazia sentido algum perder a oportunidade de ficar com o homem que eu amava por causa de um risco que eu correria mesmo não estando com ele.

— Pietro comanda tudo, ele é o chefe dos chefes e muita gente faria qualquer coisa para estar em seu lugar. Em breve essa cadeira será ocupada pelo Noah e então a esposa dele é que será o alvo mais cobiçado da máfia — meu pai continuou falando. — Tanta coisa ruim já aconteceu com eles, minha filha. Pietro e Mia foram sequestrados ainda bebês, mais tarde Maria Eduarda, Nina e Camila também passaram maus bocados. Eu não queria essa vida para você, Cecília. Achei que esse amor que você dizia sentir era fogo de palha, achei que ia passar. Mas ontem, depois que a raiva deixou de me cegar, eu percebi que a luta estava perdida. Percebi o quanto você está apegada a esse rapaz, e o quanto ele se preocupa com você.

— Não estou apegada a ele, pai. Eu amo o Noah. O apego passa, mas o amor verdadeiro, não — falei, e ele assentiu com uma expressão derrotada no rosto. — O senhor não consegue ficar feliz por mim?

— O medo ainda é maior, filha. Mas vai passar, eu prometo, mesmo sabendo que meu orgulho ainda está muito ferido — ele respondeu. — Você já é uma menina crescida, então eu vou falar honestamente: Nós não somos bons, Cecília. Nem eu, nem Noah, nem meu tio… nenhum de nós. A diferença é que alguns de nós são piores. O que vocês, mulheres, conhecem é o nosso lado bom. Inclusive, vocês pensam que conhecem o nosso lado ruim, mas estão longe disso. Meus instintos gritam o tempo todo para eu matar o Noah, porque ele levou você de mim e passou dias sozinho com você, sem ser seu marido.

— Ah, para, pai.

— Ele me afrontou e desrespeitou, Cecília, tanto como pai quanto como parceiro na organização. Eu só não o matei porque na máfia existe uma hierarquia, um código de honra e lealdade, justamente para momentos como esse, caso contrário nós, com nossos instintos ruins, sendo todos os assassinos que somos, mataríamos uns aos outros sem piedade — meu pai falou. — Independente de eu conhecer o Noah desde a barriga da mãe, se ele não fosse filho do *Don* e meu próximo líder, eu o teria matado. Entenda, minha filha, de cabeça quente não existe piedade e nem sentimentos entre nós.

Eu nem me atrevi a falar, porque sabia que meu pai precisava despejar tudo o que queria.

— Eu gosto do Noah e da família dele, Cecília, mas na hora da raiva, homens como nós esquecem de tudo. Então, não pense que foi fácil não matá-lo no momento em que o vi entrando aqui, ontem, de mãos dadas com você. Eu precisei ser muito forte e conter os meus demônios — ele disse. — Eu estaria morto agora se o tivesse feito, pois o Pietro certamente teria me matado a sangue frio, mas não o fiz por respeito à organização e à superioridade da família dele. Pensando nisso, não vou mais me opor ao casamento de vocês, mas entenda o quanto isso é difícil para mim.

Nada do que eu ouvi me chocou. Eu tinha consciência desse lado dos homens da máfia e temia que ele não fosse esperto o suficiente para controlar seus instintos. Felizmente eu estava errada.

Depois de ouvir tudo o que ele queria me dizer, chegou minha vez de falar e eu não ia amaciar para o lado dele.

— Em primeiro lugar, quem começou errando foi o senhor, quando mentiu para mim e depois trouxe um desconhecido para me conhecer. O senhor sempre disse que nunca me obrigaria a casar, que os tempos na máfia eram outros e que os pais não entregavam mais as meninas contra a sua vontade para um casamento desde que Matheo Esposito assumiu a cadeira de *Don* há anos. Sempre o ouvi condenar os pais que ainda agiam assim, no entanto, foi praticamente o que o senhor fez — falei com a voz firme. — Eu nunca quis conhecer ninguém e, mesmo assim, o senhor trouxe o Adam aqui.

— Minha filha…

— Não fale mais nada. Eu te escutei o tempo todo, agora eu preciso falar — disse, interrompendo-o. — Noah agiu dessa forma em nome do mesmo respeito que o senhor diz ter pela organização. Ele soube que o senhor estava contra o nosso relacionamento e que trouxe outro cara para me conhecer. Noah sabia que se entrasse aqui, naquela noite, seria recebido de forma hostil e isso o obrigaria a revidar. Ele quis evitar o confronto e, com meu consentimento, preferiu se afastar para esfriar a cabeça primeiro.

Eu deixei mais do que claro que, depois de quase morrer naquele atentado, Noah precisava de mim, assim como eu

precisava dele.

— Nós precisávamos de um tempo a sós, e o senhor não facilitaria nossa vida — falei. — Se o senhor ama a minha mãe, deve entender que não existe no mundo nenhum sentimento maior que o amor e a necessidade do outro que este sentimento traz. Não existe limite para agir. Então, sim, nós fugimos para viver o amor que o senhor não queria aceitar. Fugimos porque precisávamos um do outro e de paz.

— O Noah foi um covarde fugindo com você — meu pai esbravejou.

— Pelo contrário, nós voltamos porque não somos covardes. Pai, nós não vamos deixar ninguém nos separar, nem mesmo o senhor. Ninguém nos impedirá de viver esse amor — falei confiante. — E, só para constar, se o senhor matasse o Noah, estaria me matando também, porque eu não viveria em um mundo em que ele não existisse. Noah não é só o amor da minha vida, ele é um pedaço do meu coração, e eu preciso dele para viver.

A essa altura, eu já me sentia fraca de tanto chorar, mas meu pai parecia, finalmente, ter entendido. Ele me abraçou e me pediu perdão.

— Eu te perdoo, porque sei que o senhor não fez por mal. Também te peço perdão por ter te decepcionado, mas não peço perdão pelo Noah, porque eu faria tudo outra vez.



Depois de uma longa conversa, voltamos para a sala. Nos deparamos com o meu avô sentado tomando uma bebida, minha mãe sentada no sofá de pernas cruzadas e Noah de pé, olhando pela janela com as mãos nos bolsos. Mesmo de costas, dava para notar sua postura tensa.

Assim que ele ouviu nossos passos, virou-se e, imediatamente, percebi seu corpo inteiro relaxar ao me ver.

— Pode desfazer essa postura de cão de guarda, rapaz. Cecília está inteira, linda e perfeita, como sempre foi — meu pai provocou. Ele não estava exatamente sorrindo, mas também não falou com raiva.

Noah não sorriu. Ele apenas esticou uma mão, de onde estava e, como um ímã, eu fui para perto dele e segurei sua mão. Meu príncipe me puxou para ele, abraçou-me e cheirou o meu cabelo; eu encostei a cabeça em seu peito, sentindo-me em paz e protegida.

Capítulo 33

Cecília

— Eu gostaria de aproveitar que estamos reunidos aqui para formalizar o compromisso entre Cecília e eu — Noah falou, e eu me espantei, pois ainda não havíamos conversado sobre isso. — Cecília, você já sabe que eu a amo e que nós vamos nos casar, mas para que todos saibam, quero que você use esse anel, que vai representar o nosso compromisso e o amor que existe entre nós.

Por alguns segundos, eu só consegui olhar do Noah para os meus pais, e dos meus pais para o meu avô. Meu príncipe sempre conseguia me surpreender.

— Você me escolheu e eu escolho você, Cecília! Aceita ser, para sempre, muito mais do que minha esposa? Aceita ser a minha parceira, a mulher da minha vida, a razão pela qual eu vou lutar e sobreviver todos os dias?

Noah se aproximou ainda mais de mim, olhou profundamente nos meus olhos e, segurando a minha mão, colocou em meu dedo o anel mais lindo que eu já vi na vida. Naquele momento, não havia outra coisa a fazer, a não ser me perder naqueles olhos da cor do mar.

A vida inteira eu sonhei com esse pedido, e ele se tornou realidade. Era inacreditável o que estava acontecendo.

— Fale alguma coisa, linda. Eu estou ficando nervoso — ele sussurrou e, realmente, parecia nervoso.

Mesmo com as lágrimas rolando pelo meu rosto, eu sorri para ele, antes de responder.

— Você tem alguma dúvida, prínci… Quer dizer, é claro que eu aceito, Noah! — falei, piscando para ele, e pulei em seu pescoço.

Aquele tinha sido, de longe, o dia mais feliz da minha vida. Dia em que meu sonho se tornou realidade

— Quando você comprou? — perguntei maravilhada, ainda olhando o anel.

— Hoje de manhã, enquanto você estava no banho. Um joalheiro foi ao hotel para que eu escolhesse — ele respondeu.

Eu me joguei em cima do Noah novamente, e ele me abraçou e me tirou do chão. Nós nos beijamos com todo o amor que sentíamos um pelo outro, até que fomos interrompidos por uma tosse forçada do meu pai. Noah me colocou no chão, e nós olhamos para ele.

— Eu não vou mais me opor ao casamento de vocês, mas quero que a minha filha fique aqui, em Las Vegas, até o casamento.

— Pai… — comecei a falar, mas a minha mãe me interrompeu.

— Filha, daqui a pouco você se casa e vai morar na Itália, longe de nós. Por favor, fique conosco até lá — minha mãe pediu. — Vou morrer de saudades de você, Cecília. Eu não estava esperando por um casamento agora.

— Além do mais, não é certo. Você tem família, não tem necessidade de morar com seu noivo antes de casar, não fica bem — meu pai acrescentou, sempre preocupado com o que menos importava, a opinião dos outros.

— Cecília, eu entendo a sua necessidade de ficar perto do Noah, mas em breve vocês vão se casar e ficarão juntos definitivamente. Fique conosco enquanto pode, meu anjo — meu avô pediu, carinhosamente, e me convenceu.

Eu ficaria, mas pensar em Noah indo para longe de mim doía meu coração. Olhei para ele, meio ressabiada, e ele sorriu para mim.

— Tudo bem, meu amor, fique com a sua família — ele disse. — Eu vou resolver as coisas que faltam e, então, nos casaremos. Preciso conversar com o meu pai, saber como estão as coisas em Chicago, resolver a situação com a Isadora, enfim… Aproveite a sua família, porque em breve você será só minha.

— Tudo bem, mas não demore — falei e o beijei, sem me importar com a plateia na sala.

Noah

Entrei no jato rumo à Itália, mal-humorado. Eu não queria deixar a Cecília em Las Vegas, além de que já previa a tempestade que eu precisaria encarar ao chegar à Itália. Com certeza eu encontraria uma bomba prestes a explodir.

Meu pai já sabia do meu retorno e não estava nada satisfeito comigo, afinal teve que segurar todas as responsabilidades quando eu viajei com a Cecília. Ele precisou lidar com o fato de Severo querer reunir os capos para fazer uma denúncia contra mim. Meu pai estava dando corda para o bastardo se enforcar.

Severo teria uma ótima surpresa. Tudo já estava preparado.



Assim que desembarquei na Itália, soube que meu pai já estava na empresa, então como não queria perder tempo, fui encontrá-lo lá.

Cheguei à empresa, fui até a sala dele, bati na porta e entrei. Logo me deparei com meu pai e meu tio.

— Bom dia, pai, Tio Raphael.

— Bom dia, Noah — meu pai respondeu sério, como eu já esperava.

— Bom dia, sobrinho. É como dizem: “O bom filho à casa torna” — meu tio me cumprimentou animado. — E aí, como foram as férias?

— Não foram exatamente férias, tio, mas foram dias ótimos — respondi sincero.

— Seu pai também achou ótimo os últimos dias — meu tio debochou.

— Pare de falar gracinha, Raphael — meu pai chamou a atenção do meu tio, e ele riu sem se incomodar.

Sentei-me à mesa e olhei para o meu pai, esperando a palestra. O *Don* Pietro quase nunca levantava a voz, mas ele sempre tinha os melhores argumentos.

— O que você tem na cabeça, Noah? — ele me perguntou.

— Depende sobre qual cabeça você está perguntando, Pietro? — meu tio brincou, tentando quebrar o gelo. — Dê um desconto para o garoto, irmão. Ele está na flor da idade, cheio de testosterona. Quem nunca fez uma merda na idade dele?

Meu pai não precisou responder, apenas olhou sério para o meu tio, que simulou um semblante de quem estava pensando em algo.

— É, você não fez, mas você não conta. Todos nós fizemos — ele constatou.

Eu quis muito rir quando o meu pai fuzilou o meu tio com olhar, mas não o fiz para não piorar as coisas.

— Raphael, não se meta. Essa é uma conversa entre o meu filho e eu.

— Tudo bem, tudo bem. Vou ficar quieto, mas não vou sair daqui, porque eu quero assistir o show — o cara de pau falou.

— Pai, eu fiz o que achei que precisava ser feito e não me arrependo — falei. — O Thomaz queria empurrar um miserável para cima da Cecília. Ele estava contra o nosso relacionamento e mentiu para a menina. Se eu ficasse lá, ia quebrar a cara dele, no mínimo. Na verdade, a gente caiu na porrada de qualquer maneira quando voltei, mas naquele dia, logo após o meu acidente, teria sido muito pior. Eu achei melhor esfriar a cabeça, mas não podia ir sem ela.

— Você não precisava disso, Noah. O Thomaz não impediria o casamento de vocês, já que os dois queriam. Mesmo sendo o pai, ele não teria esse poder.

— Eu precisava de um tempo sozinho com ela, pai. Depois de tudo o que passei, eu não podia mais esperar. Eu precisava dela.

— Você não deveria ter levado a menina para longe e ficado sozinho com ela antes de se casarem. Não é certo, Noah! Você tem uma irmã e, tenho certeza, não aceitaria que fizessem isso com ela — meu pai falou, alterando minimamente a voz, e eu me calei,

porque nisso ele estava certo. — Mas de tudo isso, sabe o que me deixou mais puto? Foi você ter feito tudo pelas minhas costas, ter saído sem falar com ninguém e deixado sua mãe desesperada.

— Você não teria me apoiado, pai.

— Eu teria te ajudado a resolver a situação, mas de outra maneira, da maneira correta. Sou seu pai e, independente de qualquer coisa, eu faria o que fosse melhor para você. Mas você me excluiu, Noah!

— Eu não te exclui, pai, só quis resolver as coisas por mim mesmo — argumentei. — Eu sempre fui um bom filho. Sempre segui tudo o que o senhor me orientou, mas, dessa vez, era sobre a minha vida particular e eu quis fazer do meu jeito. Eu me apaixonei pra caralho pela Cecília e, de repente, depois do atentado, percebi que eu não podia mais esperar e ficar sem ela. Então, sim, eu larguei tudo, fui atrás dela e a levei para onde eu sabia que ninguém nos incomodaria.

— Noah, eu entendo que esse atentado tenha feito você pensar sobre a brevidade da sua vida, mas nós teríamos resolvido isso juntos e da forma mais adequada.

— Eu não podia perder mais nem um minuto longe dessa mulher, pai. A Cecília é a única pessoa no mundo que me faz querer ser uma pessoa melhor, apesar de quem eu sou. Na verdade, eu mesmo quero ser melhor, pelo menos quando estou com ela, porque ela me inspira — falei. — Eu não gostaria de ter decepcionado o senhor, mas eu não me arrependo das decisões que tomei.

Meu pai ficou calado por alguns segundos, depois me olhou novamente.

— Para onde vocês foram?

— Para a cabana, na ilha.

— Eu sabia! Ainda por cima, você arriscou sua vida e a da menina, indo para lá sem proteção.

— Eu tive um aliado e tinham soldados espalhados pelos arredores. Ninguém chegaria à cabana.

— Era só o que me faltava, você ter um aliado que te ajudou pelas minhas costas. Quem foi, Noah? — meu pai me perguntou, mas ficou olhando para o Tio Raphael.

— Nem olhe para mim, eu não tive nada a ver com isso — meu tio respondeu.

— Não foi ele quem me ajudou — respondi.

De repente, a porta da sala do meu pai se abriu.

— Eu o ajudei — uma voz familiar afirmou, entrando na sala e sentando ao meu lado.

Apesar da idade avançada, Vô Matheo ainda estava em plena forma física. Ele mantinha uma postura altiva e intimidadora, típica do *Don* que ele nunca deixaria de ser.

— Você, pai?

O semblante do meu pai era de pura surpresa e choque, talvez até uma pontinha de decepção.

— Eu mesmo, Pietro. Por que o espanto?

— O senhor nunca teria me apoiado em algo desse tipo — ele falou.

— Não, eu não teria. Assim como você não apoiaria o Noah, se soubesse o que ele pretendia fazer. Agora que já aconteceu, você está puto, como muitas vezes eu fiquei, vendo as irresponsabilidades do Raphael.

— Eu não entendo — meu pai falou, mais pra si mesmo do que para nós.

— Essa é a função dos pais, Pietro, não dos avós. Os filhos crescem, assumem suas próprias vidas e minimizam as nossas responsabilidades — Vô Matheo falou. — Eu passei o bastão para você. A função de educar é sua, a minha é cuidar e apoiar, independente de qualquer coisa. Ou estragar, como gostam de dizer. Meu neto precisava de ajuda, e eu o ajudei. Isso não quer dizer que eu ache certo, mas não serei eu a dar o sermão, até porque o Raphael esgotou todos os que eu tinha.

Tio Raphael fingiu uma cara de espanto e depois riu. Essa foi a deixa que eu encontrei pra relaxar um pouco também.

— Agora, eu quero saber o que vocês farão em relação ao Severo, porque esse sim, merece toda a nossa raiva — meu avô falou.

Capítulo 34

Noah

No mesmo dia, meu pai aceitou a reunião que Severo queria marcar com os capos. A surpresa seria porque o filho da puta não sabia que eu tinha voltado e estaria presente.

Depois de nos reunirmos na empresa e combinarmos a estratégia para a reunião que aconteceria na tarde do dia seguinte, eu fui para casa. Assim que entrei, vi que minha mãe estava na cozinha, cozinhando distraída.

Entrei devagarinho e, como ela estava de costas, abracei-a por trás e dei um beijo em seu pescoço. Quando ela se virou e viu que era eu, seu sorriso foi um dos mais bonitos que já vi na vida, mas depois de dois segundos, o sorriso perfeito se desfez e ela chorou.

— Ah, *mama*, não faz assim. Não chore, por favor — falei, enquanto a abraçava.

— Você ainda estava se recuperando da cirurgia e saiu sem falar comigo, Noah. Não deveria ter feito isso. Você quase me matou de preocupação, filho!

— Desculpe, mãe, mas eu precisava ir e sabia que a senhora e meu pai não iriam me apoiar, por isso saí sem me despedir.

— E quase matou sua mãe de preocupação sem necessidade.

— Seu filho caiu de amor, *mama*, e vai se casar com a menina mais linda de Las Vegas — falei.

Claro que aquela era a mais pura verdade, mas eu sabia que, dizendo aquilo, eu ia derreter o coração romântico da minha mãe.

— Ah, eu vou adorar ter a Cecília como nora. Só por isso, eu vou te perdoar — ela disse. — Como ela está?

— Perfeita, como sempre.

— Estou muito feliz que vocês estão juntos, mas nunca mais faça isso com a sua mãe.

— Prometo — falei e dei mais um beijo nela. — Onde está a Julie?

— Estou aqui, irmão desnaturado — minha irmã falou, entrando na cozinha e vindo direto para o meu abraço. — Quer dizer que, agora, a Cecília é minha cunhada?

— Sim. E em breve, será oficialmente.

— Eu sempre reparei no jeito que ela olhava para você, meio apaixonadinha. Espero que você seja bom para ela, irmão, porque eu gosto muito da Cecília — Julie disse. — Quando ela vem para cá?

— Bom, eu não sei quando ela vem, pois tenho alguns assuntos para resolver antes do casamento.

— Mãe, nós temos que fazer um jantar de noivado — minha irmã falou animada, e o rosto da minha mãe se iluminou, afinal elas adoravam festa.

— Vou deixar vocês duas conversando sobre esses assuntos e vou subir para tomar banho, porque estou cansado pra caralho.

— Vá, meu filho. A mamãe está fazendo tudo o que você gosta de comer para o jantar.

— Obrigado, mãe.

Dei mais um beijo nela e na Julie, depois subi para o meu quarto.

Bônus Pietro

Todos os capos já estavam reunidos no galpão onde seria a reunião, inclusive Raphael, Lorenzo, Inácio e Romeu. Noah chegaria um pouco depois da hora marcada, pois ninguém sabia que ele estava de volta.

— Vamos ao que interessa, porque eu não tenho tempo a perder. Como vocês já sabem, quem convocou a reunião foi o Severo, e eu apenas permiti que ela acontecesse. Na minha opinião, era desnecessário tirar os senhores de suas casas para resolver um assunto que diz respeito somente à Cosa Nostra e à Outfit, mas Severo insistiu. Então, Severo, você tem a palavra — falei, e o imbecil se levantou, achando que estava por cima.

— Boa tarde, senhores. Eu convoquei essa reunião porque preciso da ajuda da organização para localizar a minha filha. Ela foi sequestrada quando ainda estava no hospital, e eu esperava contar com o apoio de seu futuro noivo, e a família dele, para encontrá-la, mas Noah Esposito está viajando e não está dando muita importância ao caso, infelizmente. Nosso futuro *Don* parece estar mais preocupado em aproveitar a vida do que em assumir os compromissos da máfia, portanto eu fui obrigado a vir aqui, hoje, pedir a cooperação de vocês.

O verme contou sua historinha, claramente com o intuito de desmoralizar o Noah diante dos capos. *Que audácia desse infeliz,* pensei. Minha vontade era colocar uma bala na testa dele naquele instante.

— *Don* Pietro não ajudou nas buscas da futura nora? — um dos capos questionou admirado.

Como eu estava sem paciência e queria acabar logo com aquele circo, respondi no lugar de Severo.

— Não só ajudei nas buscas, como a encontrei!

Num *timing* perfeito, Noah entrou na sala assim que eu terminei de falar. Ele estava acompanhado de Isadora e seu protetor Mathias, consigliere da Colômbia.

— Boa tarde, senhores — Noah cumprimentou a todos, e Severo arregalou os olhos.

— Filha, meu Deus, onde você estava? — ele falou falsamente, forçando uma preocupação que a gente sabia que ele não tinha.

Quando Severo fez menção de se aproximar da menina, ela deu um passo para trás e, instantaneamente, o homem que a protegia colocou a mão na arma, mas Noah o parou.

— Fique onde está, Severo — meu filho falou, colocando-se à frente de Isadora.

— O quê? Vocês estão loucos? Ela é minha filha, eu a procurei em todos os lugares... — ele começou seu discursinho, mas Noah o interrompeu.

— Uma filha que você espancou a vida inteira e usou para tentar dar o golpe em nossa família. Isadora nunca quis esse casamento e você sabia disso.

Noah estava a um passo de perder o controle. Eu conhecia meu filho e sabia que ele já estava no limite. Então, com o olhar, pedi que ele mantivesse a calma.

— Do que você está falando? Eu nunca...

— Cala a boca, porra! Eu ainda não terminei — Noah falou e, em seguida, voltou sua atenção para os outros presentes. — Isadora era uma criança quando seu pai propôs um compromisso entre ela e eu. Na época, ficou acordado que, quando ela completasse 18 anos, nós nos casaríamos. Um pouco antes disso acontecer, Isadora confessou ao pai que estava apaixonada pelo primo Diógenes, filho da irmã de Severo. Ela disse que queria se casar com ele, e não comigo.

O filho da puta do Severo bufou, olhando para os outros capos, como se o Noah estivesse falando a maior besteira do mundo.

— Por causa dos seus sentimentos, ela levou a maior surra de sua vida e foi proibida de continuar o romance com Diógenes. Severo ameaçou matar a Isadora e o primo, se ela contasse alguma

coisa a alguém, depois trancou-a em uma cela onde costumava castigar seus soldados. Ele a deixou três dias sem comer, apenas dando água para mantê-la viva. Ele só a destrancou quando conseguiu marcar um jantar na Itália para que ela me conhecesse, com o claro objetivo de apressar o casamento.

Olhei para Isadora ao ouvir alguns ruídos e notei que ela já estava aos prantos. Noah estava tão furioso quanto eu, principalmente por ver a menina naquele estado, mas ele precisava esclarecer de uma vez por todas toda a situação para os demais capos.

— Em seguida, senhores, Severo mandou que dessem uma surra em Diógenes e o avisou para sair da vida de Isadora ou seria um homem morto. Mas já era tarde demais. Logo depois do jantar na minha casa, ele descobriu que a filha estava grávida do primo e, mais uma vez, foi violento com ela. Diógenes tentou salvar Isadora das garras do pai, planejando uma fuga, mas Severo descobriu, mandou que fossem atrás dos dois e acabou provocando um acidente. Os dois foram internados no mesmo hospital e, por sorte, Isadora não perdeu o bebê. Uns dias depois, quando eu já estava em Chicago, Severo exigiu que Isadora desse um jeito de apressar o casamento ou que transasse comigo para que pudesse empurrar a paternidade da criança para mim. Sem o conhecimento do pai, Isadora acabou me contando tudo.

A essa altura, Severo já tinha voltado a se sentar e ficou calado, pois não adiantaria tentar negar. Ainda havia muita coisa a ser esclarecida, então Noah prosseguiu, antes que fosse interrompido por qualquer pessoa.

— Nas minhas investigações, descobri que Severo mandou matar o Diógenes dentro do hospital, mas não tive tempo de tomar nenhuma atitude, porque sofri um atentado em Chicago. Meu carro capotou, e eu acabei internado no mesmo hospital em que Isadora estava. Eu fiquei inconsciente e, quando acordei, contei toda a história para o meu pai.

Todos os presentes alternavam os olhares entre Noah e eu. Nesse momento, assumi a palavra e me levantei para falar, enquanto com o olhar, pedia para o Noah se acalmar.

— Assim que cheguei a Chicago, nosso soldado me deu mais informações sobre o atentado contra o Noah e, em seguida, soubemos que Isadora tinha sido sequestrada. Ao investigarmos mais a fundo, descobrimos que ela havia sido levada por Mathias, o irmão paterno do Diógenes. Ele sabia do romance e a levou para sua casa, que era para onde o casal iria quando tentaram fugir.

Nossas fontes nos informaram que Diógenes era filho bastardo do capo de Medellín, na Colômbia, que soube recentemente da existência desse filho. Quando a mãe de Diógenes engravidou, ela era casada com outro homem, que descobriu a traição. Para abafar a história, Severo mandou matar o cunhado.

— Antes da mãe de Diógenes morrer, ela confidenciou ao filho a verdadeira identidade de seu pai e mandou que ele o procurasse. Diógenes o fez e foi, inclusive, convidado pelo pai a ficar e assumir seu lugar como segundo no comando na Colômbia. Entretanto, ele recusou o convite. Por amor a Isadora, ele continuaria sendo apenas um capacho de Severo.

Todos olharam abismados para Severo, que fez pouco caso do que eu estava contando, como se tudo aquilo fosse algo normal e cotidiano.

— Quando Isadora contou que estava grávida, Diógenes procurou o pai, aceitou sua proposta e contou tudo a ele, inclusive sobre a gravidez e o noivado de Isadora com o meu filho Noah. O rapaz avisou ao pai que fugiria com ela para lá, afinal havia pouca chance de descobrirem que estariam na Colômbia. O pai de Diógenes concordou em ajudá-los, mas seu filho e sua nora nunca chegaram.

Todos os capos que estavam na reunião olharam para Isadora, que estava em um canto, chorando e soluçando muito. Eu conseguia imaginar o que ela estava sentindo por ter perdido a pessoa que ela amava, porque eu quase perdi a Amanda e enlouqueci só de imaginar essa possibilidade.

— Senhores, quando o pai de Diógenes e Mathias souberam do acidente, vieram resgatá-los no hospital. Chegando aqui, souberam que Diógenes estava morto, mas resolveram levar a Isadora mesmo assim, já que ela tinha um filho dele na barriga.

— Meu atentado foi causado por eles — Noah falou. — Sabendo quem eu era, e que eu estava em Chicago, eles acharam que eu seria um obstáculo, então causaram o meu acidente antes de levarem a Isadora.

— Essa menina — falei, olhando para Isadora — está sendo exposta, desnecessariamente, porque o Severo fez questão de convocar essa reunião para denegrir a imagem do meu filho perante vocês. Nós não tivemos outra saída.

— Isadora, você poderia, por favor, dizer a todos se tudo o que acabamos de dizer é verdade? — Noah pediu, e eu olhei para a menina. Ela estava, claramente, muito envergonhada.

— Sim, é tudo verdade — ela respondeu e, em seguida, iniciou mais uma crise de choro.

Isadora sabia que os homens ali presentes, com exceção da minha família, estavam-na julgando por ter se apaixonado e engravidado de outro homem quando já tinha um compromisso com o futuro *Don.* Aqueles imbecis davam mais importância a isso do que ao fato de a garota ter sido espancada durante toda a sua vida e de Severo ter matado o pai do seu neto pelo crime de estar apaixonado.

Por outro lado, Severo também estava sendo julgado por ter tentado usar a sua filha para dar o golpe da barriga no herdeiro da Cosa Nostra. De fato, isso era fodido pra caralho na máfia, e ele teria sua pena por ter tentado nos enganar.

Todavia, o meu ódio por ele não era por isso. O que aumentava o meu asco por aquele filho da puta era o fato de que ele deveria ser o protetor e guia da sua filha, ao contrário disso, ele desgraçou a vida da menina. Era impossível olhar para a Isadora e não pensar na minha filha.

Meus filhos e a Amanda eram os motivos que me faziam lutar para voltar para casa vivo todos os dias. Ao mesmo tempo, eles também eram o motivo de que, se preciso fosse, eu morreria, principalmente por Julie e Amanda. Noah já era um homem feito, já sabia se cuidar e não precisava mais de mim para nada, nem mesmo para tomar qualquer decisão. Prova disso é que, quando ele percebeu que estava apaixonado, não pensou um segundo em mim

e foi atrás da mulher que amava. Meu filho fez o que achou melhor e assumiu as consequências de suas decisões como um Esposito.

Nesse ponto, Noah era mais parecido com o Raphael do que comigo. Eu nunca agi por impulso, como ele costumava agir. Meu filho é polido e frio como eu, consegue pensar racionalmente, na maioria das vezes, mas ao mesmo tempo, quando o assunto é amor, ele é passional como o tio.

Eu fiquei puto pelo que ele fez, mas também fiquei orgulhoso por ele ter agido. Isso é ser pai. A gente nem sempre concorda, mas apoia de qualquer maneira.

O burburinho que surgiu, após a confirmação de Isadora, foi se dissipando e eu olhei novamente para ela, que já estava um pouco mais calma. Chegou a minha hora de agir, não mais como pai, mas como *Don* da Cosa Nostra.

— Obrigado, Isadora — falei, aproximando-me dela e tocando seu ombro com todo o respeito e carinho que a menina deveria ter recebido de um pai.

— Mathias, leve-a para o hotel. Isadora já teve muitas emoções hoje, e isso pode fazer mal ao bebê — Noah instruiu o homem que a acompanhava, e os dois saíram de lá imediatamente.

Nós havíamos conversado com Isadora antes dessa reunião, então ela sabia que resolveríamos o problema com o Severo.

Quando eu a localizei na Colômbia, fiz questão de ir encontrá-la, pessoalmente, já que Noah estava fora. Fui bem recebido pelo pai de Diógenes, pois Isadora já tinha esclarecido tudo a ele, inclusive sobre o fato de Noah ter tentado ajudá-la. Nós tivemos uma longa conversa, e eu autorizei que Isadora passasse a ter residência fixa na Colômbia. Também prometi que, depois que tudo acabasse, eles poderiam receber a mãe dela, caso fosse a vontade da mulher.

— Então, Severo, qual era mesmo o motivo dessa reunião? — Noah perguntou, e Severo engoliu em seco.

— Tentem se colocar no meu lugar. Eu não queria a minha única filha se casando com aquele bastardo…

— Cale essa boca, porra! Se calado você já está errado, falando só piora a sua situação. Você é a porra de um covarde e

ainda pensou que conseguiria me enganar. Achei que você era mais esperto — Noah falou irritado.

Severo estava em pé e, em mais um ato de covardia, tentou correr até a porta para fugir. Eu quase ri da inocência dele. Era muito amadorismo dele achar que conseguiria fugir de um galpão da Cosa Nostra.

Antes que ele chegasse à porta ou que qualquer um de nós agisse, Noah sacou sua arma e atirou em uma das pernas de Severo, derrubando-o no chão.

— Ah, porra, sujou minha camisa. E adoro essa camisa, caralho. Mata logo esse filho da puta pra valer a pena eu jogá-la no lixo! — Raphael reclamou, levantando-se e olhando os respingos de sangue na sua camisa branca.

Obedecendo ao tio, Noah disparou na outra perna do bastardo, que gritou como uma menininha. Ninguém se moveu. Ninguém falou absolutamente nada. E eu continuei sentado, deixando o meu filho conduzir a situação.

— Que vergonha, Severo. Tentando fugir, cara? Você só sai daqui direto para o inferno, não adianta nem tentar. Então, pelo menos, tenha dignidade e morra como um homem — Noah falou com o homem que estava caído no chão, esvaindo-se em sangue. Em seguida chamou os soldados. — Levem esse verme daqui e o pendurem sem roupa. Podem começar a brincadeira, quando eu acabar aqui, vou lá brincar um pouquinho também — Noah deu a ordem aos soldados.

Em seguida, ele se abaixou, ficando da altura de Severo, segurou o seu queixo firme com uma mão, e com a outra apontou um dedo em riste ao falar.

— Não pense que vai morrer facilmente. Você vai sofrer muito mais do que fez sua filha sofrer. Você vai sentir dor, frio e fome. Eu vou te torturar por quantos dias essa sua carcaça de fracote aguentar. Você vai implorar que eu te mate, e eu vou deixá-lo morrer engasgado com seu próprio sangue.

— Levem logo esse verme daqui — eu intervi, reforçando a ordem aos soldados, em seguida voltei minha atenção para os outros homens presentes. — Alguém tem alguma dúvida sobre o que aconteceu aqui? — Todos negaram.

— Eu quero aproveitar que estão todos aqui reunidos para comunicar que eu vou me casar, em breve, com Cecília Velásquez, de Las Vegas — Noah anunciou.

Nós o cumprimentamos pelo casamento iminente e, em seguida, eu dispersei os presentes.

— Por mim, a reunião está encerrada, senhores — falei.

— Por mim, também. Eu tenho assuntos para resolver com o Severo. Boa tarde a todos — Noah disse e saiu.

Capítulo 35

Noah

Depois de algumas horas me divertindo com o Severo no galpão, fui até o hotel em que Isadora estava hospedada com Mathias e alguns soldados.

Fiquei feliz em ver que estavam cuidando bem da segurança dela, pois no corredor havia um soldado colombiano.

Não precisei me identificar, pois ele já me conhecia e, logo, deu espaço para eu passar. Bati à porta, e Isadora me recebeu segundos depois.

— Noah, que bom que você veio — ela falou sorrindo e se jogou nos meus braços. Mesmo constrangido com aquele contato, eu retribuí o abraço.

— Não acho que seja apropriado eu entrar no seu quarto. Vamos conversar no restaurante do hotel, lá deve estar sossegado porque ainda não abriram para o jantar. Seu soldado ou o Mathias podem vir conosco, se você preferir.

— Claro, podemos ir — ela falou, saindo do quarto e fechando a porta atrás de si; o soldado nos seguiu.

O hotel em que ela estava era da nossa família, então eu ficaria mais tranquilo. Quando chegamos ao restaurante, acomodamo-nos numa das mesas, e o soldado ficou em pé próximo à porta, observando tudo, mas à uma distância que não dava para nos ouvir.

— Isadora, eu vim para te agradecer por ter ido na reunião com os capos. A sua presença foi fundamental para nos ajudar a desmascarar o seu pai — falei. — Você foi muito corajosa, porque eu sei que não foi fácil para você se expor daquela maneira.

— Eu não queria vê-lo outra vez, mas foi bom encerrar esse assunto — ela disse. — O que aconteceu com ele, Noah?

— Você se importa?

— Não, mas quero ter certeza de que ele não vai mais me machucar.

— Ele não vai, não se preocupe. Meu pai já deu permissão para que você passe a morar na Colômbia, inclusive, sua mãe também pode ir.

— Eu sou muito grata por isso, mas não sei se é a melhor opção para mim — Isadora falou. — Eles me trataram muito bem lá, mas eu não me sinto em casa. Se o Diógenes estivesse comigo, seria tudo diferente. Sem ele lá, eu me sinto uma intrusa.

— Seu filho tem o sangue deles, Isadora, isso te torna parte da família — falei. — Você não tem mais família em Chicago. Além do mais, ainda nem foi definido quem assumirá a cadeira de lá, já que você não tem irmãos.

— Eu sei, vou me acostumar. Com certeza, terei uma vida muito melhor do que quando morava com o Severo.

Eu achei o jeito da Isadora muito estranho. Ela parecia triste, apesar de saber que estava livre dos maus tratos do pai.

— Você está me escondendo alguma coisa? Seja lá o que for, pode falar, eu vou te ajudar. Sei que você não compactuava com os planos do seu pai, e ninguém culpa você por nada, saiba disso.

— Sei disso, Noah. E eu sou muito grata a você e à sua família por tudo o que fizeram por mim. Você me ajudou, mesmo depois de saber que o meu pai me usou para te enganar, e eu me envergonho por ter cedido às ordens dele, em algum momento, quando sugeri que adiantássemos o casamento — ela admitiu. — Se você tivesse aceitado, eu teria me casado com você, porque tudo o que eu sentia era medo. Perdoe-me por ter tentado te enganar.

— Não se preocupe com isso, eu sei que você agiu por medo dele. Está tudo bem, de verdade.

— Obrigada, Noah. Você é um homem maravilhoso — ela falou, esticando a mão por cima da mesa para segurar a minha.

Pela primeira vez, ao olhar o rosto de Isadora, percebi algo a mais do que gratidão e resolvi deixar as coisas às claras, mas antes

que eu começasse a falar, ela disse:

— A mulher que conquistar o seu coração será muito feliz. Eu sei que a essa altura, grávida de outro homem, eu não sou mais uma opção para você, mas eu queria te dizer que nunca me senti tão protegida e acolhida por alguém, como me senti com você.

Eu queria interrompê-la para falar sobre a Cecília, mas a Isadora pediu que eu a ouvisse, então silenciei e deixei que ela terminasse.

— Talvez, seja apenas a minha carência e sensibilidade falando por mim, Noah, mas o fato é que, se eu tivesse uma escolha, seria você — ela falou um pouco tímida, e eu desvencilhei a minha mão da dela, mas isso não a deteve e ela continuou falando. — Eu amei muito o Diógenes. Ele se aproximou de mim e me tratou com carinho e cuidado. Sempre que meu pai me batia, ele estava lá para me consolar. Eu nunca tive amor, nunca me senti protegida por um homem, então tudo o que eu tinha era ele e acabei me entregando ao único homem que cuidava de mim. Quando eu conheci você e nós conversamos pela primeira vez, percebi que, além de lindo, você era gentil e muito educado, Noah.

— Isadora, eu… — Eu me senti diferente depois daquele jantar, mas já era tarde demais, pois eu estava grávida do Diógenes e meu pai ia me matar quando descobrisse. Minha única opção era, de fato, fugir com ele. Enfim, deu tudo errado — ela disse. — Mas aí, você chegou no hospital para me ver, e eu pensei que talvez ainda tivéssemos uma chance...

— Isadora, desculpe te interromper, mas você entendeu tudo errado. Quando fui a Chicago, antes mesmo de saber sobre sua história com o Diógenes e a gravidez, eu já estava decidido a desfazer o nosso compromisso e...

— Por que?

Dessa vez, foi ela que me interrompeu, e uma lágrima escorreu por sua bochecha. Eu não queria ser indelicado com ela, mas tinha o dever de falar a verdade e esclarecer aquela situação.

— Porque eu amo outra mulher e vou me casar com ela.

— O quê? Você se apaixonou e decidiu que ia se casar com outra mulher, enquanto ainda tinha um compromisso comigo?

— Você sabe que não tínhamos acordo de fidelidade até ficarmos noivos e, além disso, você também tinha outra pessoa, não é? Então, não siga por esse caminho. Eu não traí você e também não me sinto traído.

— Eu me encantei por Diógenes muito antes do meu pai firmar o compromisso com você. Eu só tinha 13 anos — ela tentou justificar.

— Isso é irrelevante para mim, Isadora. O fato é que tudo o que eu fiz por você não foi por estar apaixonado ou porque tínhamos um compromisso. Não confunda as coisas. Eu fiz porque era o certo.

— Por favor, pense melhor — ela pediu, enquanto mais lágrimas rolavam por suas bochechas.

— Não faça isso com você mesma. Você não precisa se humilhar dessa forma. A partir de agora, pense apenas no bem-estar dessa criança que você carrega. Em algum momento, você vai se apaixonar novamente e se casar, mas esse homem não sou eu. Eu vim apenas te agradecer, ver como você está e me despedir. Agora, acho melhor você voltar para o seu quarto e descansar. Seja feliz, Isadora — falei.

Olhei para o soldado que estava na porta aguardando-a e fiz um sinal para ele se aproximar.

— Leve a senhorita Isadora para o quarto, ela precisa descansar.

Levantei e, sem dizer mais uma palavra, fui embora.

Capítulo 36

Noah

Além de eu ter tido um dia fodido, aquela reação da Isadora me incomodou muito. Então, ao chegar em casa, naquela noite, tudo o que eu queria era a Cecília. Eu precisava falar com ela. Eu sentia uma falta absurda da sua voz, da sua pele, do seu cheiro, do seu entusiasmo pela vida e de como o seu rosto se iluminava quando ela sorria. *Porra, que merda de dependência é essa?,* pensei.

Liguei para Cecília, conversamos por um tempo e, depois, resolvi tomar banho e ir falar com meu avô. Quando desci, minha mãe e Julie estavam na sala.

— Noah, quando a Cecília virá para a Itália? — Julie perguntou animada.

Minha mãe e minha irmã estavam apaixonadas por Cecília. Elas já gostavam dela antes, mas quando souberam que estávamos juntos, foi diferente.

— Eu espero que muito em breve. As coisas já estão resolvidas com o Severo, então agora já posso marcar a data do nosso casamento — eu respondi, e Julie sorriu, batendo palmas.

— Eu vou até a casa do meu avô, preciso falar com ele — avisei e saí.

Quando cheguei à casa do Vô Matheo, ele estava sentado em um banco no jardim, observando Vó Melissa cuidar de suas flores. Assim que me aproximei, ele disse:

— Imaginei que você viria — ele falou, enquanto eu sentava ao seu lado.

— Precisava te agradecer por tudo o que fez por mim. Eu até faria sem a sua ajuda, mas seria muito mais difícil.

— Foi bom me sentir na ativa novamente.

— Quer voltar? — perguntei brincando.

— Não, sua avó me mataria — ele falou olhando para ela e sorrindo.

Eu ainda me impressionava como, mesmo depois de tantos anos, seus olhos ainda brilhavam ao olhar para ela.

— Qual o segredo para um casamento perfeito, vô? — perguntei.

— Não existe casamento perfeito, Noah. Houve momentos em que eu quase desisti da Melissa, porque o peso parecia muito grande. Eu sentia medo o tempo todo, mas eu não estava habituado ao medo — Vô Matheo respondeu. — Também houve muitos momentos em que ela quase desistiu de mim, mas sempre que isso acontecia, o outro lutava, porque nós nos amávamos. Mas saiba que os casamentos acabam mesmo com o amor. O segredo é jamais desistirmos ao mesmo tempo.

— Eu tenho medo de não ser quem a Cecília precisa.

— Não se preocupe com isso. As mulheres têm uma capacidade enorme de amar e perdoar. Elas são muito mais evoluídas do que nós — ele disse. — Por falar nisso, quando será o casamento?

— Não sei, vô, mas preciso que seja logo.

— Por que a pressa, Noah? — ele perguntou desconfiado.

— Porque eu não quero mais ficar longe dela e… — respondi, deixando no ar que tinha outro motivo — também porque, talvez, ela esteja grávida.

— Noah, isso foi muito irresponsável da sua parte.

— Eu sei, vô, mas quando eu estava na ilha com ela, não pensei em mais nada.

— E a ideia de ser pai deixou de ser atraente agora?

— Não, eu ainda quero ser pai dos filhos dela, mas é um pouco assustador.

— Se você quer ter filhos, tenha. Uma coisa eu digo, foi a coisa mais linda que eu já fiz na vida — ele falou. — Por outro lado,

se você não sabe se quer, não os tenha, porque também foi a coisa mais difícil que eu já fiz na vida.

Olhei para ele, espantado com aquela confissão, mas Vô Matheo deu um sorriso discreto antes de voltar a falar.

— O pai pode ser o cara mais presente do mundo, pode ajudar em tudo com o bebê, mas não existe nada maior ou mais pesado do que a responsabilidade, o cansaço físico e psicológico de ser mãe. Então, não é só você que precisa estar pronto, mas principalmente ela. Sempre admire e valorize a sua mãe e a mãe do seu filho, Noah. Trate-as como as rainhas que são e faça tudo o que você puder para tornar o trabalho delas mais fácil.

— Obrigado, vô. Eu vou manter isso em mente — respondi.

No mesmo instante, minha avó se aproximou, com um lindo e doce sorriso no rosto, tão característico seu.

— Vó, Cecília pediu para te agradecer por ter me ensinado a fazer sua macarronada. Foi o que impediu de morrermos de fome na ilha.

— Eu sabia que um dia a minha macarronada ia te salvar — minha avó falou, sentando ao meu lado e dando um beijo no meu rosto.

Eu sou um homem feito, mas sempre que estou perto da Vó Melissa me sinto um menino. Abracei-a, e ela deitou a cabeça no meu ombro.

— Nem acredito que meu garotinho vai se casar. Parece que foi ontem que você nasceu e eu ajudei o seu pai a cuidar de você, enquanto sua mãe não podia. Foi você quem impediu o seu pai de enlouquecer — minha avó falou toda carinhosa. — Você era um bebê tão lindo, Noah, e sempre foi a cara do seu pai. Tão lindo quanto ele.

— Realmente, você era lindo, Noah. Não sei o que aconteceu! — meu avô falou me zoando, e nós rimos.

Capítulo 37

Noah

Eu não via a Cecília há quinze dias e, nesse tempo, não houve um maldido dia em que eu não sentisse a sua falta. Nós nos falávamos ao telefone todos os dias, mas não era a mesma coisa.

Entretanto, finalmente ela chegou à Itália para o nosso jantar de noivado. Thomaz queria que o encontro fosse em Las Vegas, mas minha mãe e minha avó fizeram questão de organizar tudo e, de alguma forma, conseguiram convencê-lo. Por outro lado, eu estava pouco me fodendo para onde seria realizado o jantar. Eu só queria vê-la.

Quando o jato pousou no aeroporto, eu já estava esperando por Cecília e, aparentemente, a ansiedade dela era tão grande quanto a minha, pois ela foi a primeira a descer. Assim que me viu, Cecília correu para os meus braços, e nosso abraço foi do tamanho da nossa saudade.

— Príncipe, eu estava morrendo de saudade de você!

— Eu também, meu amor — falei, beijando-a.

Thomaz, Demétrio e Lavínia vieram logo atrás. Cumprimentei a todos, em seguida nós entramos nos carros e fomos para o complexo, onde nos reuniríamos na casa do meu avô Matheo.

A falta que eu sentia da Cecília era tão grande que, pouco tempo depois que chegamos lá, eu a segurei pela mão e a chamei para fugir dali comigo. Eu tinha outros planos para nós dois

— Onde você vai, filha? — Lavínia perguntou, assim que nos levantamos do sofá.

— Nós vamos falar com a mãe do Noah — Cecília respondeu, e nós saímos.

Quando chegamos à minha casa, puxei Cecília pelas escadas, indo em direção ao meu quarto, sem fazermos muito barulho. Quando passamos em frente ao quarto da minha mãe, a porta estava aberta e era possível ouvir o barulho do chuveiro, um sinal de que não teríamos muito tempo.

Entramos rápido no meu quarto, eu fechei a porta atrás de nós e, finalmente, estávamos a sós.

Cecília

Noah parecia tão desesperado de saudade quanto eu. Assim que entramos em seu quarto, ele trancou a porta, puxou o meu corpo para perto do seu, segurou o meu rosto com as duas mãos e mergulhou a língua em minha boca, beijando-me com um gemido de prazer, como se lhe provocasse a melhor das sensações.

Ele nos levou, andando, até a cama e me deitou de costas. Durante alguns segundos que pareceram uma eternidade, Noah apenas me olhou ali, deitada. Aquele olhar de admiração me deixou ainda mais excitada. De repente, ele tirou sua camisa, depois subiu suas mãos grandes por minhas coxas, levantando o meu vestido até ele chegar na altura da minha cintura.

Sem interromper nosso olhar, ele enganchou os polegares no cós da minha calcinha e a deslizou para baixo, deixando-me nua. Ajoelhado no colchão, Noah abriu minhas pernas, deixando-me totalmente exposta, e me olhando com adoração.

Nem tive tempo de estudá-lo melhor, pois ele logo começou a me chupar. Noah me lambeu e chupou, fazendo-me gemer e todo o meu corpo se contrair. Ele enfiou um dedo em mim, enquanto me chupava faminto, e aquilo me levou ao limite. Eu gozei depois de poucos segundos, enquanto puxava o cabelo dele.

Quando meus últimos espasmos cessaram, Noah subiu o corpo, abriu o zíper da calça e tirou o pau completamente rijo. Ele me beijou, enquanto me penetrava devagar, e nós gememos, talvez um pouco alto demais, pois ele riu contra a minha boca, ainda me penetrando deliciosamente.

— Shiii — ele falou, ainda com os lábios colados nos meus lábios, e sorriu. — Quietinha, antes que a minha mãe entre aqui para saber se você está bem.

Eu quase ri, mas não deu tempo, porque ele me penetrou mais rápido e mais forte. Então, eu prendi a respiração e me

controlei para não gemer ainda mais alto.

— Caralho, que saudade — ele sussurrou, ainda metendo em mim.

Ouvir aquilo potencializou meu prazer, então abri mais as minhas pernas e, com elas, eu o abracei, incentivando-o a ir mais fundo. Quando ele investiu mais rápido dentro de mim, nós dois gememos um pouco mais alto, e ele me beijou com mais avidez, ocupando totalmente nossas bocas e silenciando nossos ruídos.

Tão logo eu pensei que Noah fosse gozar, ele se acalmou um pouco dentro de mim e passou a meter mais lento e deliciosamente. Era uma tortura prazerosa, que me fazia querer gemer e gritar seu nome.

Eu arquejei quando ele voltou a se mover mais rápido e a me beijar com mais paixão e, depois de alguns segundos mais intensos, ele voltou a me penetrar devagar, alternando entre me beijar e me olhar. Noah fez as duas coisas com uma intensidade que eu acredito nunca ter visto em seus olhos. Talvez fosse reflexo da mesma saudade que eu sentia. Era uma saudade que chegava a doer fisicamente.

Depois de passarmos dias nos amando na ilha, totalmente envolvidos com o nosso amor, tivemos que nos separar e esses dias longe foram uma tortura para nós.

Os lábios de Noah encontravam os meus, enquanto ele continuava me penetrando. Seus olhos continuavam fixos nos meus, conforme ele se movia dentro de mim. Ele meteu mais forte, novamente, eu gozei e percebi que ele se deixou levar, gozando junto comigo.

Noah voltou a me beijar, mas prendeu a respiração enquanto se movia devagar e se despejava dentro de mim. Os músculos de suas costas se contraíram sob minhas mãos, e eu sabia que ele estava lutando para se manter, tão quieto quanto possível, enquanto gozava.

Alguns gemidos baixos escaparam de nós dois e, em nenhum momento, ele desviou os olhos dos meus. Aquele momento foi tão íntimo e profundo que eu fiquei presa em seu olhar e fui relaxando, depois de gozar com ele. Noah observava todas as minhas reações, como se não quisesse perder nada.

Meu príncipe inclinou a cabeça e me deu um beijo cheio de amor, depois saiu de dentro de mim e rolou na cama, deitando-se ao meu lado. Ele apoiou o cotovelo na cama para segurar o peso do seu corpo e me beijou mais uma vez.

Hipnotizada pela forma como ele me admirava, eu me virei de lado e coloquei a mão em seu cabelo, pensando no quanto cada um dos nossos momentos eram especiais. E então, sem pressa, nós nos beijamos por tanto tempo que, mesmo sendo um beijo calmo, eu quase perdi o fôlego.

Quando precisamos recuperar o fôlego, Noah interrompeu nosso beijo e me observou, silenciosamente, por alguns segundos. Nosso silêncio era, ao mesmo tempo, ensurdecedor e confortável. Ele colocou uma mecha do meu cabelo atrás da minha orelha e, depois de um tempo, beijou-me de novo, como se não soubesse como parar de me tocar. Eu também não sabia parar, aliás, não queria parar.

Naquele clima de sedução e adoração, levei as mãos à sua nunca, mantendo-o cativo, enquanto ele continuava me beijando apaixonadamente.

Eu não era experiente quando o assunto era sexo, mas com certeza era experiente no quesito amor. Eu o amava há muito tempo, e sabia exatamente como ele se sentia.

Nós não queríamos nos largar. Não conseguíamos tirar as mãos um do outro. Muito mais do que sexo, nós fizemos amor e tentamos, através dessa conexão carnal, saciar um pouco da nossa necessidade e desejo pelo outro, mas ainda foi pouco. Sempre seria pouco, diante do grande amor que tomou conta de nós.

O desejo de me enterrar em seus braços para ficar ainda mais perto era constante. Talvez isso fosse novo para o Noah, porque havia confusão em sua expressão quando ele me observava entre os nossos beijos.

Noah não sabia o quanto me amava ou, pelo menos, não sabia em qual intensidade, até precisar passar esses dias longe de mim. Foi inevitável sentir saudades, depois dos momentos que passamos a sós na ilha.

O sexo foi rápido e incrível, mas não foi o suficiente, porque não era sobre tesão, era sobre amor e saudade. O amor continuava

depois que o tesão ia embora e nos deixava essa sensação de ainda estar com saudade, mesmo estando juntos.

O amor nos provocava essa incapacidade de sair de perto, o desejo de que os beijos nunca parassem, para não perdermos o contato... Continuamos nos encarando, incapazes de desviar o olhar. Atingimos um nível de conexão que era o ápice da intimidade entre duas pessoas: passamos a ser um só.

Noah deitou de costas para a cama e me puxou para eu deitar em seu peito. Eu coloquei minha perna e meu braço em cima dele, aconcheguei-me em seu corpo e decidi quebrar o silêncio.

— Você está bem? — perguntei baixinho, enquanto alisava o seu peito.

— Eu não sei. Eu só... — ele parou de falar, suspirou e voltou em seguida — não consigo sair de perto de você agora, nem para tomar banho. É uma necessidade assustadora pra caralho.

O semblante do Noah era realmente de alguém assustado. Então, eu saí de seus braços, deitei de frente para ele para poder olhá-lo melhor, mas não falei nada, porque notei que ele ainda queria falar.

— O mais assustador é sentir esse amor tão grande por você e, ao mesmo tempo, um medo desesperador de te perder ou te magoar. Esse sentimento é incrível, mas também é aterrorizante.

— Isso que você está sentindo não é mais novidade para mim. Eu me sinto assim o tempo todo e há muito tempo. Por que você acha que eu insisti tanto para ficarmos juntos? Eu sabia que ninguém sentia isso à toa. Talvez não existam almas gêmeas, mas se existir, você com certeza é a minha.

Enquanto eu falava, a expressão no rosto do Noah foi suavizando.

— Eu não podia, simplesmente, deixar você se perder de mim e casar-se com outra mulher por obrigação, porque eu sabia que era só uma questão de tempo até você descobrir que me amava e se sentir da mesma forma. Nunca duvidei de que, um dia, iríamos nos casar e que eu seria toda sua para sempre — falei. — Eu nunca aceitaria ser só o um casinho e não me arrependo e nem me envergonho de nada que fiz para te conquistar. Um dia, vou

contar nossa história para os nossos filhos e exibir o meu esforço como um troféu.

Quando eu parei de falar, me sentia orgulhosa. Em contrapartida, Noah ainda me olhava como se analisasse tudo o que acabei de dizer. Percebi o instante em que ele entendeu, pois voltou a me beijar apaixonadamente. Eu retribuí o beijo, deixando claro que precisava de uma reprise, e era exatamente o que ele me daria quando fizesse amor comigo outra vez.

Capítulo 38

Noah

Saí do meu quarto com a Cecília, depois de finalmente aproveitarmos uma segunda rodada de sexo e tomarmos um banho relaxante. Ainda do corredor, ouvi uma movimentação estranha no quarto da minha mãe e fui ver o que era. A porta estava entreaberta e, quando me aproximei, ouvi vozes.

— *Para, Pietro, as crianças podem chegar.* — Era a voz da minha mãe.

Em seguida, ouvi suas risadinhas abafadas. *Que porra é essa?!*

Empurrei lentamente a porta do quarto e os flagrei atracados, aos beijos. Felizmente, estavam vestidos. Eu não ia perder a oportunidade de tirar um sarro daquela situação.

— Que bonito! Foi por isso que eu fugi de casa, porque vocês me traumatizaram! — falei brincando.

Eu sabia que ambos ainda não tinham engolido muito bem o fato de eu ter levado Cecília para a ilha sem dar satisfação a ninguém, então aproveitei aquele momento para tentar normalizar um pouco o clima entre nós.

— Ai, Noah. Que susto! — minha mãe falou vermelha, colocando a mão no peito com o susto que levou ao ouvir a minha voz.

Próximo a mim, Cecília não conteve uma risadinha.

— Traumatizado, Noah? Engraçado que eu acabei de entrar em casa e não os vi pela casa. Onde vocês estavam?

— Acabamos de chegar — respondi sonso.

— Cecília, meu amor, que bom que você chegou — minha mãe disse, fugindo do assunto e abraçando minha noiva. — Estou

tão feliz que agora você é minha nora.

— Também estou muito feliz de estar aqui, tia — Cecília falou sorrindo e retribuiu o abraço.

As duas embalaram em uma conversa, então meu pai e eu ficamos esquecidos.



A noite chegou, e o jantar de noivado acontecia na área externa do complexo. Era uma comemoração particular, apenas para nossas famílias, mas ela por si só já era bem grande. Até Apolo — irmão mais velho do tio Romeu e atual capo de Las Vegas — presença rara nos eventos por causa dos compromissos com a máfia, marcou presença.

Por ser a única mulher da família, tanto do tio Romeu, quanto de Apolo — que só tiveram filhos homens — Cecília era o xodó de todos.

Todos já estavam presentes, menos a mulher da minha vida. Raphaela e Sophia tinham chegado há pouco tempo e me avisaram para preparar o coração, pois Cecília parecia uma princesa, e de fato ela era. E eu aguardava ansioso, como um adolescente, a sua chegada.

Minutos depois, eu estava tomando uma bebida para relaxar e conversando com meus primos, quando a vi. Ela vinha andando devagar, sem desviar o seu olhar do meu. Eu não saberia definir tamanha beleza.

Cecília usava um vestido tomara que caia branco e justo, que ia até suas coxas. A cor ficou perfeita em contraste com sua pele morena clara e seu cabelo escuro. Ela estava com os cabelos soltos, uma maquiagem leve e saltos muito finos e altos. Simplesmente deslumbrante. Mas a beleza maior vinha do seu enorme sorriso e dos seus olhos brilhantes.

Sem conseguir me conter, caminhei ao seu encontro. Quando me aproximei, ela se jogou nos meus braços, como sempre fazia, e nós nos beijamos.

— Você está estonteante — falei, assim que terminamos o beijo.

— Eu realmente me sinto estonteante — ela respondeu sorrindo. — Aliás, sinto-me espetacular, não na aparência em si, mas por estar aqui, hoje, realizando tudo o que eu sempre sonhei.

Ouvir aquilo me deixou ainda mais apaixonado. A Cecília era uma mulher diferenciada.

— Noah, eu preciso te contar uma coisa. Não aqui, mas quando estivermos sozinhos — ela falou.

Eu olhei para a festa e ninguém tinha nos notado.

— Vem, vamos para outro lugar. — Segurei sua mão e nos tirei dali.

— Noah, vá devagar, meu salto é muito alto — ela falou, enquanto me puxava para eu diminuir o ritmo.

Então, eu parei e peguei-a no colo, arrancando-lhe uma gargalhada.

— Você é louco — ela falou rindo e beijou meu rosto.

Cecília

Noah me carregou em seus braços até chegarmos ao jardim que ficava na parte externa da casa dos seus avós.

— Pronto, princesa Cecília, agora você pode falar — Noah disse sorrindo.

— Minha menstruação está atrasada — falei sem rodeios, ou ia explodir.

No mesmo instante, o sorriso de Noah se transformou em uma expressão de incredulidade. Ele olhou para a minha barriga e, em seguida, para o meu rosto novamente.

— Está?! — ele perguntou, ainda espantado. — Quão atrasada?

— Bastante — respondi. — Era para ter vindo há mais de 10 dias, mas nem sinal dela, então...

Noah continuou me olhando por alguns segundos, até que surgiu em seu rosto o sorriso mais perfeito que eu já vi. Então, ele me puxou e me abraçou apertado.

— Eu te amo, Cecília — ele falou, com a testa colada na minha. — Não precisa ter medo de nada, porque estarei ao seu lado o tempo todo

— Eu também amo você e, por incrível que possa parecer, eu não estou com medo. Eu tenho você e juntos somos invencíveis — falei e o beijei. — Mas por enquanto é só uma suspeita, pois não fiz o exame.

— Amanhã, eu vou levar você para fazer o exame e a gente confirma. Mas eu sei que você está — ele falou sorrindo, e eu também abri um largo sorriso.

Meu Deus, ele é tão perfeito, um verdadeiro príncipe. Eu o amo tanto, pensei.

— Tudo bem, então agora vamos voltar para o nosso jantar.

A área externa estava decorada com flores brancas e luzes, tudo muito lindo, delicado e elegante. Além do que sonhei. A mesa de jantar era enorme, também decorada com flores brancas, além de louças brancas e talheres de prata. Dava para ver o carinho em cada detalhe e que tudo era de muito bom gosto. As mulheres Esposito capricharam.

Havia uma tenda armada, com lustres enormes e majestosos pendurados. Além da mesa de jantar, havia outra mesa com um bolo enorme e muitos doces. *Vou comer todos, assim que eu tiver uma oportunidade*. Para mim, aquela noite estava perfeita.

Noah e eu nos separamos um pouquinho para socializar com a família — ele foi conversar com os primos e eu, com as meninas —, mas toda vez que eu o procurava, ele estava olhando para mim.

Na hora do brinde, taças de champanhe foram entregues a todos, meu avô discursou e, ao final, nós brindamos. Foi lindo.

Quando eu, distraída, ia beber o champanhe, Noah me entregou uma taça com suco de laranja, pegou a taça que estava na minha mão e bebeu de uma vez só.

— Desculpe, amor, mas você não pode — ele falou próximo ao meu ouvido. Eu fiz beicinho, e ele me beijou.

Ao fim de uma das noites mais lindas da minha vida, Noah e eu dançamos ao som de *Always Remember Us This Way*, da Lady Gaga.

Depois da festa, eu pedi aos meus pais para dormir com as gêmeas. Eles, meu avô, meu tio Apolo e sua esposa ficaram hospedados na casa do Tio Matheo.

Fui para a casa das meninas, tomei banho, vesti uma roupa confortável e sentei na cama para conversar com elas. Meu celular

apitou com uma mensagem, e eu sorri, antes mesmo de ler, pois já sabia de quem era.

> **Noah:** Vim te buscar, não quero dormir sem você.
> ***Cecília:*** Já estou descendo, príncipe.

Digitei rapidamente e levantei da cama. Raphaela e Sophia me olharam e riram.

— Já vai para a cama do Noah, né, sua safada?! — Raphaela praticamente afirmou.

— Sim ou com certeza? — Sophia brincou.

— É mais forte do que eu, meninas. Não consigo ficar longe dele — respondi.

— Que droga, achei que íamos colocar a fofoca em dia — Rapha reclamou.

— Amanhã conversaremos — eu prometi.

— Vá logo, garota. Mulher apaixonadinha fica insuportável — Sophia brincou. Eu dei língua para ela e desci correndo para os braços do meu príncipe.

Ao chegar ao jardim, Noah já me esperava. Corri em sua direção e pulei em seus braços.

— Cuidado, Cecília. Não pule assim, porque você pode cair e se machucar ou machucar o bebê — Noah falou seriamente, mas eu ri.

— Eu não vou cair, pare de exagero. Vamos logo embora daqui — falei, puxando-o pelo braço e saindo do jardim para o complexo — Nós vamos para a sua casa?

— Não, eu quero que você conheça um lugar — ele respondeu e me conduziu até a frente de uma casa na qual eu nunca tinha entrado.

— Essa é a casa que nós vamos morar? — perguntei eufórica.

— Sim, ela está prontinha esperando por nós.

— Príncipe, eu não acredito! — falei animada. — Quero ver tudo.

— Vamos estrear o quarto primeiro, amanhã você vê o resto — ele falou com aquele jeito de cafajeste safado que eu amava.

Eu estava curiosa demais, então ele não conseguiria me seduzir tão fácil.

— De jeito nenhum, eu quero ver tudo agora — falei e saí andando pela casa. Noah veio atrás de mim.

— Cecília, eu esperei a noite toda para te foder. Vem cá, vem.

— Não vou, Shrek.

— Do que você me chamou?

— Vai dizer que não sabe quem é Shrek? — perguntei, enquanto abria os armários da cozinha, prestando atenção em todos os detalhes.

— Não, eu não sei. Mas se ele é um cara rejeitado pela mulher, que prefere abrir os armários do que foder com ele, então sim, eu sou o Shrek — ele falou dramático, e eu ri.

Saí da cozinha e abri outra porta que dava para um escritório. Entrei e ele me seguiu.

— Shrek é o ogro de um desenho que eu amo. Você se parece com ele quando fala foder — expliquei, rindo.

Noah não riu como eu, mas ficou me observando por alguns segundos

— Tudo bem, então vamos fazer amor, princesa Cecília — ele falou, agarrando-me pela cintura.

— Claro, meu príncipe. Eu sou toda sua. — Cedi.

Capítulo 39

Noah

Cecília e eu acordamos cedo, primeiro porque eu não queria que ninguém soubesse que ela dormiu comigo e, segundo, porque eu estava ansioso pra caralho para ela fazer o exame.

Eu a levei para a casa do Tio Raphael para ela trocar de roupa e, dessa vez, entrei para esperar ela se arrumar. Assim que passamos em frente ao quarto do meu tio, a porta se abriu e ele apareceu.

— Vocês não podem esperar o casamento? — ele perguntou de braços cruzados e o semblante sério.

— Eu só vim buscar a Cecília para dar uma volta — menti para evitar a falação, mas eu odiava ficar me explicando.

— Vi quando vocês saíram ontem, Noah — ele falou sério, mas depois um pequeno sorriso surgiu no canto da sua boca. — Na escola em que você se formou, eu dava aula.

— Eu vou me arrumar — Cecília disse rindo e saiu.

— É, você está certo, ela passou a noite comigo — admiti.

— Ah, que saudade dessa vida do crime! — meu tio falou e riu. — Se o Thomaz souber e vier me encher o saco, eu vou dar um tiro nele, estou avisando. Então, sejam discretos.

Antes que eu pudesse falar qualquer coisa, Tio Raphael voltou para o quarto e fechou a porta.

Fui atrás de Cecília, deitei na cama para esperar ela se vestir e, assim que ela ficou pronta, nós saímos, acompanhados de alguns soldados que estavam em outro carro.

Fomos direto ao laboratório onde colheram o sangue dela e, em seguida, eu a levei para tomar café da manhã. Cecília estava

com uma apetite voraz, era bom vê-la comendo com tanta vontade. Na verdade, eu não me cansava de olhar para ela em qualquer situação.

O resultado do exame sairia em duas horas, então decidimos esperar ali mesmo, no restaurante, pois seria menos cansativo do que voltar ao complexo. Eu estava muito ansioso e, apesar de não querer demonstrar, Cecília me pegou no flagra diversas vezes, olhando para o relógio.

— Há, provavelmente, um bebê dentro de mim, e é você que fica ansioso? — ela brincou, sorriu para mim e segurou carinhosamente a minha mão.

— Quero saber logo o resultado — respondi, respirando fundo para tentar controlar a ansiedade. — Por falar nisso, já está na hora. Vamos?

Minutos depois, chegamos à recepção do laboratório. Cecília entregou seu documento de identidade e, segundos depois, a recepcionista devolveu o seu documento e um envelope.

— Tome, abra você — ela disse, entregando-me o resultado.

Não pensei duas vezes e o abri imediatamente. Li, atentamente, cada palavra e, quando a palavra *positivo* surgiu, eu não sei explicar o que senti. *Porra, eu vou ser pai!* pensei.

— Fala logo, Noah! Eu vou explodir de nervosismo.

— Positivo, amor. Porra, eu vou ser pai! — falei, dessa vez em voz alta.

Eu sorri para a Cecília, e ela levou as mãos à boca, num gesto claro de tentar segurar a emoção. Depois, lágrimas surgiram em seu rosto, e eu a puxei para um abraço.

— Obrigado, Cecília — agradeci, próximo ao seu ouvido, enquanto ainda estávamos abraçados.

— Eu não sabia que você queria tanto ser pai — ela disse, dessa vez sorrindo.

— Eu nunca quis ser pai, mas quero ser pai dos seus filhos. — Ao ouvir minhas palavras, ela me apertou ainda mais. — E agora, o que você quer fazer?

— Quero te beijar e tirar a sua roupa — ela falou, e eu ri. — Não ria, porque é sério! — ela disse séria. — E eu não posso passar vontade.

Antes de eu responder, o celular da Cecília tocou.

— É a minha mãe. Ela deve estar me procurando, é melhor voltarmos para casa.

— Então, vamos.

Caminhamos em direção ao nosso carro, em seguida eu fiz sinal para os soldados e nós partimos.



Quando chegamos ao complexo, deixei a Cecília na casa do meu avô e fui à minha casa. Não vi meu pai na sala, então imaginei que ele estivesse no escritório. Fui até lá e entrei sem bater. Estranhei ao perceber que ele estava mexendo em seu notebook e, de repente, olhou-me assustado.

— Aconteceu alguma coisa? — ele perguntou alerta.

— Aconteceu. Eu sei que você vai ficar puto comigo, mas eu preciso te contar uma coisa, pai. Você vai ser avô. A Cecília está grávida — falei tudo de uma vez só, feliz pra caralho por estar dividindo aquela notícia com ele.

Meu pai me olhou mudo e, em seguida, teve a reação mais inesperada que eu poderia imaginar: ele caiu na gargalhada.

— Se eu não tivesse tanta certeza da fidelidade da sua mãe, ia achar que você é filho do Raphael — ele brincou com o fato de eu não ter esperado o casamento, assim como fez o meu tio. — Vem cá, meu filho, me dá um abraço. Eu não estou puto com você, mas teremos que antecipar esse casamento.



Cecília iria embora no dia seguinte, e eu odiava pensar nesse afastamento, principalmente depois de saber que ela estava esperando um filho meu. A partir daquele momento, era eu quem deveria proteger a mulher que eu amo e o nosso bebê.

Meus pais convidaram os pais dela para jantar na nossa casa e estávamos todos conversando na sala. Depois do jantar, meu pai e eu conversaríamos com Thomaz sobre a data do casamento.

— Eu acho melhor contarmos sobre a gravidez para o seu pai — falei baixinho a Cecília, enquanto todos estavam distraídos conversando.

— Não. Eu não quero estresse agora, Noah. Até meu pai aceitar essa gravidez, ele pode nos perturbar muito. Não vamos dizer a ninguém até o casamento.

— Eu não fico confortável com você grávida indo para Las Vegas, e eu ficando aqui. Tenho medo de que aconteça alguma coisa, ou que você e o bebê precisem de mim e eu não esteja por perto.

— Nós sempre precisaremos de você, príncipe. Mas nós ficaremos bem até o dia do nosso casamento. Fique tranquilo — ela falou e deitou a cabeça no meu ombro.

— Eu vou para Las Vegas nos fins de semana, até nos casarmos — falei decidido.

— Sério?! — ela perguntou animada.

— Muito sério. Não posso mais ficar longe da minha mulher e do meu filho.

Ao me ouvir, Cecília me presenteou com o sorriso mais lindo e brilhante que eu já tinha visto. Por aquele sorriso, eu seria capaz de qualquer coisa.

— O jantar está servido. Vamos comer — minha mãe nos chamou.



Depois do jantar, Thomaz, meu pai e eu fomos ao escritório do meu pai para conversar.

— Thomaz, eu quero deixar o casamento marcado.

— Por que tanta pressa, Noah? Você e Cecília são tão jovens — ele perguntou, ainda reticente.

— Pra quê esperar? Eu amo a sua filha e não quero mais ficar longe dela.

— Desse jeito você acaba sufocando a menina — ele falou, querendo me irritar.

— Não fale merda, Thomaz. A Cecília também me ama e é justamente por isso que não tem por que esperarmos mais.

— Vamos chamar a Cecília para que ela decida — meu pai sugeriu.

Fui até a sala e busquei Cecília para participar da conversa.

— Eu estava falando com o seu pai sobre o nosso casamento. Quero deixar a data marcada, mas ele acha que estou muito apressado e sufocando você. Então, vou deixar que você defina a data. Quando você quer casar? — perguntei a ela, embora já soubesse a resposta.

— Pode ser amanhã? — ela respondeu com um sorriso brilhante e sapeca no rosto. Meu pai e eu rimos, mas Thomaz não achou a menor graça.

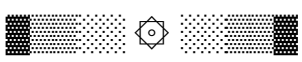
— Filha, você não quer mais estudar? Onde está aquela menina que sonhava em fazer faculdade e se formar em literatura?

— Claro que quero, pai. Quero e vou! — ela falou decidida e, dessa vez, Thomaz abriu um sorriso. — Mas, mais do que tudo isso, eu quero me casar com o Noah. Depois eu vou estudar, como qualquer uma das meninas.

— Cecília, casamento não é o mar de rosas que você está pensando. No início...

— Pai, nós vamos mesmo voltar a isso? Eu vou me casar com Noah e não quero esperar mais nada. Estou pronta — ela falou e Thomaz desistiu de tentar persuadi-la a esperar mais.

— Tudo bem, marquem o casamento para quando acharem melhor — ele falou resignado.



Nosso casamento ficou marcado para vinte dias depois do jantar. No fim de semana seguinte à ida da Cecília para Las Vegas, eu fui para lá, pois ela havia marcado uma consulta com a obstetra,

para ver como estava o nosso bebê. Eu não perderia aquela primeira consulta por nada. Além do mais, eu estava muito inquieto na Itália, sempre com receio de que algo acontecesse a ela e ao meu filho.

Saí do aeroporto direto ao encontro de Cecília para levá-la à consulta, com a desculpa de que íamos passar o dia juntos. Thomaz insistiu para que o soldado responsável pela segurança dela nos acompanhasse, mas eu o convenci de que meus soldados eram suficientes. Eu não confiava nos seus homens, pois eles poderiam contar que estávamos indo a uma clínica. Os meus não eram loucos de falar para terceiros qualquer coisa sobre a minha vida.

Cecília e eu fomos em um carro, e outros três carros nos acompanharam fazendo a nossa segurança.

Cecília

— Como você se sente? — Noah perguntou, ao notar que eu estava quieta no carro.

Ele estava com uma mão ao volante, enquanto segurava a minha mão com a outra. Eu adorava isso, a sensação de estar, literalmente, conectada a ele em todos os momentos, isso confortava meu coração.

— Os enjoos começaram há uma semana. Tenho vomitado todos os dias pela manhã, e alguns alimentos e cheiros me enjoam demais — falei, ainda me sentindo enjoada naquele momento.

— Por que não me falou sobre isso? — ele indagou, olhando-me com compaixão.

— Porque enjoos são normais e inevitáveis durante a gravidez, mas ainda assim você teria largado tudo e vindo para Las Vegas quando eu contasse. Não quis preocupá-lo, pois sei que você tem os seus compromissos.

— Eu realmente teria vindo. Não gosto de ver você assim, tão abatida.

— Eu estou sem maquiagem, príncipe, é isso — falei e, em seguida, me calei, porque, por algum motivo desconhecido, senti uma vontade infeliz de chorar.

— Cecília, eu já vi você sem maquiagem. Aliás, já te vi, praticamente, do avesso, e sei que não é isso que está te deixando abatida. Embora você seja muito forte, e eu ame isso, você não precisa ser forte agora. Eu li sobre o assunto e descobri que os três primeiros meses de gravidez são bem complicados. Você está sofrendo alterações físicas e emocionais, e eu não quero que você esconda nada de mim, porque nós estamos juntos nessa. Embora eu não possa fazer muita coisa, posso te mimar muito.

Eu estava tentando segurar o choro, mas as palavras de Noah abriram minhas comportas, e eu comecei a chorar como uma

criança boba. Imediatamente, ele ligou o alerta do carro e parou no acostamento.

— Vem cá, meu amor. — Ele tirou o meu cinto de segurança, me deu sua mão, ajudando-me a sair do meu banco para me sentar em seu colo.

Eu deitei em seu peito e chorei, enquanto ele alisava minhas costas e meu cabelo.

— Não sei o que está acontecendo. Eu juro que estou feliz, inclusive, muito feliz. Estou vivendo a época mais feliz da minha vida e curtindo a gravidez, príncipe, eu juro! Mas, do nada, sinto um aperto no peito, que eu não sei explicar, e choro igual a uma bobona. Eu só vivo chorando, com fome e muito sono, e está sendo bem difícil esconder da minha mãe o que está acontecendo.

Noah me ouviu atentamente, sem interromper o carinho em meu rosto. Ele continuava tentando me acalmar.

— Sinto saudade de você o tempo todo e isso me faz chorar ainda mais. Acho que o bebê quer ficar perto do pai dele, porque a minha vontade de você triplicou.

— Está tudo bem, amor. Nós vamos nos casar logo, e eu estarei sempre perto de você — Noah falou com sua voz grave e sexy pra caramba, que sempre me acalmava.

— Já estou melhor, podemos ir — falei.

Depois de algum tempo, sentei no meu banco novamente, ele colocou o cinto em mim e nós saímos.

Capítulo 40

Cecília

Chegamos ao hospital e, como a consulta era por hora marcada, logo fui chamada. A doutora Carolina era minha ginecologista desde os 13 anos e eu a adorava. Era uma pena que ela não fosse acompanhar o meu pré-natal.

— Bom dia, Cecília. Que bom te ver. E esse rapaz bonito, quem é? — ela perguntou, simpática como era.

— É o Noah, meu noivo — respondi a ela, em seguida me dirigi a ele. — Príncipe, essa é a doutora Carolina.

— Muito prazer. Vocês formam um lindo casal. Eu não sabia nem que a Cecília estava namorando — ela falou sorrindo, enquanto apertava a mão de Noah.

— Pois é, nos casaremos em dez dias — falei orgulhosa.

— Meus parabéns! Sua mãe deve estar radiante. E o que trouxe você aqui? Exames pré-nupciais? — ela perguntou.

— Na verdade, não. Eu estou grávida — falei sem enrolação.

— Ah, meu Deus, estou realmente ficando velha! Parabéns, querida. Aliás, parabéns aos dois — ela disse. — Venham, vamos nos sentar.

Nós agradecemos as felicitações e nos sentamos. A Doutora Carolina teve uma longa conversa conosco e nos explicou sobre tudo, tranquilizando-me sobre várias mudanças que eu já havia observado tanto no meu corpo, quanto no meu emocional. Noah fez mais perguntas do que eu, e ela respondeu tudo pacientemente.

— Então, agora que vocês não têm mais dúvidas, podemos ver o bebê. Vamos?

— Claro! — Levantei ansiosa, e a doutora nos guiou até uma sala anexa à dela.

Deitei na maca, e Noah ficou ao meu lado, segurando a minha mão. Começamos o exame endovaginal e, logo, a médica nos surpreendeu com uma pergunta:

— Vocês têm casos de gêmeos na família?

— Temos — respondi rindo, enquanto Noah nos olhava com os olhos arregalados.

— Está explicado — ela falou. — Vocês vão ter gêmeos.

Naquele momento, eu tive uma crise de riso, enquanto Noah parecia que ia enfartar. O coitado ficou até pálido.

— Cacete! Eu já havia me preparado para um, mas dois? — ele disse, muito surpreso.

— Então prepare-se, papai, eles virão aí! — a médica falou rindo.



Depois de ver que estava tudo bem com os bebês, a doutora Carolina prescreveu exames, medicamentos para enjoo e vitaminas.

Ao sairmos do consultório, meu humor estava completamente diferente. Eu estava radiante.

— Estou com fome! Eu vomitei todo o meu café da manhã.

— Então, vamos comer — Noah falou e me levou para almoçar.

À noite, fomos jantar no restaurante da nossa família. Como eu o frequentava muito na infância, porque era mais seguro, ele passou a ser o meu favorito.

— Eu ainda não tinha vindo aqui, é realmente um lugar ótimo.

— Eu amo a comida daqui, é muito saborosa. Tenho certeza de que os gêmeos vão amar também — falei ao Noah e, em seguida, conversei com meu bebês, enquanto alisava minha barriga. — Por favor, bebezinhos, não façam a mamãe vomitar toda essa comida deliciosa.

Quando encarei o Noah, seus olhos sorriam. Eu pude sentir, através deles, o amor mais puro e intenso que poderia existir.

Jantamos tranquilamente, fazendo planos para o nosso futuro. Depois do jantar, eu pedi uma sobremesa, mas Noah não quis.

— Eu vou ao banheiro. Nossos soldados estão logo ali no canto. Espere-me aqui — Noah falou e eu assenti.

Alguns segundos depois que Noah saiu, eu estava saboreando a minha sobremesa, quando ouvi uma voz que soou familiar.

— Cecília, então você apareceu.

Quando olhei para cima, dei de cara com a última pessoa que eu esperava encontrar.

— Oi, Adam — cumprimentei-o. — Como vai?

— Estou ótimo. Melhor agora que te encontrei.

— Adam, é melhor não...

— Quem é esse cara? — Antes que eu terminasse de falar, escutei a voz enraivecida de Noah.

— Este é Adam, filho de um amigo do meu pai — apresentei, mas Noah não respondeu.

— E você, quem é? — Adam cometeu o erro de perguntar com desdém, observando o Noah dos pés à cabeça.

— Noah Esposito, noivo da Cecília. Por que a curiosidade? — Noah perguntou, e Adam arregalou os olhos.

— Noah Esposito, da Itália? — ele perguntou chocado.

— Ele mesmo — respondi a Adam e, depois, me dirigi ao Noah. — Podemos ir, eu já terminei.

Antes que o clima ficasse ainda mais pesado, levantei-me apressada e segurando o braço de Noah. Ele chamou o garçom, pediu a conta e, os minutos seguintes, pareceram eternos.

— Então, eu vou indo. Foi um prazer conhecer você, Noah — Adam falou e, mais uma vez, meu noivo não respondeu.

O garçom trouxe a conta, Noah pagou e nós saímos do restaurante. No caminho para casa, Noah não trocou uma palavra comigo, e isso me incomodou.

— Por que você está tão calado? — perguntei.

— Porque eu estou puto e não quero ser grosseiro com você. Sei que a culpa não foi sua.

— Exatamente, eu não tenho culpa, então você não tem motivo para estar assim.

— Foi aquele filho da puta que seu pai te apresentou, tenho certeza.

— Realmente foi, mas eu não o quis naquela época, e muito menos agora.

— Mas ele queria você, Cecília. E, por isso, eu quero acabar com ele.

— Não vai acabar com ninguém, pare com isso. Eu passei por coisas muito piores quando participei do seu jantar com a Isadora — falei, respirando fundo e sentindo um enjoo surgir com força. — Pare esse carro, Noah — falei, quase vomitando.

— Por que?

— Pare esse carro agora ou eu vou vomitar tudo aqui.

— Puta merda! — Noah xingou, ligou o alerta do carro e parou rápido no acostamento. Ele até desceu do carro e veio para o lado do passageiro para me ajudar, mas eu já estava abrindo a porta e começando a vomitar.

Noah segurou o meu cabelo, enquanto eu colocava todo o delicioso jantar para fora. Em seguida, quando ele viu que eu tinha terminado, abaixou até minha altura e, se lamentando, falou:

— Desculpa, amor. Eu estressei você.

— Droga! Eu queria outra mousse agora, estava tão gostosa — falei, lamentando também, e ele riu de mim.



No dia seguinte, Noah iria embora e, quando nos despedimos, eu não consegui segurar o choro. Eu odiava estar tão sensível, então chorava por isso e também por já estar com saudade. Meu príncipe me abraçou forte, e eu sabia que ele também não queria ir.

Assim que ele partiu, eu senti um vazio enorme e chorei até cair no sono. No dia seguinte, acordei com a entrega de um buquê de flores gigante e o seguinte bilhete:

"Faltam 7 dias. Que comece a contagem regressiva para o primeiro dia de nossas vidas como família. Te amo. Seu príncipe, Noah."

Nos dias que se seguiram, eu recebi flores todos os dias. Os buquês eram sempre de cores diferentes e, no bilhete, a contagem regressiva até o grande dia.

Cecília

Finalmente, o grande dia

Minha família e eu chegamos à Itália na noite anterior ao casamento e já na manhã seguinte, meu estômago me acordou antes mesmo de eu abrir os olhos. A minha fome só aumentava a cada dia. *Hoje é o grande dia e, além de faminta, eu não caibo em mim de tanta felicidade*.

Meus pais se hospedaram na casa do Tio Matheo, enquanto eu dormi com as gêmeas. Na verdade, nós mal dormimos, pois estávamos bastante ansiosas pelo grande momento.

— Sophia, Raphaela, acordem agora! — gritei, eufórica.

— Droga, Cecília. Odeio esse seu bom humor detestável pela manhã, está igual ao meu pai. Deixe a gente dormir em paz — Sophia respondeu, cobrindo a cabeça com o edredom.

— Acordem, meninas! — chamei novamente, dessa vez balançando cada uma delas. — Hoje é o meu dia!

— Ela tem razão, Soph! — Raphaela pulou da cama e me abraçou. — E o melhor disso tudo é que agora você vai morar com a gente aqui no complexo.

— Nossa, estou tão… feliz e… faminta. Vamos comer, por favor — pedi, fazendo biquinho.

As meninas levantaram, fizemos nossa higiene matinal e descemos para o café da manhã.

— Bom diaaaa! — falei assim que entrei na sala de jantar e vi Tio Raphael e tia Eduarda à mesa.

— Bom dia, meninas — Tia Duda respondeu. — Está preparada para o grande dia, Cecília?

— Estou preparada para me casar com o Noah desde que eu tinha 15 anos, tia — respondi sorrindo.

— Quem são vocês e o que vocês fizeram com as minhas filhas? Falem logo, eu estou armado e sou perigoso! — Tio Raphael falou, encenando uma expressão de susto. — Sophia e Raphaela nunca acordariam antes das 8h da manhã em pleno sábado!

Foi inevitável surgir uma sinfonia de risadas no ambiente. Em seguida, Raphaela foi até ele, sentou em seu colo e o beijou no rosto.

— Bom dia, seu implicante — ela falou toda carinhosa com o pai.

— Bom dia, amor da vida do papai — ele respondeu.

Eu achava muito linda a relação de Tio Raphael com as gêmeas, e esperava que o Noah também fosse um pai assim. Aliás, eu tinha certeza de que ele seria um pai assim.

Noah

Acordei e fui para a academia encontrar com os caras, mesmo sendo sábado. As mulheres estavam enlouquecidas com essa coisa toda de casamento, então nós fugimos para lá.

Eu estava revezando um aparelho com o Lorenzo, quando Tio Raphael chegou afobado.

— Caralho, eu acabei de fazer uma coisa muito ruim — ele disse, assim que chegou perto de nós.

— Essa coisa ruim que você fez me afeta? — Lorenzo perguntou.

— Não, mas...

— Então, sofra em silêncio. Eu preciso de concentração para malhar.

— Filho da puta — meu tio respondeu rindo.

— O que você fez tio? — perguntei.

— As meninas me expulsaram de casa, porque as funcionárias do Spa chegaram para arrumar a sua noiva. Pelo que entendi, a primeira coisa que fariam era colocar Cecília para experimentar o vestido de noiva. Mas eu esqueci a garrafa de água e voltei para pegar. Quando entrei em casa, ouvi suspiros, então não aguentei e espiei pela greta da porta.

— Ela podia estar sem roupa, tio — falei puto.

— Eu sabia que não, por causa dos comentários das meninas, ciumento do caralho! É bem filho do Pietro mesmo — ele falou rindo, e meu pai logo entrou na conversa.

— Pois eu acho que ele herdou bastante características suas, Raphael. Acho que nem o Ethan se parece tanto com você.

— Ethan é pior do que eu, Pietro. Esse garoto só se mete em merda. Hoje mesmo estou puto com ele, mas nem vou entrar em detalhes, porque não quero lembrar o tamanho do prejuízo que ele me deu. E a Maria Eduarda ainda o defende. Estou pagando,

literalmente, por todos os meus pecados — Tio Raphael falou sério dessa vez.

— Cara, o meu pai é muito exagerado. Nem foi tão grave assim, e eu já expliquei para ele que não tive culpa. Essa raiva toda só porque eu bati, levemente, na traseira do carro dos soldados, com o Aston Martin Victor dele. Que culpa eu tenho se o imbecil do soldado freiou bruscamente à minha frente.

— O pior, Ethan, não foi você amassar o meu carro de U$3 milhões. Minha maior decepção é saber que você não consegue dirigir atentamente enquanto recebe um boquete! Você foi trocado na maternidade, só pode! Um filho meu é mestre em putaria, não se distrai tão fácil assim! E se alguém, querendo te matar, se aproximasse? — meu tio falou sério, mas nós rimos.

— Dá um desconto para ele, tio. Ethan ainda é novato na putaria. Imagine se a mulher sentasse nele, a Tia Eduarda estaria chorando a essa hora. E ele não ia morrer pela batida, mas sim pela sentada. O cara ia infartar — Vincenzo zoou o nosso primo.

— Falou o lerdão que se interessou pela Cecília e, quando olhou pro lado, o Noah já tinha sequestrado a menina — Théo zoou o Vincenzo.

— Tirem a Cecília dessa história, porra. Deixem a minha mulher em paz, seus famintos — falei, enquanto saía do aparelho.

— É hoje, Noah! Mais um pro time dos casados — Inácio falou rindo.

— Está pronto para isso? Porque, na sua idade, eu ainda não queria saber de casamento — Tio Romeu perguntou.

— Eu nasci pronto para a Cecília — falei sem me importar com a zoação.

— Noah, eu estou apaixonado por você. Que lindo! — Victor zombou de mim, mas eu o ignorei.

Eles podiam me zoar o quanto quisessem, pois nada estragaria o meu bom humor.

Capítulo 41

Cecília

Com os olhos marejados, olhei-me no espelho e tive que fazer um esforço enorme para não chorar, pois estava realizando um sonho.

Eu sabia que nem todas as mulheres sonhavam em se casar um dia. O mundo mudou, nesse sentido para melhor, pois a nossa felicidade não estava mais condicionada a um casamento, mas aquele era, sim, o meu sonho.

Contos de fadas também nunca existiram, principalmente na máfia. Ainda víamos muito machismo e desigualdade em nosso mundo, mas desde que Tio Matheo começou a liderar e, felizmente, meu sogro seguiu o seu legado, as coisas melhoraram muito para nós mulheres.

Na família Esposito, as mulheres não eram obrigadas a casar só para formar uma boa aliança nem se casavam cedo. O casamento acontecia quando chegasse a hora e ninguém ousava questionar. *Não somos mais tratadas como mercadoria. Temos voz. Temos vez!*

Dentro do complexo, nós mandávamos neles. Desde que eu me vi apaixonada por Noah, passei a prestar atenção em como os homens de sua família tratavam as mulheres e percebi que todas eram tratadas com amor, zelo e proteção. Elas eram adoradas, como se fossem o que eles tinham de mais valioso no mundo. *E de fato somos*, pensei.

Esses homens sabiam valorizar suas mulheres e também era assim que eles criavam seus filhos. Mesmo os solteiros que, neste

momento, não pensavam em compromisso, eram gentis com as garotas.

Minha mãe sempre me ensinou: “Quer saber se um homem vai ser um bom marido? Observe como ele trata a mãe dele”. Noah, por exemplo, tratava a Tia Amanda como uma deusa. Ele tinha todo cuidado com a mãe, e ela ainda o tratava como se fosse o seu bebê. *Amor sempre gera amor*.

No complexo existia tanto amor, que a gente custava a acreditar que existia um mundo tão hostil lá fora. Nós vivíamos um mundo lindo e contraditório, como se todos tivessem duas personalidades. Por um lado, os homens eram acostumados à guerra e ao caos, criados para matar; por outro lado, eles sabiam amar como ninguém.

E eu encontrei um amor assim pra mim. Lembro-me quando vi o Noah pela primeira vez. Confesso que, em plena adolescência, a primeira coisa que enxerguei nele foi a beleza, mas depois todo o conjunto foi me encantando cada vez mais e então eu soube que ele seria o grande amor da minha vida, porque ninguém amava tanto alguém em vão.

Naquele grande dia, olhando-me no espelho vestida de noiva, minutos antes de dizer o sim para o meu grande amor e carregando em meu ventre os frutos desse amor, eu podia afirmar que tinha tudo e amava muito tudo o que tinha.

— Filha, você está tão perfeita que eu não tenho palavras — minha mãe foi a primeira a falar quando chegou ao quarto com todas as meninas.

Logo o caos se formou, porque todas falavam ao mesmo tempo. Algumas estavam chorando, emocionadas, outras ajeitavam o meu vestido e cabelo; e Sophia apareceu com um pincel para retocar o meu blush. Era tanta animação que eu já estava ficando tonta.

— Meninas, acalmem-se. Chegou a hora! — Tia Melissa falou e, depois, me abraçou. — Você está muito linda, meu bem, e eu estou imensamente feliz que você agora será minha neta.

— Eu também estou muito feliz de entrar, oficialmente, para a família, porque de coração eu sempre fui — falei emocionada.

— Então, vamos. Seu pai já está esperando.

Meu pai me conduziu ao encontro de Noah no altar, ao som de *Photograph* de Ed Sheeran. Eu amava essa música, porque ela dizia muito sobre nós dois.

"*Você jamais estará sozinha*
Espere por mim para voltar para casa.
Amar pode curar
Amar pode consertar a sua alma
E é a única coisa que eu sei.
Eu juro que vai ficar mais fácil
Lembre-se disso com cada pedaço seu."

Dessa vez, foi impossível segurar as lágrimas, pois eu estava caminhando em direção à realização do meu sonho de menina: casar-me com o meu príncipe, o grande amor da minha vida.

Assim que Noah percebeu que eu estava chorando, ele deixou o altar, caminhou ao meu encontro e parou à minha frente para secar as minhas lágrimas. Eu sorri, mesmo quando continuava chorando. Em seguida, ele cumprimentou o meu pai e me conduziu até o altar onde o padre fez o sermão padrão, e nós fizemos os nossos votos.

No momento em que, finalmente, fomos dizer o nosso sim e trocar as alianças, as comportas dos meus olhos se abriram outra vez. A minha sorte era a maquiagem à prova d'água.

— Eu, Cecília Velasquez, te recebo Noah Esposito, como meu marido, grande amor da minha vida, minha alma gêmea, pai dos meus filhos e meu melhor amigo — falei a primeira parte dos votos adicionando umas coisinhas, pois aquelas palavras clichês eram muito pobres diante do grande amor que eu sentia. — Prometo te amar e respeitar. Prometo ser fiel na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe.

Enquanto eu declarava os meus mais sinceros votos, fui colocando a aliança no dedo do Noah e, ao final, beijei sua mão. Em

seguida, ele me olhou, atentamente, antes de falar também.

— Eu, Noah Esposito, te recebo Cecília Velasquez, como minha esposa, minha pequena e preciosa princesa, linda e decidida. Recebo-te como mãe dos meus filhos e minha parceira para toda eternidade. — Ele também adicionou adjetivos aos seus votos, assim como eu.

Noah não era adepto às declarações em público, porque era reservado e também porque sabíamos que os inimigos sempre os atingiam onde mais doía, ou seja, nas pessoas que amavam. Mas nesse dia, no nosso dia, estávamos entre família, então ele não se importou.

— Prometo te amar e respeitar. Prometo ser fiel, na alegria e na tristeza, na riqueza e na pobreza, na saúde e na doença, até que a morte nos separe — Noah completou os seus votos.

— Se é de livre e espontânea vontade que estão aqui hoje e pelos poderes concedidos a mim, eu vos declaro marido e mulher…

Antes mesmo que o padre dissesse que podia beijar a noiva, eu pulei em cima do noivo, porque já estava explodindo de tanto amor.



Depois da cerimônia foi só alegria. Nós dançamos e nos divertimos como nunca. Felizmente, os gêmeos foram bonzinhos com a mamãe, então eu não fiquei enjoada e comi até quase explodir.

No final da noite, quando joguei o buquê, quem pegou foi a Sophia. Ela nem estava no meio das outras tentando pegá-lo, mas o buquê foi direto na mão dela, e os meninos não perderam a oportunidade de perturbar o Tio Raphael.

— Ei, pombinhos, parabéns! — Théo nos cumprimentou, antes de sairmos.

Em seguida, Antonella, Gael, Edward, Louis, Tio Lorenzo e Tia Camila também vieram nos abraçar. Era engraçado que eles estavam sempre juntos nas festas, andavam sempre em bando e formavam uma família muito linda.

— Noah, você é um cara de sorte. Sua mulher é uma princesa — Tio Lorenzo falou carinhoso e, em seguida, dirigiu-se a mim. — Já você, Cecília, é visível que não tem muita sorte. — todos riram com a brincadeira dele.

Logo depois, nós nos despedimos de todos os outros membros da família e partimos para o grande momento, a nossa lua de Mel, que não podia ser em outro lugar, senão na Ilha da Mel, em nossa cabana.

Dessa vez, com tudo planejado, a cabana foi abastecida com comidas saudáveis. Mas, no dia em que chegamos, meu desejo foi de comer o macarrão do Noah, e ele o realizou, é claro. Noah fez uma travessa enorme de macarronada e arrumou a mesa para nós dois.

— Você fica linda assim, esfomeada — ele falou, depois de comer tudo o que estava no seu prato e me observar comendo o meu segundo.

Nós estávamos num clima já bem familiar, sentados em frente ao balcão da cozinha americana, eu de camisola e ele, só de cueca boxer.

— Não sou eu a esfomeada, são eles — falei, apontando para minha barriga. — Seus filhos têm um apetite voraz.

Noah sorriu ao ouvir a minha justificativa, levantou-se do banco em que estava sentado e caminhou na minha direção. Inesperadamente, ele colocou aquela mão enorme na minha barriga, que já estava bem aparente, e se abaixou para falar com os filhos. Eu amava quando ele fazia isso.

— Ei, meus filhos, a mamãe está tentando colocar a culpa da gula dela em vocês, mas o papai sabe que, na verdade, a esfomeada aqui é ela. Não se preocupem, o papai defenderá vocês sempre — ele falou, todo fofo, e eu quase virei uma poça derretida ali mesmo.

Noah era realmente o meu príncipe. Eu sempre soube que ele seria um marido perfeito, um homem perfeito para mim. Mas sua versão pai era ainda mais incrível do que eu poderia imaginar.

Ele estava sempre preocupado com o nosso bem-estar. Quando eu ainda estava em Las Vegas, ele ligava para me lembrar de tomar os medicamentos e sempre me cobrava se eu estava me

alimentando e dormindo direito. Inclusive, eu encontrei vários livros sobre gravidez gemelar em seu quarto e sei que ele realmente os leu, pois todos estavam com várias partes grifadas.

Um deles, eu acabei lendo também e achei muito interessante. O nome do livro era Criando Filhos Gêmeos das autoras Janet Poland e Patricia Maxwell Malmstrom. Nele, Noah grifou vários trechos, principalmente os que davam dicas para os pais sobre como ajudar as mães nessa aventura dupla.

Lembro que eu o amei um pouco mais nesse dia em que encontrei os livros, simplesmente por ver o seu empenho na paternidade e a preocupação em me ajudar. *Na verdade, eu sinto que o amo mais a cada instante*.

— No que você está pensando enquanto mastiga freneticamente? — ele me perguntou, tirando-me de minhas lembranças.

— No quanto você é perfeito e merece uma recompensa. Acho que serei a sua sobremesa, depois do jantar.

— Eu também acho que mereço — ele disse e limpou um pouco de molho que estava no canto da minha boca. — Terminou o seu jantar? Está satisfeita?

O Noah não devia se dar conta do quanto ficava irresistível quando me olhava com aquela cara de safado.

— Terminei sim, marido. Agora, eu quero você de sobremesa — respondi, colocando minhas mãos em volta de seu pescoço.

Imediatamente, Noah me pegou no colo e nos levou para a cama. Ele me deitou com cuidado e se deitou em cima de mim, procurando a minha boca. Eu abri minhas pernas para que ele se acomodasse no meio delas, e continuamos nos beijando apaixonadamente.

Beijamo-nos por um longo tempo e, enquanto Noah passeava com as mãos por todos os lugares do meu corpo, eu o abracei com minhas pernas, puxando-o mais para mim. Eu arranhava suas costas de leve e segurava firme em sua nunca, perdendo-me em nosso beijo quando ele interrompeu, bruscamente, o beijo e se ajoelhou na cama.

Eu o busquei novamente com a minha boca, erguendo um pouco o meu corpo, mas ao invés de me beijar, ele tirou a minha

camisola com carinho, passando-a pela minha cabeça e jogando no chão. Em seguida, ele me deitou novamente, tirou minha calcinha e distribuiu beijos por todo o meu corpo, indo desde o meu pescoço e ombros até os meus seios.

Ao primeiro toque do Noah nos meus seios, eu gemi desesperada. Meus mamilos estavam tão sensíveis que a sua língua quente provocou um efeito enlouquecedor ao encostar neles. Noah mamou em mim, enquanto eu gemia e me contorcia embaixo dele, depois foi beijando toda a minha pele, até que chegou à minha vagina. Eu nunca estive tão sensível. A sensação era desesperadora, no bom sentido.

Eu gemia e me contorcia, e ele me chupava e me lambia, segurando nas minhas coxas e me mantendo presa ao prazer. Em poucos minutos, gozei segurando seu cabelo e gritando de prazer. Antes que pudesse me recompor, Noah voltou a me beijar e segurou seu pau pronto para entrar em mim, mas eu fiz um impulso e girei nossos corpos, ficando por cima dele. Levantei um pouco o meu corpo, enquanto ele segurava o seu pau, e então eu sentei.

Eu me mexia, e ele me ajudava com os movimentos. Rebolando em seu pau, eu me senti totalmente preenchida por ele. Era incrível que, com o tempo, o nosso sexo só melhorava. Nossa química e nosso encaixe eram perfeitos.

Gozei novamente, rebolando no pau do meu marido e, quando terminei, ele mudou nossa posição, colocando-me de quatro na cama. Instantes depois, Noah se derramou dentro de mim, gemendo e dizendo que me amava.

Capítulo 42

Noah

Nossa lua de mel na ilha foi perfeita, com dias de sol, paz e muito amor. Ficamos apenas 10 dias, pois eu precisava voltar ao trabalho, e Cecília teria a sua primeira consulta com a nova obstetra.

Era mais forte do que eu relembrar esses nossos momentos, mas eu precisava mesmo era me concentrar no que eu realmente tinha que fazer: trabalhar.

Sentado, olhando para o homem ensanguentado à minha frente e pensando na forma mais dolorosa de matá-lo, eu refleti sobre os limites que a vida impunha. Até mesmo para a falta de caráter e escrúpulos existia limite. As regras eram simples e não cumpri-las era inadmissível para a Cosa Nostra.

Nos últimos dias, uma explosão de denúncias de mulheres que tinham sido estupradas estavam chegando à polícia. Os relatos eram sempre os mesmos: elas estavam em um bar ou boate, bebendo com algum homem aleatório que haviam conhecido naquela noite e, depois, já não lembravam de mais nada. Elas acordavam ainda grogues, no dia seguinte, e só então percebiam o abuso.

A polícia nos acionou e, com algumas investigações, nós descobrimos que um filho da puta estava vendendo, em nosso território, a droga proibida por nós, a GHB (gama-hidroxibutirato) — droga do estupro. A GHB chegou a ser usada como recreativa, mas logo os estupradores se apossaram dela como mais uma arma para abusar das mulheres, então nós a proibimos.

Durante um bom tempo, ninguém mais vendeu ou consumiu essa droga, ao menos não no nosso território. Mas sempre havia um

suicida para nos provocar.

— Quer dizer que você achou que venderia essa merda aqui, na Itália, sem ser pego? — perguntei ao infeliz, que mal conseguia abrir os olhos. Ele, claro, não respondeu.

Antes de eu chegar ao galpão onde mantínhamos os nossos inimigos que precisavam ser punidos, Chase já tinha tido uma boa conversa com ele, ainda assim, depois que eu cheguei, fiz questão de descontar minha raiva nele. Eu odiava casos assim, de abuso a vulneráveis — crianças ou mulheres — porque sempre pensava nas pessoas da minha família.

— Você vai morrer, meu caro. Mas antes, vai sofrer igual ao que as mulheres sofreram. Meus soldados vão fazer você de mulherzinha, espero que você goste…

Meu celular tocou um lembrete, eu olhei para a tela e vi que era o lembrete sobre a consulta da Cecília.

— Chase, chame os soldados. Diga a eles que podem começar a diversão. — falei.

Segundos depois, os soldados entraram no galpão. Eu dei algumas instruções a eles e, antes de me virar para sair, o bastardo implorou, pedindo clemência.

Eu voltei a passos largos, parando a centímetros dele, e quando olhei em seus olhos aterrorizados, senti prazer.

— Sabe as mulheres que foram dopadas pela sua droga? Elas também, certamente, imploraram e não foram atendidas.

Olhei para os soldados e dei a ordem:

— Acabem com ele, mas não sejam rápidos.



Saí do galpão, peguei o meu carro e fui direto para a clínica me encontrar com a minha mulher. Quando eu cheguei, Cecília já estava com a minha mãe, Julie e os seguranças, esperando para ser atendida.

Nessa consulta, nós tentaríamos novamente saber o sexo dos bebês, pois eles estavam com as perninhas fechadas no último ultrassom.

Entrei na sala de espera e deparei-me com as três mulheres da minha vida sentadas, conversando animadas. Cecília estava atracada em uma barra de chocolate enorme, comendo sem parar. Minha mãe tinha dito a ela que era bom comer chocolate antes do exame, pois a glicose desse doce tem um grande poder estimulador, o que levaria os bebês a se mexerem e, assim, haveria mais chance de conseguirem ver o sexo dessa vez.

Aproximei-me delas e, quando minha mulher me viu, seus olhos brilharam. Aliás, eles sempre brilhavam quando ela me via. Eu era recebido assim todos os dias quando chegava em casa. Era muito foda ser recebido com tanto amor, mesmo não sendo um cara bom, mesmo cometendo um monte de erros e crimes todos os dias. Eu tinha certeza absoluta de que Cecília me amava incondicionalmente, independente de quem eu era e do que eu fazia.

— Amor, que bom que você veio! — ela falou, levantando-se e me abraçando.

Sua barriguinha de 5 meses já estava enorme e, grávida dos meus filhos, ela era a coisa mais linda e preciosa do mundo. Alisei a barriga dela, como sempre fazia quando chegava, e beijei sua testa.

— Você tinha alguma dúvida de que eu viria? — falei, e ela deitou a cabeça no meu peito, dengosa como sempre.

Cecília levantou o rosto depois de um tempo, sorrindo para mim, e enfiou um pedaço de chocolate na minha boca, em seguida chupou os dedos sujos de doce. Eu amava essa espontaneidade da minha mulher.

Cumprimentei minha mãe e Julie, depois me sentei ao lado da Cecília para esperar, mas não demorou muito, ela foi chamada e nós entramos.

— Boa tarde a todos. E, então, estão animados com a possibilidade de saber o sexo dos bebês? — a doutora perguntou, enquanto nos acomodávamos nas cadeiras.

— Muito — as meninas responderam em uníssono.

— Ótimo. Nós já vamos fazer o exame de imagem, mas antes eu quero ver o resultado dos seus exames, Cecília — ela falou, e minha mulher entregou o envelope. A médica analisou os papéis, atentamente, antes de voltar a falar. — Bom, sua pressão e

seu peso estão bons, seus exames de sangue também estão ótimos, mas vamos ficar atentas à sua glicose, que está no limite. Eu vou pedir que você diminua o açúcar e as massas, para evitarmos que você desenvolva diabetes gestacional. Você come muito doce?

— Não muito, acho que a minha maior dificuldade são as massas. Eu tenho sentido muito desejo de comer a macarronada que o meu marido faz, então acabo comendo umas duas vezes na semana — Cecília respondeu tranquilamente, e a doutora riu.

— Bom, então vamos ter que reduzir a macarronada do papai para uma vez no mês — ela sugeriu.

— Muito obrigado, doutora. Eu tenho sofrido muitos abusos domésticos ultimamente, sendo obrigado a fazer macarronada sempre — falei brincando, e elas riram.

A médica deu algumas instruções à Cecília e, finalmente, chegou a hora do exame. Julie e minha mãe ficaram em um lado da maca, e eu do outro. Confesso que fiquei extremamente nervoso.

A doutora ligou o aparelho e, depois de passar o gel na barriga da Cecília, passou o aparelho por todos os lados dela. Longos minutos depois e para a nossa felicidade, ela falou:

— Hoje as perninhas estão abertas e… — ela fez suspense. — Temos um casalzinho a caminho. Parabéns papai e mamãe.

Cecília e eu nos olhamos emocionados. Ela começou a chorar, e eu me abaixei para beijar a sua testa.

— É um casal, príncipe.

— Eu sei. Estou muito feliz, não chore.

— Ah, meu Deus, igual ao seu pai e sua tia — minha mãe falou comemorando e se aproximou para me abraçar.

Alguns meses depois

— Noah, vamos jantar fora? Eu quero comer polpetone — Cecília falou, assim que saí do banho.

— Não podemos comer polpetone em casa? Eu ligo para aquele seu restaurante favorito e peço para entregarem — sugeri, porque tudo o que eu mais queria era uma noite tranquila em casa, com a minha mulher e os meus filhos, após um longo dia de trabalho.

— Meu desejo é comer lá no restaurante — ela respondeu fazendo biquinho, pois sabia que eu não resistia.

— Quando você faz esse biquinho é difícil dizer não — eu disse, mas não perdi a oportunidade de cutucá-la. — Mas você não disse que estava cansada e com dor nas costas? Disse que o Nicholas e a Elena pesam muito, que sua barriga está imensa, maior que você, e que seus pés estavam inchados? Agora quer sair, dona Cecília?

— Exatamente. Se eu ficar em casa vou continuar cansada, inchada e com dor nas costas, então eu prefiro, ao menos, sair para me distrair.

— Tudo bem, amor. Vamos jantar fora.

Cecília agarrou o meu pescoço e me encheu de beijos.

Chegamos ao restaurante e sentamos à mesa em um canto mais reservado. Os soldados que nos acompanhavam sentaram à mesa ao lado e, quando olhei para a mesa da frente, Chase estava lá com um de seus soldados. Ao nos avistar, ele se aproximou para falar conosco.

— Boa noite, casal. Resolveram sair um pouco do ninho?

— Boa noite — Cecília e eu respondemos juntos. — Cecília queria comer o polpetone daqui, então eu a trouxe.

— Uau. Eu achei que você não tinha bom gosto, já que se casou com o Noah, mas vejo que estava enganado. Este restaurante tem o melhor polpetone da cidade, eu também vim por eles — Chase falou, aproveitando a oportunidade para fazer suas habituais piadinhas.

— Eu sei. Desde que o Noah me trouxe aqui a primeira vez, eu me apaixonei — Cecília disse. — E que milagre é esse, você não estar com nenhuma mulher pendurada em seu pescoço hoje?

Só depois que minha mulher perguntou aquilo, eu me dei conta de que era realmente um milagre ele estar sozinho.

— Vim direto do trabalho. Além disso, estou sem saco para o ritual que vem antes do sexo, essa coisa toda de ser gentil e levar a menina para jantar e conversar… Enfim, hoje a única coisa que eu vou comer é o polpetone.

— Sente conosco, então. Vamos comer polpetone juntos — Cecília convidou, e meu primo aceitou.

Com a conversa boa, esticamos um pouco a noite no restaurante, já que era sexta-feira e nenhum de nós dois trabalharia no dia seguinte, mas resolvi que era hora de ir embora quando Cecília começou a bocejar, demonstrando cansaço.

— Eu vou pedir a conta — falei, e ela assentiu.

Chamei o garçom, pagamos a conta e, quando entramos no estacionamento do restaurante, vimos um casal em uma discussão calorosa. O homem gritava com a mulher que, aparentemente, estava muito envergonhada e amedrontada.

— *Você é uma puta, uma vagabunda! Quem você pensa que é para me ignorar assim?* — o homem berrava com a mulher e aquilo já estava começando a me incomodar.

— Meu Deus! Coitada. Nenhuma mulher deveria ser tratada assim — Cecília falou assustada, olhando para o casal.

— Entre no carro — falei em alerta, pois o cara se mostrava cada vez mais irritado e violento com a mulher.

Eu tive medo de que ele estivesse armado e fizesse uma besteira. Eu não queria que Cecília presenciasse algo assim, principalmente grávida de oito meses, porque seria um trauma grande. Percebi que, assim como eu, Chase se controlou ao máximo para não se meter.

Abri a porta do carro para Cecília sentar no banco do carona, ajeitei o seu cinto de segurança e entrei do lado do motorista. Chase também seguiu para o carro dele que estava próximo ao meu.

Enquanto isso, aquele filho da puta continuava gritando e xingando a mulher, que em nenhum momento, antes daquele, revidou. Até que ela se cansou, respondeu a ele e a merda começou.

Capítulo 43

Noah

De onde estávamos, ouvimos o barulho alto do tapa que o infeliz deu na mulher, derrubando-a no chão.

— Ai meu Deus, Noah. Vocês têm que fazer alguma coisa, ele vai matá-la — Cecília falou apavorada, ficando pálida.

— Calma. Não saia daqui, eu já volto — pedi a ela e desci do carro. A apenas alguns metros de mim, meu primo também estava voltando.

— Que porra é essa? — Ouvi Chase falar consigo mesmo, enquanto nós dois caminhávamos em direção ao casal.

O cara estava se preparando para chutar a mulher quando nós chegamos perto deles. Chase arrancou o cara de cima dela e arremessou-o no capô do carro do bastardo.

— Bata em mim, seu covarde — Chase gritou, antes de dar o primeiro soco no cara. — Filho da puta, covarde de merda.

Meu primo ia acabar com ele, e eu nem precisaria me meter. Chase era bem treinado, e o cara parecia bêbado e drogado. Olhei para o lado e vi que a mulher estava tentando se levantar, aparentemente zonza e com o rosto machucado. Eu caminhei em sua direção e, quando ia ajudá-la, escutei a porta do meu carro batendo. Claro que a Cecília não ia me obedecer e ficar quietinha me esperando.

— Eu disse para você ficar no carro, Cecília.

— E eu vim mesmo assim, porque não sou obrigada a nada — ela respondeu, olhando para a mulher sentada no chão. Ela estava chorando muito.

— Ei, não precisa chorar — minha mulher consolou a moça. — O primo do meu marido vai acabar com ele. Qual o seu nome?

Antes de ela responder, eu ofereci a mão para ajudá-la a se levantar, a uma certa distância para o caso de ela optar por rejeitar a minha ajuda.

— Eu me chamo Brenda. Meu Deus, estou tão envergonhada — a mulher se lamentou, limpando o rosto. Pelo sotaque, ela não era italiana.

— Não fique. A culpa de nada disso é sua, você é a vítima. Esse covarde está aprendendo o que é bom. Mata ele, Chase! — minha adorável mulher gritou e, quando olhei para os dois, notei que meu primo realmente iria matá-lo.

— Chega, cara — falei, segurando Chase e fazendo-o parar. — Não vamos chamar atenção para nós, desnecessariamente. Esse filho da puta terá o que merece, mas não aqui.

Eu entendia a revolta, porque também me sentia assim, cheio de ódio e vontade de matar esses filhos da puta que abusam, de qualquer forma que seja, das mulheres. Mas não era o ideal matar um cara ali, principalmente na frente das mulheres. Então, sinalizei para um dos soldados que nos acompanhava e voltei a falar com o Chase.

— Vamos embora, cara, deixe esse babaca aí — falei e, de repente, ouvi um gemido doloroso.

— Aaaai

Olhei para o lado e avistei a Cecília segurando a barriga, meio curvada para a frente e com uma expressão de pânico no rosto. A mulher, mesmo machucada, estava tentando ampará-la, mas com dificuldade. Corri até ela, e Chase veio em seguida.

— O que foi, amor? — perguntei, puxando-a para mim e pegando-a no colo.

— Ela está entrando em trabalho de parto. Eu sou médica, vamos levá-la para o hospital — a mulher falou e, quase que imediatamente, eu senti um líquido escorrendo pelos meus braços. — A bolsa dela estourou. Não vamos perder tempo, vou acompanhar vocês.

Coincidência ou destino, eu não sei, mas o fato de aquela mulher que nós ajudamos ser médica deixou-me um pouco mais

tranquilo naquele momento. Ainda assim, bem nervoso, eu corri para o carro carregando Cecília, e joguei a chave para o Chase.

— Você dirige, e eu vou atrás com ela — falei ao meu primo.

Chase entrou no veículo, e a mulher entrou do outro lado, sentando no carona. Eu não sabia se ela era confiável, mas naquela situação, seria bom ter uma médica por perto até chegar ao hospital, do outro lado da cidade.

Antes de meu primo dar a partida, olhei de relance pela janela do carro e vi quando meu soldado colocou, disfarçadamente, aquele filho da puta dentro do próprio carro e entrou logo em seguida. Ele o machucaria um pouco mais, como lição. Os outros soldados que estavam nos acompanhando, nos seguiram.

Tranquilizei Cecília, dizendo que ficaria tudo bem, em seguida peguei meu celular e liguei para um dos soldados, mandando que eles passassem na frente e abrissem caminho no trânsito para passarmos.

— Fique calma, meu amor, nós já vamos chegar — falei a Cecília, enquanto ela apertava minha mão e gemia de dor.

Vê-la daquele jeito me gerou uma agonia do caralho.

— Chase, acelere esse carro, caralho! — gritei nervoso, e ele obedeceu.

Eu estava ansioso para ver os meus filhos e segurá-los, mas também estava apavorado só de imaginar que haveria mais dois seres, partes de mim, a quem eu deveria proteger com a minha vida se preciso fosse.

Minutos depois, chegamos ao hospital e já estava tudo pronto para receber a minha mulher. Esse era um dos benefícios de termos um hospital da máfia.

Cecília foi examinada pela obstetra e encaminhada, imediatamente, para o centro cirúrgico.

— Eles estão nascendo — a médica disse e, por alguns segundos, eu me senti tonto. — Vá colocar a roupa para acompanhar o parto, papai.

Eu compreendi exatamente a instrução que ela me deu, mas fiquei parecendo um menino bobo, sem reação.

— Você está bem, cara? — Chase perguntou, aproximando-se de mim com a Brenda.

— Eu… Eles vão nascer.

— Sim, eles vão. E você vai perder isso? Já levaram a sua mulher — ele me alertou, fazendo-me sair do transe.

— Não! Eu vou trocar de roupa. Aliás, para onde devo ir? — falei, ainda atordoado.

— Venha, eu acompanho você — Brenda falou.

— Você trabalha aqui? — Chase perguntou espantado.

— Sim, trabalho — ela respondeu para Chase, depois se virou para mim. — Vamos, homem, você tem um trabalho a fazer, vai se tornar um pai hoje e sua esposa precisa de você.

Brenda sorriu para mim de forma acolhedora, eu sorri de volta e nós fomos. Quando entrei no centro cirúrgico, Cecília estava perguntando por mim.

— Onde está o meu marido? Eu preciso dele.

Eu corri até ela, antes que alguém pudesse responder que eu estava igual a um abestalhado lá do lado de fora.

— Estou aqui, amor. Desculpa a demora, eu estava me trocando — falei e segurei sua mão.

Minha mulher estava toda suada e com os olhos vermelhos de tanto chorar. Quando eu limpei seu rosto e dei um beijo em sua testa, a porta do centro cirúrgico se abriu novamente e uma mulher entrou. Ela estava toda paramentada, e eu não a reconheci imediatamente, mas logo a doutora Isabella tratou de apresentá-la.

— Noah, essa é a doutora Brenda. Ela será minha assistente no parto da sua esposa, porque a minha assistente teve um imprevisto. Tudo bem se aproveitarmos a presença da doutora Brenda? Ela é uma excelente profissional — Isabella me perguntou receosa.

Eu já tinha deixado claro que não queria ninguém diferente na equipe que foi, previamente, escolhida a dedo para o parto dos meus filhos. Embora estivéssemos em um hospital patrocinado pela máfia, eu não confiava em ninguém. Ali, muitos sabiam quem eu e minha família éramos, então eu não queria arriscar que nenhum de nossos inimigos se infiltrasse e colocasse a vida da minha mulher e dos meus filhos em perigo.

— Nós já nos conhecemos, doutora — Brenda respondeu por mim, já que eu fiquei quieto, analisando a situação.

Um grito de dor que escapou de Cecília quebrou a tensão entre a pergunta da médica e minha falta de resposta. Não havia mais tempo para nada, meus filhos precisavam nascer.

— Tudo bem — falei, autorizando a participação de Brenda no parto.

— Ótimo. Então, vamos lá. Cecília, você já está com dilatação suficiente, quando a dor vier, empurre — a médica instruiu.

Os minutos seguintes foram os mais torturantes da minha vida. A contração vinha, Cecília gritava, fazia força e nada acontecia. Ela já estava pálida, toda suada, chorando e não aguentaria muito tempo. Eu estava começando a ficar em pânico.

— Vamos, Cecília, você é uma menina forte. Empurre — doutora Isabella incentivou mais uma vez e, quando outra contração veio, minha mulher empurrou, com a pouca energia que ainda lhe restava, mas nada.

— Noah, eu não vou conseguir. Eu estou tão cansada e essa dor é tão forte. Já gastei todas as minhas forças, eu não aguento mais. — ela falou chorando, deixando-me apavorado.

— Você vai conseguir, amor, porque você consegue tudo o que quer. Esse será mais um mérito seu. Você é decidida e é a mulher mais forte que eu conheço — falei.

Eu queria incentivá-la, mas, por dentro, eu também estava morrendo de medo.

— Perdoe-me, amor. Eu não perguntei antes se você queria — falei, lembrando-me que nunca cheguei a usar preservativo com ela.

Eu fui egoísta. Estava tão louco de amor por ela que não pensei em nada nem me importei e, quando me dei conta, continuei sem me importar, porque a ideia de ter um filho com ela, um pedaço de nós dois no mundo, me parecia muito certa. O medo todo que eu estava sentindo, eu não conseguia pensar direito e achei o mais certo a fazer naquele momento.

— Eu não tenho nada para te perdoar, príncipe. Você é tudo o que eu sempre quis, e nossos filhos são a confirmação de Deus. Eu vou conseguir — Cecília falou determinada como sempre foi.

Abaixei, encostei em sua testa, mais aliviado, e a beijei.

— Obrigado, amor. Eu amo tanto você. Nós vamos conseguir.

Mal terminei de falar e senti minha mulher apertar muito forte a minha mão. Outra contração estava vindo.

Cecília gritou, apertou minha mão e fez força outra vez, então um choro alto foi ouvido na sala de parto. Meu mundo parou. Naquele momento, foi como se a gravidade deixasse de existir, e eu estivesse flutuando.

Olhei para a frente e vi a doutora Isabella segurando o meu bebê, cheio de sangue e com um choro muito sentido. Antes que eu me desse conta, eu já estava esticando os braços para pegá-lo. Eu queria acalmar seu choro e confortá-lo. Queria que ele sentisse que o pai dele estava lá e que ele não precisava ter medo.

Ela me entregou o meu filho, e eu o segurei nos braços, encostando-o em meu peito. Era tão pequenino que chegava a ser assustador o quanto ele parecia frágil.

Assim que ele sentiu a minha presença, o choro foi cessando, até que ele ficou quietinho. Seus olhos abertos me encararam e eu o olhei maravilhado. Estávamos nos conhecendo.

— Ei, carinha. Não precisa mais chorar, o papai está aqui — falei baixinho, e ele continuou me olhando.

— Noah, precisamos cortar o cordão umbilical — a doutora falou.

Eu o afastei um pouco do meu peito para que ela fizesse o procedimento e, assim que cortou, levei-o até a Cecília.

Minha mulher chorava e sorria, muito emocionada.

— Oi, amor, é a mamãe — ela falou rindo e olhando o nosso filho. — Ele é tão cabeludinho.

De repente, seu sorriso se desfez aos poucos, dando lugar a uma careta de dor. Elena queria sair. Entreguei o Nicholas à Brenda, meio a contra gosto, e me posicionei novamente ao lado de Cecília.

— Força, amor. Só mais um pouquinho — falei para incentivá-la.

Certamente, ver o Nicholas recarregou suas energias, pois ela fez ainda mais força dessa vez. Segundos depois, Elena gritou a plenos pulmões na sala de parto, muito mais escandalosa do que o irmão. Aproximei-me sorrindo e a peguei.

— Ei, amorzinho, acalme-se. Papai está aqui — falei, e Elena diminuiu o choro, mas não cessou.

Com certeza, minha filha seria dengosa e mimada como a mãe, e eu estava mais do que pronto para fazer todas as suas vontades.

Capítulo 44

Noah

Acompanhei, de perto, todos os cuidados que a Cecília e os gêmeos receberam. Só saí do centro cirúrgico quando fui informado de que levariam a Cecília para o quarto e, depois de fazer alguns exames, levariam os gêmeos também. A pediatra me garantiu que eles estavam bem, então, aliviado, fui trocar de roupa.

Ao chegar à recepção do hospital, o Chase já tinha organizado toda a segurança do local e também tinha avisado à nossa família. Pouco depois, meus pais chegaram com a bolsa dos bebês e da Cecília e com algumas roupas para mim também. Eles queriam ver os gêmeos, mas a doutora Isabella falou que os bebês ainda passariam por alguns exames e só chegariam ao quarto algumas horas depois.

Então, depois de ver a Cecília, Chase e meus pais resolveram ir para casa e voltar na manhã seguinte com Julie e os outros.



Meus filhos chegaram ao quarto depois das 03h da manhã. A enfermeira ajudou a Cecília a amamentá-los pela primeira vez, e eu percebi, vendo os três ali, que nunca me senti tão completo na vida.

Nicholas era mais tranquilo, só acordava e resmungava para mamar. Por outro lado, Elena era muito chorona, acordava para mamar e não esperava, abria o berreiro e só parava quando estava no peito da mãe.

Na manhã seguinte, eu estava colocando Elena no berço, enquanto Nicholas ainda mamava, quando ouvi uma comoção à porta do quarto.

— *Me larga, seu brutamonte, casca grossa. Eu sou conhecida da família e ajudei a fazer o parto dos gêmeos, seu idiota*. — Ouvi uma voz feminina, antes mesmo de sair do quarto.

Quando abri a porta, vi Brenda tentando se desvencilhar de um dos meus soldados que estava fazendo a segurança em frente ao quarto.

— Largue-a. Ela pode entrar — falei e, imediatamente, o soldado obedeceu.

— Obrigada, Noah — ela falou, ajeitando a roupa e empinando o nariz, enquanto passava pelo soldado.

Entramos no quarto e, assim que Cecília a viu, abriu um enorme sorriso.

— Brenda, que bom que você veio nos ver. Obrigada por tudo — minha mulher falou, e a médica se aproximou dela.

— Imagina. Sou eu que agradeço a vocês por tudo o que fizeram por mim. Ontem, vocês me salvaram.

— O que aconteceu com aquele imbecil? — Cecília perguntou curiosa e, de repente, a porta se abriu.

— Bom dia — Chase falou e nós respondemos.

Brenda e Cecília não deram muita atenção a ele e continuaram o assunto.

— Eu não sei e não quero saber onde e como aquele traste está. Eu só quero que ele suma da minha vida — ela falou, parecendo triste e envergonhada.

Olhei para Chase e notei que ele não tirava os olhos daquela mulher, observando-a atentamente. Então, pela primeira vez, eu parei para repará-la. Brenda era uma ruiva linda, com um rosto delicado, mas também aparentava ser uma mulher forte. Seus cabelos eram volumosos e ela tinha corpo e olhos bonitos, mas que, naquele dia, estavam repletos de tristeza. Com certeza uma mulher oprimida e triste pelos abusos de um homem.

— Aquele homem é meu ex-marido. Depois de cinco anos vivendo um relacionamento abusivo, eu dei um basta, mas ele não está disposto a entender isso e me persegue o tempo todo, mesmo

eu tendo uma ordem de restrição contra ele. Eu vim para agradecer — ela falou, olhando para Chase. — Especialmente a você, que entrou em uma briga para me ajudar.

— Eu odeio covardes. Se pudesse, eu o teria mandado de vez para o quinto dos infernos, mas não foi dessa vez. Eu chequei as câmeras do restaurante e vi que um casal o encontrou, horas depois, caído no estacionamento e chamou a polícia. Ele foi levado para o hospital e já teve alta, mas esperto como é, não quis prestar queixa. Tome cuidado, ele provavelmente irá atrás de você — Chase falou, genuinamente preocupado.

Chase só não sabia que, além da surra que ele deu no filho da puta, meu soldado tinha deixado mais uma marca. Ele não o matou, mas com certeza o machucou muito, ao ponto de fazê-lo pensar duas vezes antes de se aproximar novamente dessa garota.

— Eu já mandei trocar todas as fechaduras da minha casa e, hoje bem cedo, fui à polícia e prestei outra queixa contra ele. Mais uma ordem de restrição foi expedida. Isso deve segurá-lo por um tempo — ela falou envergonhada e desanimada.

— Não, não vai. Ele não vai parar. Uma ordem não o impediu ontem e não vai impedi-lo em nenhum outro dia. Se você quiser, eu acabo com o seu problema de uma vez por todas — meu primo se ofereceu, e a mulher arregalou os olhos.

— Não se preocupe, eu sei me cuidar — ela respondeu.

Chase não falou mais nada, mas ficou olhando-a como um predador. Porra, eu conhecia aquele olhar. A mulher já era sofrida, não precisava do meu primo para quebrar o seu coração de vez.

Um resmungo chamou a nossa atenção, era Elena no berço. Caminhei até minha filha e Chase se aproximou também. Balancei o bercinho, e ela se acalmou.

— Deixe essa mulher em paz, Chase. Ela já tem problemas demais — sussurrei para que só ele ouvisse.

Brenda já tinha voltado a conversar com a Cecília, então elas não estavam prestando atenção em nós.

— O quê? Não falei nada. — Ele se defendeu, cinicamente.

— Eu vi muito bem o seu olhar para ela.

— Cara, ela é gostosa pra caralho! Mas não se preocupe, eu não vou investir, a mulher já tem muitos problemas — ele falou sério

dessa vez.

— Exatamente. Ela não precisa de mais um — falei.

Nosso assunto terminou quando a porta do quarto se abriu novamente e nossa família entrou.

Um mês depois

Todos estavam reunidos na minha casa. Naquele dia, os gêmeos completavam seu primeiro mês de vida, e Cecília quis dar uma festa para a família. Seus pais e Demétrio também marcaram presença.

Saí do banheiro e, quando cheguei ao quarto, Elena tinha acordado e Cecília já tinha descido com o Nicholas.

— Oi, princesa do papai. Você acordou? — brinquei com ela

Elena se derreteu em sorrisos. Minha filha estava linda em um vestido de princesa que havia ganhado da avó Amanda. Minha menina era delicada e meiga como a mãe, e o que tinha de chorona também tinha de risonha. Ela era manhosa, dengosa, chorava por tudo e queria toda a nossa atenção só para ela. Mas ao mesmo tempo que chorava muito, também vivia sorrindo.

Nicholas já era mais sério, não chorava à toa, mas também não vivia sorrindo. Só Cecília, minha mãe e eu éramos contemplados com seus raros e contagiantes sorrisos. Julie se matava tentando fazê-lo sorrir, mas não conseguia.

Meus filhos foram a melhor coisa que já fiz na vida, a única parte de mim da qual eu me orgulhava.

Arrumei-me rápido, prevendo que, se demorasse muito a tirar a princesa do berço, ela abriria o berreiro. Quando cheguei ao berço para pegá-la, o beicinho já estava se formando. Eu não gostava de vê-la chorar, mas às vezes eu deixava que formasse o beicinho fofo que ela fazia, só para vê-lo. Dessa vez, peguei-a rápido.

— Já ia chorar né?! — brinquei, e ela sorriu para mim.

Desci com a minha filha no colo e, assim que cheguei à sala, Raphaela tomou-a de mim.

— Vem com a dindinha, amor — ela falou, enquanto a pegava.

Sophia também logo se aproximou. As gêmeas eram apaixonadas pelos meus filhos. Como eles eram os únicos bebês da

família no momento, eram muito mimados.

— A injustiça contra as mulheres já começa desde o nascimento! Nicholas nasceu super cabeludo, e Elena nasceu careca — Sophia falou brincando, e nós rimos.

A campainha tocou e eu estranhei, já que toda a família já estava presente. Logo lembrei da nova “amiga de infância” de Cecília e fui atender a porta. Nesse último mês, Cecília e Brenda começaram uma grande amizade. Eu pesquisei toda a vida da Brenda e vi que ela não oferecia nenhum perigo. Ela era sofrida, mas inofensiva.

Brenda era escocesa, veio para a Itália fazer sua residência em pediatria e acabou se envolvendo com o ex-marido covarde. Depois, ela conseguiu um visto permanente e ficou por aqui.

Cecília e ela trocaram números de telefone na maternidade e, desde então, sempre se falavam. Além disso, é claro que minha mulher a escolheu como pediatra dos nossos filhos. Minha esposa estava sempre preocupada com a possibilidade de que sua nova amiga reencontrasse o ex-marido, mas até então nada aconteceu.

Eu comentei com Chase que Cecília vivia preocupada e que eu estava pensando em fazer algo a respeito, mas ele me surpreendeu, dizendo que já havia colocado um soldado atrás de Brenda para protegê-la, sem que ela soubesse.

Eu achei a atitude nobre, mas estranha. Minha família sempre condenou a violência contra as mulheres, mas isso estava parecendo uma causa pessoal para o Chase. Não questionei, pois eles eram adultos e se resolveriam sozinhos. Eu só esperava que meu primo não partisse o coração dessa mulher.

Cecília

Saí do banho e me deparei com a cena mais perfeita do mundo: Noah estava deitado em nossa cama, sem camisa e cochilando, com Nicholas dormindo em cima dele. Nosso filho sofria com cólicas e, desde que Noah aprendeu que colocá-lo deitado com a barriga para baixo aliviaria a dor, ele sempre colocava o nosso filho nessa posição sobre sua barriga, e funcionava.

Caminhei até eles devagar e tentei tirar Nicholas de cima do meu príncipe, mas ele o segurou e abriu os olhos, assim que encostei a mão nele.

— Eu vou colocá-lo no berço — falei baixinho, e Noah afrouxou as mãos para eu pegar o nosso filho.

Coloquei Nicholas no bercinho dele, ao lado do da irmã, e fiquei observando os meus filhos. Por enquanto, os berços estavam em nosso quarto, porque nós os achávamos muito pequenininhos para dormirem em outro quarto.

Quando deitei na cama, Noah ainda estava sonolento, mas me puxou para si e me abraçou.

— Príncipe — chamei baixinho. — Às vezes, eu tenho vontade de chorar de tanta felicidade, mas também tenho muito medo de alguma coisa ruim acontecer.

Noah abriu os olhos, deu-me um selinho e falou:

— Minha missão nessa vida é fazer você e os nossos filhos felizes. Não quero ver você chorando, porque o seu sorriso é uma das coisas mais perfeitas que eu já vi. Ele ilumina não só dentro de mim, mas também a nossa casa e a Itália inteira. Tenho certeza de que Las Vegas só era tão iluminada por causa do seu sorriso. Aposto que, se eu for lá agora, a cidade da luz e do pecado estará menos brilhante e muito mais sem graça porque não tem você e o seu lindo sorriso — ele falou, fazendo charme, e eu me derreti.

— Noah Esposito, será que você pode parar de ser tão perfeito? Se continuar assim, vai me matar de amor — falei, e ele me beijou.

Epílogo

Noah - 3 anos depois

Eu estava na sala de reuniões, sentado ao lado do meu pai, quando o meu celular tocou.

— Com licença. Eu preciso atender — falei, já me levantando e saindo da sala para atender a ligação da minha mulher.

Eu nunca deixava de atender a Cecília, não importava onde ou o que estivesse fazendo. Nada no mundo merecia mais o meu tempo e a minha atenção do que a minha mulher e os nossos filhos.

— Oi, amor. — Atendi e encostei a porta da minha sala.

— *Príncipe...* — Sua voz estava chorosa, e eu senti meu corpo se desestabilizar.

— Cecília, o que aconteceu? Onde estão os gêmeos?

— *Nicholas caiu e cortou a testa, vai precisar levar dois pontinhos. Meu coração está doendo tanto pelo nosso bebê* — ela falou e não conseguiu segurar o choro.

Ao mesmo tempo que meu coração doeu só por imaginar o meu filho naquela situação, um alívio enorme me atingiu. Na medida do possível, eles estavam bem.

— Amor, eu já estou indo ficar com vocês. Eles fizeram uma tomografia na cabecinha dele para ter certeza de que foi superficial? — perguntei preocupado.

— *Sim, foi a primeira coisa que a Brenda pediu. Foi só um corte mesmo.*

— Graças a Deus. Eu estou indo para aí, chego em dez minutos — falei e desliguei.

Saí rápido da empresa e, no estacionamento, mandei uma mensagem avisando ao meu pai, pois não queria perder tempo. O

hospital ficava perto da empresa, então cheguei rápido. Fui direto para a ala pediátrica, onde encontrei alguns dos nossos soldados.

Assim que entrei na sala, vi minha mãe em pé aflita e Brenda com uma seringa na mão. Nicholas estava chorando e se contorcendo no colo de Cecília, que chorava junto com ele.

— Ei, filho, o papai chegou — falei, chamando a atenção de todos.

Cecília estava desolada, e eu queria consolá-la também, mas, naquele momento, meu filho estava machucado, chorando e assustado, e precisava mais de mim do que ela.

Peguei-o do colo da mãe, ele veio de boa vontade e me abraçou, deitando a cabecinha no meu ombro, em busca de conforto. Ainda escorria sangue do machucado.

Andei com ele de um lado para o outro, esfregando suas costas e deixando se acalmar um pouquinho. Quando o choro diminuiu, sentei-o na maca e ele ameaçou voltar a chorar.

— Filho, olhe para o papai — falei gentil, e ele obedeceu. — Você está chorando porque acha que vai doer muito, mas não vai. O pior já passou. Hoje você ganhou a sua primeira marquinha e, com o passar dos anos, mais algumas virão, mas você é forte e vai superar todas, eu tenho certeza. O papai tem muitas iguais às suas, olhe.

Tirei meu paletó, levantei a manga da camisa e mostrei ao meu filho uma marca que eu tinha no braço. Eu levei uma facada e precisei levar sete pontos, mas ele não precisava saber disso. Deixei que ele a tocasse para ver que, com o tempo, o machucado pararia de doer.

— Não é tão ruim quanto parece, filho — falei. — A tia Brenda vai ajudar a curar seu machucado para que ele não doa mais, mas você precisa deixar ela fazer o trabalho dela.

— *Tá doeno,* papai*?* — ele perguntou, passando o dedinho, delicadamente, por cima da minha cicatriz.

— Nadinha — respondi. — Doeu enquanto estava aberta, igual à sua. Por isso é importante você deixar a tia Brenda fechar o machucado. Você vai deixar, filho?

— *Vô*, papai — ele respondeu seguro.

— Ótimo! O papai vai ficar aqui com você — falei, e ele assentiu.

Sentei na maca ao lado dele e segurei sua mão gordinha. Brenda se aproximou e, com toda a paciência do mundo, limpou delicadamente o sangue do corte e pegou novamente a seringa.

— Nicholas, a tia vai te dar só uma picadinha, não vai doer nada, certo? — Ele olhou novamente para mim, e eu balancei a cabeça, encorajando-o.

— *Ceto*, tia — ele respondeu, todo corajoso, e apertou minha mão.

Brenda aplicou a anestesia local nele, e eu senti sua pequena mãozinha apertando a minha ainda mais, então apertei de volta.

— Viu, doeu quase nada — falei, e meu filho balançou a cabeça, não muito convencido de que não tinha doído.

— Agora a tia vai fechar o seu dodói. Deite aqui na maca e imagine que está em um lugar bem bonito.

— Como na *ila* da bisa Mel?

— Se for uma ilha bem bonita, sim — ela respondeu, e meu filho, ao invés de deitar a cabeça na maca, deitou na minha perna.

Brenda me olhou, pedindo autorização para iniciar o procedimento, e eu assenti. Em minutos, ela deu os pontos na testa dele e ficou tudo bem. Ele não chorou mais. Cecília sempre dizia que a pediatra deles tinha as mãos muito leves, pois eles choravam pouco quando ela os vacinava.



Quando chegamos em casa, Nicholas estava dormindo no meu colo. Levei-o até o quarto dele e deitei-o na cama. Minha mãe já tinha ido para casa, e Elena estava com Raphaela e Sophia.

Saí do quarto do meu filho e fui atrás de Cecília. Eu já sabia como a encontraria. Entrei em nosso quarto e, imediatamente, ouvi o barulho do chuveiro, então tirei a minha roupa e fui ao encontro dela. Quando minha mulher me olhou, notei seus olhos muito

vermelhos e inchados. Ela estava chorando outra vez. Puxei-a para mim e a apertei em um abraço.

— Você está mais chorona do que o nosso filho. E você nem caiu — falei para descontrair.

Cecília riu um pouco da brincadeira, mas logo em seguida chorou novamente.

— Ele está bem, meu amor. Por sinal, está dormindo como um anjo. Nosso menino foi muito corajoso hoje.

— Foi um minuto, Noah. Eu estava na casa da sua mãe, Nicholas e Elena estavam perto de nós, brincando no jardim. De repente, ele subiu na tartaruga da sua mãe, se desequilibrou e caiu de testa no chão. A culpa foi minha, eu deveria ter prestado mais atenção neles — ela desabafou e, inicialmente, eu fiquei só escutando. — Eu sou uma péssima mãe. Deixei nosso filho se machucar. Ele chorou tanto, Noah. Tadinho do meu filho, deve ter doído muito.

Sem dizer uma palavra, eu desliguei o chuveiro, enrolei uma toalha em volta de Cecília, segurei em sua mão e a conduzi para o quarto. Tirei a toalha de seu corpo delicioso, que eu tanto amava e que tinha ficado mais perfeito ainda depois que as crianças nasceram, e a sequei. Sentei-a na cama e sequei seu cabelo. Estava frio naquela época do ano e eu não queria que ela pegasse um resfriado.

Quando terminei de cuidar da minha mulher, abaixei-me de frente para ela e olhei em seus olhos.

— Princesa, nosso filho deve ter chorado muito mais pelo susto do que pela dor. Ele também ficou abalado com o seu desespero. É super compreensível que você tenha ficado desesperada e ele, assustado. Mas, amor, nunca mais quero ouvir você dizer que é uma péssima mãe ou que a culpa de um dos nossos filhos se machucar é sua. Eles vão cair outras vezes e chorar, Cecília, mas nós estaremos lá para acalmá-los. Crianças caem o tempo todo. Por mais que a gente vigie, ainda assim acontece.

Eu queria tranquilizá-la e tentar tirar de seus ombros a culpa que estava carregando.

— Você cuida deles o dia inteiro, administra a nossa casa e estuda, meu amor. Ainda assim, quando eu chego do trabalho cansado, sempre encontro você sorrindo, toda linda e cheirosa, e nossos filhos bem cuidados. É você quem mantém nossa vida sempre em perfeita harmonia. Seu trabalho é muito mais difícil que o meu — falei. — Lorenzo sempre diz que nenhum homem no mundo tem a força de uma mulher e ele está coberto de razão. Veja você, por exemplo: consegue ser mãe, esposa e mulher em tempo integral. Mais do que isso, você consegue fazer tudo com perfeição, cuidando não apenas de nós, mas de si mesma também. Eu e as crianças não sobreviveríamos um dia sem você nesta casa, mas você viveria cem anos bem, sem mim, porque é você quem faz a mágica acontecer.

Eu mal terminei de falar, minha mulher pulou no meu colo e me abraçou. Eu a enchi de beijos, até ela parar de chorar.



Eu estava no escritório, falando com meu pai ao telefone, atualizando-me sobre os assuntos da reunião que larguei pela metade mais cedo, quando a porta se escancarou e uma cinderela descabelada entrou correndo e pulou no meu colo.

— Papai! — Elena gritou e deu um beijo babado na minha bochecha.

— Pai, depois eu falo com você — avisei ao meu pai que ia desligar.

Eu sabia que Elena queria toda a minha atenção para ela. Era sempre assim quando eu estava em casa.

— Vovô *Peto* — Elena gritou ao me ouvir mencionar o meu pai na ligação, e meu pai sorriu.

— *Depois nos falamos, Noah. Dê atenção à sua filha e amanhã traga os meus netos aqui. Quero passar o dia com eles.*

— Certo, pai — respondi e desliguei o telefone, voltando toda a minha atenção para a minha filha. — Então, hoje você é a minha cinderela?

Eu abracei o pequeno corpinho que estava no meu colo e beijei a sua bochecha gordinha.

— *Tô monita*, papai? — ela perguntou dengosa. Minha filha adorava um elogio.

Elena só tinha três anos, mas tinha uma personalidade muito forte. Quando ela cismava com alguma coisa, lutava pelo que queria. Perfeita, exatamente como a mãe.

Raphaela a presenteou com um vestido da Branca de Neve, e minha filha gostou tanto que não queria mais usar outra roupa. Era uma luta para trocar a roupa dela, então mandei comprar vestidos de todas as princesas da Disney para ela ficar ainda mais linda e feliz. Cecília ficou brava e alegou que nossa menina não podia andar sempre vestida assim, mas eu não podia ver a minha princesinha chorar, então acabava fazendo todas as suas vontades e estragando-a, como Cecília costumava dizer.

Eu sempre preferia dizer que estava incentivando a sua personalidade forte, afinal isso não era um defeito. Eu justificava, em minha defesa, que não deveríamos tentar mudá-la.

— Você está lindíssima, como sempre. Mas por que você está toda descabelada?

— Porque eu quero! — ela respondeu de imediato, e eu ri. Ela era igualzinha à mãe. Que maravilha!

— Essa foi uma boa resposta — falei, e ela assentiu, entretida com o fone que ainda estava no meu ouvido depois da ligação.

— *Que* é isso? — ela perguntou, arrancando o fone da minha orelha para olhar de perto.

— Isso é um fone de ouvido. — Peguei-o, encaixei-o mais ou menos na sua orelhinha e coloquei uma música infantil para tocar.

Minha filha logo me ofereceu um enorme sorriso. Aquilo era algo tão simples, mas era uma novidade para ela, então eu me tornei o herói que estava apresentando isso a ela. Aquele era o mesmo sorriso que a Cecília sempre me oferecia em situações semelhantes.

Meu peito se encheu de amor e de um sentimento inexplicável, tão intenso que me fez quase perder o ar. Naquele

momento tão singelo, eu senti um milhão de coisas ao mesmo tempo, mas a maior delas foi gratidão.

— O papai ama muito você, Elena — falei sorrindo para minha filha e dando um beijo na sua cabecinha cheirosa.

— Eu *tamém ama* o papai — ela respondeu, mexendo o corpinho no ritmo da música. — *Vamo,* papai, *dançá.*

Minha filha se esforçou para sair do meu colo e, quando chegou ao chão, dançou com mais animação.

— Isso é com a mamãe, porque o papai não sabe dançar. Vou levar você para dançar com ela.

Quando cheguei à sala, Cecília estava conversando com Raphaela e Sophia, enquanto o Nicholas brincava no chão com seus carrinhos. Meu filho nem se lembrava mais dos pontos que precisou levar na testa.

— Elena quer dançar — anunciei, e as meninas se animaram.

Cecília ligou o meu celular no sistema de som da nossa sala, e as quatro começaram a dançar. Eu sentei no sofá, observando, e Nicholas largou os carrinhos e sentou ao meu lado. Percebi que ele, curioso, observava a cena, provavelmente com vontade de dançar, mas se abstendo por algum motivo.

— Por que você não vai dançar com elas? — perguntei, já que os olhinhos dele me diziam que era exatamente o que ele queria fazer.

— Porque eu sou homem, e homem não dança, papai.

— Quem falou isso para você? — perguntei espantado.

Eu sabia que ninguém da minha família diria isso ao meu filho, e ele ainda não tinha começado a escola, portanto ele aprendia tudo em casa.

— *O* desenho na TV — ele respondeu tranquilamente.

— Que desenho bobo esse — falei, mentalizando o assunto para conversar com Cecília em outro momento. — Olha, filho, você não tem que seguir nada do que vê na televisão ou que pessoas estranhas te falem. Alguma vez você ouviu o papai ou qualquer outra pessoa da nossa família falando isso?

— Não.

— Então… Você tem que seguir o que sua mãe e eu ensinamos. Nós somos os únicos que sabemos o que é certo para você e sua irmã — eu disse carinhosamente. — Quando você ouvir qualquer coisa diferente por aí, venha até nós e pergunte o que a gente acha, combinado?

— Combinado, papai.

— Não tem nada de errado em um menino dançar. Se você gosta e sente vontade, vá em frente.

— Mas o senhor não *tá* dançando — ele falou, pegando-me desprevenido.

Eu olhei para os lados como se fosse contar um segredo a ele e falei baixinho:

— Eu não sei dançar essas músicas de criança, mas não conte pra ninguém, é um segredo nosso — inventei o que julguei ser a melhor desculpa.

Eu até sabia dançar, mas era algo muito raro de acontecer. Acho que a última vez que dancei foi no meu casamento.

— Ah — ele respondeu, e eu percebi que ficou desapontado.

Meu filho queria muito dançar, dava para ver na maneira como ele olhava para elas, mas com certeza ele estava com vergonha, porque só tinham meninas dançando.

— Eu acho que você deve dançar muito bem, filho. Quer me ensinar? — perguntei, levantando e puxando-o do sofá.

— Claro, papai — ele respondeu animado e com os olhinhos brilhando.

Eu me mexi junto com ele, sentindo-me ridículo e torcendo para que nenhum primo sacana resolvesse nos fazer uma visita naquele momento. Entretanto, quando olhei para o rostinho do meu filho, todo sorridente, eu entendi que faria qualquer coisa para manter aquele sorriso em seu rosto.

Naquele mesmo dia, Elena dormiu no horário de sempre, mas, como Nicholas dormiu muito depois que chegamos do hospital, perdeu o sono à noite. Quando saí do quarto dele, já bem tarde, não encontrei a Cecília em nosso quarto. Eu já ia sair à sua procura,

quando vi que a porta da sacada estava aberta. Fui até lá e a encontrei enrolada em um cobertor, tomando uma taça de vinho e admirando os jardins do complexo.

Era inverno e, lá fora, estava um frio congelante. Dentro de casa, o aquecedor deixava o clima agradável, mas na sacada o frio estava castigando.

— Você não acha que está frio demais para ficar aqui fora? — perguntei enquanto a abraçava por trás, tentando me aquecer com o seu calor.

— Eu estava esperando por você — ela respondeu e se virou para mim, abrindo o cobertor em um convite silencioso para que eu me abrigasse junto ao seu corpo. — Ele dormiu?

Antes de responder, dei um selinho na minha mulher e senti o gosto bom de vinho em seus lábios.

— Sim, demorou, mas dormiu — respondi e peguei a taça da mão dela, bebendo um pouco do vinho. — Nós precisamos prestar mais atenção na programação que eles veem na TV. Hoje mais cedo, Nicholas me disse que os meninos não dançam e, quando eu questionei onde aprendeu sobre isso, ele disse que foi no desenho. Eu não quero criar um filho machista, muito menos homofóbico — falei e tomei mais um gole do vinho.

— Você está certo, ficarei mais atenta a isso também — Cecília respondeu. — Por isso você foi dançar com ele?

Ela me olhou sorrindo, pois antes mesmo de ouvir minha resposta, ela já sabia que eu faria tudo pelo nosso filho.

— Sim — respondi. — Ele é muito esperto e me perguntou porque eu não estava dançando se não era coisa só de menina. Eu percebi que ele queria dançar, mas mesmo depois de eu dizer que podia, ele estava constrangido. Então, levando em consideração que meu pai sempre diz que o melhor ensinamento é o exemplo, eu fui dançar com o meu filho.

— Sabe o que é engraçado, Noah? — ela me perguntou com os olhos brilhantes e o sorriso de sempre, mas não esperou pela minha resposta. — Eu sempre soube que você seria o melhor marido e pai desse mundo. Quando eu me apaixonei por você, eu já sabia que a nossa vida juntos seria incrível.

Cecília

Todos os dias, eu agradecia a Deus por Ele ter me dado a chance de viver esse grande amor. Com certeza, eu me sentia uma das preferidas Dele, pois mesmo sendo filha de um mafioso, ou seja, já nascer cheia de pecados, estava recebendo tantas bênçãos.

Quantas pessoas no mundo tinham a chance de encontrar o grande amor de sua vida e vivê-lo? Eu tinha certeza de que poucas, e eu era uma delas.

Noah era o melhor amigo e marido do mundo. Quando ele chegava do trabalho, eu ja estava ansiosa para lhe contar tudo sobre o meu dia, que eu sentia que, se não falasse, eu ia explodir. E ele, generoso como sempre foi, ouvia tudo com interesse e paciência. Eu sabia que o trabalho dele tinha uma carga muito pesada e isso o desgastava ao longo do dia, ainda assim, ele sempre fazia questão de tirar um tempo para mim e para os nossos filhos. Os gêmeos esperavam ansiosos a chegada do pai.

Era Noah quem os colocava para dormir todos os dias, alegando que, como ele não estava em casa quando eles acordavam, queria recompensá-los, ficando com eles até dormirem.

— Vamos terminar esse vinho lá dentro? — ele me convidou com aquela voz grossa e sedutora que eu tanto amava.

— Vamos, príncipe — respondi, dei um selinho nele e soltei-o para que pudéssemos entrar.

Noah pegou a garrafa e a taça de vinho, colocou-as em cima do aparador e foi fechar a porta da sacada. Eu fiquei admirando os seus braços e costas fortes, e senti o meu corpo começar a esquentar.

Peguei o controle do som do nosso quarto e acionei-o, deixando a música bem baixinha para não acordar as crianças. Percebendo minhas segundas e terceiras intenções, Noah colocou mais um pouquinho de vinho na minha taça e me entregou, bebendo o que sobrou direto no gargalo da garrafa.

Sentindo a euforia e o tesão crescendo em mim, eu também bebi o meu vinho de uma vez só e devolvi a taça para ele colocar no aparador. Em seguida, Noah se aproximou de mim, puxou suavemente o meu corpo para perto do seu e mexeu nossos corpos no ritmo lento da música que tocava.

Nossa dança era envolvente, cheia de desejo e me deixou ansiosa para senti-lo dentro de mim. Nossa química era perfeita na cama e fora dela, então quando fazíamos amor, era muito mais do que um desejo carnal, era um encontro de almas.

Noah nunca parava de me olhar. Aliás, nós nunca deixávamos de nos olhar enquanto nos amávamos, porque nenhum dos dois queria perder nada.

Ele esticou o braço, girou o meu corpo no ritmo da música e, quando voltei, ele me beijou. O beijo começou devagar, mas logo se tornou urgente. Eu precisava de mais contato, então pulei no colo dele, agarrando-me ao seu corpo, e ele me encostou na parede, enquanto me beijava e esfregava o pau duro em mim.

Pouco tempo depois, Noah me colocou no chão e me virou de costas para ele, com as mãos espalmadas na parede. Ele beijou o meu pescoço, levantou a minha camisola e foi descendo os beijos até chegar à minha bunda. Quando ele desceu a minha calcinha, eu me empinei ainda mais, e ele segurou a minha bunda com aquelas mãos enormes e afastou minhas pernas, fazendo-me ficar exposta.

Ali foi a minha perdição, porque Noah começou a me lamber faminto. A sensação foi tão gostosa que eu não consegui controlar um gemido alto e levei um tapa na bunda que me excitou mais. Eu amava o meu Noah príncipe, mas também gostava quando ele era bruto comigo na cama. Na verdade, eu gostava de todas as suas versões.

Eu empinei mais a minha bunda e me esfreguei em seu rosto, desesperada pra gozar, e então foi ele quem gemeu. Além de me chupar e lamber, Noah passou a estimular o meu clitóris com seus dedos, e foi aí que eu não resisti e gozei, deliciosamente, gemendo baixinho, desesperada para sentir seu pau entrando em mim.

— Noah, por favor, me fode — pedi, desesperada para sentir o seu pau entrando em mim.

Obediente como era, ele levantou o corpo e sussurrou no meu ouvido:

— Eu quero ser bruto com você hoje.

— Então, seja! — falei, completamente enlouquecida de desejo e ansiando pelo seu toque.

Noah tirou a camisa e o short, rapidamente, e entrou em mim de uma vez só, arrancando-me um grito involuntário. Ele tampou a minha boca, deixando-me ainda mais excitada, e meteu em mim sem dó, estocando forte e fundo. Nossos corpos se chocavam, explodindo de desejo e loucura.

Enquanto ele metia, eu também me mexia, indo de encontro a ele e rebolando, querendo mais. E, quando eu escutava seus gemidos roucos, ficava desatinada. Noah tocava no meu clitóris enquanto metia forte em mim e, com isso, eu não aguentei e gozei novamente, agradecida por ele estar tapando a minha boca, caso contrário os meus gritos de prazer acordariam não só os nossos filhos, mas a vizinhança inteira.

Continuei me mexendo e rebolando em seu pau e, segundos depois, Noah gozou também, abraçando-me e gemendo baixinho no meu ouvido, totalmente ofegante.

— Eu amo você pra caralho — ele falou, ainda com dificuldade, entre uma respiração e outra.

— Eu também amo você pra caralho, meu príncipe Esposito — falei sorrindo e me virando para beijá-lo.

Noah

No dia seguinte, nós fomos almoçar na casa dos meus pais, como sempre fazíamos aos sábados. Quando chegamos, meu pai estava sentado no sofá, e meus filhos correram para o colo dele.

— Bom dia, pai — falei, observando os meus filhos darem um abraço duplo no avô.

— Ótimo dia, filho — ele respondeu.

— Bom dia, sogro — Cecília o cumprimentou também. — Onde está a minha sogra?

— Na cozinha com a Julie.

— Eu vou até lá — Cecília falou, me deu um selinho e se foi.

Sentei ao lado do meu pai no sofá e, imediatamente, Elena pulou para o meu colo.

— Como está o machucado, garotão? — meu pai perguntou ao Nicholas.

Só então o meu filho pareceu ter se lembrado daquilo, pois colocou a mãozinha no curativo e ficou pensativo.

— Já *tô* bom*,* vovô — ele respondeu tranquilo.

— Isso é maravilhoso. Tem que tomar mais cuidado da próxima vez, não pode subir na tartaruga da vovó.

— Eu sei, não *vô* mais *subi* — Nicholas falou. — Você também tem marquinha, vovô?

Meu filho era muito esperto e lembrou da conversa que tivemos no hospital, mas meu pai fez cara de desentendido.

— Ele está se referindo às cicatrizes, pai — expliquei.

— Ah, sim, tenho muitas — meu pai falou e mostrou ao Nicholas uma delas.

Meu filho examinou atento aquela marca, passou o dedinho por cima dela e olhou para o Vô Pietro.

— Nossa*,* você também caía muito. Essa é *gande* — ele falou inocente, e nós rimos.

Almoçamos e, depois do almoço, nos reunimos na sala.

Cecília, Julie e minha mãe se sentaram no chão para brincar com as crianças, e meu pai e eu ficamos observando.

— Você olha para a Cecília como se ela tivesse caído direto do céu — meu pai falou, e eu ri.

Aquela foi uma observação engraçada, mas ele tinha toda razão.

— Ela não caiu do céu, mas certamente Deus a fez especialmente para mim, mesmo que eu não mereça — falei. Eu realmente via a minha mulher como uma figura etérea. — Cecília é como um farol iluminando a minha escuridão, pai. Ela e seu amor persistente me salvaram. Eu nunca poderei agradecê-la o suficiente por ter entrado na minha vida, com sua paixão desenfreada, e não ter desistido de mim, até que eu percebesse que ela era o que podia me acontecer de melhor. Como se não bastasse tudo de perfeito que ela já representava para mim, ela me deu, em dobro que são os nossos filhos, o próprio ar que eu respiro.

Eu era um homem de poucas palavras e emoções, mas sempre que falava sobre minha mulher e meus filhos, eu me emocionava.

— Sei perfeitamente como você se sente — meu pai falou.

— Essa cena à minha frente — falei meneando a cabeça na direção deles — é uma das mais perfeitas que meus olhos já viram. Todas as pessoas que eu mais amo no mundo, reunidas num mesmo lugar. Eu tenho tudo, pai! Aliás, tenho muito mais do que um dia eu poderia almejar.

— Nós temos, Noah — meu pai respondeu, colocando a mão no meu ombro e dando um leve aperto. Ele sabia exatamente o que eu estava sentindo, porque anos atrás, ele sentiu a mesma coisa com a minha mãe.

Olhei novamente para a Cecília e, dessa vez, ela também me olhou. Minha mulher me mandou um beijo, e eu sorri feliz.

Definitivamente, eu tinha tudo.

E viveram felizes para sempre.

Fim!



Leitora compulsiva, escritora por amor.

Formada em Farmácia bioquímica, carioca, 38 anos, ama ler e estar mergulhada no universo literário.

Seu romance de estreia foi publicado online em uma plataforma digital no ano de 2018, conquistando milhares de leitores, o que culminou na realização do sonho de publicar seu livro em ebook na Amazon e a inspirou a escrever ainda mais. Atualmente, alcançou mais uma conquista ao publicar a versão

física dos dois primeiros livros da série Chefes da máfia, que podem ser adquiridos no site da autora.

Até o momento, possui mais 7 romances, e desses, 4 são spin-off de sua obra inicial.

Sua maior motivação como escritora é a satisfação de poder levar um pouco de alegria e leveza para o dia a dia de seus leitores.

Acompanhe a autora:

Wattpad: www.wattpad.com/user/AryNascimentoAutora
Instagram: www.instagram.com/arynascimento_autora
Site: www.arynascimento.com